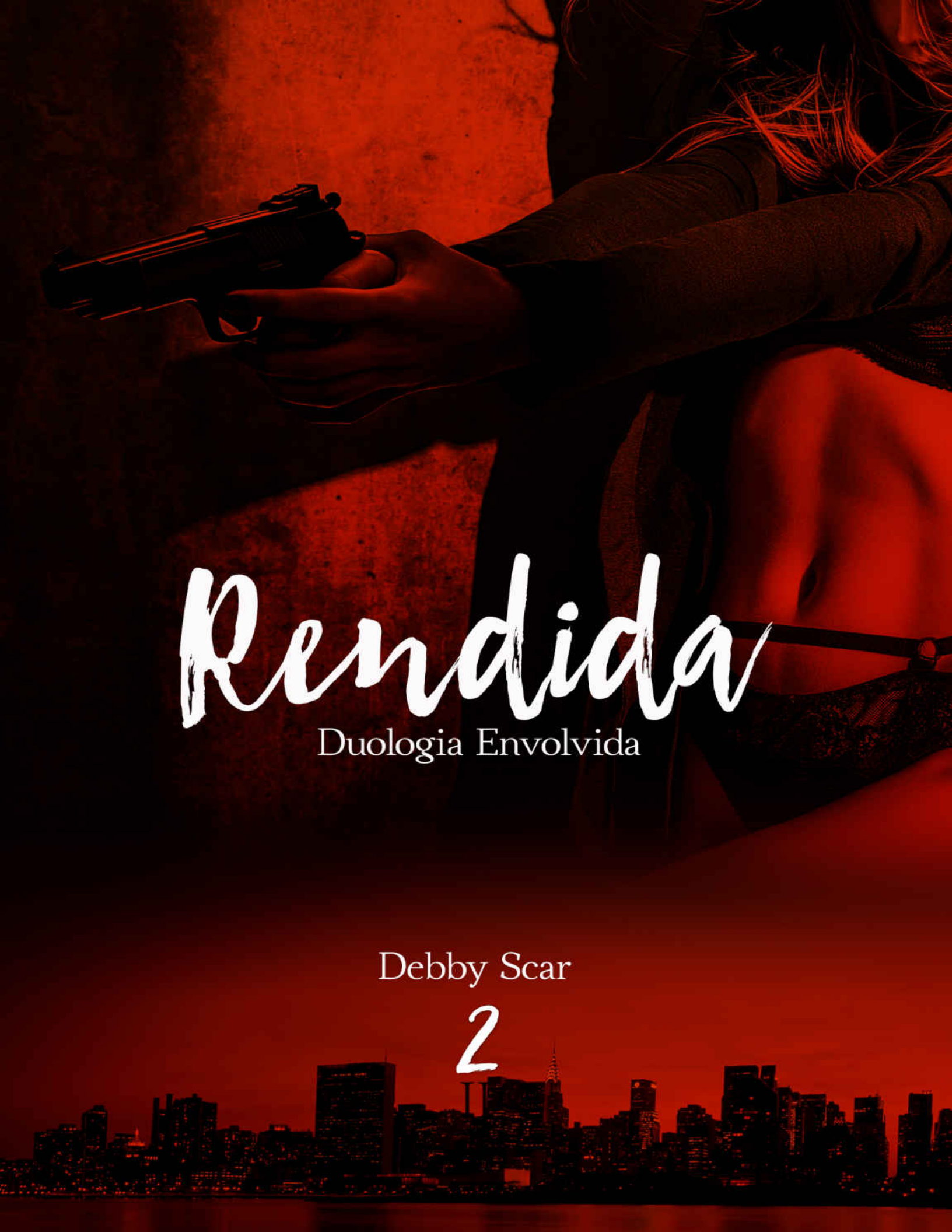


A woman with long dark hair is shown from the chest up, holding a black handgun in her right hand. She is wearing a dark, long-sleeved top. The background is a solid, deep red color. The overall mood is dramatic and intense.

Rendida

Duologia Envolvida

Debby Scar

2





Rendida

Por Debby Scar
Duologia Envolvida
Livro II

Copyright © 2018 Debby Scar

Capa: Debby Scar

Revisão: Angélica Podda

Diagramação Digital: Debby Scar

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da autora.

Criado no Brasil

Sumário

[Queens — Dezembro de 2007](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Nova Iorque – Junho de 2015](#)

[Nova Iorque – Julho de 2015](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Epílogo](#)

Queens — Dezembro de 2007

Já era madrugada, e minha mãe estava dormindo. Eu estava arrumando a minha mochila, pegando apenas o essencial, já que eu teria como morar em um pequeno apartamento próximo à faculdade enquanto cursava jornalismo. Aproveitando que aquele porco estava no trabalho, e ninguém iria me descobrir, resolvi que era melhor sair na calada da noite. Era a hora de sair daquele inferno e buscar a minha felicidade. A única pessoa que me fazia falta era a minha irmã Chloe, de sete anos, a luz da minha vida. Deixá-la era doloroso demais, mas era um mal necessário.

— Izzi... — me chamou a voz doce ao entrar no meu quarto. Chloe tem o mais lindo rosto do mundo. Quase um anjo, para ser mais exata, e a única coisa boa que aquele cachorro fez na vida. — você vai sair?

— Oi, Chloe — sorri para ela, indo na sua direção, me ajoelhando e a abraçando. — Izzi tem que ir embora...

— Não vai, Izzi... — choramingou apertando os bracinhos ao redor do meu pescoço. — não me deixa sozinha aqui... Me leva com você. — pediu, me abraçando mais forte.

— Izzi não pode — me afastei, passando a mão em seu rosto, gravando cada traço delicado da menina que me fazia tão bem. — mas prometo que um dia eu volto e levo você comigo.

— Promete? — percebi que os olhos dela estavam marejados, e aquilo me cortou o coração. Nunca me passou

pela cabeça que seria tão dolorido deixar minha irmã ali. — Promete que vem me buscar?

— Sim, meu amor. Prometo que volto e nós duas vamos ficar juntas. — respondi lhe dando um sorriso fraco.

— Eu vou sentir sua falta... — olhei para ela, e as lágrimas já escorriam por sua bochecha rosada. Chloe não era ruiva, o seu cabelo era castanho, longo e levemente cacheado, e se parecia muito comigo quando eu era mais nova, mas eu a achava mais linda.

— Promete uma coisa para mim? — pedi, segurando o seu queixo.

— Prometo. — ela soluçava baixinho, enquanto me olhava.

— Promete que vai estudar, e se tornar uma boa menina?

— Sim. — disse ela, me abraçando novamente — prometo ser uma boa menina, Izzi.

Capítulo 1



A manhã de quarta-feira foi diferente. Eu me sentia diferente. A última coisa que eu lembrava era de Nathan me segurando em seus braços enquanto entrava em mim, me preenchendo como eu nunca havia sido. Amando-me e amando cada parte do meu corpo como se fosse única. Nunca pensei que fosse tão bom ser amada daquela forma tão linda como ele fez. Nathan tinha entrado na minha vida, na minha alma, mas tudo se resumia em como ele permaneceria para sempre, apenas sendo ele mesmo.

Abri os olhos e percebi os raios do sol tomarem conta do amplo quarto, ainda deitada na cama de lençóis brancos e macios, completamente nua. Tateei o lado da cama procurando vestígios dele, mas não encontrei. A única coisa que tinha era o cheiro magnífico dele, impregnando cada percal daqueles lençóis. Eu me sentia muito feliz, completa, realizada e, apesar de ter desmaiado, fiquei com a ligeira impressão de que ele havia falado algo. Coisa que eu queria muito poder lembrar, porém, depois do orgasmo, eu não conseguia recordar de nada. Nada além dele, entrando grosso e poderoso em mim.

Sentando na cama tentei me espreguiçar, mas os machucados ainda estavam lá para lembrar-me que tudo havia sido real, que apesar dos hematomas sumirem as marcas de um pesadelo ainda existiam em minha vida. A única coisa que me deixava confortável era saber que ele, Nathan, o homem

que o meu corpo havia escolhido para ser seu dono, estava ali para me amar. Independentemente do que me aconteceu, Nathan estaria sempre presente, me lembrando de que nunca senti nojo ou medo de amar uma mulher cuja alma estava despedaçada e completamente sem rumo.

O gosto do beijo dele, o toque de suas mãos fortes e firmes me acariciando e a forma como ele me olhou foram as únicas coisas que me vieram à memória. Foi quando me peguei passando o dedo no contorno dos meus lábios, desejando que ele ainda estivesse ao meu lado na cama para poder me amar novamente, como tinha feito tão lindamente e de uma forma tão carinhosa. Ele cuidou de mim. Era isso que me fazia o amar ainda mais. Aqueles olhos penetraram a barreira e resgataram minha alma, minha vida e tudo o que poderia ser valioso dentro do meu coração. Sorri com a ideia de ter ele mais uma vez. E como eu queria aquele homem forte, gostoso e sedento de amor, beijando e me chupando como ele havia feito...

— Bom dia, meu doce. — me assustei quando percebi que ele estava parado no canto da porta, sem camisa e vestindo apenas uma calça de flanela azul-marinho, me dando a visão privilegiada dos seus músculos bem definidos e gloriosos. Nathan estava me observando com o olhar apreensivo, e, apesar da voz rouca e incrivelmente sedutora, seus olhos me mostravam que havia algo errado com ele. — como dormiu?

— Muito bem — senti meu sorriso se alargar, mostrando que eu realmente me sentia bem — fica difícil não dormir bem quando se é amada de verdade. — me levantei da cama indo em sua direção completamente nua, demonstrando que meu

corpo estava aceso e louco para recebê-lo. Eu só queria me deleitar com o gosto do beijo dele, como se não houvesse um amanhã.

— Tem certeza que não machuquei você? — perguntou se aproximando e passando a mão no meu braço.

— Por que você me machucaria? — levei minha mão até seu cabelo molhado e um pouco bagunçado — você nunca me machucaria, Nathan...

— Você sabe que sim — falou um pouco mais duro, enquanto virava o rosto e retirava a sua mão do meu braço — sabe do que eu sou capaz de fazer, Liz — baixou a cabeça, ainda com o rosto virado, cerrando os punhos.

— Eu pelada na sua frente depois de tudo que passamos e você está preocupado com o fato de eu não ter medo de você? — ele não percebia que o jeito como estava agindo estava começando a me magoar? Tinha algo de errado com ele, mas eu não sabia o que era exatamente.

— Eu sou um homem perigoso, meu doce... — o rosto dele havia se transformado de terno a furioso com algo.

— O que você tem? — de repente, a vergonha tomou conta do meu corpo, e eu me sentia mais nua ainda do que já estava, se isso fosse possível.

Um sentimento de angústia tomou conta do meu coração e me fez ter a certeza que havia algo errado. A maneira que estava me tratando, querendo de alguma forma me distanciar ou fazer com que eu sentisse medo dele, só estava me deixando ainda mais triste. Esse sentimento me fez voltar para a cama e me enrolar no lençol.

— Por que você quer estragar uma noite tão linda, tão cheia de amor, Nathan? — olhei para ele, que ainda permanecia parado ao lado da porta, de cabeça baixa e rosto virado para o lado — Nathan, me responda. Por quê?

— Não é nada, Lizzie. — virou a cabeça, de repente, me dando a visão do seu rosto tensionado, com o maxilar formando uma linha rígida.

— Deixe de ser um filho da puta e abra a merda de sua boca para falar. Porque eu não tenho uma bola de cristal e muito menos sei ler mentes, seu babaca! — falei quase gritando, sentindo as minhas costelas doerem pelo esforço de ter que falar com ele daquela forma.

— Você não respondeu — foi a única coisa que ele disse. Mas, o que eu não tinha respondido? Não fazia sentido ele falar e agir daquela forma, sem que eu soubesse o motivo pelo qual me tratava quase frio, querendo me afastar dele.

— Respondi a quê, Nathan? — perguntei ainda mais irritada com ele.

— Não lembra, não é? — ele parecia confuso, mas o vestígio de irritação ainda estava lá.

— De quê? De que foi a melhor noite da minha vida, ou a melhor coisa que já me aconteceu ter você me amando? — permaneci com o tom de irritação, deixando claro que se ele não explicasse o que estava acontecendo, a coisa ficaria ainda mais feia para o lado dele, e que Deus me perdoe, eu comeria seu fígado se ele não falasse algo que fizesse sentido.

— Você não respondeu quando eu a pedi em casamento — quando ele falou isso meu coração quase saltou pela boca.

Nathan havia me pedido em casamento e eu não me lembrava, pois já estava quase apagada; era a única coisa que eu não conseguia me lembrar. Por isso ele estava com aquela cara de bunda azeda para mim, me tratando daquela forma esquisita.

— Eu não respondi por que não lembro essa parte, Nathan.
— fechei a cara e, puxando o lençol para ficar mais junto ao corpo, deixei de olhar aquele pedaço delicioso de homem parado na minha frente para ir tomar um banho.

— Meu doce... — ele pegou no meu braço, antes mesmo de eu conseguir chegar à porta do banheiro, me virando e me devorando com aquele olhar quente e carinhoso ao mesmo tempo. Tive que me controlar para não fazer uma besteira e me jogar naqueles braços fortes, entregando meu corpo... Ou melhor, atacando-o, sem lhe dar a chance de se defender — me desculpe — o tom de voz dele mostrou claramente que não pensou na hipótese de eu não me lembrar do que tinha acontecido segundos antes de apagar, depois do orgasmo colossal que ele me proporcionou — eu...

— Eu preciso de um banho, Nathan — tentei parecer indiferente, mas o meu corpo sempre me traía quando estava próxima a ele.

— Eu vou junto — falou pegando as bordas do lençol que estava me cobrindo e jogando para o lado — você não sabe o quanto tive que me controlar para não atacar você quando saiu da cama pelada — como ele conseguia fazer aquilo? Meu cérebro fritava a cada palavra emitida por aquela voz rouca — e eu não quero estragar mais do que já estraguei a nossa manhã

— as mãos de Nathan estavam no elástico da calça, e, em segundos estava completamente nu, parado bem na minha frente... De dar água na boca — prometo que vai ser apenas um banho inocente — sorriu maliciosamente, mordendo o lábio e me olhando da maneira mais safada.

— Nathan... — soltei o nome dele, sem saber o que realmente queria falar. Será que eu poderia me casar com ele, ainda estando tão vulnerável? Tão cheia de problemas e coisas se passando em minha mente? — você já tomou banho...

— Vou dar banho em você agora — disse acariciando o meu rosto com as pontas dos dedos de forma carinhosa — Eu sei, meu doce — ele compreendia que eu não tinha uma resposta. Não naquele momento — eu consigo esperar — segurou meu rosto entre suas mãos e olhou no fundo dos meus olhos — eu tenho que esperar, pois não sei mais ficar sem você. Não depois de ter entrado em você e provado do sabor do seu corpo.

— Você nunca vai fazer as coisas do jeito certo, não é? Isso não é jogar limpo. — eu podia sentir minha respiração falhando e minhas pernas fracas com apenas o toque daquelas mãos quentes em meu rosto.

— Jogar limpo eu sempre vou jogar, mas parar de demonstrar o quanto sinto tesão por você, jamais — acariciou a linha do meu maxilar, até chegar a minha boca e passar o polegar no contorno do meu lábio inferior — fica impossível não sentir desejo por você a cada segundo que passa — os olhos dele eram quentes e cheios de uma promessa que eu queria que se cumprisse.

— Me ame, Nathan — pedi me entregando ao desejo que eu podia sentir em sua voz, seu olhar e sua boca, enquanto estávamos parados, olhando um para o outro.

— Case-se comigo, Liz? — pediu ele me encarando, ainda contornando minha boca com o seu polegar — seja minha mulher, por toda a vida.

— Nathan, você disse que esperaria...

— Basta você me dar um talvez, meu doce — ele parecia tão angustiado, esperando uma resposta, que eu tinha medo de falar que ainda não me sentia pronta para tomar essa decisão.

Não naquele momento. Não assim, tão de repente. Não depois de tudo que passei, tendo que organizar minha vida e seguir em frente com o tratamento, e ainda tinha que tirar minha irmã, Chloe, daquele cativeiro. Mas, pensando bem, um talvez não era um sim e nem um não... Era uma possibilidade, a qual eu queria amadurecer.

— Se eu der um talvez como resposta você espera mais um pouco?

— Não — sorriu mostrando aquele sorriso perfeito, que me fazia perder o controle sobre o meu corpo — mas, já é uma garantia que você não vai fugir de mim.

— Nathan — falei séria — eu sei de coisas que faria qualquer um perder o pouco de cabelo que existe no orifício circular traseiro, e você ainda me vem com essa de garantia para que eu não fuja de você?

— Ainda existem mais coisas, meu doce — disse ele, ainda parado na minha frente, pelado, cheio de desejo.

— Agora, nada pode me fazer fugir de você. Não quando o meu amor por você cresce a cada dia, como se apenas você fizesse meu mundo girar, Nathan. — assegurei — Eu amo você. Amo com todas as minhas forças, mas esse talvez seja uma prova que eu o amo mais que tudo no mundo, e que não digo um sim por que eu preciso de um tempo para organizar a minha vida — eu não queria magoar Nathan, porém, como minha vida estava eu não poderia aceitar o pedido de casamento. Ver o rosto dele, triste, foi o que mais doeu no meu coração.

— Eu já fico muito feliz com um talvez...

Vi em seus olhos o brilho da esperança, e, por um segundo, imaginei minha vida ao lado de Nathan, em um futuro bem próximo, onde teríamos filhos... Me imaginei segurando uma menina com o mesmo azul dos olhos de Nathan, mandando e desmandando, brincando e me dando a alegria de ser mãe.

— Não posso viver sem ter você ao meu lado, meu doce — ele se aproximou e baixou um pouco a cabeça, na direção da minha boca, me dando o prazer de sentir o seu hálito gostoso e completamente viciante — já sou dependente desse teu amor, dependente desse teu corpo e irrevogavelmente louco por você — falando isso, senti a boca dele tomar conta da minha, invadindo e reivindicando cada pedaço da minha alma com aquele beijo delicioso.

Nathan não beijava com calma, era algo mais urgente, cheio de puro fogo e muito desejo. Quando suas mãos seguraram meu rosto entre elas com um pouco mais de força, e ele apoiou uma delas na minha nuca, me puxando ainda mais para junto do seu corpo, senti o volume duro sobre a pele da minha coxa.

Ele estava rijo e deliciosamente perfeito ao me beijar, mostrando o quanto me queria mesmo eu não tendo aceitado o seu pedido de casamento.

— Nathan... — gemi entre seus beijos e carícias.

O desejo apenas aumentava à medida que eu sentia o calor tomar conta de nós dois. O quarto parecia ficar cada vez menor diante aquele poder de magnetismo que existia em nossos corpos. Tomando coragem, o segurei em minha mão e o senti grosso e molhado. Saber que eu tinha o poder de fazê-lo ficar daquela forma me fez gemer com satisfação. A cada movimento e a cada gemido de desejo, eu ficava ainda mais louca e cheia de vontade de poder sentir o sabor dele.

Eu movia minha mão, para cima e para baixo, em toda sua extensão, sentindo Nathan perder o controle de sua respiração. Vi o homem da minha vida se sentir mais desejado por mim quando segurei seu pau com mais vontade e acelerei os movimentos, enquanto ele me beijou com mais força ainda, impetuoso, sua língua entrando na minha boca, depois sua boca chupando meus lábios e puxando meu corpo para ficar ainda mais colado no dele.

— Liz, meu doce. Pare — pediu, quase implorando entre meus lábios, com a respiração acelerada — assim eu vou gozar na sua mão... — bastou ele pedir, que eu parei.

Parei por que eu queria fazer outra coisa. Algo que já vinha imaginando há muito tempo, e, devido à intensidade do momento, o desejo apenas cresceu de forma colossal, me rasgando por dentro.

— Nathan... — falei ofegante, afastando a minha cabeça um pouco e olhando em seus olhos — posso pedir uma coisa?

— O que você quiser, meu doce — ele me olhava com expectativa e lascívia.

— Me ensine a dar prazer a você — pude ver o brilho de seus olhos mudarem, de lascívia para calor vulcânico.

— Mas, você já me dá prazer — me envolveu em seus braços, dando mais um pouco do seu corpo duro e grosso — sente só a pressão — brincou pressionando o seu quadril em direção ao meu, e pude sentir o pulsar do seu pau contra minha pele.

— Eu quero... — por que eu, de repente, comecei a sentir as minhas bochechas ficarem vermelhas de vergonha por fazer aquele pedido? Eu queria sentir. Queria dar a ele um pouco do que tinha me dado. Sentir que o meu Nathan era mesmo meu de todas as formas.

— Vamos lá, meu doce. — sua voz rouca e grossa, me deixava excitada e me dava mais força para prosseguir com o meu pedido.

— Eu quero que você me mostre, ou melhor — falei sem jeito, mas, sem perder o contato visual, entrando mais no azul dos olhos de Nathan — me ensine como chupar você...

— Puta que pariu! — gemeu alto, arregalando os olhos — repita o que acabou de pedir. — ele parecia fascinado com o que eu tinha acabado de pedir.

— Nathan... — resmunguei, querendo fugir dali e me esconder.

— Liz, você falando que quer aprender como me chupar... — fechou os olhos e respirou fundo — me deixa ainda mais duro, sabia? Agora, vamos lá meu doce — pediu, abrindo os olhos — peça o que quiser, e eu darei a você.

— Eu quero que você me diga como devo chupar você — mordeu o lábio inferior, tentando diminuir o sorriso de satisfação por ver o rosto dele se transformar em um completo tarado.

— Eu mostro como você deve fazer, mas qual parte em especial você quer chupar?

E lá estava ele de volta à ação, sendo o mesmo Nathan descarado e safado. Mas era o meu safado. O homem que deixava todo o meu corpo aceso, e nem precisava estar muito perto. Ele era o centro do meu orbe e esse sentimento tomava conta da minha alma, me fazendo querê-lo mais e mais.

— Seu pau, Nathan — eu tive certeza que ele achava que eu não teria coragem de falar o que eu queria com tanta naturalidade, apesar de estar morrendo de vergonha por dentro e querendo cavar um buraco para enfiar a minha cabeça — quero você dentro da minha boca, para chupar você bem gostoso.

— Oh! Merda! — rosnou entredentes — se você falar isso de novo, juro que gozo agora mesmo e você nem vai precisar tocar no meu pau.

— Você já tinha insinuado algo parecido, se não estou enganada — o fiz lembrar que muitas vezes falava em usar soquete, só não entendia o motivo — e nunca entendi até você poluir minha mente com seus pensamentos safados, e nem o motivo de você querer usar o sorvete...

— Você já chupou, Liz?

— Não. Nunca — respondi sinceramente.

— Eu tinha certeza disso — falou convencido. — o sorvete vai te ajudar a se acostumar com o volume dentro da sua boca, e fica melhor quando é um sabor que você gosta.

— Chocolate — gemi com a imagem de Nathan inteiramente entregue, me deixando sentir o prazer de tê-lo em minha boca ao sabor de chocolate.

— Vamos tomar logo esse banho, quero dar a você o seu café da manhã, que de início não inclui comida.

Capítulo 2



Entrando na banheira, Nathan me olhava como se não existisse mais nada no mundo, era tão bom ser desejada, mesmo marcada pelos hematomas. O olhar dele sobre o meu corpo era de veneração e desejo puros. Isso era evidente no seu corpo, com aquela visão dos deuses na minha frente, e que horas atrás tinha me tornado a mulher mais feliz do mundo.

— Não vai entrar comigo? — perguntei confusa, olhando-o parado na minha frente, enquanto eu apoiava minha cabeça na borda, de maneira confortável.

— Não — falou com a voz rouca e baixa, me olhando... Me comendo com os olhos.

— Você disse que ia tomar banho comigo...

— Na verdade, mudei de ideia — pegou uma toalha que estava pendurada e trouxe para perto da banheira, colocando ao lado — eu vou dar banho em você e depois vamos descer para nossa primeira aula.

— Banho...

— Vou deixar você bem limpinha, e, depois da nossa aula, vou chupar você toda.

— Isso me parece muito bom... — falei ofegante, sentando dentro da banheira de água morna e com o aroma delicioso de rosas.

— Bom? — brincou. — isso é o máximo que você consegue?

— O que mais você quer que eu diga?

— Vamos lá, meu doce, eu sei que você vai saber ser bem generosa com essa sua boca atrevida... — se debruçou pegando a esponja, me fazendo perder o pouco de sentido que ainda existia em mim quando vi que ele ainda estava de pau duro. Se ele se aproximasse mais um pouco, eu conseguiria colocá-lo na boca e começar ali mesmo minha aula. Minha boca ficou seca, o desejo por ele era tão grande que eu mal me lembrava de respirar ou de pensar em outra coisa que não fosse possuir Nathan.

— Você não presta...

— Isso eu sei — gargalhou, olhando da maneira mais descarada para o meu corpo nu e molhado dentro da banheira — mas é desse jeito safado que você gosta. Seu corpo me diz isso a cada meio segundo — submergiu a esponja na água e ficou brincando com ela; sentou-se na borda da banheira, bem ao meu lado.

— Não é justo, você sempre sabe me fazer perder a cabeça.

— O que eu mais quero é que você seja minha.

— Nathan...

— Calma... — sorriu, levando a esponja até os meus seios e esfregando-os com ela — só quero que você se sinta feliz...

— Eu já me sinto feliz — fechei os olhos, absorvendo o toque áspero da esponja. Ele ainda não tinha tocado a minha pele, no entanto, era como se estivesse tomando cada pedaço para si.

— Está sentindo? — perguntou, observando o meu corpo reagir a ele — está sentido como eu toco seu corpo com desejo, mesmo que eu não encoste minha pele na sua?

— Sim... — respondi com a voz baixa, sentindo a esponja descer até o meu abdômen, com movimentos circulares, e passear pelo meu corpo, me lavando.

— Você não tem ideia do quanto é gostosa. — não era uma pergunta — o quanto seu gosto é delicioso e praticamente viciante — eu me contorcia com a expectativa dele tocar meu corpo com suas mãos firmes e me tirar dali para me comer, tornando-me novamente dele — o que você quer que eu faça, meu doce?

— Me toque... — murmurei, ainda de olhos fechados, arfando por mais dele.

— Tocar? — eu podia sentir o sorriso malicioso em sua boca, mas eu estava incapacitada de abrir meus olhos. Eu o queria tanto que não estava me importando como meu pedido desesperado sairia — onde exatamente você quer que eu a toque? — meu subconsciente, mentira, meu consciente, automaticamente abriu minhas pernas — ora, senhorita Radzimierski, você vai ter que ser mais direta, já que as suas pernas sempre fazem isso. Pegue a minha mão e leve para onde você quer ser tocada — abri meus olhos, e vi.

Vi o fogo em seus olhos, me consumindo e queimando a minha alma.

Eu seria Ícaro voando de encontro ao sol?

Sem pensar duas vezes, e quase sem ar, peguei sua mão livre e a guiei para entre as minhas pernas, enquanto olhava da mesma maneira para ele. Nós nos completávamos. Ele tinha sido moldado para mim, e eu, eu tinha sido transformada para ele.

— Aqui... — antes que eu pudesse falar mais alguma coisa, ele já estava entrando com os seus dedos, me preenchendo, me fazendo gemer de prazer e, quando passou o seu polegar no meu clitóris, senti que o mundo não existia mais — Nathan...

— Shhh — ele pediu, colocando a esponja de lado e segurando em meu seio, se inclinando, levando a boca até ele, sugando com sua boca quente o bico intumescido pelo desejo. Ele era implacável, com seus dedos na minha boceta e sua boca em meu seio.

— Nathan... — gemi, arqueando as costas para ficar mais perto da boca dele. — eu quero tanto você...

— Droga! — gemeu libertando meu seio de sua boca — saia dessa banheira. Agora — tinha sido uma ordem, que o meu corpo acatou de imediato.

Quando seus dedos saíram me senti abandonada. Entretanto, eu sabia que ele me completaria de outra maneira. Me preencheria com seu pau, me dando o prazer que eu tanto queria. Assim que saí da banheira tentei pegar a toalha, mas ele segurou minha mão e me puxou.

— Não temos tempo para isso — falou saindo do banheiro e me levando junto. De início, achei que ele iria me deitar na cama e me comer ali mesmo, e eis que ele abre a porta do quarto.

— Nathan... Estamos pelados... — falei espantada, sem entender.

— Só existe eu e você aqui. E quero ensinar a você como se toma o sorvete de outra forma, e isso vai ser agora — já tínhamos descido as escadas e passado pela sala, indo em

direção à cozinha — vou sentar bem ali — ele apontou para a cadeira, próxima ao sofá — e você vai pegar o sorvete e a colher... — eu mais parecia uma barata tonta.

Eram muitas informações para assimilar, mas a única informação que eu conseguia processar era aquele monumento duro... grosso e pronto para ser devorado, eu só não sabia que iria ser tão bom.

— Estou esperando, meu doce — sorriu de modo que me derreteu, ou melhor, fritou meu cérebro.

Antes de me virar, para ir em direção à cozinha, ele me puxou novamente e segurou meu rosto entre suas mãos, me beijando de uma forma muito indecente, enfiando a língua dentro da minha boca, explorando e chupando a minha língua, deixando minhas pernas bambas e fazendo com que eu gemesse, quando na verdade, eu queria mesmo era que ele me fizesse gritar o nome dele enquanto gozava como uma louca.

— Agora se apresse que eu ainda quero chupar você — segurou meu rosto com força, me fazendo fechar os olhos por causa da intensidade do seu desejo que refletia no meu corpo — delícia...

Era impossível não se sentir fora de órbita com aquele homem. Ao abrir meus olhos, me afoguei no mar dos seus lindos olhos e na firmeza como ele me olhava com luxúria avassaladora.

— Vamos lá, meu doce. Você me olhando assim não ajuda muito — como era que eu olhava para ele?

Será que era com a mesma intensidade que ele me olhava? Eu achava muito difícil ser da mesma forma quente, cheia de

desejo e com aquele olhar que me deixava molhada.

Eu poderia estar a quilômetros de distância.

Quando ele me soltou, eu quase tropecei em meus próprios pés por sentirem minhas pernas fraquejarem pela necessidade que eu tinha de um pouco mais do gosto de sua boca, de seu toque... talvez apenas de seu toque...

Nathan virou de costas para mim, me dando mais um pouco da tentação que ele era... com aquela bunda perfeita, com aquelas coxas definidas, e muito... gostoso. E só em pensar no momento de passar a língua naquele corpo, eu sentia meus pelos arrepiarem com a sensação de que seria a coisa mais maravilhosa do mundo. Ele tinha no seu andar o poder. Era exatamente isso, eu tinha certeza que ele era o dono do poder absoluto sobre tudo ao seu redor. Dono de um magnetismo sem igual, e antes que ele falasse mais alguma coisa, ou da forma como eu estava olhando para ele, praticamente babando, comecei a organizar as ideias na minha cabeça, lembrando que ainda existia um sorvete para seu usado e um pau para ser chupado.

Corri para a geladeira e retirei o pote de sorvete, logo depois peguei a colher na gaveta do armário da cozinha, já com o coração e a respiração acelerados. Assim que voltei para a sala, vi que ele estava sentado com as pernas um pouco separadas. Com o dedo indicador me chamou, mordendo o lábio inferior, destruindo as minhas estruturas e acabando com o pouco de vida que eu tinha.

— Vem aqui... vem... — morri e fui para o céu com aquela visão deliciosa de Nathan, nu e ainda me chamando daquela

forma.

Nathan estava completamente à vontade e me chamando, não só como o olhar, mas com o pulsar do seu membro duro, que mirava bem na minha direção. No chão, entre suas pernas, estava uma almofada à minha espera. Aquele homem iria me matar, mesmo que fosse apenas de amor por ele e de desejo pelo seu corpo. Eu já não me importava mais, se significasse eu ter que morrer ao lado dele, morreria feliz.

— Abra o pote de sorvete — ordenou, com a voz carregada de malícia — e ajoelhe bem aqui — apontou para a almofada no chão, no meio das suas pernas. Assim como ele pediu, eu fiz. Minhas mãos tremiam e só em ter que encarar tudo aquilo, minha boca ficava completamente seca, e eu louca para saborear toda a extensão e magnitude daquele homem irresistível.

— E agora? — eu perguntei quase sem fôlego.

— Agora, você vai retirar um pouco do sorvete com a colher e colocar na boca — sorriu, se acomodando melhor na cadeira, vindo com o quadril um pouco mais para frente, ficando mais acessível para mim — vai deixar o sorvete na ponta da língua e depois vai começar por aqui... — : ele afastou o pau para o lado, segurou as bolas e levantou-as na minha direção — até aqui, e depois vai chupar todo, engolindo com calma e sem pressa — passou a mão no membro, mostrando meu objeto de desejo.

— Você quer que eu passe a língua aí? Gelada? — eu podia sentir meu rosto ficar vermelho e quente.

— Ainda dá tempo para você desistir... — brincou, ainda segurando as bolas e o pau.

— Não vou desistir. — como eu poderia desistir com aquela tentação bem na minha cara, pedindo para ser provada? Peguei a colher e retirei um pouco do sorvete, colocando na ponta da língua, e olhando para ele, fui ao ataque.

Sem pressa era o caralho, eu queria era ele todo na minha boca.

O som mais gostoso saiu bem do fundo da garganta dele. Um gemido forte e rouco, que invadiu o meu corpo, me deixando ainda mais molhada.

Quando passei a ponta da língua com o sorvete, e as bolas dele encolheram, Nathan pediu por mais da minha boca. Comecei passando a língua, e depois que o sorvete derreteu, chupei. Chupei com gosto, me perdendo, e quando dei por mim, estava segurando o pau dele firme e o colocando dentro da boca, chupando e sugando toda extensão intumescida, sem precisar de sorvete para que eu me adaptasse ao gosto pelo simples fato dele ser gostoso do jeito que era. Eu contornava a cabeça com a língua e tornava a sugar.

Meu ventre estava dolorido, mas era por vontade de não apenas chupá-lo, mas também de tê-lo dentro de mim. Ele era tudo que eu imaginava ser quando estava na minha boca, e ainda melhor quando estava me comendo, tomando meu corpo para si e me fazendo dele. O quadril de Nathan subia e descia, com a minha mão e minha boca acompanhando o seu ritmo, fazendo com que ele entrasse mais na minha boca, e quando, em um momento de loucura, enterrei-o completamente na boca,

o gemido foi mais profundo. As estocadas eram cuidadosas, mas sem perder o ritmo. Nathan se segurava nos braços da cadeira com tanta força, que podia ver os nós dos seus dedos ficarem brancos. Estava claro que ele tentava se controlar e continuava subindo e descendo com o seu quadril, me fazendo sentir mais do seu sabor, que por sinal, era fantástico.

— Você... — ele começou a falar, mas eu engoli seu pau como uma leoa faminta, sugando e passando a língua ao redor da cabeça, e depois lambendo as bolas, voltando a chupar como uma louca.

Eu não estava me reconhecendo. Eu estava no comando. Era eu quem controlava a situação... e vê-lo daquela forma, tão entregue, me deixou ainda mais confiante. As costelas poderiam doer, mas o prazer de ver Nathan se contorcer na minha boca era melhor do que qualquer coisa no mundo.

— Oh! — fechou os olhos, estocando mais rápido — é a melhor chupada que já tive... — aquilo era muito bom de ouvir — na vida! Porra! Chupa gostoso demais! Pare meu doce, por favor, pare... — ele pedia, mas o seu corpo mostrava que eu estava no caminho certo — assim eu vou gozar na sua boca, e não... — senti as pernas dele tremerem ao mesmo tempo em que seus olhos abriram e me encararam, cheios de admiração, lascívia e muito fogo — e não quero gozar na sua boca...

— É assim? — perguntei, quando me afastei um pouco, fazendo-o parar de meter na minha boca.

— Essa boca atrevida ainda vai me deixar maluco — o tom de voz dele era baixo, como se eu fosse a sua presa e ele fosse meu caçador, prestes a me atacar — outro dia eu gozo na sua

boca, mas agora eu quero comer você — Nathan se levantou, enquanto eu permanecia ainda ajoelhada no chão — levante.

— O que você vai fazer? — eu estava sem fôlego, suada e com o coração praticamente saindo pela boca.

— Vamos lá, meu doce. Levante-se, incline esse corpo gostoso na cadeira e abra bem essas pernas — fiquei louca para saber o que ele queria fazer. E se ele resolvesse me comer por trás? Não estava pensando na minha boceta, mas no meu...

Oh! Deus!

Porém, quando me levantei e fiz o que ele pediu, tive uma surpresa. Nathan se ajoelhou entre as minhas pernas, quando eu empinei a bunda e segurou firme em minhas nádegas, abrindo-as para dar um melhor acesso a minha boceta, que estava muito molhada e sedenta por ele, chupando e fazendo as minhas pernas virarem gelatina.

— Gostosa! — ele praticamente rugia enquanto enfiava a língua na minha entrada, e logo depois sugava os lábios inchados e úmidos de desejo.

— Nathan... — eu não conseguia pensar em outra coisa que não fosse ele me chupando.

— Tão quente e macia — sugava com força meu clitóris, e depois passava a língua fazendo círculos pesados e firmes com a ponta da língua — delícia... — ele disse abrindo mais os lábios inchados e parando para observar minha intimidade — fique bem assim — pediu, ao se levantar — quero absorver essa imagem perfeita da sua bunda na minha direção e a sua boceta bem molhadinha pedindo por meu pau...

Eu estava praticamente convulsionando, louca para ter o corpo quente dele, me pegando por trás, me preenchendo. Me tornando sua. Quando ele se aproximou, se posicionando no meio, senti-o passar a cabeça do seu pau na minha boceta, gemi, e, quase de modo involuntário, comecei a rebolar, tentando encontrar uma maneira de amenizar aquela ansiedade.

— Por favor... — implorei, quase choramingando para sentir o calor do seu corpo.

— Por favor? — ele era muito mau. Sabia que era bom em me manter bem onde ele queria, e sabia que o meu corpo era um traidor, que sempre buscava mais dele — o que você quer, meu doce? — perguntou roçando mais uma vez, deslizando de leve e se afastando, me fazendo ir de encontro a ele, empinando mais a bunda.

— Você — mais uma vez, me senti incapacitada de falar mais alguma coisa.

— Eu? — eu sentia o divertimento misturado com o desejo em sua voz.

— Seu filho de uma puta, eu quero que você me coma. Agora! — resmunguei, gemendo alto.

— Era disso que eu estava falando — Nathan segurou meu cabelo, enrolou-o na mão e o puxou quando entrou profundamente em mim, sem pressa alguma em seus movimentos. — tão doce...

— Nathan... — era um aviso. Um aviso que eu não conseguiria aguentar mais e gozaria.

— Vamos lá, meu doce — pediu com a voz rouca, estocando mais rápido e com mais força — goze. Grite. Sinta — não demorou muito para que eu gozasse, fazendo minhas pernas tremerem e fraquejarem quando ele gozou comigo.

As coisas começaram a girar um pouco e minha cabeça estava em outro lugar. Não senti que desmaiaria, senti apenas o desejo que tinha por Nathan tomar conta do meu corpo.

— Isso foi... — desabei na cadeira, ficando de joelhos, de costas para ele — foi... — eu me sentia muito bem, e nem tinha me lembrado de que existiam costelas machucadas.

— Incrível — ele completou, tomando cuidado, me levantando e me virando, me deixando ser sustentada em seus braços, fazendo com que ficássemos nos encarando, ofegantes — você está bem? — vi em seus olhos que estava preocupado com o que poderia ter acontecido, já que eu estava tonta, um sinal claro para ele que eu poderia desmaiar.

Foi algo novo que me fez acreditar que o amor dele por mim poderia continuar a me curar e me fazer ser uma mulher feliz, mesmo depois de tudo. Eu não estava ligando se ele era ou não um assassino ou sei lá o quê. Tudo o que eu queria era ele ao meu lado. E se fosse para tudo funcionar como deveria, deveríamos abrir mais o coração e mostrar o que ainda tínhamos a revelar.

— Eu preciso de mais, Nathan — falei baixinho, quase como um sussurro.

— Eu sei — seus olhos penetravam a minha alma — e você vai ter o que quiser, é só pedir.

— Então — ainda em seus braços e olhando para ele, fiz a pergunta que me atormentava. — quem é você de verdade?

Capítulo 3



Eu estava esperando.

Eu estava esperando que Nathan abrisse a boca e me falasse o real pretexto dele precisar matar aquele homem, ou do motivo dele sempre parecer que estava me escondendo algo. Vi em seus olhos a sombra da preocupação e meu coração ficou apertado, mas era necessária aquela conversa. Eu já o tinha visto matando um homem a sangue frio e como o seu rosto ficou. O brilho nos olhos de Nathan, naquela noite, não era o mesmo que tinha quando me olhava, e não havia possibilidade de ele ser tão impetuoso, não o homem por quem eu tinha me apaixonado.

— Já está na hora de contar tudo a você, mesmo que vá contra o regulamento.

— Que regulamento? Do que você está falando? — o que será que Nathan escondia de tão grave?

— Vamos terminar de tomar o nosso banho... E com calma eu explico tudo — não que eu estivesse assustada, mas, a forma como ele me olhava já me dava uma ideia do que estaria por vir. E o meu pressentimento dizia que era algo além da minha compreensão.

Nathan subiu bem atrás de mim, sem falar ou esboçar qualquer palavra, totalmente diferente do homem de minutos atrás, antes de eu pedir para ele revelar o motivo de todo aquele segredo. Não me esperou para terminar o banho, pegou a toalha, enrolou na cintura e saiu, me deixando sozinha no

banheiro. Eu queria falar, tentar lhe dizer que tudo ficaria bem. No entanto, como poderia assegurar isso se eu mesma não estava me sentindo bem, com receio do que poderia acontecer depois da revelação que ele queria me fazer?

Contudo, era eu quem queria saber, e mesmo que fosse algo pior do que vê-lo matando uma pessoa, não teria como fugir dele. Ele já estava no meu corpo, na minha mente e no meu coração. Agora era tarde demais para voltar atrás. Tarde demais para voltar no tempo e não me apaixonar perdidamente por ele, mesmo que custasse a minha sanidade.

Terminei de tomar banho sentindo um vazio por ele ter saído e me deixado sozinha. Era possível sentir o gosto do seu beijo na minha boca, a sua voz dentro da minha cabeça me chamando de gostosa, ele dentro de mim me preenchendo e me fazendo completa e irrevogavelmente dele. Pois era isso que eu era: só dele e de mais ninguém. Quando terminei de me enxugar, fui para o closet, peguei uma de suas camisas brancas e largas, vestindo logo em seguida e absorvendo seu cheiro. Peguei a primeira calcinha que vi e coloquei.

Sorri ao lembrar quão possessa fiquei quando descobri que ele tinha ocupado uma parte do meu closet do tamanho de uma caixa de fósforos, e me lembrei de quão feliz eu fiquei por ele ser tão mandão e ter entrando na minha vida e tomando conta dela para si. Arrumei meus cabelos em uma trança e coloquei de lado, deixando-a cair sobre o ombro. Me olhei no espelho e procurei não enxergar os hematomas, forçando um sorriso no rosto, tentando amenizar toda tensão e aquele maldito frio na barriga que insistia em me deixar ainda mais nervosa do que já

estava. Respirei fundo, tentando encontrar a coragem que precisava naquele momento. Inspirei, reforçando aquela busca por coragem.

— Vamos lá, Lizzie... — me encarei no espelho — o que pode ser pior do que vê-lo matando alguém? — seria loucura minha pensar que teria algo pior? Algo pior do que ver a raiva na sua pura e rica essência? Eu queria acreditar que nada poderia ser pior que isso.

Decidida, endireitei os ombros e ergui a cabeça, e já que eu não poderia viver sem ele, o que fizesse ou deixasse de fazer seria parte do pacote “Nathan G. Fox”, e eu teria que aceitar.

Quando desci, vi Nathan sentado no sofá, cabisbaixo e com as mãos apoiadas nos joelhos. Me apertou o coração vê-lo daquela forma, o que fez com que o medo que estava percorrendo o meu corpo se intensificasse ainda mais, junto com o medo de perdê-lo. Ao lado dele tinha uma pasta com o símbolo da segurança nacional dos Estados Unidos. Quando ele sentiu a minha presença, levantou a cabeça para me olhar. Seu rosto não era mais daquele homem cheio de desejo por mim... Era um rosto triste e de olhar perdido.

— Nathan... — eu queria falar algo, porém seriam apenas palavras vagas e sem sentido algum diante aquela situação.

— Pegue — segurou a pasta e estendeu para que eu pegasse — esse sou eu. E se, depois de tudo que você ler, quiser ir embora... — uma dor fina dentro do meu peito surgiu quando ele falou — Eu vou ter que aceitar e deixar que você viva a sua vida em paz, sem qualquer interferência minha.

— Esse é um documento confidencial — então aquele era um documento oficial. Tudo que eu pressentia era que aquilo tinha se tornado algo além da minha compreensão. — Nathan, eu o amo. Não vou deixar você...

— Lizzie — suspirou levantando do sofá, vindo na minha direção — suas pesquisas estavam próximas de descobrir algo sobre minha missão, mas isso, isso vai além do que suas investigações apuraram. Isso... — apontou para pasta — é o que eu sou. Acho melhor você sentar, porque o conteúdo desse relatório pode mudar a forma como você vai me olhar.

— Seja lá o que for, eu amo você Nathan. Amo com todas as minhas forças.

— Você não sabe o que está falando... — Nathan precisava entender que eu não fugiria dele. Que eu o amava e que ele era o homem da minha vida.

— Eu vou ler, e depois de tudo que passamos juntos, se isso for insuportável de tragar, ainda assim daremos um jeito de ficarmos juntos. — eu não desistiria dele.

Não desistiria do homem que tinha tomado minha alma e o meu amor para ele. Nathan se afastou, seguindo para a janela enorme da sala, virando de costas e abaixando a cabeça, espalmando as mãos no vidro enquanto eu abria a pasta e começava a ler.

CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY



WASHINGTON, DC

NOVEMBER, 2005

Agente: Nathan Gregory Fox
Status: Ativo.
Classe: Confidencial.
Qualificações adicionais: Confidencial.
Habilidades: Krav Maga; Muay Thai;
Kung Fu; Karate; Submission.

Missões:

Paquistão
Status: Completa
Alvo: Eliminado
Civis: 23

Dubai
Status: Completa
Alvo: Eliminado
Civis: 17

Iraque
Status: Completa
Alvo: Eliminado
Civis: 100

Afganistão
Status: Completa
Alvo: Eliminado
Civis: 146

Rússia
Status: Completa
Alvo: Eliminado
Civis: 80

Marrocos
Status: Completa
Alvo: Eliminado
Civis: 46

Estados Unidos
Missão atual:
Investigar e eliminar.
Alvo: Isaäk Markov.

TOP SECRET

A inteligência encontrou pistas sobre o atual paradeiro do alvo. O Agente será infiltrado e habilitado para execução direta. Missão nível máximo, sendo de essencial importância, a execução e eliminação de provas e testemunhas.

TOP SECRET

TOP SECRET

— Nathan — eu estava assustada. Muito assustada para ser mais sincera — você...

— Um agente infiltrado do governo... — disse se virando para me olhar. Um olhar frio e sem vida.

— Mas, por quê? Como? — eu já estava começando a ficar sem saber o que pensar.

— Essa é a minha última missão, Lizzie — falou dando um passo na minha direção, mas eu recuei — e é agora que você foge da minha vida...

— Porra! Nathan... — gritei furiosa. — eu não vou fugir, isto é, se esse for mesmo o seu nome... — levei as mãos até a cabeça, me sentindo tonta e um pouco desorientada.

— Esse é o meu nome. Isso eu não tinha como mudar. — a sua voz era distante, totalmente indiferente.

— Que tipo de agente secreto usa o próprio nome? — aquilo era ridículo, e completamente absurdo, que eu tive que me sentar na cadeira para não cair.

— Do tipo que teve sua identidade apagada de todos os sistemas de busca e que apenas a inteligência sabe. O Nathan Gregory Fox que foi criado pela inteligência, não tem pais. Eu não existo. — exatamente isso. Nathan Fox que eu conhecia não existia.

— Então, você precisou de seis anos para conseguir chegar até o Isaäk? — soltei, antes que eu pudesse controlar minha boca.

— Lizzie, não foram seis anos... foram dez anos — começou — você não sabe quem é o Isaäk Markov. — dez anos? Puta merda! A coisa era muito séria mesmo.

— E nem ao menos sei quem é você, Nathan — suspirei antes de continuar a falar — quer dizer, agora sei.

Será que as coisas poderiam ficar piores? Ah! Sim. Podia! Meu namorado era apenas um agente da inteligência. Pisei na merda quando nasci ou dancei pole dance na cruz.

— Agora você me conhece, Lizzie. — ele disse sem muito ânimo — eu poderia ser um terrorista... — ainda tentou brincar. Ah! Se ele fosse um terrorista, aí sim, as coisas não seriam boas. — e ainda dá tempo de desistir...

— Ah! vai tomar nesse... — calei, mas a última palavra ficou na ponta da língua — olha, eu vou repetir... Eu amo você. Sério.

Amo muito mesmo, e acho que você é a melhor coisa que já me aconteceu...

— Pergunte o que são os civis, Lizzie... — senti algo estranho com o seu rompante.

— O quê? — do que ele estava falando?

— Você me ouviu. Pergunte o que são os civis para mim — Merda! Ele estava me olhando com o olhar na temperatura de um iceberg.

— Nathan... — choraminguei, pois eu já sabia que não seria uma coisa boa.

— Que merda, Lizzie! — esbravejou, socando um dos vasos da mesinha que ficava perto do sofá — pergunta logo! — a forma como ele estava agindo não era nem um pouco parecida com aquele Nathan. Não o meu Nathan.

Os olhos dele ainda estavam sobre mim, me avaliando e ao mesmo tempo furiosos com algo. Comigo? A respiração dele estava acelerada e era visível a forma como ele estava alterado.

— O que são os civis, Nathan? — perguntei com a voz fraca e baixa, sentindo uma lágrima descer quente sobre o meu rosto.

Quando eu terminei de falar, pude ouvir um rugido abafado vindo de sua garganta. Nathan permaneceu parado perto do vaso estilhaçado. Ele fechou os olhos e respirou fundo.

— Quatrocentos e doze, Lizzie — permaneceu imóvel e de olhos fechados, enquanto falava — esse é o número de pessoas que tive que matar. Esse é o número de pessoas, inocentes, que eu tive que matar para poder chegar até Isaäk

Markov. Você não faz ideia do que é ter que matar quatrocentas e doze pessoas para poder chegar até ele...

— Você matou todas essas pessoas... — não era uma pergunta, era mais uma coisa que eu tinha que colocar na mente, e depois fingir que não escutei. Eu estava ainda mais chocada. Ainda mais tonta. Ainda mais sem chão — isso faz de você um...

— Assassino — terminou abrindo os olhos e a dor em sua voz chegou à minha alma.

— Espera... — falei sentindo o ar dos meus pulmões — então, naquela noite, você estava...

— Eliminando uma testemunha do grupo de Isaäk — ele parecia mais tranquilo, mas seus olhos tinham aquela irritação misturada com indiferença, que eu nunca conseguia diferenciar em qual momento se encontrava — quando você chegou, acho que o meu mundo parou — confessou — eu não tinha ideia que você seria capaz de passar tão fácil pela segurança...

— Sério? — perguntei incrédula — aquela mulher não sabia nem cuidar daquele bigode... — bufei sem paciência.

— Agora eu sei que ela não soube cuidar do meu bem mais precioso — Merda! Por que ele tinha que ser fofo em um momento que era para ser de pura tensão? — quando Gretha disse que deixasse você ir, achamos que estaria segura com ela. Eu sabia que não era para eu ter escutado e ido atrás de você. Mas, tínhamos um corpo para nos livrar, limpar o local e fingir que nada daquilo tinha acontecido...

— Não sei o que dizer Nathan, é muita informação para assimilar, e agora neste exato momento — tentei parecer calma

— era para eu surtar, ou melhor, gritar, mas não consigo. Não consigo falar nada.

— Eu achei que seria pior — o vi esboçar um sorriso triste — achei que você sairia por aquela porta e nunca mais olharia na minha cara.

— Mesmo com o risco de que eu divulgasse tudo? — perguntei, olhando para ele — a missão da sua vida?

— Tudo isso perdeu a razão quando vi você naquela noite. Eu nunca tinha sentido nada parecido por alguém e quando beijei você... — aí ele abriu um sorriso, bonito... perfeito — soube que tinha que ser minha.

— Eu preciso de água — minha cabeça girava e eu não me sentia bem. Tudo estava ficando escuro e...

— Lizzie! — ploft! — Droga! — o som do meu corpo já batendo no chão e a voz de Nathan foram as últimas coisas que escutei antes de apagar.

Capítulo 4



Eu sentia seu cheiro e sabia que ele estava ao meu lado, esperando o momento exato da minha fuga. Porém, como eu poderia ficar longe dele? Longe do homem que me fez a mulher completa e feliz? Será que eu suportaria a ideia de ele ter matado tantas pessoas para poder chegar até Markov? De uma coisa eu sabia, Nathan não era como os outros homens. Com certeza, ele era diferente em todos os sentidos.

Abrindo meus olhos, vi Nathan me observando. Seu rosto estava inexpressivo, mas não durou muito. Quando eu me sentei no sofá e respirei fundo, percebi que ele se moveu com expectativa naqueles olhos azuis provocantes e penetrantes, que invadiam a minha alma e me preenchiam com um sentimento maior do que qualquer coisa que um dia poderia sentir.

Eu tinha mais perguntas. Eu precisava fazê-las, para ter certeza. Certeza de quê? De que ele não estava mentindo? Merda! Eu o tinha visto matar o cara. Do que mais eu precisava para ter certeza de quem ele era e o que fazia?

— Oi meu doce. Que bom que acordou.

— Nathan... — eu queria dizer a ele que nada tinha mudado entre nós dois, mas a verdade era que mudou.

— Eu sei que você vai precisar de um tempo... — a melancolia em sua voz fez o meu coração apertar.

— Ainda preciso saber mais, Nathan... — ele tinha que abrir a boca, mesmo que isso custasse a minha sanidade.

— Tudo que você quiser saber — a voz dele tinha mudado. Estava mais rouca e baixa, me deixando em alerta. Aquele que estava falando comigo era um agente treinado.

— Você me disse que seria sua última missão... — última missão não soava muito bem aos meus ouvidos — o que você quis dizer com isso?

— Que vou me aposentar... — Nathan... Aposentar com aquela idade? Será que ele tinha mesmo trinta e seis anos? Ah! Deus! Nem isso eu poderia ter certeza!

— Vai para algum asilo para ex-agentes que se disfarçam de políticos? — brinquei sentindo um gosto amargo na boca, por não saber de verdade quem era o homem que estava ali ao meu lado! — você tem mesmo a idade que diz ter?

— Acho que isso eu tenho certeza... — esboçou um sorriso no canto da boca — venha — disse ele ao se levantar. Naquele momento, eu percebia o quando Nathan parecia cansado. Ainda mais cansado do que antes. — quero que você veja algo. E o mínimo que eu posso fazer, já que não fugiu quando tinha tempo.

— O que é? — perguntei confusa, sentido uma pontada de medo brotar no meu coração.

— Nada que possa machucar você. — sorriu, enquanto estendia a mão para mim — confia em mim?

Eu confiava nele? Sim. Essa era a resposta para essa pergunta.

Eu o amava e ele tinha meu coração em suas mãos.

Confiava e não pretendia ficar longe dele. Eu tinha que me manter firme e confiante, pois só assim poderíamos ficar juntos,

mesmo depois de tudo. Eu não me importava mais com os machucados, não naquele momento em que ele tinha a mão estendida para mim, esperando que eu desse o próximo passo. E assim fiz. Peguei a sua mão como se fosse meu bote salva-vidas, porque tinha sido por aquele homem que eu tinha mudado tudo na minha maneira de ver a vida e encarar o mundo. Segurando sua mão firme e quente, eu sabia e entendia que o meu lugar era ao lado dele.

— Confio. — minha voz saiu firme e sincera quando me levantei, segurando a mão do homem da minha vida.

Nathan parecia que tinha prendido a respiração durante o tempo em que esperou uma resposta, e quando voltou a respirar, aquele brilho em seus olhos, que eu tanto amava, estava mais vivo.

Ele me conduziu pela sala enorme até chegarmos à porta do seu escritório, e então ele a abriu, dando espaço para que eu passasse. Eu não sabia o que esperar. Nathan estava se tornando algo impossível de se decifrar. Fiquei parada, enquanto ele arrastava uma das cadeiras até o meio e depois voltava para trancar a porta. Foi até as janelas, de onde dava para ver a maravilhosa Nova Iorque, fechou as persianas, e nesse momento tudo ficou escuro. Enfim, senti as mãos firmes de Nathan segurando a minha cintura. Meu coração disparou e minha respiração só Deus sabe onde foi parar.

— Lizzie, neste momento, minha vida, tudo, depende unicamente de você. — falou quase sussurrando, perto da minha orelha — vou ajudar você a se sentar naquela cadeira e mostrar mais uma parte da minha vida para você. Tudo bem?

— Deus! Ele estava tão perto que ficava difícil me concentrar em qualquer outra coisa que não fosse aquela voz rouca e perigosa, e o fato de ele segurar a minha cintura daquela maneira.

— Tudo — respondi quase como num sussurro. Ele tirou a sua mão da minha cintura e levou-a até chegar a minha mão, me conduzindo novamente até chegar à cadeira que ele tinha colocado no meio do escritório. Já não ligava mais para minhas costelas doloridas e nem para os arrepios de alerta que surgiam a cada segundo.

Depois de alguns segundos de silêncio, pude ouvi-lo pegar algo, caminhar até mim e ficar ao meu lado, colocando uma de suas mãos sobre o meu ombro, fazendo com que uma onda de calor tomasse conta do meu corpo.

— Pronta?

— Não. — tentei controlar o nervosismo em minha voz — mas agora já é tarde demais.

Quando um painel se abriu a minha frente, congelei. Uma luz azul saiu de dentro daquele lugar e vários compartimentos começaram a se abrir, e eu vi. Vi que o que ele falava era ainda mais verídico. O que ele tinha guardado ali dava para iniciar mais duas guerras mundiais e ainda sobrava para exterminar os sobreviventes. Nathan estava armado até os dentes. Armas de vários calibres, sem falar de outras coisas que eu não fazia a mínima ideia para o que serviam. Não sei explicar o motivo de não ter ficado ainda mais assustada com tudo aquilo, mas sei que o meu corpo reagiu de uma forma que jamais pude imaginar.

— É aqui que vamos continuar a nossa conversa — quando dei por mim ele estava na minha frente e de costas para o seu armamento, e nem percebi quando ele tinha puxado outra cadeira e sentado — Lizzie, pode perguntar o que você quiser que eu vou responder.

— Merda... — soltei sem querer, já que o maldito filtro tinha ido pros quintos dos infernos — quantas armas... — eu realmente estava surpresa — você já usou a maioria? — eu não conseguia me concentrar e sentia que minha boca estava aberta como uma idiota.

— Sim. — respondeu, e pude notar pelo tom da sua voz que estava achando graça naquela minha atitude. — A maioria em missões oficiais. — eu mal conseguia ver o seu rosto, mas tinha certeza que ele estava esperando mais.

— Nossa... você deve ficar gostoso usando aquela roupa ali — mais uma vez o filtro não funcionou e eu me peguei apontando para uma roupa preta, com colete à prova de balas e coldre de couro preto.

— E eu achando que você gostava dos meus ternos — brincou, se acomodando melhor na cadeira; quando fez isso, um feixe de luz atravessou o seu rosto e seu peito nu, mostrando a firmeza e o poder estampados em seus olhos — depois eu visto ela para você. No entanto, eu sei que existem outras perguntas aí nessa sua cabecinha.

— Certo. Claro que tenho. — falei fechando a boca e limpando a imagem dele naquela roupa.

Que diabos eu tinha? Aquilo não era norma, não mesmo. Não quando era para eu estar completamente apavorada e sem

querer ver ou tocar nele... Mas havia algo diferente dentro de mim.

— Como a sua irmã se encaixa nisso tudo...? — questionei, raciocinando e tentando formar as palavras, antes de prosseguir para a próxima pergunta — isso se ela for mesmo sua irmã.

— Ela é o meu apoio... — fez uma pausa — e ela é sim minha irmã — disse antes mesmo que eu perguntasse —, e mesmo que eu não a quisesse nessa missão, não tenho controle sobre ela.

— E sua família — fiquei curiosa — onde eles se encaixam nisso tudo?

— Nossos pais morreram em um acidente de carro há onze anos. Depois disso me tornei responsável por ela, ou seja, Gretha é a única família que tenho — Deus! Ele era praticamente sozinho no mundo, assim como eu ele só tinha a irmã — ainda não me habituei em falar dos meus pais como se fosse algo do passado, e por isso não falei deles com mais detalhes quando contei sobre Gretha.

— O que vai acontecer, depois que isso tudo acabar?

— Eu serei o próximo presidente dos Estados Unidos. — Oi!? Como assim ele se tornaria presidente dos Estados Unidos?

— Mas, esse não é um disfarce? Você quer mesmo continuar na política, mesmo depois de tudo?

— Meu doce, esse já é o início da minha aposentadoria, mas vai ser para o serviço da inteligência. Lembra? Eu não tenho registro algum, e as informações que existem sobre a minha

vida, depois de tudo isso, foram implantadas, menos o meu nome — explicou calmamente, com o tom de voz baixo — é isso que acontece quando se termina uma missão como essa. Minha imagem foi criada para ficar na política, desde o momento em que recebi a missão.

Então era assim que os outros tinham realmente se tornado presidentes? Será que eram, na verdade, agentes do governo que tinham recebido suas “aposentadorias” depois de missões de alto risco?

— Onde exatamente o Ian entra? Ian sabe sobre você e Gretha?

— Sim, ele sabe que ela é uma agente. — ele começou a explicar — Ian é o analista comportamental, quase um detector de mentiras ambulante, e um ótimo agente de campo. É ele quem cuida dos acessos e invasão dos sistemas de informações codificados e criptografados.

— Ficou bem explícito agora — assenti tentando entender, ou melhor, sintetizar mais uma informação.

— Eu entendo que você não consegue expressar exatamente o que sente, por causa do impacto que as informações causaram em você, mas, se não conseguir assimilar, e quiser ir embora, eu vou entender...

E lá estávamos novamente na questão onde ele achava que eu não conseguiria suportar e que eu era feita de porcelana. Na verdade, eu não era feita de porra nenhuma além da vontade de querer justiça.

As coisas estavam muito estranhas na minha vida, e eu entendia que precisava dar um jeito de resolver isso tudo, e só

assim poderia ter uma vida feliz e plena ao lado dele. Isso se não acontecesse algo que destruísse os meus sonhos. Porém, ter fé também fazia parte da minha alma. Eu tinha uma vida de merda antes de conhecer Nathan, e depois dele, apesar do que tinha me acontecido, eu sentia meu corpo e minha alma mais leves. Eu ainda tinha fé que tudo se resolveria.

Meu amor por ele estava fazendo isso, e eu não tinha condições de me afastar nem um segundo sequer daquele homem, mesmo ele tendo matado quatrocentos e... puta que o pariu... ele tinha matado mais gente que o próprio Jack, o estripador. Está certo que o Jack era um assassino impetuoso e Nathan tinha motivos... ou não?

— E as pessoas inocentes... — quando comecei a falar, vi que ele ficou ainda mais quieto. Eu mal podia ouvir a sua respiração — realmente foi necessário, você sabe... matá-las?

— Matei mulheres... que eram mães, Lizzie — meu coração parou de bater e eu me esqueci de respirar com aquela revelação — mulheres que se jogaram na frente de seus maridos e filhos para que não fossem mortos, e depois disso algo dentro de mim mudou. A culpa de aquilo tudo ter acontecido foi de Isaäk... se ele não fosse um merda, e não conseguisse encontrar maneira de fugir, essas coisas não teriam acontecido. Eu sempre terei pesadelos com os rostos das pessoas que matei, mas Isaäk não se arrepende dos milhares que já matou...

— Eu não sei o que dizer... E nem o que fazer. — Nathan tinha um grande peso em suas costas, e esse peso era

consequência das investigações que ele tinha que fazer para poder chegar até Markov.

— Basta você saber toda a verdade sobre mim, e não fugir — dava para sentir a dor em sua voz — Casando comigo, se tornando minha mulher.

— Nathan... — suspirei tentando encontrar as palavras certas — eu disse o que você queria ouvir. Um talvez. Lembra? Não posso prometer nada, além disso. Por enquanto, você tem a mim e já sabe que eu sou sua. Completamente sua e não vou a lugar algum, mesmo que o meu corpo diga o contrário. Eu só preciso de um tempo para digerir tudo e organizar a minha vida...

— Então, se você é minha, você tem que usar algo no seu dedo, para que todos vejam que estamos juntos — quando dei por mim, Nathan estava ajoelhado bem na minha frente, todas as luzes começaram a acender e eu vi.

— Nathan... — o que ele estava fazendo? Mesmo depois de tudo que conversamos ainda estava tentando me convencer a dizer “sim”?

— Lizzie, meu amor... Passei uma vida inteira de sofrimento e dor procurando e tentando encontrar alguém que fizesse o meu coração voltar a bater mais forte, que fizesse os meus dias mais iluminados e minha alma livre de culpa. E enfim, encontrei você. A mulher de atitude e coragem, que fez meu mundo virar de ponta-cabeça com apenas um toque. Seja minha, Lizzie.

Nem em um milhão de anos eu conseguiria me recuperar daquele acontecimento. Meu pulso estava acelerado e tudo que

eu conseguia fazer era olhar para ele e escutar cada palavra que dizia.

— Não fuja de mim, mesmo que eu tenha feito coisas das quais não me orgulho nem um pouco. Hoje, quando completamos um mês, quero que você aceite ser minha, não apenas por um instante, mas para a vida toda — ele tinha uma caixinha em sua mão. Uma caixinha de couro preto, com forro azul por dentro e um anel. Não tinha brilhantes e nenhum tipo de pedra preciosa, apenas o anel de prata com uma fina linha dourada adornando, mas que aos meus olhos era o anel cravejado de diamantes mais caro do mundo. E como dizer apenas um talvez, quando ele estava bem ali, ajoelhado aos meus pés e me pedindo em casamento com aquele olhar apaixonado?

— É lindo... — murmurei, olhando para ele, amando ainda mais aquele homem, que mesmo tendo feito o que fez, deixava meu coração aquecido e ainda mais louca por ele.

— Apenas diga que aceita ser minha, e eu espero o seu sim. Espero por você — eu não respondi, apenas estendi a minha mão para ele, que com muito amor, colocou o anel no meu dedo, dando um beijo carinhoso e sorrindo — minha.

— Sua — era assim que eu me sentia. Dele. Eu era dele e nada nesse mundo ia me impedir de ser feliz ao seu lado...

Isso era o que eu pensava.

Capítulo 5



Então era assim que minha vida ao lado dele começaria. Eu tinha aceitado uma aliança dele, mas ainda teria que esperar um pouco até que finalmente casássemos. Como seria minha vida sem que ele estivesse nela? Já não conseguia me ver sem ele. Nathan tinha retirado um pequeno controle do bolso da calça e apertou o botão, fazendo o painel se fechar, mas antes de fechar completamente algo me chamou atenção, fazendo meu coração bater mais rápido e uma sensação estranha correr por minhas veias. Não era algo ruim, mas do tipo que me fazia ficar fascinada, mesmo sendo absurdo aquele sentimento. Foi a primeira vez que senti algo assim, apesar de não chegar nem perto do meu amor por Nathan.

— Nathan, espera — não consegui me controlar.

Aquele sentimento... Aquela vontade... Eu sabia que não podia ser natural. Não para mim, que de certo modo não estava familiarizada com aquele mundo.

— O que houve? — ele perguntou, me olhando confuso.

— O que é aquilo? — obviamente eu já sabia o que era, mas perguntei mesmo assim.

Eu apenas não sabia que ficaria maravilhada ao olhar uma. Ele imediatamente virou o rosto para poder entender a minha pergunta e precisou de alguns segundos para processá-la.

— Lizzie... — foi só o que ele conseguiu falar, já que não estava entendendo o que eu queria com aquela pergunta. Mas, eu sabia que ele era inteligente o suficiente para ligar uma coisa à

outra — de qual delas você está falando? — ele tinha entendido.

A sua voz tinha um tom de surpresa e seu rosto assumiu uma linha mais firme diante do feixe de luz que iluminava o seu rosto magnífico.

— A dourada...— me peguei sussurrando e até mesmo gostando da ideia de tocar. Estranho. Muito estranho.

Eu normalmente gostava muito do spray de pimenta, mas aquilo fez com que os pelos dos meus braços se arrepiassem e tentei me convencer que era apenas a adrenalina de ter um namorado/noivo agente. Vi Nathan apertar novamente o controle e as portas do painel se abriram, mas a única coisa para a qual eu conseguia olhar era ela. Nathan foi até lá, pegou-a nas mãos e travou, retirando o pente...

— Essa é uma Glock... Onze milímetros... — disse ele, vindo em minha direção.

— Ela é... — que tipo de sentimento uma arma poderia me trazer? — linda. — foi o que saiu da minha boca, antes mesmo de eu conseguir assimilar o que tinha acabado de dizer.

Nathan me observava, intrigado com o meu comportamento. Mas, fazer o quê... Eu não era normal mesmo, e mais uma esquisitice na minha vida não faria diferença.

— Eu acho que não foi uma boa ideia mostrar isso a você — falou se virando, indo em direção ao compartimento, porém, eu me apressei e me ouvi pedido algo ainda mais estranho.

— Me deixe tocá-la... — meu pedido o fez ficar de olhos arregalados.

Eu vi a expressão no seu rosto sob a luz azul que saía do compartimento. Ele tinha a incredulidade estampada em cada músculo do seu lindo e perfeito rosto.

— Por favor... — implorei ao me levantar da cadeira, indo na sua direção. Antes de ele pensar em ceder ao meu pedido, o maldito telefone tocou, me fazendo tomar um susto e nesse meio tempo, ele a guardou e fechou o compartimento rapidamente.

Será que eu tinha feito algo de ruim, pedindo para segurar uma arma? Nathan passou por mim e logo atendeu a chamada.

— Fox. — disse simplesmente com aquele tom superior, que me deixou preocupada — não... Pode deixá-los subirem... Certo, suba com eles também, e Gretha... A Lizzie... Isso mesmo. Tudo bem. Esperamos vocês na sala... Até daqui a pouco — quando ele desligou olhou para mim e passou a mão no cabelo, como se fosse algo bastante sério.

— A agente Lackin este aí, com o seu parceiro Murdok. Gretha informou que existem novas pistas sobre quem fez isso com você — por um momento meu mundo parou.

Ali havia uma esperança de que a justiça seria feita e eu finalmente ficaria livre daquele pesadelo. Assim, depois que tudo se resolvesse, eu finalmente traria a minha irmã para morar comigo no meu novo apartamento.

— Vamos meu doce... Você precisa vestir algo que não revele tanto a sua pele. — ele me olhou de cima a baixo e o meu corpo pegou fogo no mesmo momento em que percebi que nada tinha mudado entre nós dois.

No entanto, meu coração estava ainda acelerado e um sentimento diferente corria por minhas veias, talvez por causa daquele estranho fascínio despertado quando olhei para... Lizzie!

Subi rapidamente, indo ao closet retirar a camisa de Nathan e colocar um dos poucos vestidos que eu tinha. Corri para o banheiro e passei um pouco de água no rosto, tentando amenizar aquela cara de bunda que eu estava vendo na frente do espelho.

— Certo. Vai dar tudo certo — resmunguei para mim mesma.

Endireitei os ombros e ergui a cabeça, mostrando que estava pronta para receber os agentes e sua notícia sobre as novas pistas do cara que tinha feito aquilo comigo. Eu sabia. Eu tinha certeza que meu corpo o sentiria no exato momento em que ele chegasse perto de mim. Seria impossível aquilo acontecer, pois eu sabia que meu azar não era para tanto... Ou era?

Quando descí, Nathan já estava de camisa esperando sentado no sofá, cabisbaixo e pensativo. Será que ele tinha se arrependido de tudo e agora pensava em um jeito de me eliminar? Ah! Lizzie... você é tão ridícula! Se ele não me amasse é claro que não teria me revelado tudo. As batidas na porta fizeram com que Nathan suspirasse pesadamente antes de levantar para abrir, e os deixar entrarem.

— Tudo bem? — perguntei, fazendo-o olhar para mim.

— Vai ficar — a sua voz tinha algo... mais um segredo? Eu tinha que saber.

Eu precisava que ele continuasse confiando em mim, assim como eu confiava nele. Vi ele se mover pela sala com elegância

enquanto me peguei absorvendo cada movimento que fazia.

— Boa noite senhor, Fox — Lackin estendeu a mão para cumprimentar Nathan de forma profissional. — espero não ter atrapalhado o dia de vocês, mas como eu tinha informado a sua segurança, se trata de algo sobre as investigações.

— Entre — Nathan pediu, dando espaço para Lackin, Murdok e... Gretha.

Olhando para irmã dele, senti meus olhos arderem com vontade de chorar assim que ela olhou para mim. Não podia demonstrar na frente dos policiais que ela era irmã dele, já que para todos os efeitos era apenas sua motorista e segurança.

— Como vai, senhorita Radzimierski? — Isabella seguiu até onde eu estava, estendendo a mão para mim e eu apertei, forçando um leve sorriso que acho que mais pareceu uma careta.

— Acho que melhor. — respondi, me sentando ao lado de Nathan quando ele voltou.

Sabia que Murdok não conseguia socializar, sempre tinha aquela cara de quem tinha comido jiló com sal. Ele permaneceu em pé, ao lado dela, que estava sentada em uma das cadeiras que ficavam perto do sofá.

— Vou direto ao ponto — começou Isabella. — encontramos roupas a dois quarteirões de distância do ocorrido, a equipe está analisando as amostras juntamente com as que foram encontrados no vestido que você usava naquele dia.

— O que isso quer dizer? — olhei para ela e senti a mão de Nathan na minha cintura. Um contato bem-vindo.

— Quer dizer que o cara que fez isso com você era um tremendo de um filho da... — freou a língua antes de completar a frase, parecendo realmente estressada com o meu caso, mas de uma maneira positiva — me desculpem. — pediu e continuou — isso quer dizer que ele não contava com o fato de ser tão burro — eu a encarei franzindo o cenho, me sentindo um pouco aborrecida e ela percebeu — calma, não estou falando isso de maneira que pareça que eu fiquei triste com isso. Na verdade, eu vi que isso é uma oportunidade de ouro e fiquei muito feliz por saber que ele é burro.

— O que mais você tem sobre o caso? — Nathan ainda tinha sua mão na minha cintura. — encontraram alguma outra coisa que ajude na identificação do suspeito?

— Sim, encontramos uma câmera de segurança apontada para o beco onde tudo aconteceu, mas ela apenas gravou o início da chegada dele. As imagens não estão muito boas, contudo a equipe de vídeo está trabalhando nas imagens obtidas. — respondeu ela, completamente satisfeita por sua eficiência — ele não é muito forte e temos certeza que tem quase um metro e oitenta de altura, mas por enquanto é só isso. Já pegamos imagens das câmeras de vigilância da prefeitura e dos estabelecimentos próximos ao local do crime.

— Gostaria de ver essas imagens, junto com a minha equipe — não foi um pedido. Deus! Ele era incrível quando vestia a capa do homem-senador e colocava aquela cara de “Eu posso por que eu sou eu”.

— Senhor Fox... — Isabella começou a falar, mas Nathan levantou a mão fazendo com ele se calasse e Murdok de

mexesse desconfortável, olhando feio para Nathan.

— Não me leve a mal, senhorita Lackin, mas acho que esse favor você vai ter que fazer — ele olhou de uma maneira gélida para Murdok, que mesmo com o clima estranho não se deixou intimidar.

Nathan era treinado, então eu comecei a entender que ele sabia o que estava fazendo. Isso se ele mesmo já não tivesse todas as gravações possíveis e impossíveis.

— Sei que o secretário de segurança não vai me negar esse pedido, e espero que entenda que é da minha mulher — minha mulher! — que estamos falando.

— Eu até posso entender que o senhor possa pedir esse favor ao secretário, mas não acha que seria muito arriscado se envolver no caso dessa maneira...? — ela o questionou, olhando duramente para ele.

— Por que seria? — arqueou a sobrancelha para ela de maneira autoritária.

— Não podemos deixar que os familiares ou amigos das vítimas se envolvam desse jeito no caso, senhor Fox. Isso pode comprometer as investigações e pôr tudo a perder.

— Agente Lackin, eu não vou estragar as suas investigações, apenas quero acompanhar de perto. Tenho uma equipe de segurança capacitada para ajudar e não hesitarei em usá-la — bem, exceto pela moça de bigodes, o resto estava na linha de seguranças capacitados, mesmo que eu tenha tido uma parcela de culpa por ter fugido daquela maneira.

— Faça como desejar, senhor Fox — Isabella respondeu com um tom irritado, olhando para ele.

Depois que eles foram embora parecia que um peso tinha ganhado mais uma tonelada nas minhas costas. Eu não conseguiria relaxar enquanto não soubesse quem era o merda que tinha feito aquilo comigo. Ele poderia facilmente ter feito isso com outras mulheres e tinha que pagar por isso. Gretha estava no escritório com Nathan, com certeza encontrando um jeito de ajudar a polícia a pegar aquele safado. Por mais que aquele momento fosse tenso, a minha barriga roncou estrondosamente, me assustando. Fui até a cozinha e preparei algo para eu, Nathan e Gretha comer, mas é claro que eu tinha quase certeza que ela não ficaria para almoçar. Já passava do meio dia e nada deles saírem daquele escritório. O jeito foi correr até o quarto e verificar meu celular, e como eu pressentia, Tati tinha deixado mensagens, assim como Elijah.

“Saudades de você Liz. Olha, espero que esteja tudo bem entre você e Nathan. O jornal não é a mesma coisa sem você gritando palavrões – Tati”.

“Você está de licença por tempo indeterminado Lizzie, aproveite esse tempo para relaxar – Chefe”.

As outras mensagens eu não li, e por mais que o que tivesse me acontecido fosse aterrorizante, tudo o que eu queria era voltar a trabalhar o mais breve possível. Eu ainda tinha a ideia fixa de investigar Isaäk, já que Nathan não seria tão imprudente a ponto de me ceder informações. Sentei na cama com o celular nas mãos, fitei a cidade pela janela e não consegui parar de pensar na minha vida. Seria tão mais fácil se eu tivesse nascido em outra família. Uma família que não fosse tão descompensada quanto a minha.

— Lizzie, você está bem? — perguntou Nathan, me fazendo voltar para terra.

— Não sei dizer... — suspirei, ainda olhando para a cidade — acho que sim.

— Eu estou preocupado com você — eu tive que virar o rosto e encarar Nathan. Ficamos nos olhando por alguns minutos até ele abrir a boca e continuar: — conversei com Ian, e acho uma boa ideia você falar sobre tudo o que aconteceu hoje...

— Tudo bem — concordei.

— Eu tenho uma reunião em duas horas com o chefe do partido... — fez uma breve pausa e desviou o olhar — não quero deixar você sozinha aqui. Eu queria adiar, mas é algo muito importante para manter a fachada de candidato...

— Entendo, Nathan — ele estava distante. Mas, o que será que tinha acontecido para ele ficar daquela forma?

— Elijah ficou contente em poder liberar a sua amiga para vir aqui — Nathan não tinha sentado ao meu lado. Na verdade, parecia desconfortável no seu próprio quarto e aquilo me incomodou.

— O que você tem? — atirei as palavras, fazendo ele se surpreender.

— Nada, Lizzie. — Lizzie? Tá, o meu nome saindo da boca dele já estava começando a me deixar irritada.

— Nada, Lizzie. — imitei o tom de voz dele — caralho! Diz logo o que você tem.

Ele finalmente andou até mim e se sentou ao meu lado, apoiando os cotovelos nas coxas sem olhar para mim.

— Vai chegar o dia — começou — em que você vai precisar ainda mais de força e coragem — como assim, ia chegar o dia... coragem... força? Do que ele estava falando? — e...

— E?

— E eu quero estar ao seu lado. Sempre.

— Nathan... olha para mim — pedi, segurando uma de suas mãos, mas ele não olhou. Sem pensar duas vezes, me levantei deixando o celular sobre a cama, ficando de frente para ele — meu amor... olha pra mim — murmurei com carinho e finalmente ele me olhou. Não me contive. Soltei a sua mão, levei as minhas até o seu rosto, segurando-o entre elas, me aproximando para provar da boca dele, porém, ele segurou minhas mãos e se afastou um pouco. — Nathan, você não quer me beijar, é isso?

— Não é isso... — ele virou o rosto, olhando para o outro lado do quarto.

— Então, o que é? — perguntei magoada. No entanto, ele não me respondeu. Fiz a minha última tentativa, e se ele me rejeitasse novamente, eu manteria distância dele — o que houve?

— Nada — ele suspirou, mas não se afastou de mim — acho que devem ser os problemas, tirando um pouco o meu foco — disse por fim. Nathan se aproximou mais, tocando meu rosto com a ponta dos dedos, seguindo a linha do meu queixo e me olhando profundamente — me desculpe por isso. — como ficar pensando em mais alguma coisa, quando ele estava ali, tão lindo e me olhando com amor? Se bem que, às vezes, Nathan mais parecia uma mulher com síndrome da TPM constante.

— Achei que queria um pouco de espaço quando se afastou — falei, enquanto sua mão quente ainda estava no meu rosto — achei que não queria me tocar...

— Isso nunca. — disse firme, com aquela voz rouca — tocar você é o que mais me faz feliz — então, por que ele tinha se afastado de mim daquela forma?

Antes que eu continuasse me questionando, senti sua boca tomar a minha em um beijo calmo e carinhoso, enquanto suas mãos seguravam meu rosto. Sua língua acariciava a minha e a minha a dele, em um ritmo lento, porém delicioso. Eu fechei os olhos, absorvendo cada momento, cada movimento e cada sensação que aquele beijo me proporcionou.

— Promete que vai continuar me amando, mesmo que tudo pareça perdido? — pediu, quando se afastou um pouco, me forçando a abrir os olhos, encostando sua testa na minha e me olhando com aqueles olhos azuis perfeitos.

— Sempre vou te amar, Nathan — sussurrei apaixonada. — sempre.

— Te amo, Lizzie — a voz dele me pareceu tão sofrida — te amo como nunca amei ninguém — mesmo sentindo que ainda tinha algo estranho, fiquei feliz por ele me amar, por estar ali ao meu lado. — te amo mais que a minha própria vida.

Quando Nathan saiu, fiquei esperando Tati chegar. Seria muito bom ter um tempo com ela, já que era a minha única amiga. Pensei em como minha vida tinha mudado e em como a amizade com Matt tinha ficado diferente. E só em pensar nele, meu corpo reagia de um modo diferente... estranho. Ainda sentia os calafrios pelo meu corpo quando lembrava o beijo

dele e as suas mãos segurando minha cintura quando me pegou à força na frente do prédio onde eu morava. Seria tão mais fácil se ele apenas fosse como o antigo Matt, que implicava com as minhas roupas e com o meu cabelo estilo palha de aço.

— A Mag estava falando sobre uma matéria, onde dizia que tomar água meia hora antes de comer algo pela manhã sem escovar os dentes, emagrece... e sabe, eu não acredito nisso, mas vou tentar... Liz, você está me escutando? — eu estava escutando. Bem, apenas o final da conversa.

— Desculpa, Tati. — pedi honestamente e ela apenas deu de ombros e sorriu.

— Tudo bem — disse — você passou por muita coisa, então, acho que deve ser normal que fique voando assim.

— Que tal falarmos um pouco sobre você? — eu realmente queria saber sobre ela e como tinha sido sua noite com Elijah, depois que ele a levou da boate. O rosto dela ficou vermelho e sabia que estava com vergonha.

— Na verdade — começou um pouco nervosa — eu não lembro muito bem o que aconteceu, mas quando acordei estava deitada na cama dele...

— Ah! Claro... Cupcake gostoso! — não segurei a vontade de rir. Ao menos, ainda tinha uma boa lembrança daquela noite horrorosa.

— Me diz que eu não fiz nada vergonhoso! — choramingou, escondendo o rosto com as mãos.

— Além do fato de você querer ser acrobata e ficar falando a cada meio segundo que queria provar do gosto dele... —

gargalhei pela primeira vez, com vontade. — acho que nada mais.

— Ele não me disse nada. Como ele pôde?

— Ele ficou muito feliz em poder cuidar de você, Tati — vi o quanto ela ficou surpresa quando eu falei aquilo — na verdade, ele ficou rindo como um bobo quando eu disse que você tentava subir no tecido...

— Não era para você ter dito isso... — fez uma careta, ao mesmo tempo em que os seus ombros caíram e ela fechou os olhos — mas, pensando bem... Acho que foi a melhor noite da minha vida... — suspirou — acordei com ele ao meu lado e a minha cabeça no seu ombro.

— Então, pense — ponderei — se você acordou com a cabeça no ombro dele, não rolou nada além de carinho... — ela me olhou por alguns segundos, entendendo o que tinha acontecido.

— Verdade, mas, ainda assim eu queria ter sentindo o beijo dele... de novo — esmoreceu e ficou triste.

— Eu tenho certeza que ele gosta muito de você — eu falei firme — a forma como ele te olhou foi tão linda. — quando dei por mim, Tati estava segurando minha mão direita, com os olhos arregalados.

— O. Que. É. Isso? — uma hora ou outra todos iriam saber que Nathan tinha me dado um anel, eu apenas precisava explicar que não era o que eles pensariam.

— Calma. — sorri, vendo-a mudar de cor, do vermelho para o branco e do branco para o quase transparente. — é apenas

um anel de compromisso, ou noivado... ainda não decidi. Porém, ainda é muito cedo para casar.

— Ah! Deus do céu! — resmungou. — e eu achando que você estava grávida... — brincou. Seria impossível eu ficar grávida naquele momento.

— Não é para tanto e fico muito feliz em saber que você acha que ele apenas se casaria comigo se eu estivesse grávida. — fingi ficar ofendida e ela começou a rir. — e eu achando que era pela minha beleza ruiva...

— Ah! Vai saber né... Há louco para tudo nesse mundo. — se levantou indo em direção à janela — a vista é linda daqui, você não acha?

— Sem chance. — comecei a rir.

— Por que sem chance? Você e ele... tipo... Deus! Ah! Você sabe...

— Claro que sim...

— Você anda tomando alguma coisa, ou usa camisinha?

Droga! Merda! Merdinha! Merdão!

— Lizzie, você está roxa. — disse ela alarmada, voltando a sentar ao meu lado.

— Roxa eu já sabia... — murmurei.

— O que foi?

— Não usamos nada...

— Mas que merda! Você não pensou que poderia engravidar? — perguntou preocupada. Na verdade, eu não me preocupava com nada quando ele aparecia na minha frente, e nem pensei que, mesmo ele me mostrando exames, eu poderia engravidar. Isso não poderia acontecer.

— Não foram tantas vezes assim — tentei me convencer que precisaria mais do que algumas trepadas com ele para poder engravidar.

— Bom, de qualquer forma, eu quero que você se cuide melhor. — era tão bom ver minha amiga cuidando de mim, que fez o meu coração a amar ainda mais.

— Eu vou. — prometi.

Quando Nathan chegasse, teríamos uma conversa séria sobre isso. Não seria bom para o nosso relacionamento ter um filho, ou uma filha, com os nossos mundos completamente bagunçados.

Capítulo 6



Já tinha anoitecido e eu esperava Nathan sentada no sofá da sala. Quando ele entrou, com a gravata frouxa e o cabelo bagunçado, percebi que o seu dia tinha sido muito ruim. Ele não tinha sorrido, ou mesmo esboçado qualquer reação de que estava bem.

— Nathan... — tentei perguntar, mas ele já estava segurando meu rosto entre suas mãos e me beijando.

Era um beijo de desespero, e eu poderia até estar imaginando, mas acho que tinha medo. Eu queria conversar com ele sobre um assunto que requeria mais da nossa atenção, no entanto, no momento em que ele me beijou, meu cérebro entrou em curto-circuito e eu me esqueci até de respirar.

Nathan afastou as mãos do meu rosto e retirou o terno, jogando-o de lado. Ele não tocava em mim de maneira agressiva, ou bruta, mantinha o cuidado que sempre tivera comigo, porém, de um jeito diferente. Cheio de desejo e puro fogo. A respiração dele estava acelerada e um gemido rouco e profundo saiu da sua garganta enquanto tirava a camisa. O calor do seu corpo tomava conta do meu, me queimando por inteira. Eu sempre soube que era dele, mas nunca pensei que seria de uma forma tão intensão e tão cheia de tesão.

Quando ele se afastou, retirou o cinto da calça e depois a desabotoou, descendo o zíper e levando junto a cueca quando abaixou a calça por completo. E lá estava ele, lindo e completamente duro, parado na minha frente. Isso era uma

coisa da qual eu nunca me cansaria: vê-lo daquela forma, tão gloriosa e majestosa, com cara de foderor, porém, ao mesmo tempo, de homem apaixonado. Ele não queria conversar, na verdade, a conversa que ele queria ter não incluía isso de diálogos. Apenas gemidos e palavrões faziam parte do que ele queria, e era o que eu queria também. Ter Nathan duro, crescendo e metendo cada vez mais fundo dentro de mim.

Não foi preciso ele pedir para que eu tirasse a roupa. Só aquele olhar profundo e completamente penetrante já me fez entender o que tinha que fazer. Tirei a minha roupa, ficando completamente nua.

— Hoje você vai aprender a cavalgar no meu pau... — Deus!!! Com aquela voz, aquele olhar e aquele pau gostoso parado bem na minha frente, é claro que eu ia obedecer e ser uma boa aluna — vou ficar paradinho enquanto você me come com essa bocetinha apertada e gostosa. Entendeu? — não sei o que tinha acontecido com ele, porém, falando daquela maneira, eu deixei para perguntar depois que terminasse de comê-lo, e bem comido.

Nathan sentou no sofá, de frente para mim, e eu pude admirar ainda mais todo o seu corpo musculoso, sua pele perfeita e aquele sorrisinho safado, que eu tanto queria ver, no canto da sua boca.

— Está esperando o quê para brincar de cavalinho, meu doce?

Nathan estava segurando a base do seu membro com a mão direita, alisando, subindo e descendo em torno daquele monumento de dar água na boca. Ele estava bem à vontade

sentado naquele sofá e nem parecia aquele Nathan que tinha entrado tão carregado de preocupação.

— Vem me fazer feliz me fazendo gozar, enquanto faço você pedir mais de mim dentro de você — não pensei duas vezes.

Subi no sofá, ficando com as pernas abertas sobre o corpo de Nathan, que me olhava como se fosse me comer. Levou sua mão livre até a minha intimidade e arrastou o seu dedo indicador preguiçosamente no contorno, espalhando minha umidade, enquanto eu fechava os olhos e pendia a cabeça para trás. Seu dedo fez círculos firmes no meu clitóris, e escorregou lentamente pela minha entrada, até ser introduzido em mim, me fazendo gemer sem um pinga de vergonha na cara, já que isso — com ele —, eu nunca tive.

— Isso é que é uma visão maravilhosa... — murmurou, e eu tive que voltar a olhar para ele.

— Nathan... — minhas pernas já estavam tremendo pela expectativa de tê-lo por completo em mim, me fodendo como só ele poderia fazer.

— Eu sou seu, meu doce — sua respiração estava tão alta quanto a minha — você é quem vai fazer todo o trabalho pesado... — e realmente, ele era pesado... — deixe de pensar muito e sente nele. Aproveite sem moderação.

Eu me agachei, segurando no encosto do sofá, me deixando levar pela sensação de ter ele.... Oh! Deus! Como era que um homem poderia ser tão gostoso daquela forma? Bem, se eu fosse pensar direito, apenas ele era daquela forma. Duvidava muito que existisse outro homem tão perfeito quando ele no mundo. Mesmo escondendo tantos segredos, ele ainda era

meu porto seguro. O homem de braços fortes, que me fazia sentir protegida e que era apenas meu e de mais ninguém. Perdida nesse pensamento eu me vi cavalgando como uma louca, gemendo, chamando seu nome, enquanto ele me olhava praticamente me venerando, como só ele sabia fazer. Ele não segurou meu corpo, me deixou livre para que eu mexesse o quadril, rebolando quando era necessário e voltando a subir e descer. Eu me sentia contrair em torno dele. E a cada gota de desejo que ia sendo acrescentada, eu contraía mais.

— Oh! Você é tão gostoso... — praticamente gritei, quando ele foi de encontro aos meus movimentos, elevando o seu quadril, enterrando mais fundo.

— Seu, meu doce — estocou novamente, sem tocar no meu corpo. E isso estava me matando por dentro. Eu queria sentir seu toque nos meus seios... o calor da boca dele percorrer cada pedaço do meu corpo — seu...

— Meu... — gemi alto, implorando silenciosamente por seu toque. Meus olhos foram se fechando, novamente, para absorver tudo que ele tinha para me dar — me to... — não precisei terminar. Senti a sua boca no meu seio, chupando e lambendo enquanto estocava e gemia — eu vou...

— Gozar — ele terminou minha frase, se afastando apenas para olhar nos meus olhos quando voltei a olhar para ele — goza vai... goza bem gostoso, minha Jessi Rabbit do caralho... — aquele comando foi o suficiente para que eu explodisse e me desmanchasse, cavalgando no seu pau, sentindo ele se entregar, gozando forte com a estocada final.

Naquela noite não falamos mais nada, apenas subimos para o quarto. Eu estava esgotada e cansada. Não cansada apenas do sexo gostoso, mas de tudo. Parecia que o peso de tudo que tinha acontecido só surtiu efeito quando o corpo pesou e precisou recarregar as energias.

Bom, nada como uma noite de sono ferrado para melhorar meu corpo, mesmo que as minhas costelas ainda estivessem doloridas. Quando acordei, Nathan estava descoberto, completamente nu, com aquela bunda linda me chamando para apertar, mas não fiz mesmo que a tentação fosse grande. Não tinha se passado nem uma semana desde que tudo tinha me acontecido, e ainda assim, eu queria sair de casa e ir trabalhar. Queria voltar a fazer todas as coisas que eu fazia antes de tudo ser transformado em um borrão de merda na minha vida. O mais estranho era que eu me sentia bem para voltar a ter a minha rotina. O sentimento de sujeira e corpo podre parecia não existir mais.

Nathan resmungou algo ainda dormindo, quando eu me levantei da cama e foi em direção ao banheiro. Queria tomar um banho, me arrumar e fazer algo útil. Útil não, algo produtivo, e isso incluía fazer pesquisas e digitar um texto enorme. Com certeza, todos da redação já estavam sabendo sobre o ocorrido e eu já previa uns olhares de “Coitadinha”, e “Ah! Ela não deveria ter passado por isso”, e mais um “Que crueldade fizeram com ela”. Porém, eu não queria que pensassem dessa forma. Eu já tinha padecido a minha carga de sofrimento o suficiente para o resto da vida e mesmo assim eu queria mudar a minha forma de pensar. Passei boa parte da minha vida sem

procurar ajuda, e enfim, eu encontrei. Com Nathan ao meu lado, nada mais importava. Com Nathan me desejando, mesmo depois de tudo, eu seria forte.

Nenhum homem iria tocar novamente no meu corpo daquela forma. Não mais. Se o desgraçado do vidro quebrado não tivesse aparecido no meu caminho e cortado meu pé, eu teria me defendido à altura e chutado as bolas daquele desgraçado, ou até mesmo castrado ele com a ponta do meu salto. Fiquei alguns segundos, acho que minutos, pensando em uma forma coerente de arrancar as bolas do homem que tinha me perseguido no beco escuro e frio. O pensamento de vingança percorreu todo o meu corpo com a imagem da ponta do meu salto sendo enfiada nas bolas dele e o sangue escorrendo por entre suas pernas. Eu podia até ouvir os seus gritos e até senti um sorriso se formar no canto da minha boca.

Terminei meu banho ciente que o mundo precisava economizar água, e, se fosse depender da minha imaginação para sair daquele chuveiro, a água do mundo estaria acabada. Escovei meus dentes e sequei o cabelo com a toalha, indo logo em seguida para o closet, onde peguei uma calça jeans azul escura, uma blusa regata, meu conjunto de calcinha e sutiã e os vestindo apressada, sempre olhando se ele estava perto de acordar. Eu senti que a noite passada tinha sido bem pesada e talvez ele quisesse conversar sobre o que tinha acontecido quando acordasse e se sentisse bem melhor.

Corri do quarto para a cozinha preparar uma boa dose de café bem forte e algo para comer quando ele acordasse. Coloquei a jarra com o suco de laranja fresquinho na mesa,

junto com as panquecas e os ovos mexidos. Aproveitei para preparar algumas deliciosas torradas com recheio de geleia de morangos e outras com nutella. Se eu estivesse certa, ele já tinha sentido o cheiro da comida e a necessidade de repor energias. E eu esperei. Esperei mais um pouco, até que a pouca paciência que eu tinha foi embora e eu subi. Bom, eu não queria acordá-lo quando tinha fugido do quarto para preparar o café da manhã e pensar mais um pouco nas mil formas de se estourar um testículo, mas ele estava demorando muito para descer. Quando entrei no quarto ele já não estava mais na cama e o barulho da água do chuveiro anunciou que estava tomando banho. Segui até o banheiro e lá estava a visão perfeita de um deus grego do pau grande tomando banho. Com certeza eu precisaria de um bom tempo para me acostumar com aquela maravilha de homem.

— Vai ficar só olhando ou vai me ajudar a tirar a espuma? — eu era tão previsível assim? Ou ele sempre esteve um passo à frente de tudo que eu pensava que sabia, ou até tentava entender? Mas é claro que sim. O homem era altamente treinado. Praticamente uma arma em forma de músculos e um corpo bem-dotado.

— Não vou ajudar você em nada, seu pervertido. — resmunguei, fingindo ficar chateada pelo fato dele ter me pego olhando-o. Eu era completamente louca por aquele homem e ele nem precisou se esforçar muito para entrar no meu coração.

— O que seria do mundo sem mim, meu doce? Seria um mundo sem ar... — disse desligando o chuveiro, e saindo para pegar a toalha... e puta merda, ele estava completamente duro!

Só não entendia aquele sentimento de vergonha tomar conta do meu rosto, me fazendo sentir o sangue esquentar por todo o meu corpo. Logo eu, que já tinha provado o gosto que ele tinha de forma tão deliciosa.

— Você me olhando desse jeito não ajuda muito, sabia? — arqueou a sobrancelha para mim, tentando esconder o sorriso safado que se formava no canto da sua boca.

— Se ao menos tivesse a decência de se cobrir com algo, não me faria ter pensamentos obscenos e completamente devassos... — dei de ombros, querendo parecer indiferente com aquela situação, mesmo sabendo que olhando para ele nada no mundo poderia ser indiferente.

— Vou me lembrar de perguntar depois quais são esses pensamentos, senhorita Radzimierski — disse ao enrolar a toalha na cintura e aquele volume ficar ainda mais chamativo.

Nathan se aproximou, segurou meu rosto entre as mãos e me beijou. Fechei os olhos e senti cada fibra do meu corpo reagir a ele. Ele me beijou completamente diferente da forma como tinha beijado na noite passada. Era algo mais carinhoso e cheio de paixão. Sua língua acariciando a minha e me fazendo querer ainda mais o calor da sua boca. Ele contornava meu lábio inferior com a ponta da língua e depois sugava e a enfiava na minha boca, sempre procurando a minha língua, e assim, todo o ar que existia em mim estava se extinguindo.

— Vou pedir de novo — se afastou um pouco para poder falar — se case comigo, meu doce....

— Nathan... — abri os olhos, fitando aquele rosto de traços fortes e completamente hipnotizante — você sabe que o que eu

mais quero é ficar com você pelo resto da minha vida. Mas, eu quero... — ele colocou o dedo indicador nos meus lábios, me fazendo ficar em silêncio.

— Eu sei — resmungou, forçando um sorriso — eu sei. Chloe.... Investigação....

— Isso mesmo. — eu tentei sorrir, mas o meu sorriso saiu ainda mais forçado que o dele — preciso tirar a minha irmã daquele lugar, e tentar aproveitar um pouco o tempo ao lado dela.

— É o certo a ser feito — ele disse, beijando de leve meus lábios — mas não vou desistir de perguntar todos os dias se você aceita se casar comigo.

— Lembre que você já conseguiu um talvez. Agora é apenas uma questão de tempo, até você conseguir um sim.

— Ah! Essa é a minha esperança. Nem que eu tenha que torturar você, usando o sexo como uma arma fundamental para obter o resultado desejado — sorriu, mas não foi um sorriso forçado como antes. Foi um sorriso largo... safado — senti o cheiro daqui... — se afastou mais um pouco, seguindo para o closet.

— Você estava dormindo...

— Pois é... — ouvi a sua voz enquanto ele se trocava — você pensou que eu estava dormindo, mas na verdade, fiquei quieto no meu canto, observando essa sua bunda maravilhosa quando foi tomar banho e enquanto se trocava....

— Então, gostou? — provoquei.

— Ah! Você sabe... nada mal — brincou, dando de ombros.

Quando ele saiu do closet já estava devidamente vestido para matar... espera, que matar não caiu muito bem, pronto para caçar, seria o certo. Ele estava usando um lindo terno preto risca-de-giz, que eu tinha certeza ter sido feito sob medida para ele, e sapatos pretos brilhantes. Nathan seguiu para o enorme espelho e terminou de arrumar a gravata, me dando um incrível espetáculo de beleza masculina! Ele era uma delícia, todo coberto por aqueles pedaços de tecido e sem eles também.

— Adoro quando você me olha assim. Nunca vou me cansar disso.

— Tá! Pronto, parei. Isso é constrangedor, sabia? — sentei na beira da cama cruzando os braços — você poderia fingir que não percebeu.

— Impossível, meu doce. — se virou, colocando as mãos nos bolsos da calça — como estou?

— Você sabe... — dei de ombros — nada mal. — soltei com uma boa dose de sarcasmo.

— Já sei que estou muito gostoso — riu, se aproximando e me beijando — bom, tenho uma reunião com o pessoal que vai “financiar” a minha campanha, e vou ter que deixar você por duas horas. Lucius vai ficar encarregado da sua segurança, caso deseje sair. Eu sei que deve ser um saco ficar trancada aqui. Então, se quiser, pode sair e fazer umas compras....

— Não vou sair para fazer compras — fechei a cara — não com o seu dinheiro. Você já está me ajudando demais.... Eu vou trabalhar hoje... — eu podia sentir o chão começar a tremer, mas.... Que se fodesse. Eu não estava nem aí. Eu tinha que

voltar a fazer o que eu mais gostava, que era trabalhar no The Poster.

— Você o quê?!!! — quase estourou meus tímpanos com o grito que deu — nem pensar. Elijah disse que você está de licença...

— Licença é o cacete! — falei alto, me levantando — Nathan, eu o amo mais do que a mim mesma, mas você não ouse me impedir de trabalhar. E não estou nem aí para o quão perigoso você é.... eu posso ser mais — franzi o cenho de maneira ameaçadora.

— Merda! Lizzie — resmungou, passando as mãos de modo exasperado no cabelo enquanto olhava para mim — não faz nem uma semana que você passou...

— Eu sei. E não quero ficar aqui, ou em uma loja qualquer, tentando não pensar no que me aconteceu. Quero voltar a trabalhar, Nathan.

— Lucius... — ele começou, mas eu o interrompi.

— Entendi — suspirei pesadamente — vai ficar na minha cola.

— Seria muito azar nosso se algo de ruim acontecesse, de novo, com você — proferiu irritado.

— Não vai acontecer nada. — assegurei — até porque Lucius vai cuidar bem de mim.

— E aí dele se não cuidar — assim que ele falou me veio o pensamento sobre o que ele poderia ter feito com a mulher que fez a minha segurança na noite em que vi Nathan disparando contra a cabeça do homem. Quando relembrei tudo, estremeci.

— Não vamos discutir. Isso está acabando comigo....

- Você vai acabar me fazendo perder o juízo, meu doce.
- Café, Nathan... Vamos tomar café, que é bem melhor.

Capítulo 7



Foi estranho não ter Nathan ao meu lado quando o carro parou. Foi estranho eu não ter Gretha me olhando com um olhar de censura quando abria a porta e eu reclamava. Foi estranho ter Lucius abrindo a porta do carro e me seguindo como uma sombra. Não que eu não gostasse de Lucius, na verdade eu gostava do grandão. Entretanto, aquela sensação de ficar perto de homens estava ainda mais insuportável. Até cheguei a pensar que tinha sido uma péssima ideia voltar a trabalhar. Eu sabia que ele estava ali para me proteger e faria isso muito bem. Ele parecia entender de alguma forma o meu desconforto e mantinha uma distância bem significativa de mim. E eu agradecia a Deus por ele perceber.

E lá estava eu na frente do The Poster, pronta para trabalhar. Não vesti minhas habituais roupas. Decidi usar uma saia preta, que ia até os joelhos e tinha uma cintura marcada, junto com uma blusa branca de mangas e um lindo... tênis. Eu poderia não ser a mulher mais bem-vestida do mundo, mas eu tinha tênis estilosos nos meus pés. Acho que salto alto, naquela situação, não cairia bem. Não quando o meu pé ainda não estava cicatrizado por completo. Quando passei pela recepção lotada todos se viraram para me olhar. Eu até que estava com a cara boa... quer dizer, eu não fiz questão de esconder os hematomas roxos e esverdeados que decoravam meu rosto e, para falar a verdade, não estava querendo me importar com aquilo e também não queria que as pessoas me vissem como a

“coitadinha”. Eu estava pronta para matar um leão, e esse leão era o meu medo. Não era hora de retroceder, e sim de erguer a cabeça e mostrar para o mundo que eu era capaz de enfrentar meus monstros.

— O que você pensa que está fazendo aqui? — pensando bem, um leão seria melhor do que enfrentar o meu chefe.

Virei-me, olhando para ele que estava visivelmente irritado com a minha presença. Elijah era do tipo bom moço, mas no tamanho de um lenhador, daqueles livros eróticos de banca... com direito a sorrisinho fofo e cativante misturado com uma beleza incrível. No entanto, isso era apenas uma máscara para esconder o lado Darth Vader que existia dentro dele.

— O que você acha? — não era porque ele era o meu chefe que eu baixava a cabeça para ele.

— Qual a parte do “você está de licença” não entrou na sua cabeça? — perguntou aborrecido.

— Lizzie... — a coisa mais linda e de bochechas rosadas saiu de detrás daquele homem enorme, por quem ela era apaixonada. Tati, com seus cabelos longos e loiros, em um vestidinho verde que combinava com os seus lindos olhos — o que você... — ela se calou, quando olhou para Elijah, que estava a ponto de explodir — Ah... — sussurrou, se afastando um pouco dele.

— Ah... mesmo — explodiu Elijah, chamando a atenção de todos. Como se isso fosse possível, já que eu tinha um letreiro luminoso na testa “fui estuprada”, bem grande e chamativo — olha para você, ainda está toda roxa. Que merda Radzimierski!

— Eu... — quando abri a boca para falar, ele me olhou como se eu fosse um bicho de sete cabeças. — não posso ficar em casa, Elijah... então, eu resolvi trabalhar — quando terminei de falar o telefone dele tocou e irritado, o atendeu.

— Hunter — eu tinha certeza que ele estava procurando variadas formas de me queimar apenas com aquele olhar — mas... — soltou ríspido. — não acho isso certo... eu vou fazer isso. Pode deixar, eu cuido dela. Bem melhor do que você — desligou. Merdaaaa! Eu já tinha uma ideia de quem estava do outro lado da linha pela forma como ele falou.

— Nathan.

— Isso — confirmou. — você não vai mais ficar na sua mesa.

— Oi?

— Você é surda? — merda, duas vezes! — agora você está sendo promovida. Ordens do Fox. Trate de ir direto para a sala que era...

— Era? — como assim? Eu tinha sido promovida? Isso não estava certo...

— Lizzie, converse com o seu namorado. Apenas concordei com ele e agora vou poder ficar de olho em você. Eu já estava pensando mesmo em promovê-la... Fox apenas adiantou os meus planos. — Ah! Deus... tinha como não gostar de Elijah? Claro que não. Desde o começo, ele sempre foi como um pai para mim, ou o mais próximo de um. Adorava brigar com ele, e adorava poder ter um chefe tão cuidadoso.

— Adoroooo.... — Tati soltou sem querer, escondendo o risinho mais lindo do mundo.

— Cupcake... — oi? Ele a tinha chamado de “Cupcake”? E aquilo no rosto dela era vergonha? — hoje você está livre para ficar com a Radzimierski. — A voz dele ficou tão doce com ela que até tive vontade de sair dali com o meu namorado, quase noivo.

Em todos os anos que trabalhei naquele jornal, nunca tinha visto ele tão derretido por uma mulher como estava por Tati. Apesar de estarem namorando, ele mantinha o profissionalismo e sabia que só a tinha chamado daquela forma porque estava na minha frente.

— Tudo bem. — ela disse olhando com carinho para ele.

— Já que você quer trabalhar, Radzimierski...— falou ao se virar — mova essa bunda e comece agora mesmo. — e sumiu, indo em direção a sua sala.

—Tênis? — perguntou Tati, arqueando a sobrancelha — e um Men In Black bem atrás de você?

— Pois é.... — suspirei — era isso ou ficar em casa olhando para o teto e pensando... — bom, eu não poderia dizer a ela que existia outra coisa com a qual eu tinha que me preocupar... ou seja, essa outra coisa era o fato do meu Nathan ser um agente secreto do caralho e uma máquina de matar.

— Então... — saltitou até ficar bem ao meu lado, passando o braço no meu e me puxando — vamos trabalhar. Tem uma matéria sobre um homem que está dormindo com a primeira dama... melhor, a mulher do prefeito — eu odiava ter que escrever sobre esse tipo de matéria, mais ainda quando não envolvia coisas realmente importantes — e tem um texto sobre

drogas, seus usuários e as famílias do Queens... — essa, no entanto, era uma matéria que me chamava atenção.

Quem sabe existisse algum informante no meio que me fizesse chegar um pouco mais perto de Isaäk? Porém, eu sabia que não poderia sair dali. Não quando eu tinha prometido a Nathan que ficaria quieta no meu canto. Lucius era tão silencioso que até chegava a ser invisível... Tati tagarelava sem parar e meus olhos varreram a redação, procurando Matt e ignorando os olhares e os rostos chorosos das pessoas.

Ele não estava lá.

— Liz, você não me ouviu! — resmungou Tati, fechando a porta da sala.

Eu tinha uma das minhas melhores lembranças de Nathan ali. Assim que nos conhecemos e ele não sabia o que tinha me acontecido e nem o quanto nos apaixonaríamos um pelo outro. Nathan estava tão... gostoso com aquele terno azul-escuro e a camisa definindo seu abdômen... com aquela calça apertada e aquele ar de confiança e poder que só ele tinha. E a forma como ele tinha falado comigo... Ah! Como eu já sentia saudades daquele homem e da forma como ele me tratava.

— Desculpa — pedi, sorrindo sinceramente.

— Já sei quem é o culpado disso — ela foi até a cadeira, pegou uma revista como se fosse a coisa mais natural do mundo e disse: — ainda bem que eu já tenho o meu, caso contrário.... Você não teria chances — brincou, e eu tive que rir junto com ela.

— É — falei enquanto caminhava em direção à enorme janela de vidro que dava para apreciar a vista da minha amada

Nova Iorque — ele mudou a minha vida.

— Deu para perceber — eu sabia o quanto ele tinha mudado a minha vida. O fato era que eu não poderia contar tudo a Tati, mesmo que isso me fizesse sentir culpa. O assunto era bem mais sério do que uma fofoca de escritório ou uma simples conversa sendo jogada fora.

— Ele é o motivo pelo qual ainda estou de pé... — ele e a minha irmã, Chloe.

— É bom saber que você gosta dele — senti tanto carinho em sua voz que, com apenas aquele gesto, Tati fez o meu dia ficar ainda melhor.

— Acho que é mais que isso, Tati — sorri para ela ao me virar — acho que amo mais do que poderia amar uma pessoa na terra. Ele é....

— Gostoso — brincou, gargalhando logo em seguida — Ah! O cara é surreal de tão gostoso que é.... é óbvio que você tem que amar.

— Droga! — entrei na brincadeira — eu sabia que ele tinha um defeito... só não sabia que era esse.

Passamos uma parte da manhã analisando os textos, revisando e separando os melhores. Tati sabia da minha aversão à comida japonesa ou chinesa, por isso, quando saiu para comprar o almoço, ficou decidido que seria salada com frango. Por causa do grande volume de trabalho ficaríamos presas na minha sala. Fiquei tanto tempo avaliando textos que já estava enxergando as letras duplicadas. Minha atenção apenas foi desviada pelo meu celular, que vibrou indicando que havia chegado mensagem.

“Espero que o seu dia esteja melhor que o meu, meu doce”.

Quase desequilibrei da cadeira quando olhei a mensagem no celular, apenas imaginando a voz dele me chamando de “Meu doce”.

“Não tanto quanto eu imaginava. Estando longe de você, tudo perde a cor, meu gostoso”.

Sorri quando o celular vibrou, mostrando que tinha chegado outra mensagem dele.

“Hum... Gostoso?”.

Como ele conseguia fazer com que o meu corpo ficasse todo aceso com apenas aquela insinuação na mensagem?

“Sim. Meu delicioso Nathan Fox”.

Esperei.

“Não faz isso mulher! Ou eu vou aí, trepo com você para todos escutarem os seus gemidos e depois você gritando meu nome!”.

Aquilo eu queria. Queria Nathan e suas mãos quentes, me apertando, sugando e.... Que homem dos infernos! Em pleno horário de trabalho eu não conseguia pensar em outra coisa que não fosse ele.

“Ah! Se você tivesse toda essa coragem... :) !”.

— Não me diga que vocês estão fazendo sexo... — Tati entrou na sala segurando as sacolas do nosso almoço — por mensagens. O nível de safadeza está bem alto entre vocês.

— Não.... Claro que não — dei de ombros, pegando a sacola com o meu almoço.

— Amiga... — balançou a cabeça, segurando o sorriso — você está com a cara mais safada do mundo...

— Sabe de uma coisa — eu disse dando uma garfada na salada e levando até a boca — vamos terminar isso e voltar ao trabalho.

Infelizmente, eu tive que esperar até seis horas da tarde para poder pegar meu celular. Achei estranho não ter nenhuma mensagem de Nathan rebatendo aquela provocação, mas achei melhor seguir para casa e esperar por ele. Lucius e eu já estávamos no estacionamento do jornal, e por falta de notícias de Nathan, a única pessoa que poderia me fornecer tal coisa seria Lucius, mesmo sentindo desconforto em ficar perto dele.... Na verdade, esse desconforto tinha tomado conta de mim todas as vezes que um homem, que não fosse Nathan, se aproximava de mim.

— Lucius... — olhei para o enorme segurança que mantinha a distância necessária de mim — Nathan deu algum sinal de vida?

— Sim, senhorita Radzimierski — ele não queria me dar mais nada, falando daquela forma, mas eu sou Lizzie Radzimierski e quando quero algo, eu consigo.

— E o que mais, Lucius? — franzi os olhos de maneira ameaçadora — ou me diz, ou... apronto alguma coisa, da qual ele não vai gostar nem um pouco — e pela primeira vez, eu vi um largo sorriso naquele homem, que daria medo em qualquer outra pessoa.

— Eu sei que sim, senhorita — o tom debochado dele também me fez achar graça no que eu tinha acabado de falar.

— Ah! Qual é Lucius... — arqueei a sobancelha para ele — você pode falar mais do que “sim, senhorita Radzimierski” e me

falar exatamente o que ele disse?

— Que era para eu ser a sua sombra e não deixar você fora do meu campo de visão.

— E?

— Não estou entendendo, senhorita — Ah! Paizinho do céu. Acho que Lucius pensava que era algum tipo de retardada. Nathan estava aprontando alguma coisa.

— Lucius — eu comecei, mostrando o quanto a minha paciência era infinita — eu sei que você é um homem muito inteligente, então, não insulte a minha. Nathan falou com você hoje à tarde. Se ele não falou comigo, então...

— Meu doce... — aquela voz era tudo o que eu queria escutar. Virei-me, vi Nathan ao lado do carro e Gretha com um olhar cuidadoso para mim. Acho que ela também se sentia culpada pelo que tinha me acontecido — Lucius, você pode seguir para casa, ou tire a noite de folga, se quiser.

— Obrigado, senhor Fox — a voz daquele homem era de dar medo mesmo. Lucius sumiu em segundos, como a sombra que era.

— Oi, Lizzie — sorriu Gretha, e senti o quanto ela me fez falta, mesmo que não fossemos melhores amigas. E o que fiz logo em seguida não estava sendo planejado na minha cabeça. Foi puro instinto.

— Senti sua falta — disse a ela, enquanto a abraçava. Se ela ficou surpresa eu também fiquei com aquela minha atitude.

— Me desculpe por... — eu me afastei dela, dando o melhor sorriso que poderia dar.

— Não precisa pedir desculpas. Você não tinha como prever o que ia me acontecer.

— Nathan me falou que essa seria a sua reação quando eu me desculpasse — como Nathan poderia saber? Será que ele me conhece tão bem?

— Bom — disse Nathan se colocando ao meu lado e me puxando pela cintura. Como eu tinha sentido falta daquele toque... O mais estranho era que o meu corpo pedia cada vez mais pelo toque... pelo gosto...pelo cheiro de Nathan — hoje, temos uma surpresa para você...

— Espero que goste, Lizzie — falou Gretha, abrindo a porta do carro para que eu e Nathan entrássemos; sorri, mesmo não gostando que ela fizesse isso — juro por Deus que chuto essa sua bunda branca se não entrar agora mesmo nesse carro. — ela estava linda. Aliás, ela sempre estava estonteante, mesmo vestindo aquele terno preto horroroso.

— Pedindo com tanto carinho assim, quem é que resiste a essa doçura de pessoa que é você — brinquei e vi o quanto Nathan estava feliz, muito diferente do homem que tinha me possuído na sala, como se estivesse me pedindo algo a mais...

— Foi o que eu imaginei. — ela disse ao fechar a porta e dar a volta no carro, entrando e tomando o seu lugar como motorista.

— Senti sua falta. — eu falei quando olhei para Nathan, que estava me olhando com aquele olhar profundo e intenso.

— Eu também senti a sua. — ele se aproximou, segurando meu rosto entre suas mãos e me beijou carinhosamente; ainda assim conseguiu tirar de mim um gemido de puro desejo por

aquele homem — bem mais do que você possa imaginar. — terminou de falar, quando se afastou.

— Chegaremos ao local em dez minutos. — informou Gretha enquanto entrava em uma rua movimentada.

— Aonde vamos? — perguntei curiosa. Não que eu não gostasse de surpresas, mas era bom ter uma ideia do que seria.

— Surpresa. — disse ele apenas, e se acomodou ao meu lado, colocando a mão na minha e entrelaçando nossos dedos.

A cidade estava linda, apesar do clima não ajudar muito às vezes. Sempre gostei de Nova Iorque e do que ela me proporcionou. Olhando pela janela do carro, percebi que não existia outro lugar no meu coração que não fosse aquela cidade maravilhosa. Quando comecei a reconhecer o conjunto habitacional do Queens, onde eu havia crescido e passado boa parte da minha vida, senti meus olhos se arregalarem. Sete anos passados e nada tinha mudado. Nada naquele lugar mostrava qualquer sinal de evolução, ou era eu que não queria estar ali. O mesmo conjunto de apartamentos pintados de branco onde eu tinha passado boa parte da minha vida, sofrendo abusos e apanhando. Do mesmo lugar onde eu tinha fugido e deixado a minha irmã para trás. Eu queria pedir para Gretha dar meia volta e nos tirar dali, mas por fim, eu entendi qual era a surpresa que Nathan queria fazer, ou parte dela...

— Pare aqui na esquina — pediu a Gretha e ela fez, mas, ainda assim, chamávamos atenção por causa do Jaguar.

— Vamos entrar lá? — a aflição na minha voz mostrava que, mesmo ao lado dele, a minha insegurança ainda existia, e ao

mesmo tempo eu lutava querendo ter forças para seguir em frente, por causa de Chloe.

— Apenas se essa for a sua vontade — falou Nathan, segurando a minha mão com força — eu queria mostrar algo a você. Algo além de fotos e relatórios... Chloe.

— Chloe... — fiquei mais atenta e desviei o olhar, olhando para o lado de fora.

— Ela vai passar por aquela esquina — ele apontou para o outro lado da rua — em cinco minutos...

— Como... — eu ia perguntar, mas seria estúpido da minha parte indagar como ele sabia daquilo.

— Chloe sempre passa por ali quando volta da aula de dança — ela dançava? Como eu não me lembrava daquela informação? Acho que eu estava tão emocionada que não prestei atenção em outra coisa que não fosse apenas a sua foto — e ele...

— Theodor — ele confirmou, e um ódio fez o meu corpo todo tremer.

— Sempre aparece na porta e...

— “E” o que Nathan? — perguntei, voltando a olhar para ele.

— Ele a agride constantemente, Lizzie — Deus! Aquele porco encostava aquelas mãos imundas na minha irmã? Uma vontade estranha de matá-lo substituiu a raiva e foi a sensação mais intrigante que me passou pela cabeça. Eu já tinha imaginado várias formas de matar Theodor, mas aquela que me veio à mente não chegou nem perto do nível das outras.

— Lizzie, ela está apontando na esquina nesse exato momento — avisou Gretha, e minha atenção se voltou por

completo para aquela menina que tinha já corpo de mulher. Chloe era alta e de curvas singelas. A loira de cabelos cacheados, que não tinha os olhos verdes como os meus, mas castanhos escuros e nem sardas no rosto como as minhas.

A sua beleza era incrível. Éramos bem parecidas, mas sua beleza era única e magnética. Chloe usava uma calça preta larga, de dança, e uma blusa azul-marinho. Tinha em seu ombro esquerdo uma mochila e nela estava pendurado um par de sapatilhas. Seu cabelo estava preso em um rabo de cavalo e cumprimentava com um lindo sorriso cada pessoa que encontrava no caminho, até que a visão dos infernos apareceu na entrada do prédio onde passei boa parte da minha vida, e o seu rosto assumir uma carranca de raiva, deixando seu rosto distorcido.

— Se ele encostar um dedo sequer nela... eu saio e pego a primeira barra de ferro que encontrar no meio do caminho e mato ele — não olhei para Nathan, mas sabia que ele estava me observando. Para felicidade de Theodor, ele não encostou em nenhum fio de cabelo de Chloe, mas falou algo que a fez olhar duramente para ele, e rebater.

— Estou tomando algumas providências quanto às agressões que ela vem sofrendo, mas a sua mãe... — ele fez uma longa pausa, enquanto eu observava de longe a minha irmã discutindo com aquele monstro.

— O que tem aquela... — não valia a pena falar o que eu achava dela e nem o seu nome.

— Sua mãe voltou a se prostituir. — aquela revelação foi um balde de água fria.

Eu achava que minha mãe deixara aquela vida nas ruas depois do casamento com Theodor, já que foi por causa dela que ele abusava de mim. E com o consentimento de minha mãe. A raiva que nutria por ele se tornou maior naquele momento. Eu tinha ódio. Ódio dos dois. Se ela tivesse sido uma boa mãe, mesmo sendo uma prostituta, teria querido o melhor para mim, me incentivando sempre a buscar o melhor para minha vida. Talvez, se seu coração fosse humano, ela pensaria assim.

Aquilo não era minha mãe.

Eu tinha sido gerada por um protótipo de mulher, que achou que seria legal ser mãe e colocar uma filha no mundo para sofrer. Não isentava meu pai disso, pois ele também tinha culpa sobre tudo o que me aconteceu, contudo, minha mãe superava qualquer coisa que ele pudesse ter imaginado.

Senhor Marcus Karzus Radzimierski não fazia parte do que tinha me acontecido. Ele apenas tinha ido embora e me deixado com aquela mulher desprezível, que era dona Salomé Dickson.

Capítulo 8



Não seria o momento certo para tirar Chloe daquele lugar. Nathan apenas tinha me levado para reforçar a vontade de seguir em frente, e, por outro lado me fazer aceitar novamente o seu pedido de casamento. Não que eu não o amasse, pois eu o amava mais que a minha própria vida e seria capaz de qualquer coisa por aquele homem que fez a minha vida mudar da água para o vinho. Eu sentia que existia algo estranho dentro de mim e que esse ‘algo estranho’ iria me consumir. Existia aquele sentimento diferente querendo se apoderar do meu corpo e da minha mente, como se eu estivesse sendo possuída por um demônio ou algo pior. Aquela vontade... aquele desejo que me consumiu quando olhei para Theodor não era de prazer. Não existia a mínima possibilidade de sentir alguma coisa boa por aquele homem desprezível e nojento. Nunca senti uma raiva desse nível por uma pessoa como eu sentia por Theodor. Nem pelo homem que havia me estuprado em um beco escuro e me esmurrado até que eu perdesse completamente a consciência.

— Lizzie — a voz de Ian tomou conta da minha mente quando ele saiu novamente da sua sala — podemos conversar antes de você ir embora?

Eu sabia que Ian era um agente treinado para observar e reconhecer o comportamento de seu oponente apenas analisando o jeito de olhar, de falar e até mesmo de respirar. Ele sabia tudo sobre mim e mesmo que eu não tivesse revelado

que algo estava errado comigo, ele enxergava minha alma através daqueles profundos olhos castanhos amarelados. Tinha certeza que Gretha sabia que o seu marido enxergava tudo a sua volta e ela não precisava se preocupar com ele além do normal.

— Claro — falei sem entender. O desconforto por estar perto de Ian fazia meu corpo a cada segundo ficar em alerta, apesar de sentir que ele estava ali para me ajudar.

— Conte para Nathan — o que ele queria dizer com isso? — isso pode destruir vocês dois, e eu nunca o vi tão feliz e tão perturbado por uma mulher. Nem quando... — ele pensou um pouco e calou-se.

— Nem quando...? — arqueei a sobrancelha para ele, questionando o que mais poderia ter naquela frase inacabada.

— Apenas converse com ele — Deus! É obvio que Ian sabia o que se passava.

— Sobre o que vocês estão falando? — a voz de Nathan percorreu meu corpo e fez o meu coração acelerar. Ele não poderia saber. Não quando existiam tantas outras coisas para ele se preocupar.

— Sobre como a senhorita Radzimierski é um milagre — Ian retirou os óculos e o limpou, mantendo o mesmo ar profissional de sempre, sem deixar transparecer que percebera a existência de algo errado comigo. Ainda assim, Nathan não poderia saber do crescimento daquele desejo em minha mente.

— Você conseguiu convencê-la a se casar comigo? — Nathan parecia sério com aquela sua pergunta, e isso fez com que Ian esboçasse um sorriso enigmático antes de responder.

— Eu não sou pago para coagir a sua namorada a tentar se matar, Nathan — o sorriso de Ian se espalhou pelo rosto, mostrando todos os dentes perfeitos, claramente se divertindo com o sofrimento de Nathan — e ela vai aceitar, quando quiser aceitar — agora eu entendia o motivo de Gretha ter casado com Ian.

Ela era uma mulher decidida e ele um homem que sabia muito bem o que queria. O casamento dos dois parecia baseado no fato de que apenas ela compreendia o funcionamento da cabeça de Ian, o que o fazia considerá-la seu par perfeito.

Eu sabia, em parte, como funcionava a cabeça de Nathan. E mesmo sentindo que existia algo mais a ser dito, eu precisava buscar a mesma confiança que Ian e Gretha demonstravam como casal. Mesmo eu escondendo algo de Nathan. Mas, a quem queríamos enganar? Estávamos completamente perdidos em segredos e outras coisas que faziam o nosso relacionamento parecer mais um campo de guerra, com minas espalhadas estrategicamente para, quando pisássemos em cima, tudo explodisse, fazendo a nossa vida voltar a ser arruinada novamente.

— Não vamos entrar em detalhes — disse Nathan irritado com o sarcasmo de Ian, que ainda estava se divertindo com a cara feia que ele fazia — vamos, meu doce — Nathan estendeu a mão para mim e eu a peguei, segurando firme. O toque dele era diferente de tudo que eu já sentira.

Ele era a única pessoa que me fazia esquecer que ainda tinha uma vida de merda para resolver. Minha vontade era de

gritar um belo “Caralho!”, seguido de outros palavrões cheios de um poder libertador. Já que um bom palavrão bem gritado liberta a alma. Durante os anos em que trabalhei no The Poster, tentei ser a mulher mais civilizada possível, mudando o famoso “vai tomar no cu”, por um menos agressivo “vai tomar no orifício circular traseiro”, e com Nathan ao meu lado, a mulher civilizada aparecia de uma maneira tão natural e harmônica, que mesmo sentindo isso, pressentia que seria meu maior pesadelo quando essa mulher civilizada fosse morta pela que queria se libertar e mostrar o lado negro adormecido, que tinha acabado de acordar.

— Algo diferente hoje na consulta? — eu sabia que Ian não falaria para Nathan o que tinha se passado na consulta, e que Nathan era profissional demais para invadir o sistema e tentar encontrar algo que lhe desse a resposta para aquela pergunta. O pior foi ter que mentir para ele com a cara mais descarada que existia na face da terra.

— Nada — ele sabia que eu estava mentindo, mesmo assim ficou calado e virou o seu lindo rosto para olhar pela janela do carro, vendo a cidade de Nova Iorque a pleno vapor.

As pessoas lá fora não sabiam que ele estava a serviço delas. Não com o que ele realmente trabalhava. Meu coração ficou em pedaços quando ele não voltou a segurar a minha mão durante o trajeto de volta para o seu apartamento. Não falou comigo quando entrou no elevador, e, apesar de não ter me tratado mal, tinha me ignorado desde o momento em que a palavra “Nada” saiu da minha boca.

Inspirei quando subimos para o quarto e ele ficou pelado bem na minha frente, e respirei quando ele se virou me dando a bela visão das suas costas musculosas e da sua bunda perfeita. O pior foi ter que ficar olhando com água na boca e não poder ir com ele para o banheiro, já que ele não tinha soltado nem um resmungo desde que tínhamos chegado.

Ele estava me maltratando.

Eu sabia que estava errada em guardar segredos... Espera! Porra! Eu não tinha que contar tudo a ele, já que nem ele me contava tudo. Nathan era um agente treinado e ainda assim era um homem que escondia segredos. E homens não sabem segurar a onda quando estão escondendo algo. Ele tinha um jeitão de supermacho alfa que eu adorava e também aquele poder de sedução misturado com um mar de luxúria disfarçada de gentileza que fazia dele uma arma fatal. Estava usando o seu corpo gostoso e esculpido para tentar me castigar por algo que ele também estava fazendo. Assim, nosso relacionamento estava rodando em círculos e parando no mesmo ponto inicial. Nathan tinha segredos e não ia me contar. Eu descobria um segredo e tentava assimilar, ou sintetizar as informações, e logo depois Nathan aparecia com outra bomba estourando bem na minha cabeça.

Polônio. Se Nathan fosse definido por uma substância letal essa seria a que combinaria com ele. Ele entra no seu corpo e lentamente mata cada célula, e nem precisa de uma dose muito grande, basta um pouco para ser letal. Eu já entendia como as coisas com ele iriam funcionar depois que me revelou ser o que

era. Seria difícil e ficaria cada vez mais complexo o nosso relacionamento.

Quando ele saiu do banheiro foi que eu senti o peso do veneno percorrer meu corpo. O desgraçado dos quintos dos infernos estava espetacular e sem toalha. Se aquilo não era tortura não sei mais o que pensar. As minhas costelas estavam começando a ficar melhores e o que não ficava bom era o meu pulmão queimando todas as vezes que eu inspirava e respirava o cheiro do corpo daquele homem. Despreocupado, ele seguiu até o closet e vestiu sua calça de moletom preta, e notei que não tinha nada além do tecido da calça cobrindo seu... Aquele... Deus! Que inferno!

— Algum problema, meu doce? — eu me sentia órfã sem o som da voz dele, e quase derreti quando o som grave e profundo entrou na minha cabeça com aquela pergunta.

— Desgraçado... — resmunguei, pisando duro em direção à janela do quarto, que tinha uma vista quase panorâmica da cidade.

— Você vai me falar a verdade? — não dava para acreditar que logo ele estava me fazendo aquela pergunta e isso me deixou ainda mais irritada. Porém, o poder de Deus foi maior e fiquei em silêncio. Caso contrário, eu teria voado em cima dele e o estrangulado sem remorso.

Em questão de segundos ele estava ao meu lado, arrastando o seu dedo pelo meu braço e fazendo com que o meu corpo traidor me entregasse de bandeja para ele. A pior coisa do mundo é você ser dependente de algo, pois o vício tortura você, te consome por dentro e a abstinência toma conta da sua alma.

Esse era o meu caso e nem precisou de muito tempo longe da minha droga.

Fechei os olhos, me afastei dele e isso fez o meu corpo todo tremer.

— Estou cansada Nathan. — se eu olhasse para ele não aguentaria e voltaria para receber o seu toque — eu vou tomar um banho e não precisa me esperar para dormir.

Pude ouvir o som dos ossos das mãos de Nathan estralando quando ele as fechou com força, deu meia volta sem falar nada e seguiu para cama. Fui para o banheiro, fechei a porta e me sentei na borda da banheira, chorando. Existiam muitas coisas erradas e uma dessas era eu. Sempre tinha que ser eu a esquisita? Ou um ímã para coisas ruins?



Eu achava que o meu dia não poderia piorar quando cheguei ao trabalho. Lucius ficou onde sempre ficava, enquanto eu já tinha dado início às revisões dos textos e verificava se havia algo novo nas pesquisas sobre Isaäk quando escutei a voz dele. Nathan parecia furioso quando entrou na sala que era dele. O seu rosto estava lívido e tinha uma fina linha rígida em seu maxilar quando fechou a porta e as persianas. Merda!

Não tínhamos falado muito naquela noite e ele estava muito apressado pela manhã, quando saiu com Gretha para uma reunião com os assessores da sua campanha. Nos jornais não se falava em outra coisa: Nathan e sua namorada fora de moda e a sua meteórica subida ao sucesso como político, que eu sabia ser parte de um plano. Ele tinha os ombros tensos e uma

postura rígida. Ele estava quinze pontos à frente do seu opositor e isso não era apenas um feito, já que Jeremy Collins era o favorito até Nathan G. Fox aparecer em seu caminho.

Meu todo poderoso estava segurando em sua mão um monte de papéis e me olhando furioso, mas não da maneira que tinha olhado para aquele homem quando, sem a menor misericórdia, atirou em sua cabeça, espalhando massa encefálica para todos os lados. Eu sabia que ele poderia tentar me intimidar, no entanto, mesmo sendo o que era eu não tinha medo. E é claro que isso era pura burrice minha. Fazer o quê, se ele era gostoso até de mau humor?

— Você pode me explicar o que é isso? — ele chegou mais perto da mesa, jogando os papéis em cima dos textos que eu estava revisando.

— Como eu posso explicar algo que nem sei o que é? — arqueei a sobrancelha, desafiando. Aquele homem enorme que eu amava estava visivelmente fora de si.

— Lizzie Radzimierski, não teste a minha paciência. — esbravejou, mas sem mudar a postura. O rosto dele ficava cada vez mais lívido e vermelho à medida que os seus olhos se arregalavam.

— Lizzie Radzimierski? Sabia que esse é meu nome, senhor Fox? — eu estava provocando. Na verdade, eu estava com muitas saudades de provocá-lo, mesmo que minha cabeça fosse rolar pela sala.

— Eu sei o que você está querendo fazer, meu doce. Mas não vai conseguir. Não é hoje que você conseguiu me tirar de uma reunião muito importante por estar fazendo merda... — a

voz dele saiu mais calma e isso não era um bom sinal. Jesus Cristinho! Eu estava muito ferrada, mas e daí...

— Não sei do que você está falando... — disse ao me levantar para pegar a pasta com os arquivos da próxima matéria.

— Eu sei que você é muito esperta, esse foi um dos motivos que me fez ficar louco por você... — ele fez uma longa pausa, e eu já estava novamente me sentando e folheando os papéis da pasta, deixando de lado os dele — Lizzie, que diabos você vai fazer querendo pegar Markov? — Puta que pariu! Fodeu tudo..., mas é claro que ele iria saber. Eu apenas achei que isso demoraria um pouco mais, mesmo ele sendo o agente “pica das galáxias” do governo.

Capítulo 9



Não tinha como fugir dele, e pior, ele nem me deixaria pensar em tentar algo do tipo. O homem parado na minha frente fitava meus olhos com tanta profundidade que parecia ler a minha alma. Lentamente, observei ele abrir os dois botões do terno e sentar na cadeira em minha frente, cruzando as pernas. Seu rosto tinha assumido um semblante mais sereno, que eu tinha percebido ser uma tática dele para esconder o que realmente se passava em sua mente. Até que eu pegava as coisas rápido.... Eu não comia capim e sabia que tudo tendia a ficar mais difícil naquele momento.

— Nathan — a minha voz saiu estranha quando comecei a falar. Parecia que eu estava tentando acalmar um animal — mantenha a calma...

— Olhe para mim, eu estou gritando com você? — droga! Aquele tom de voz cínico matava qualquer pessoa. E quando ele abriu um sorriso, que mais pareceu uma careta, eu entendi que vinha chumbo grosso — eu apenas quero saber o que a minha namorada, com a qual eu quero passar o resto da minha vida, anda fazendo cutucando e perguntando sobre Isaäk Markov.

— Meu gato — tentei parecer calma, mas estava falhando terrivelmente — eu sou uma jornalista “investigativa”. Se você não lembra, faço questão de relembrá-lo disso.

— Você quer morrer, ou melhor dizendo... Você quer ser morta? — o sorriso cínico dele desapareceu completamente,

dando espaço para um rosto sério e um olhar duro na minha direção — quer ser picada em vários pedacinhos e depois jogada no mar, meu doce? — ele era bom, mas eu sabia que não estava mostrando nem um por cento do seu poder de persuasão sobre o assunto em questão, o que me deixou ainda mais em alerta.

— Meu amor — respirei profundamente — me responda, se tirassem de você o que mais gosta de fazer, o que aconteceria? — ele não piscou e nem esperou para responder.

— Passaria por cima de tudo e de todos. — como ele conseguia ser tão tentador com aquela voz grave, mesmo no meio de uma discussão? — Mas... — eu sabia que viria um “mas” ou um “porém” ou um “entretanto”... — eu sou treinado para passar por cima dos outros, meu doce, — exibido. Ele tinha que jogar na minha cara que era muito bem treinado e uma arma mortal? Frustrante! — eliminar pessoas como Markov é o meu trabalho. Se você expor um homem como ele na mídia... você não vai saber se defender.

— Eu sei me defender, Nathan — rebati fechando a cara para ele.

— Minha Jessi Rabbit — os ombros dele relaxaram visivelmente antes de abrir a boca — sabemos onde isso pode levar...

— Olha, eu sei que pode parecer que não sei me defender... — baixe a cabeça, olhando para minhas mãos — mas eu sei. Sempre soube me defender, e o que aconteceu naquela noite foi uma desgraça do destino. E se não tivesse cortado o pé, o

cara precisaria de um bom dentista, um urologista e um excelente cirurgião plástico para consertar o estrago.

— Liz... — Nathan se levantou da cadeira e foi até a janela, ficando de costas para mim e passando as mãos no cabelo, deixando-o completamente bagunçado — eu sei que você fez a porra de um curso de autodefesa e sabe correr, saltar e o caralho a quatro. Mas, o que você não sabe é que nisso em que você está se metendo não permite espaço para erros. Não estou duvidando do seu potencial de destruição... — ele fez outra pausa demorada antes de continuar — eu mesmo já fui vítima do peso da sua mão, mas eu não quero ter que matar mais duzentas pessoas para poder vingar a sua morte.

— Você não vai precisar fazer isso, meu amor — me levantei indo até ele e ficando ao seu lado, olhando em direção à cidade — você apenas precisa entender que isso é mais forte do que eu. Isso é o que eu sou, assim como o que você faz é o que você é.

— Acho que você não entendeu — ele virou-se para me olhar e nesse momento senti o peso do seu olhar sobre o meu corpo — eu não sou isso. Não mais. Eu... Eu sou o que você quiser que eu seja.

— Assim você faz com que eu me sinta culpada, Nathan. — suspirei. — Você nunca joga limpo, não é?

— Isso não é um jogo, meu doce — sorriu, mostrando o quanto ele era encantador — isso é uma corrida contra o tempo. E acho que eu... — apontou para si, com seu dedo indicador — estou ganhando. — ele estava cada vez mais

próximo de mim e eu sentia falta do perfume, da boca, do corpo e das mãos dele no meu corpo.

Ele sabia que tinha esse poder sobre mim e estava usando isso para me torturar novamente. Quando suas mãos grandes, fortes e macias tocaram meu rosto, eu gemi miseravelmente com apenas o calor dele no meu rosto. Nathan segurou meu rosto com uma das mãos e me puxou para junto de si enquanto segurava minha cintura com a outra.

— Sabe o quanto é difícil me segurar perto de você? — o seu rosto aos poucos foi se aproximando do meu — Sabe o quanto é difícil me manter parado, vendo você querer se matar?

— Nathan... — eu estava ofegante e inebriada com toda aquela energia que vinha dele.

— Você não tem a mínima ideia do quanto eu preciso me segurar para não agarrar você agora mesmo, e.... — sua boca já estava pairando sobre a minha, enquanto eu sentia seu hálito delicioso — trepar com você até prometer que vai parar com o que está fazendo... — tarde demais. Sua boca atacou a minha em um beijo que poderia acabar comigo.

Um beijo não apenas quente, mas avassalador e que fez com que as minhas pernas tremessem. Sua mão ainda estava na minha cintura, me apertando junto ao seu corpo e a mão que estava no meu rosto foi parar em minha nuca, intensificando o beijo. Em outros tempos, apenas o toque de um homem faria minhas carnes tremerem, porém não de desejo e sim de medo. Mas, com Nathan me segurando daquela forma, a única coisa que eu senti foi segurança. Ainda me segurando, ele me levou até a beira da mesa; soltou a minha cintura, e com a mão livre

afastou os papéis e objetos que tinha pelo meio do caminho, voltou a colocar a mão na minha cintura, começando a subi-la até chegar aos botões da blusa, desabotoando-a lentamente enquanto afastava as minhas pernas com as suas, levantando a minha saia até o meio das minhas coxas com a mão que estava na minha nuca.

— Nathan — tentei falar — a porta... — mas ele não estava se preocupando com isso.

— Você anda sendo uma menina muito má, Lizzie — Droga! Quando ele disse isso, chupando e enfiando a língua na minha orelha, revirei os olhos e gemi — e esse mau comportamento eu não vou tolerar — a voz de Nathan denunciava perigo, mas era o tipo de perigo que eu queria — sabe o que eu faço com garotas que se comportam desse jeito?

—N-n-não — gaguejei, sentindo todo o meu corpo ficar excitado quando a sua mão passou por cima do tecido do sutiã e segurou o bico do meu seio com as pontas dos dedos e apertou, massageando.

— Eu faço os outros saberem que está sendo fodida... Ou melhor, sendo bem comida. De preferência gritando para todos escutarem que eu sou o responsável por isso — eu não conseguia enxergar mais nada e não era pelo fato de um possível desmaio, e sim por ele ter tomado conta até dos poucos sentidos que eu achava que ainda era dona.

Quando ele terminou de desabotoar a blusa e a tirou, senti suas mãos nas minhas costas desabotoando o sutiã. Sua boca abandonou a minha e seguiu pelo meu pescoço até chegar ao

meu seio, passando a ponta da língua ao redor do bico e chupando.

— Tão gostosa, minha doce e perfeita Lizzie... — murmurou, enquanto voltava a chupar meu seio, me castigando da pior maneira que conseguia. Eu não pensei em nada além de puxar os seus cabelos e aproveitar cada sensação, com ele me preenchendo... Entrando na minha alma e me possuindo como só ele sabia fazer.

Nathan segurou na barra da minha saia e terminou de subi-la até a minha cintura, deixando minhas pernas expostas. Com uma das suas mãos deslizou seu dedo sobre a linha da renda até chegar entre as minhas pernas, me fazendo arfar e gemer ao mesmo tempo. Seu dedo permaneceu lá, seguindo a linha da renda quando afastou o rosto e puxou a calcinha para o lado, entrando com o seu dedo em mim.

— Nathan... — juro que tentei avisar sobre a camisinha, mas aí... já era tarde também.

Seu dedo já tinha me abandonado e ele já estava dentro de mim. A cada estocada, um grito reprimido. A cada estocada, mais perto do gozo eu ficava. Seu corpo duro, suas mãos firmes, seu cheiro de homem que sabe mandar e sabe o que faz me levava ao ápice. Eu me segurava a ele como uma louca. Foi diferente de tudo o que já fizemos. Nada tinha sido tão intenso do que tê-lo com toda aquela força e poder. Do que ter seu pau duro e grosso entrando e saindo como se o mundo fosse acabar naquele minuto. Ele segurava minha bunda, fazendo com que o meu quadril fosse de encontro ao dele, metendo cada vez mais fundo. Sua respiração estava

acelerada, assim como a minha. O desejo entre nós dois era algo que queimava, mas existia amor ali. Eu sabia que aquela era a forma que ele tinha para demonstrar que me amava ainda mais. Como se fosse possível ele não conseguir demonstrar seu amor a cada manhã.

— O que eu faço com você? — eu podia sentir que ele queria uma resposta.

Mas era uma resposta que eu não poderia dar. Não enquanto ele estava me comendo na mesa do escritório, com várias pessoas do lado de fora, que, com certeza, gostariam de saber o que eu e ele estávamos fazendo naquele exato momento.

— Droga! Lizzie... — da minha boca saiu outro grito incoerente quando ele gozou, me levando junto.

— Desculpa... — foi tudo o que saiu.

Não tinha sido um pedido de desculpa por não ter falado para ele, e sim, um pedido de desculpa porque eu continuaria com a investigação, mesmo que ele não me ajudasse. Ele entendeu. Quando se afastou e arrumou a roupa, tinha entendido o meu pedido.

Muito gentilmente ele me ajudou a me limpar e vestir a minha roupa, mas permaneceu calado durante todo o processo.

— Nathan — me virei para olhar para ele, mas seu rosto estava inexpressivo — eu sinto...

— Não termine de falar, porque eu sei que você não “sente muito”— disse abotoando os dois botões do seu terno, indo em direção à porta sem olhar para trás — Lucius ainda vai ser a

sua sombra. Tenha um bom trabalho, meu doce — com isso ele fechou a porta, me deixando sozinha.

Capítulo 10



Já tinha anoitecido e o trabalho havia me consumido. Foi a única forma que encontrei para não ficar pensando no que tinha acontecido. Preparei o planejamento dos stands boards e deixei toda a matéria da redação pronta antes das sete, assim o jornal seria impresso e distribuído por toda Nova Iorque. Elijah andava planejando e estudando a possibilidade de um jornal online; não seria como um jornal impresso sendo distribuído na internet, mas era a forma mais prática e rápida de chegar até o leitor em tempo real, ou seja, transmissões ao vivo. Eu sabia que ele gostava da forma antiga de jornalismo, mas os tempos mudaram e o The Poster precisava se adequar para eliminar essa deficiência. Agora, com Nathan sendo o seu sócio, achei que as coisas melhorariam, e ele, Elijah, iria relaxar mais um pouco... Isso era o que eu pensava. Ainda estava arrumando minha bolsa e desligando o computador quando alguém bate na porta.

— Entre — pedi desligando o monitor — Tati... — eu achava que era minha amiga, mas quando levantei a cabeça para olhar em direção a porta vi uma morena.

Ela transpirava confiança no jeito que me olhava. Tinha um corpo perfeito e seus cabelos cacheados e pretos iam até a cintura. Seus olhos eram castanhos, quase cor de mel... Uma negra linda, que com toda certeza fazia os homens babarem por ela.

— Desculpa, mas o horário de expediente já acabou... — olhei o relógio em cima da minha mesa — mais de sete e meia... — quando ela começou a anda pela sala, conseguiu chamar a minha atenção. Eu estava alerta.

— Hummm... — ela resmungou, mas parecia mais um ronronado do que um resmungo e seguiu até a janela com elegância — ainda assim, acho que você pode me ajudar — a voz era firme e sensual ao mesmo tempo... O que ela estava pensando? Que eu gostava de aranhas brigando com aranhas?

— Sério — falei colocando a alça da bolsa no ombro e saindo da sala. É claro que eu chamaria a segurança para aquela doida metida a mulher-gato. Nunca tinha visto uma mulher ficar tão bem vestindo couro sem parecer vulgar. — não acho que eu possa ajudar você. — tentei ser o mais gentil possível. Juro que tentei.

— Lizzie... Lizzie — ela estalou a língua e ao mesmo tempo cantarolou meu nome de maneira ameaçadora. Os pelos do meu corpo se eriçaram no mesmo momento.

— Acho que eu estou em desvantagem — tudo que eu queria saber era onde Lucius tinha ido parar quando uma doida tinha entrado na minha sala. Ótimo, mais uma coisa louca para minha lista — Você sabe o meu nome, mas eu não sei o seu, querida — coloquei todo o sarcasmo na última frase, sorrindo falsa e carinhosamente para ela.

— Agora eu entendo — ela disse cruzando os braços, olhando ao redor da sala e depois pousando os olhos em mim — o que ele vê em você... O que eu não entendo é o que ele ainda está fazendo ao seu lado. Você parece ser tão... fraca —

desdenhou com ironia — tão... nossa, está sendo difícil detalhar o que você é.

— Oh! Nossa... — respirei fundo me controlando — vai me falar ou não quem diabos você é? Caso contrário, a convido para se retirar da minha sala antes que eu perca o pouco de paciência que ainda me resta — de onde eu estava dava para ver o sorriso dela se ampliar. A mulher podia ser doida... e metida, mas eu tinha que reconhecer que ela era determinada.

— Mas, a sala não é sua, é? — provocou ainda sorrindo.

— Também não é sua, é? — eu não sairia por baixo, nem cagando.

— Não — respondeu desfazendo o sorriso do rosto e ficando séria — mas vamos deixar de joguinhos...

— Que eu saiba — provoqueei — é você que está tentando jogar, mas vou logo avisando que não sei jogar para perder.

— Eu também não sei jogar para perder, querida — ela estava ficando irritada e eu estava amando isso — Harper — quando ela disse seu nome meu sangue gelou. Passei esse tempo todo achando que Harper era um homem e que nunca iria conhecê-lo. Eis que o tal Harper vem até a mim e ainda por cima tinha peitos... Peitos maiores que os meus. Pode isso? — Charlotte Harper.

— Bom — olhei para ela e me mantive firme — já que a sombra tem nome, poderia me dizer o que quer, senhorita Harper? Você falou tantas coisas sem sentido, que suspeito da sua sanidade...

— Uma coisa bem simples — ela deu de ombros, como se aquilo fosse uma simples negociação — saia do meu caminho e

você não vai sair machucada — juro que tentei não rir da situação, mas não aguentei e caí na risada — o que tem de tão engraçado no que eu acabei de dizer?

— Você — me recompondo e sentindo a minha barriga doer, assim como as minhas costelas. Voltei a olhar para ela um pouco mais séria — acho que você deve ser muito confiante para me pedir isso, mesmo que não saiba do que se trata. Olha, sugiro que você procure um analista e resolva esse seu problema o mais breve possível.

— Nathan é meu — ela solta com raiva. E eu também fiquei com raiva quando ela falou isso. A minha vontade de voar no pescoço dela e estrangulá-la até a morte veio com força. Estava claro que ela o queria, o problema era que ele já tinha dona — temos uma longa história juntos e tenho certeza que você não vai fazer parte dela, além do simples fato de você ser ninguém.

— Bom, não é com você que ele anda dormindo e nem acredito que seja você que esteja usando um anel dado por ele — levantei a mão para mostrar a ela o anel em meu dedo. Eu sabia que não era um anel de noivado, mas, ainda assim abalou a confiança estampada em seu rosto — nem acho que ele se importe muito com você, além do simples fato de você ser ninguém. — de onde tinha saído tanto veneno? Não me importava, eu estava adorando — ele não estava com você, quando me fez gozar a duas horas nessa mesa — fui até a mesa e passei a mão, dando dois tapinhas em seguida — então, Nathan ainda é seu?

— Ainda — ela disse com a mesma confiança, mas percebi que ficou bem mexida com tudo que eu disse — aliás, seria

mais prudente que você tomasse mais cuidado com as suas coisas, ainda mais quando se trata de pesquisas sobre ele — do que ela estava falando? Ela percebeu que eu tinha ficado confusa e seu sorriso voltou a se ampliar — foi bom conversar com você, Lizzie querida. Espero que você não fique no meu caminho e tenha um lapso de consciência, deixando Nathan livre ou você vai saber com quem está se metendo e acho que não vai ser bom — eu ainda estava maquinando sobre “mais cuidado com as suas coisas” quando ela saiu pela porta e nem me preocupei em rebater o que tinha dito.

Quando saio da sala, Lucius estava ao lado da porta com o semblante preocupado.

— Que diabos aconteceu que você não entrou para tirar aquela mulher da sala? — não fui agressiva com ele, mas bem que eu queria dar um soco na cara dele.

— Senhor Fox me avisou que ela viria e disse que não fizesse nada, senhorita — O QUÊ? Ah! Eu ia matar Nathan e jogar o corpo da ponte. E se essa louca fosse algum tipo de agente rancorosa porque o ex-namorado resolveu arrumar outra namorada? E se ela estivesse armada?

— Obrigada Lucius — falei fechando a porta e pisando duro até chegar à garagem.

O problema não era ela ter aparecido no meu trabalho, e sim o fato de ele já estar prevendo que isso poderia acontecer e não fazer nada, e nem ter se dado ao trabalho de me alertar. Eu teria uma conversa muito séria com Nathan quando chegasse ao seu apartamento, mas de repente pedi para Lucius desviar a rota e seguir para o meu apartamento. Não sabia de onde tinha

surgido aquela vontade de voltar lá, mesmo depois do arrombamento.

Nada parecia diferente quando entrei. A mesma parede do fundo pintada de vermelho e as outras de branco. A mesma cozinha pequena e a mesma sala minúscula com aquele sofá que só me fazia ficar pensando nele. Segui para o meu quarto, olhei minha cama arrumada e fui até o meu closet. Nele ainda tinha os objetos e as roupas de Nathan ao lado das minhas. Por um momento comecei a sentir falta daquele lugar. Não que eu quisesse que ele fosse me procurar, no entanto, eu sabia que se eu demorasse a voltar para o apartamento de Nathan, ele saberia exatamente onde me procurar.

Saindo do quarto, fui até a cozinha e preparei um café bem forte, já que a minha noite tinha sido bem diferente. Ultimamente, minha vida andava mais agitada que puta de beira de estrada no Texas em dia de rodeio. Terminei de preparar meu café, coloquei em uma caneca bem grande, mas não adocei. Segui para sala me sentando no sofá onde Nathan tinha dormindo e esperei. Não precisei esperar muito e vi a visão perfeita de Nathan invadir meu apartamento. Ele usava calça jeans azul escura e uma camisa branca de mangas e estava descalço!

— Acho que você esqueceu os sapatos, meu gato — articulei soprando a fumaça do café e olhando para ele de maneira inocente.

— O que você está fazendo aqui? — vi a linha do seu maxilar ficar rígida e seus músculos tencionarem.

— Boa pergunta — bebi um pouco do meu café, mantendo a olhar fixo nele — sabe que nem eu sei...

— Vamos embora. — disse ele, com o tom autoritário.

— Eu não vou a lugar nenhum — ele me olhou por um instante, antes de dar um suspiro bem profundo e vir até a minha direção e sentar ao meu lado — eu estou na minha casa.

— Desculpa... — pediu, mas eu sabia que não era de verdade... Não era sincero aquele pedido.

— Por que você deixou-a ir lá? — tomei mais um pouco do meu café e permaneci quieta no meu canto — o que você achou que eu faria? Desviar o foco da minha investigação e me concentrar em uma briga com uma galinha?

— Não era isso... — ele tentou falar, mas eu o interrompi, dizendo:

— Você sabia que ela tinha entrado aqui, ou mandou alguém entrar. Estou errada, Nathan? — pedi a Deus com todas as minhas forças que ele não mentisse para mim. Preferia-o com seus segredos a mentindo para mim com a cara mais lisa do mundo.

— Eu suspeitava — ele ainda não tinha me convencido.

— Suspeitava? — perguntei sorrindo irônica, terminando de beber meu café.

— Eu tinha certeza — finalmente ele falou a verdade.

Olhei para ele, que estava com a cabeça baixa e os cotovelos apoiados nas coxas. Ele era tão lindo e eu o amava tanto que chegava a doer, mas aquele joguinho me deixou magoada com ele... Fora o fato de que ele ainda estava escondendo algo de mim...

— A Harper... — não esperei ele continuar suas explicações, já que a última coisa que eu queria era acabar transando com ele no sofá. Coisa que andava acontecendo com frequência quando brigávamos.

— Por hoje, chega. — suspirei me levantando — vou dormir na minha cama e você... — ele arqueou as grossas e bem contornadas sobrancelhas para mim com expectativa — vai dormir no sofá. O meu castigo foi sexo, o seu vai ser dormir no sofá velho, frio e fedido. Amanhã conversamos sobre tudo o que aconteceu hoje. — sorri seguindo para o meu quarto, fechando a porta.

Tomei um banho e fui me deitar, tentando tirar da cabeça o que tinha acontecido. Bom, pior não poderia ficar, e se ficasse, eu já estava na chuva de merda mesmo. Adormeci pensando também em Nathan naquele sofá, contudo aquele seria o castigo por ele ter deixado a ex, ou seja lá o que ela era dele, ir até o meu trabalho e falar aquelas merdas todas. Eu ia perguntar o quanto ela sabia da vida dele e o quanto ela fez parte. Eu queria, como sempre, respostas sobre o que estava acontecendo, mas é claro que eu sabia que correria o risco dele nem abrir a boca e tentar trepar com... Puta que pariu! Eu tinha transado de novo com ele sem camisinha. Um filho não ajudaria muito e para ser bem sincera comigo, eu não queria ter um filho no estado em que me encontrava. Primeiro motivo para não querer filho: eu ainda tinha que terminar o meu tratamento. Segundo motivo: planejar a minha vida para que um filho se encaixasse nos planos. Terceiro motivo: não achava que

merecia ser mãe, não quando minha vida estava uma merda e virada de cabeça para baixo.

Como fugir de Nathan quando ele queria me pegar? Como fugir quando tudo nele me chamava como um ímã? E se eu engravidasse, será que ele iria querer ter um filho comigo? Idiota! É claro que eu era uma idiota por estar me questionando e sonhando na possibilidade de tudo mudar, minha vida melhorar e eu... Bem, eu me tornar mãe de um filho do homem que eu amava. Com esses pensamentos, peguei no sono. Não foi o melhor sonho que tive. Foi, outra vez, um dos pesadelos que deixava rastros de desespero. Isso me matava por dentro.

— Tá achando que eu vou te deixar em paz, sua putinha? — Theodor tinha bebido de novo e minha mãe tinha saído para trabalhar, me deixando sozinha com Chloe, como sempre fazia.

— Theodor, por favor, não... — eu sentia o cheiro de cerveja barata e o fedor do seu suor — me deixa em paz... — choraminguei, acuada no meu quarto. Chloe tinha pegado no sono e eu fazia de tudo para ela permanecer acordada até a hora da minha mãe chegar, mas ela estava muito cansada, além de um pouco resfriada.

— Que tal você chupar meu pau, putinha ruiva — abriu um sorriso medonho, mostrando aqueles dentes amarelados — eu enterro ele todo na sua boca enquanto meto o dedo em você.

— Você não vai encostar a mão em mim, seu porco filho de uma vaca! — berrei o mais alto que pude, porém seria em vão. Ninguém entraria ali, com medo de Teddy — eu juro que mato você! Não encoste a mão em mim, seu merda! — no mundo dos indefesos, os fortes se aproveitam de suas fraquezas. Não

deu tempo de me esquivar e quando dei por mim, a mão de Theodor já estava esmagando meu rosto e as lágrimas escorrendo. Não apenas por causa da dor, mas também pelo ódio que me consumia por dentro.

— Olha o que você me fez fazer, sua putinha de merda! Agora, eu vou ter que gozar no meio das suas pernas para você aprender...

— Não... — chorei baixinho. “Deus, por favor, me tire desse inferno!”

— Theodor — ouvi a voz da minha mãe — trouxe aquele frango frito que você tanto gosta — ele xingou baixinho, com o rosto repleto de raiva.

— Me aguarde — ele disse com um tom de ameaça antes de sair do quarto e me deixar ali, chorando baixinho.

— Deus... — eu olhava para o teto do meu quarto, enquanto seguia em uma oração silenciosa.

Isso tinha acontecido três noites antes dele abusar de mim e eu nunca mais ser uma mulher acessível para outros homens, nem para um amor.

— Lizzie — a voz de Nathan me acordou — meu Deus... — disse ele espantado e com um semblante de preocupação estampado em seu rosto — com o que você estava sonhando?

— Sonho? — graças a Deus tinha sido um sonho, ou melhor, um pesadelo.

— Não vou sair de perto de você — falou puxando o lençol e deitando ao meu lado na cama — prometo ficar parado, calado, enquanto olho você dormir.

— Tudo bem — eu disse ainda atordoada. Nem sei bem o que tinha acontecido enquanto eu estava sonhando, mas sabia que tinha dito algo e que ele estava ao meu lado — só me abrace — pedi, sentindo o meu rosto úmido. Eu estava chorando? Não eram minhas lágrimas, era apenas suor.

— Claro que sim, meu doce — Nathan passou o braço em volta da minha cintura, me puxando para o calor do seu corpo e eu apoiei a cabeça em seu ombro.

Não me lembro em que parte, entre ele beijando meu cabelo ou a minha boca, eu dormi, mas sei que estava do meu lado. O filho da puta era bom no que fazia e ainda por cima era bom em me fazer dormir no calor dos seus braços e esquecer que o mundo lá fora existia.

Capítulo 11



Não tinha percebido que o alarme havia tocado. Eu chegaria atrasada ao jornal e ainda bem que esse não seria um problema, já que eu tinha adiantado boa parte do trabalho antes daquela vadia aparecer com seu ego de merda. A pior parte era observar o homem da minha vida deitado ao meu lado, dormindo lindamente e ainda assim saber que ele me escondia tantas coisas. Tentava me segurar para não cair na tentação de subir em cima dele e arrancar o resto de roupa que tinha por baixo dos lençóis. Eu tinha muitas outras coisas para serem resolvidas, mesmo que isso me doesse. Esse era o meu maior receio. Levantei da cama o deixando dormir mais um pouco, parando apenas para observar as olheiras que eram quase imperceptíveis, mas estavam lá. Sabia que ele estava passando por algo que estava tirando seu sono, mesmo com tudo o que vinha acontecendo – minha decisão de seguir em frente no caso Isaäk – eu sabia que tinha um furacão por vir.

Segui para o banheiro para tomar um banho e depois iria para o meu trabalho. Teria que ir até o apartamento que eu planejava comprar, apenas para fechar negócio com o corretor. Eu tinha um plano e seguiria com ele. Continuaría com o meu desejo de tirar a minha irmã daquele lugar e das mãos daquele porco; buscaria novas pistas – já que eu sabia que Nathan nunca me ajudaria – para desmascarar Markov. Esse seria o meu maior desafio, então não pensei muito em como faria isso. Não queria que Nathan pensasse que eu seria um alvo fácil e

tomaria minhas providências, já que um curso de autodefesa não era o suficiente para ele. E ainda tinha outra coisa que eu teria que resolver, já que grávida, problemática e com o mundo desabando na minha cabeça, não era o que eu queria para minha vida.

Saí do banheiro e segui para o closet, pegando minha calça preta, uma blusa marrom de mangas e vesti. Prendi meu cabelo em um rabo de cavalo e coloquei as minhas argolinhas de ouro. Aquela era eu. Eu não tinha porte de mulher de um senador, e, ainda assim, tinha me pedido em casamento, mas eu me lembrei de que ele era e não era um senador. Nathan era um agente do governo com tendência a ser um belo filho da puta, sem falar no fato de ser muito pervertido.

— Essa sua bunda — disse ele se alongando na entrada do closet — ainda vai me matar... — o desgraçado ainda teve a coragem de abrir aquele maldito sorriso depois de tudo que aconteceu?

— Não. Não. Não e não... — saí pisando duro e passando por ele.

Mas seria muito fácil apenas passar por ele sem que não fizesse nada. Nathan segurou meu braço e me puxou, quase me jogando contra a parede. Não tinha como não ficar com a respiração acelerada, quando eu tinha a visão dele apenas de calça, sem camisa, segurando meus braços nas laterais do meu corpo e me olhando daquela forma que apenas ele sabia.

— Você não está fugindo de mim, está? — arqueou a sobrancelha e se aproximou mais de mim, ainda segurando as minhas mãos.

Eu mal conseguia respirar e precisava me controlar ao máximo para poder enfrentar Nathan. Não seria dessa vez que ele iria me submeter a um dos seus joguinhos, usando aquele corpo espetacular que tinha. Eu não cederia ao seu cheiro magnífico e nem ao seu olhar penetrante. Queria honestidade em nosso relacionamento e eu tinha que ser forte. Forte como eu nunca tinha sido.

— Não estou fugindo, Nathan — eu disse tentando controlar minha respiração — apenas não vou mais cair nessa de “vou foder você se aprontar comigo” — eu queria muito que a minha voz tivesse saído mais firme, assim eu teria conseguido tirar aquele sorrisinho presunçoso que ele tinha na boca.

— Não tinha nem pensado em foder você... — ele ergueu a cabeça um pouco, pendendo para o lado, como se estivesse pensando em algo — não nos cinco segundos que já se passaram... — voltou a me olhar — e olha como eu já estou animado — inclinou a cabeça para frente, indicando que eu olhasse para baixo. Filho da puta! Nathan não venceria essa. Não quando ele tinha me feito passar pelo que passei.

— Não vai funcionar — sorri, quando o seu rosto assumiu um semblante mais sério — não quando eu estou realmente puta da vida com você...

— Hmm — resmungou ainda olhando para mim como se esperasse que eu prosseguisse.

— Hmm? — o imitei um pouco irritada — é isso que você tem para me dizer, ou melhor, me explicar como é que a morena gostosona foi parar na minha sala? — eu não me exaltei, mas refleti o que se passava dentro de mim — o que é

agora, vai tentar me levar à câmara de tortura ou me enjaular como um bicho para que eu não saia investigando Markov?

— Te amo, Lizzie — Inferno! Ele tinha que me dizer as duas únicas palavras que mexiam comigo. Mas, ele continuou: — não mandei Harper ir lá, mas foi inevitável...

— Inevitável! — explodi — Inevitável é o caralho com asas! — suas mãos começaram a apertar mais o meu pulso, à medida que eu ficava vermelha. Eu sabia que estava ficando vermelha. Sentia o meu sangue ficar ainda mais quente — se você pensou em usá-la como um meio de me distrair e não seguir com os meus planos...

— Eu não podia fazer nada — ele soltou minhas mãos e virou de costas para mim tão rápido que tomei um susto não apenas com a rapidez, mas pela forma brusca de agir — ela anda fazendo negócios com ele — vi quando ele passou a mão nos cabelos, claramente irritado — ela acha que eu não sei...

— Do que você está falando? — perguntei muito confusa.

— Eu sei que você lembra que um dia me apaixonei — ele começou com a voz irritada, por ter que me explicar aquilo — ela foi a mulher antes de você — eu sabia, apenas queria escutar da boca dele. Se eles não tivessem tido nada, ela não teria ido até lá com aquele ar de “sou dona dele” — ela fez parte da minha vida quando essa missão me levou a me tornar um senador... — respirou fundo para poder terminar — não posso fazer nada que possa estragar a relação dela com ele — o que ele queria dizer com isso? Que não podia estragar a relação deles? — essa é a missão da minha vida.

— O que você quer dizer com isso?

— Farei o que for preciso para que nada dê errado — a sua voz soou dura e seus olhos ainda mais quando ele se virou e me encarou.

— Eu sei disso — falei derrotada — mas não entendo o motivo dela ter ido lá.

— Depois de uma pequena investigação, eu soube que ela era a mandante da invasão ao seu apartamento. Ela acha que você está comigo para poder colher as informações necessárias e jogar na mídia.

— Ela deixou isso bem claro nas entrelinhas — eu já estava atrasada mesmo e minhas pernas começaram a ficar fracas. Então, resolvi me arrastar e me sentar na beira da cama e esperar que ele abrisse a boca.

— Nunca pensei que diria isso — Nathan veio na minha direção, sentando ao meu lado — mas eu quero que você tome cuidado com ela.

— Como você sabe, eu não estou realmente investigando você, ou melhor, me aproximando para colher informações — ele me olhou atentamente por alguns segundos, avaliando a situação, e falou:

— Não me importo com isso — disse ele com convicção — sei que você não faria isso comigo. Não depois de tantas coisas pelas quais passamos. Não depois de dizer que me ama e me dar um talvez quando te pedi em casamento.

— Isso não tem como negar — eu respirei fundo, deixando o peso dos meus ombros caírem junto com o meu cansaço.

— E, além disso — deu de ombros — eu saberia se você não me amasse de verdade, já que eu tive o privilégio de ter

você em meus braços.

— Certo — meu sorriso saiu fraco. Era verdade. Se eu não o amasse, ele não teria nem chegado a trezentos metros de mim — por que, exatamente, eu tenho que tomar cuidado com ela?

— Apenas tome cuidado e não se preocupe com o fato de ela ter ido lá ao jornal. Eu vou dar um jeito nisso. Eu não tive como pará-la, já que duvida que você me ama — sorriu, olhando de lado — e você ainda foi falar que fodemos na sua mesa?

— A vaca provocou. — dei de ombros — mais um pouco, e eu não responderia por mim.

Ele desviou o olhar para frente, pensativo.

— Tem uma coisa que precisamos falar — comecei com cautela.

— Sim... — incentivou, mas sem olhar para mim.

— Tenho percebido que não transamos com camisinha, e isso eu entendo já que você me mostrou os exames. Mas ainda assim eu não estou tomando nenhum tipo de remédio e eu não quero ter filhos...

— Você não quer ter filhos... — sua voz tinha um tom de tristeza. Isso doeu em mim, mas era verdade.

— Não agora, com a minha vida assim... — não queria que ele pensasse que eu não queria filhos, mas ele tinha que entender. Eu não tinha aceitado o pedido de casamento dele por motivos explícitos e um filho seria um tsunami em nossas vidas. — já conversamos sobre tudo isso, meu gato. Eu vou aceitar seu pedido de casamento e vamos ter filhos lindos,

assim como você. Mas eu preciso primeiro organizar minha vida.

— Você tem medo de mim, Lizzie? — o que ele queria com aquela pergunta?

— Por que eu deveria ter medo de você? — questionei, ainda sem entender o que ele queria dizer ou insinuar.

— Às vezes acho que é por causa do que eu faço o motivo de você não aceitar o meu pedido de casamento ou como agora, de ter filhos... — de onde ele tinha tirado aquela pérola?

O pânico tomou conta do meu corpo. Ele não poderia achar que eu tinha medo dele. Seria impossível ter medo do homem que eu amava com todas as minhas forças. Se eu tivesse com medo não estaria disposta a passar o resto da minha vida ao lado dele.

— Nathan, não. Não é por isso, eu já expliquei — comecei — eu amo você, muito. Você e Chloe são as pessoas mais importantes na minha vida...

— Eu também te amo — sorriu e aproximou o rosto do meu, beijando minha boca com tanta doçura que esqueci os meus problemas por alguns segundos. Quando ele se afastou ficou me encarando com aqueles olhos azuis irresistíveis de uma maneira tão intensa, tão profunda — hoje sou todo seu — disse de repente — o que você vai fazer na hora do almoço?

— Hoje, como já me atrasei mesmo, vou ao apartamento fechar negócio com o corretor e depois...

— Tenho uma surpresa para você — falou ao se levantar. Ele seguiu até o closet e pouco tempo depois voltou já vestido com

sua calça de linho preta e sua camisa branca de mangas, dobrando-a até os cotovelos.

— Nathan... — não sabia o porquê, mas aquela surpresa não estava me fazendo sentir algo bom.

Eu tinha consulta marcada à tarde, sabia que seria difícil encarar Ian e dizer a ele que não tinha contado nada para Nathan apenas por ele não se abrir comigo. Sabia que isso era infantil da minha parte, mas algo em mim tinha mudado. Como dizer para Nathan que eu sentia vontade de bater e até desejo de matar alguém? Não era um desejo superficial, era um desejo real.

Ele me olhava com tanta expectativa com relação ao presente, que deixei esses pensamentos de lado e o segui até o estacionamento.

Ele não deveria ter feito aquilo...

Capítulo 12



Parada, ao lado dele, pensei em várias maneiras de matar Nathan sem parecer culpada. De qualquer forma, não adiantaria muito. A minha raiva, se bem que não era bem isso, mas ainda assim era um sentimento que fez a minha cara se fechar completamente. Ele sabia que não eu queria que me comprasse mais nada, já que estava me ajudando no tratamento. Eu tinha dito que não aceitaria mais nenhum presente, mas acho que o ouvido dele era nas bolas, ou no cu mesmo. Será que ele não entendia os meus motivos? Será que ele não enxergava que eu precisava conseguir atingir meus próprios objetivos? Cresci no Queens, passei por coisas que até o diabo teria pena e era por esses motivos que eu queria me superar.

Um carro era a última coisa que eu queria. Eu estava me virando bem, pegando táxi, ônibus ou até mesmo com ele me deixando no trabalho. Um New Beetle amarelo. Bom, o carro era uma gracinha mesmo e bem a minha cara, mas... Eu não poderia ficar com ele e nem ficaria. Que Deus tivesse piedade do carro, porque eu não teria sequer uma gota de pena dele. Olhei para um lado, nada. Olhei para o outro lado, e bang! Era o que eu precisava para ele aprender a me escutar e a perceber que não era pelo fato de ele ser o que era que eu teria medo de agir da forma que eu queria. Ele já tinha meu corpo, meu coração, mas a minha independência? Isso ele não ia me tirar.

— Lizzie...? — perguntou ele, confuso quando me afastei dele.

— Quando foi mesmo que você disse que compraria um carro para mim? — a barra de ferro brilhava na minha frente, quase como se fosse cromada.

Barra de ferro no momento certo e na hora certa.

— Meu doce... — ele suspirou, quando me viu agachando e pegando a barra de ferro — o que você vai fazer com isso?

— Oh! Meu gato, você não me respondeu — sorri, já me posicionando ao lado do carro, jogando a barra de uma mão para a outra, brincando com ela.

— Não posso deixar você andando de ônibus, ou de táxi quando... — ele parou de falar assim que levantei o braço como um habilidoso jogador de beisebol para acertar o retrovisor direito do carro fofinho. Só tinha um problema... ele era mais rápido, mais forte e sabia como me segurar — o que você pensa que está fazendo? — perguntou furioso, segurando meu pulso.

— Sou eu quem deve fazer essa pergunta — rebati, olhando no mar azul daqueles olhos furiosos e sensuais — o que você pensa que está fazendo?

— Droga! Lizzie — vociferou — você está me tirando do sério... — a linha fina e rígida em seus lábios demonstrava o quanto ele estava se segurando para não falar outro tipo de palavrão — você... você...

— Não quero o carro — falei mais calma — eu já tinha falado para você que não queria.

— Você pode ao menos ficar com ele por um tempo? — pediu com a voz baixa, fazendo o meu corpo inteiro se arrepiar com o calor que ela provocava — se depois desse tempo você decidir que não o quer mais, pode fazer o que quiser... pode até quebrá-lo que eu ainda te ajudo a fazer isso... — eu odiava e amava a cara dele de cachorro que caiu do caminhão de mudança.

— Merda! — esbravejei, cedendo. E ele soltou meu pulso, satisfeito, me dando um de seus sorrisos largos e sedutores.

No caminho até o outro apartamento, o qual eu iria comprar, Nathan permaneceu calado. Deus sabe que foi o silêncio mais constrangedor da minha vida, perto dele. Será que eu estava sendo muito dura em não aceitar seu presente? Não. Eu não amoleceria.

O apartamento ficava localizado próximo ao centro da cidade, e por mais incrível que parecesse, estava com um preço ótimo e que cabia no meu bolso. Ele tinha uma vista ampla para a cidade movimentada, era perto do jornal, mesmo que eu ainda precisasse acordar um pouco mais cedo. Tinha uma sala ampla apesar de ser pequeno, mas não tão pequeno como a caixa de fósforos que eu morava, e também uma cozinha linda e dois banheiros. Ao lado da cozinha, perto de um corredor pequeno, dois quartos. O menor me fez vir à mente a imagem de Chloe escutando música ou lendo um livro da Jane Austin... Uma fantasia que me fez sorrir. Fazia muito tempo que eu não sorria daquela maneira, apenas por tentar imaginar algo bom. Meu quase noivo estava satisfeito com o local e ficou

ainda mais satisfeito quando viu o meu sorriso. Estávamos como cão e gato, mas ainda assim eu não deixava de amá-lo.

— Daria tudo para poder ler o seu pensamento... — disse ele ao se aproximar mais.

— Fora o fato de ainda querer matar você — falei dando de ombros — eu estava pensando em como será minha vida, depois que Chloe entrar nela...

— Tenho certeza que sua vida vai ficar melhor — era tudo o que eu queria — com relação ao carro... — começou a falar com a voz rouca e provocante. Nathan não tinha limites — espero que saiba aproveitá-lo...

— Prometo não quebrar ele em mil pedaços, mas... — sorri de maneira sarcástica e completamente maldosa — não quer dizer que eu não vá achar uma maneira de me livrar dele.

— Ainda não entendo o porquê de você querer se livrar dele. — ele arqueou a sobrancelha e me fitou com aquele olhar profundo, querendo entrar na minha alma.

— Nathan — suspirei profundamente, antes de fazê-lo entender os meus motivos. Bem no fundo eu sabia que ele tinha uma ideia, apenas não queria ver — eu tenho que conseguir superar, ou melhor, me superar. Não posso ficar aceitando presentes caros seus e ficar satisfeita com isso. Se eu quero um carro, eu vou trabalhar e comprar um. Se eu quiser alcançar meus objetivos, eu tenho que lutar para que eles se concretizem. Eu o amo muito e se eu não o amasse tanto, você saberia e é por isso também que eu não quero que você fique comprando coisas caras para mim.

— Às vezes você me irrita muito, sabia? — disse ele abrindo um sorriso que poderia molhar qualquer calcinha — mas, eu entendo. Porém, não vou aceitar o carro de volta. Eu dei. Ele é seu.

— Ai! Pai celestial, o Senhor sabe que tenho que me segurar para não estrangular esse homem — falei revirando os olhos — ele me tira do sério e ainda diz que sou quem tira o juízo no nosso relacionamento... E logo eu, meu bom Senhor, o irrita.

— Que tal — senti suas mãos na minha cintura — inaugurarmos o apartamento trepando em todos os cômodos, tipo... batizando... — aquela voz baixa, rouca e profunda, somada ao calor da sua boca próximo da minha orelha me deixando toda arrepiada, não era um bom sinal — eu estou com uma vontade louca de esconder minha cobra no seu buraco... — ele tinha mesmo dito aquilo? Deus! Ele tinha dito. Que merda!

O calor já estava começando a ficar mais intenso que o deserto do Texas no verão. Eu tinha que fazer aquilo parar. Eu tinha que me afastar dele. É que, por mais que eu o amasse, ele estava me escondendo coisas, coisas das quais eu queria saber. Não queria ficar no “Nathan me conta um segredo e esconde mil”. A minha salvação foi o fato de não ter almoçado e ainda ter uma consulta com Ian. Na verdade, a consulta com Ian era o que mais me deixava perturbada e foi o suficiente para me fazer voltar à realidade e me afastar dele.

— Não — minha voz saiu firme, bem do jeito que eu queria. Mas eu não contava com aquele sorriso dele. Idiota! Babaca! Gostoso! Definitivamente, ele sabia o que estava fazendo.

Como se ele nunca soubesse o que fazer. Pensamento estúpido esse meu, naquele momento — seu... seu...

— Continue... — se aproximou novamente, me desafiando a terminar a frase. Parecia que ele ficava ainda mais excitado quando eu o xingava. Era isso ou ele era mais louco que eu.

— Não vou lhe dar esse gostinho, nem aqui e nem no inferno — me afastei mais dele, indo em direção à porta.

— Nossa! — exclamou mordendo aquele lábio perfeito. — você fica ainda mais gostosa assim... — provocações... não ceda... não ceda... Caralho!

— Seu filho de uma puta — rosnei, mas não foi com raiva. Vi os olhos dele se iluminarem e era definitivamente o desejo dele explodindo, bem como a satisfação por ter conseguido o que queria.

Foco, Radzimierski.

Respira e sai desse apartamento.

Graças a Deus, uma única vez, meu corpo atendeu ao chamado do meu cérebro. Não que eu tivesse saído correndo... mentira. Eu saí correndo, deixando-o lá, e esperei-o na entrada do prédio, me dando conta que não estávamos sozinhos. A todo tempo o Jaguar preto nos seguia. Gretha é claro. Não demorou muito até que ele descesse com aquele maldito sorriso no canto da boca. Babaca convencido.

— Ela não vai vir até aqui? — perguntei quando ele se aproximou. O seu sorriso sumiu.

— Ela não pode — respondeu de forma inexpressiva.

— Por que não?

— Complicado, meu doce... — forçou um sorriso, mas estava claro que tinha algo errado. Eu gostava tanto da irmã de Nathan, que me sentia mal por, talvez, aquela situação ter sido provocada por minha causa.

— Nathan, eu... — eu não sabia o que exatamente falar, naquele momento.

— Depois conversamos sobre isso. — aquela era a deixa para não tocar mais no assunto.

Duas horas depois eu estava na sala de Ian, fitando o teto enquanto ele terminava de fazer suas anotações. Em algum momento, eu tinha que falar com ele sobre o que tinha sentido quando olhei para...

— Vamos, Lizzie — a voz grossa e autoritária de Ian invadiu meus pensamentos.

Ajeitei-me no sofá, deixando meus ombros rígidos e ficando um pouco mais cautelosa. O que pediria a ele com certeza não era uma das melhores ideias que já tive, no entanto, sabia que não teria tratamento que me fizesse esquecer aquela sensação de prazer. Acho que se era uma droga eu estava viciada, o problema era que nunca tinha provado.

— Como vou ajudar se você não fala o que a incomoda?

— Eu ainda não contei para Nathan — minha boca estava seca. E eu não queria que Nathan ficasse sabendo daquilo e nem sabia o porquê de não querer.

— Imaginei que não tivesse feito isso — disse cruzando as longas pernas e tirando os óculos do rosto, pousando a mão que o segurava na perna.

— Ian — comecei e com o nervosismo me levantei, começando a andar de um lado para o outro — para isso, eu não quero tratamento...

— Como vou saber se você precisa de ajuda com isso, se nem ao menos sei o que é?

— Quero ser treinada — assim que terminei, vi os olhos de Ian se arregalarem.

— Como... — começou, mas antes que ele continuasse comecei a explicar.

— Nathan me mostrou uma das armas — ele ficou atento e não falou nada, apenas me incentivou com um aceno de cabeça — sei que vai parecer loucura, mas senti algo diferente... Queria apenas saber como é segurar uma e...

— Matar quem fez mal a você e a sua irmã no passado? — aquela pergunta me pegou um pouco de surpresa.

— Na verdade eu queria saber me defender mais. Tenho certeza que me sairia bem.

— Você tem ideia do que está me pedindo?

— Não, mas quero tentar — falei me sentando novamente no sofá — eu estou investigando Markov — nesse momento, ele arqueou uma das sobrancelhas, um pouco irritado — eu sei o que você, talvez, esteja pensando: ela quer ser o próximo assunto dos jornais, só que estampada na primeira página como a jornalista morta. É por isso que eu quero ajuda. Eu sei o básico. Chuto bem melhor do que parece e tenho um bom gancho de direita...

— Nathan precisa saber disso, Lizzie. — respirou profundamente.

— Não. — falei determinada — ele anda escondendo muitas coisas de mim, mesmo depois de tudo, ele continua escondendo. Às vezes acho que ele sabe algo sobre mim que eu não sei. Sei que parece besteira, mas é o que sinto. Você é o único que pode me ajudar e ainda tem recursos suficientes para isso, já que você é...

— Você sabe que, se eu fizer isso, estou colocando minha amizade com Nathan em jogo e ainda o meu casamento com a irmã dele... Sem contar o fato de arriscar minha carreira se alguém descobrir.

— Você quer que eu me ajoelhe e implore? — perguntei com sarcasmo e vi um lampejo de sorriso no canto da boca de Ian.

Ele sempre soube de algo e talvez fosse por causa da sua especialidade. Ele sabia analisar o comportamento de um inimigo, e mesmo que eu não fosse seu inimigo, ele tinha me analisado e estava me ajudando com meu trauma.

— Não precisa. — disse descruzando as pernas e se levantando, colocando os óculos no rosto — mas... — sempre tinha um “mas” — você tem que me prometer que não vai usar para se vingar e sim apenas para sua defesa. Prometa Lizzie, que não vai usar o que eu vou lhe ensinar para vingança e eu a treino.

— Prometo. Juro pelo amor que sinto pela minha vida que só usarei o que você me ensinar para me defender. — falei, porém não foi uma verdade completa.

Capítulo 13



Minha noite foi terrível. Não consegui dormir direito e quando os primeiros raios de sol despontaram no teto eu me vi exausta. Nathan tinha dormido tranquilo e completamente sereno. Não queria acordá-lo quando me levantei da cama e sorrateiramente fui até o banheiro lavar meu rosto e escovar os dentes. Minha cabeça estava pegando fogo de tanto pensar em como seria o treinamento. Em como seria saber me defender melhor...

— Alguma coisa está errada, meu doce, o que é? — soltei um gritinho devido ao susto. Não esperava que ele estivesse acordado e nem percebi que ele havia levantado — você não dormiu.

— Não é nada. — menti, tentando soar o mais verdadeiro possível. Na verdade, duvidava muito que Nathan acreditasse, mas tinha esperança que ele achasse que era frescura de mulher ou coisa do tipo. — outra coisa que eu duvidava muito.

— Hoje tenho que ir à reunião do Senado — começou a falar e se aproximar de mim, envolvendo minha cintura com suas mãos quentes e firmes — tenho apenas uma reunião sobre a campanha e para saber como andam os números à tarde. Queria poder ficar com você hoje pela manhã, mas tenho que dar uma entrevista para o New York Times.

— Tudo bem. — sorri e ele arqueou a sobrancelha, preocupado.

— Tem certeza que não tem nada de errado?

— Tenho — era claro que ele não acreditou em mim — acho que vou ficar resfriada... — Nathan assumiu uma expressão séria e uma linha fina e rígida surgiu em seus lábios, no entanto, apenas balançou a cabeça concordando e saiu para o banho.

Nathan, apesar de não ser um senador e ao mesmo tempo ser um, estava subindo nas pesquisas, e com isso, suas obrigações em comparecer em eventos políticos estavam na sua rotina. Isso não tinha me incomodado até o momento em que ele apareceu com um convite para acompanhá-lo. Não queria ser grossa e recusar, mas não me sentia confortável sendo uma das atrações. Depois do almoço, tendo a guarda de Lucius sempre a minha disposição, recebi uma mensagem dele.

“Hoje teremos um evento de última hora e preciso da mulher da minha vida junto a mim. Será um evento Black-tie e espero que você aceite, pois quero mostrar a todos a mulher exuberante que dorme comigo e que eu amo. Por favor, diga que sim”.

Ele tinha que ser mesmo muito charmoso e carinhoso para me fazer aceitar algo que estava fora dos meus hábitos.

“Será um prazer ficar ao seu lado. Aceito”.

“Casar?” — ele sabia que isso iria me fazer sorrir. Teimoso.

“Talvez”.

“Ansioso pelo SIM. Te amo e tenha um ótimo dia”.

“Te amo e em breve você terá um sim”.

Alguém bateu à porta. De repente, um calafrio tomou conta do meu corpo e todos os pelos se eriçaram. Ele tinha aqueles olhos verdes, quase acinzentados, que no momento em que eu

os encarei me deu vontade de vomitar. Não sabia direito o que tinha de errado, mas o meu cérebro mandava mensagens de que era para eu correr. Mas, eu o encarei, ergui a cabeça e endireitei os ombros, sem dar o menor sinal de que tinha algo errado. Não existiam motivos para eu me sentir daquela forma. Aquele era o Matt, que mesmo depois de tudo ainda o considerava amigo, ou achava que era, ou queria acreditar que era. Mas isso era o que eu queria pensar. Matt usava uma calça desbotada jeans azul, uma camiseta quase colada ao corpo e um par de tênis preto. Ele parecia não dormir bem há dias e isso estava evidente em suas olheiras, quase arroxeadas, ao redor de seus olhos.

— Oi. — disse ele, colocando as mãos nos bolsos da calça e me olhando por baixo dos grossos cílios loiros. Tinha que ser coisa da minha cabeça aquela sensação ruim que tomava conta do meu corpo.

— Oi. — falei tentando colocar um sorriso no rosto, mesmo que parecesse uma careta.

— Eu... — balançou a cabeça e fechou os olhos com força — eu soube do que aconteceu com você. Você está bem?

— Eu estou bem. — não sabia que minha voz tinha saído ríspida até o momento em que vi os vincos nos cantos dos olhos dele.

— A polícia já sabe quem é o cara? — droga! Por que a vontade de vomitar tinha ficado maior? Mesmo tendo algo eu não falaria para ele.

— Não sei de nada até o momento. — ele chegou mais perto da mesa e eu senti o cheiro dele. Não era normal os pelos do

meu corpo ficarem eriçados daquela forma por causa dele, mesmo ele tendo me beijado à força.

— Lizzie... — ele olhou na minha direção, bem no fundo dos meus olhos — eu queria que tivesse dado certo. Nós dois.

— Não mando no meu coração, Matt — falei de forma inexpressiva, mas ainda sentindo que havia algo errado.

— Nem eu mando no meu. Não tenho culpa de ter me apaixonado por você. — o olhar dele ficou frio e tinha algo errado com a forma que ele me olhava. Graças a Deus, o telefone tocou.

— Matt... — não tinha mais nada para falar para ele. Naquele momento percebi que tinha perdido um amigo.

— Eu entendi. — assentiu ainda me encarando de modo estranho. Eu tinha que atender ao telefone e ele precisava ir embora.

— Oi... — olhei para ele indicando que já era hora dele sair da sala. Não sabia de onde tinha saído aquela Lizzie arrogante, mas pareceu que com ele era a coisa certa a ser feita. Assim que ele saiu da sala parecia que tudo estava fedendo.

— Alô?

— Senhorita Radzimierski, aqui quem fala é a agente Lackin. Espero não incomodar.

— Claro que não. Em que posso ajudar?

— Teria dez minutos para me receber hoje em seu escritório? — achei estranho o pedido dela, mas parecia algo importante.

— Tenho, porém por que você não espera até o final do expediente? Poderíamos ir até o apartamento do senhor Fox

para conversarmos melhor...

— Não. — interrompeu rapidamente — o que tenho para falar gostaria que fosse apenas entre nós duas — por que ela queria uma conversa apenas entre nós duas? — daqui a uma hora estarei aí. Obrigada.

— Tudo bem, então. — falei desligando o telefone.

É claro que Lucius iria informar a Nathan sobre a visita inesperada da agente Lackin em meu trabalho, no entanto, eu esperava que ele estivesse muito ocupado com a reunião que teria à tarde. Se ela não queria falar perto de Nathan, era algo muito sério. Minha cabeça estava em outro lugar. Não estava conseguindo revisar e nem analisar os textos. Não conseguia me concentrar na minha amiga Tati que já tinha colocado várias vezes a cabeça pela porta para me olhar, e nem mesmo quando ela, carinhosamente, me trouxe um café extraforte, consegui me concentrar.

Quando a agente chegou, sem a sua montanha de músculos a tiracolo, fiquei realmente preocupada, e quando Lucius arqueou a sobrancelha para mim, fiquei mais preocupada ainda. Estava claro que ele já estava com o celular grudado no ouvido quando eu fechei a porta e me certifiquei que não seríamos incomodadas.

— O que houve agente? — me sentei, oferecendo a cadeira para ela se sentar também. Ela colocou o distintivo e a arma ao lado e desabotoou o blazer; parecia séria e eu tinha um mau pressentimento com relação ao que ela iria me falar...

— O exame da perícia chegou. — ela estendeu um envelope amarelo — antes, quero fazer uma pergunta. Tudo bem? — eu

assenti e incentivei-a a continuar — há quanto tempo a senhorita conhece o senhor Matt Brown? — meu coração disparou no mesmo momento.

Parecia que um buraco tinha sido aberto bem abaixo dos meus pés e estava prestes a me engolir. Senti os batimentos do meu coração e a minha respiração ficar cada vez mais ruidosa. O sangue que existia no meu corpo tinha sumido.

Há quanto tempo a senhorita conhece Matt Brown? Era a pergunta que nunca pensei em escutar da boca de um policial.

— Senhorita, é muito importante que me diga há quanto tempo o conhece. — falou com calma, porém, tinha um tom de firmeza em sua voz que me fez acordar.

— Matt é, ou era, meu amigo. Faz uns dois anos que trabalhamos juntos... — eu tentava assimilar o que, possivelmente, estava acontecendo — cobrimos algumas matérias e viajamos juntos de modo profissional.

— O senhor Brown já demonstrou algum tipo de comportamento suspeito? — Droga! Merda! Puta que pariu! Caralho de asas! — alguma vez ele demonstrou querer invadir o seu espaço ou tentar algo além da amizade?

— Uma vez... — me remexi desconfortável na cadeira.

— O que exatamente ele fez e como aconteceu?

— Bom, foi um beijo — olhei para ela, que parecia absorver as informações e os movimentos que eu fazia, como uma águia — Tínhamos que ir a Washington cobrir uma matéria. Era o tipo de matéria que eu normalmente não cobriria. Naquele dia eu tinha notado algo estranho nele. Mas, deixei de lado e segui o trabalho. Depois de um leve acidente, onde eu caí e machuquei

a mão, ele ficou carinhoso, mas irritado logo em seguida. Quando voltamos, eu estava cansada e tínhamos discutido. Eu suspeitava que ele gostava de mim, e, naquela noite, ele tentou me beijar à força e eu soquei a cara dele. Tenho um problema com toques...

— Problemas com toque? — a vi aos poucos se inclinar para frente, mas seu rosto mantinha a expressão de água.

— Sofri abuso por um tempo e desde então tenho fobia a ser tocada por homens...

— Mas, não o senhor Fox, suponho?

— Não. — sorri para ela, mesmo que tivesse saído no automático — ele é diferente.

— Certo. — ponderou o que eu tinha acabado de falar, com um leve aceno de cabeça e continuou — voltando, o que aconteceu depois que ele tentou beijá-la?

— Ele tentou se aproximar e pedir desculpas — parei um pouco tentando esquecer que ele tinha me beijado à força, mas era impossível. — foi quando conheci Nathan. Eu tinha que entrevistá-lo para uma matéria especial e acabamos nos apaixonando. Quando Matt ficou sabendo não aceitou muito bem, no entanto, achei que estávamos indo bem...

— Senhorita, não vou ficar dando voltas na nossa conversa — ela, de repente, assumiu uma postura mais reta e um tom de voz cautelosa — os exames mostraram uma prova que incrimina o senhor Brown. O esperma dele foi encontrado dentro de uma camisinha a cinco metros do local do crime e tinha os seus fluidos nela. O mandato de prisão já foi expedido para o senhor Brown. Ele se demitiu ontem...

Ontem... Esperma... Camisinha... Fluidos... Matt. Inferno.

— Ele veio aqui hoje — sentia meus pulmões queimarem. Meus olhos ardiam e eu sentia todo o meu corpo tremer — droga! — esbravejei, levantando da cadeira e jogando-a para trás com força.

As lágrimas escorriam pelo meu rosto enquanto eu passava as mãos pelo meu cabelo, tentando entender o porquê de tudo aquilo. Por que Matt tinha feito aquilo comigo? Por que tinha voltado? Eu sabia. Meu corpo tinha sentido que era ele o culpado. Eu não queria me escutar.

— Lizzie — a voz dela ficou mais baixa e ainda mais calma. Eu parecia uma leoa e ela era quem tinha que domar a fera irritada e frustrada — eu quero que você mantenha a calma e me diga exatamente o que ele disse a você.

— Merda! Aquele filho de uma puta! — eu já estava andando de um lado para o outro, sem saber ao certo o que fazer. Eu queria matá-lo. O desejo de matar alguém tinha surgido quando Theodor abusava de mim, porém naquele momento, eu queria matar Matt. Queria encontrá-lo e arrancar a cabeça daquele desgraçado — ele veio aqui, disse que sentia muito pelo que tinha me acontecido, perguntou sobre o caso e se já tinham novidades, e...

— E...?

— E ele disse que queria que tivesse dado certo, seja lá o que imaginava que poderia ter acontecido entre nós dois. Eu disse que ninguém mandava no coração, ele falou que me amava... e...e... — levei as mãos até o rosto, tentando bloquear as lágrimas que insistiam em cair, mas não consegui. Eram

lágrimas de ódio. Enquanto eu chorava, a agente pegou o celular e ligou para alguém.

— O Senhor Brown esteve aqui... — fez uma pausa e escutou com atenção — ela tem um segurança, parado na porta... Não, achei melhor deixá-lo na entrada... Sim senhor. Não, ela não falou com o senhor Fox. Sim senhor, capitão. Pode deixar. — com isso ela desligou o celular, pegou o distintivo e a arma, levantou e seguiu na minha direção — preciso que vá para casa e fique lá, até que tenhamos novas notícias. Avise ao senhor Fox sobre o ocorrido e mantenha o segurança do lado. Uma viatura ficará fazendo a ronda no prédio do senhor Fox, apenas por segurança. Entendeu?

— Entendi. — assenti freneticamente.

Não era para eu chorar como uma louca, era para estar com uma arma na mão seguindo aquele merda! Droga! Porém, eu não poderia fazer isso. Eu não tinha condições de fazer isso.

Capítulo 14



Matt Brown

Matt era um cara legal; formado em jornalismo, gostava mesmo era de ficar atrás das câmeras. Ele não gostava de ser subjugado ou rejeitado. Na verdade, o maior defeito dele era ser direto demais no que falava. O problema em ser direto demais era que normalmente ele ganhava um tom rosado no rosto. Um tapa de todas as mulheres com quem ele resolvia ser direto e muitas vezes honesto demais com relação aos defeitos dos outros sem olhar para o próprio umbigo. Até que um dia ele resolveu ter a brilhante ideia de que eu era a escolhida dele. Nem por um segundo achei que ele fosse o tipo de homem que mostrou ser. A caminho de casa, ou melhor, do apartamento de Nathan, me peguei pensando nas vezes em que ele brincava comigo, se insinuando, mas sempre mantendo distância. Das vezes em que rimos e dos momentos de total descontração.

Tudo mentira. Tudo era a porra de uma mentira! Matt era um doente, que merecia morrer pelo que fez. E se ele tivesse feito isso com outras mulheres? Aquele monstro asqueroso.

Ele tinha me beijado à força, mas daí querer me ferir daquela forma... eu não queria aceitar. Não tinha como acreditar que ele tinha feito aquilo.

Não tenho culpa por ter me apaixonado por você. Essas foram as palavras dele. Que tipo de amor faz o que ele fez comigo? Nunca tinha nutrido qualquer tipo de sentimento por ele e nem tinha dado a entender que poderia se aproximar de

mim. Eu queria chorar, entretanto as lágrimas não vinham. Parecia que tinham secado, mesmo com a vontade de derramá-las.

Quando entrei no apartamento, de repente, não queria estar ali. Não queria ficar sozinha mesmo com Lucius do lado de fora, na porta, e mais três seguranças na entrada do prédio. Relutante e cansada, fui andando para me sentar no enorme sofá e imediatamente o apartamento amplo e arejado não era mais tão amplo e arejado, quando eu me encolhi na posição fetal, perdida em pensamentos. Parecia que ficar ali me sufocaria.

— Lizzie! — aquela voz eu conhecia. O calor daquela mão eu conhecia. Nathan estava ao meu lado, afagando meus cabelos enquanto eu permanecia de olhos fechados. Sua voz era calma, porém, preocupada.

— Ele era meu amigo... — murmurei com a voz triste e angustiada, ainda de olhos fechados.

— Sinto muito.

— Eu nunca alimentei nada... — minha voz saiu quase sem som — nunca. Nem quando ele tentou me beijar...

— Ele tinha tentado beijar você? — Droga... eu não tinha contado para Nathan que ele havia me beijado dias antes de me encontrar com ele na Heated Fox, uma de suas casas noturnas.

O que mais me deixou alarmada foi como o tom de voz de Nathan mudou de calmo para estranhamente frio. Foi isso que me obrigou a abrir os olhos para olhar o seu rosto com as linhas rígidas e seu maxilar tenso. Seus olhos azuis assumiram um

fogo que eu nunca tinha visto na minha vida. Era algo perigoso. Nada parecido como quando eu o vi atirando a sangue frio na cabeça de um homem, na noite em que eu fui estuprada. Seus olhos brilhavam, ou melhor, cintilavam de puro ódio.

— Ele me beijou... — vi aos poucos os olhos de Nathan se arregalarem e depois se fecharem lentamente, enquanto ele passava a mão pelo cabelo com muita força.

— Preciso de uma bebida... — quando ele se afastou de mim, senti medo. Aquele medo de ser rejeitada. À medida que ele se afastou, me senti sozinha.

O corpo grande e musculoso de Nathan andou até o bar que tinha perto da grande janela de vidro, que dava para ter uma vista panorâmica da cidade. Ele apoiou as mãos sobre a bancada e abaixou a cabeça respirando fundo. Ainda de cabeça baixa, pegou a garrafa de uísque e despejou uma quantia considerável do líquido no copo, bebendo tudo de uma única vez, pousando-o ruidosamente sobre a bancada. Nathan repetiu isso quatro vezes. Eu já estava sentada no sofá quando o vi arremessar o copo contra a parede com força, fazendo pedaços de vidro se espalhar para todos os lados. Aquilo não me assustou...

Me apavorou.

— Aquele monte de merda! — o rosto dele ficou vermelho e pude ver as veias do seu pescoço pulsarem. Nathan estava transtornado — não era para você ter escondido isso de mim! — esbravejou e, se eu já estava assustada, fiquei ainda mais. Mais um pouco e eu sairia correndo — eu não sou onisciente, porra!

— Nathan...

— Não me venha com essa sua voz macia! — falou virando e olhando na minha direção — hoje, eu vou encontrar aquele merda e que Deus tenha piedade da alma dele, porque eu não vou ter! — rosnou de forma ameaçadora.

— Não me trate como se eu tivesse culpa! — não sabia de onde tinha surgido aquela força para enfrentá-lo, mas era como se algo me fizesse querer reagir à forma como falou comigo. Porém, de nada adiantou eu me manifestar. Ele não tinha me escutado. Quando dei por mim, tinha tirado o terno e já estava subindo as escadas — onde você pensa que vai?

— É bem melhor você não ficar sabendo — falou sumindo do meu campo de visão. Eu não sabia o que fazer. O pior era que estava começando a me sentir culpada por não ter contado nada a ele.

Em menos de cinco minutos ele desceu correndo as escadas. Estava vestindo uma calça preta, uma camisa preta de algodão estrangulando seus músculos e seus sapatos pretos de cano longo. Meus neurônios só perceberam para onde ele estava indo quando minha respiração voltou ao normal. Ele tinha se vestido para fazer o que sabia de melhor.

Caçar.

Matar.

Mas ele estava agindo sem pensar. Nathan estava cego de ódio.

Eu o segui até o seu escritório, o painel já tinha sido acionado e ele já estava pegando a arma, ou melhor, as armas. Ele já tinha colocado o colete e mesmo que eu quisesse

controlar meus olhos, não dava. Além de incrivelmente perigoso, ele estava incrivelmente gostoso.

— Nathan — tentei chamar a sua atenção apenas com a minha voz, coisa que não estava adiantando muito — pare! — implorei.

Não queria que ele se arriscasse e perdesse o rumo. Mesmo que eu quisesse com todas as minhas forças que ele pegasse Matt, não queria que corresse o risco de se machucar. Era um pensamento tolo da minha parte, mas era assim que eu senti que deveria agir.

— Droga, Nathan! Pare!

— Me dê um motivo para não ir atrás daquele merda e eu paro — enquanto falava comigo, ele terminava de ajustar as armas no coldre e os pentes carregados de balas. Respirei fundo, passando as mãos no rosto e no cabelo tentando encontrar algo que o fizesse parar...

— Droga! — resmunguei colocando as mãos na cintura, de forma impotente — eu caso com você amanhã, se não sair por aquela porta e fazer algo que não foi planejado. — Nathan congelou. Suas mãos ficaram paradas no ar, segurando algo que parecia uma faca e quase não respirava.

— Você não quer que eu o mate para te vingar? — perguntou ele, depois do que pareceu uma eternidade.

— Prefiro que você fique comigo — falei me aproximando devagar — prefiro que você me abrace e diga que vai ficar tudo bem. Prefiro que você olhe para mim e diga o quanto me ama. — quando, enfim, me aproximei dele, toquei seu braço com

carinho — prefiro que você cure minha dor a sair de perto de mim.

— Você tinha que aceitar o pedido logo quando eu estou com o sangue fervendo de raiva? — sorriu com ironia. — garota esperta você, hein? — foi tão rápido, que nem deu tempo de tampar os ouvidos com as mãos quando ele tirou a arma do coldre e disparou.

Ele atirou cinco vezes contra o vidro da grande janela do seu escritório, que logicamente era à prova de balas. Vi os músculos do braço de Nathan, o que segurava a arma, relaxarem baixando-a e aos poucos o seu corpo foi girando e pegando o celular que estava ao lado da bancada do painel de armamento. Não diria que poderia ficar mais assustada do que já estava, mas se existia algum cabelo no meu... eles tinham acabado de cair todos, apesar da adrenalina que percorreu todo o meu corpo.

— Gretha — fez uma pausa respirando bem fundo. — quero a cabeça de Matt Brown... Isso mesmo. Foi ele quem atacou Lizzie naquela noite. Não, quero eu mesmo cuidar dele — dava para escutar os estalos dos ossos da mão de Nathan se fechando com força — você já sabe o que fazer. — ele afastou o telefone e ficou segurando-o por um longo tempo, apertando com força até finalmente colocar todas as armas de volta no lugar. Era óbvio que eu queria matar Matt, no entanto, eu precisava mais de Nathan naquele momento. Precisava dele mais do que qualquer coisa no mundo. Mais do que o ar que eu respirava.

— Nathan?

— Você vai se casar comigo amanhã. — falou devagar, se virando para olhar para mim — então é bom cumprir o que acabou de falar... — e lá tinha ido por água abaixo tudo que eu planejava. Eu ia me casar com Nathan, porém, esperava organizar tudo na minha vida com relação à Chloe e ao treinamento, com relação a tudo. Pelo tom de voz firme e grave ele não estava de brincadeira quando afirmou o “você vai casar comigo amanhã”.

O que mais eu poderia fazer para ele ficar perto de mim? Mesmo com mentiras, era ele o dono do meu coração e o amor da minha vida. Eu não me via e nem me imaginava ao lado de outro homem que não fosse o imponente, magnífico, poderoso e irresistível...

Nathan G. Fox.

Capítulo 15



Não tinha mais saída. Eu tinha que me casar ou ele iria fazer algo sem pensar. Não tinha como não aceitá-lo como meu marido. Eu seria a Sra. Fox em algumas horas, já que não tinha como voltar atrás. Como eu explicaria para os meus amigos, no caso Tati e Elijah, que eu tinha acordado solteira e à noite já estava com o casamento em andamento?

— Vamos fazer assim, — Nathan começou a falar terminando de fechar o painel de armas — casamos e em dois dias vamos pegar a sua irmã. Depois da minha eleição, vamos “casar” novamente depois de seis meses — ele foi até a sua mesa, ligou o computador, digitou algo e voltou a olhar para mim — a... — elevou o pulso até que ele pudesse olhar o relógio — a exatamente um minuto estamos legalmente casados. — Oi?

— Você disse que íamos casar amanhã — o pânico estava tomando conta de mim, mesmo sabendo que seria em vão.

— Hoje — aquela voz de predador saiu daquela boca perfeita de Nathan, quando ele me olhou tão profundamente, que quase derreti ali mesmo na sua frente. Olhei para o monitor e já havia passado da meia noite. Aquele desgraçado pensava em tudo — já é o seu amanhã. Hoje... — Deus! Como ele podia ser tão sedutor e ao mesmo tempo tão mandão — já é a nossa lua de mel e eu pretendo consumir o direito de foder a minha esposa, até que a cabeça do meu pau chegue ao cérebro dela.

A soma de Nathan falando em pau, mais aquela roupa preta colada naquele corpo magnífico, mais aquele olhar de quem quer comer gente, ou melhor, foder fodendo, era de acabar com qualquer mulher sã. O calor do corpo dele junto ao meu foi o suficiente para fazer os meus batimentos cardíacos irem às alturas. Quando as pontas dos dedos de Nathan tocaram meu queixo, um gemido involuntário saiu da minha boca e ele nem tinha me tocado de verdade.

— Você me queria ao seu lado. Aqui estou eu e agora é para sempre, Sra. Fox — e mais uma vez meu corpo não obedeceu meus comandos e se entregou a ele, da maneira mais safada que já existiu na história da humanidade. Ouvi-lo me chamando de Sra. Fox foi a última gota d'água. E o que não ajudou muito foi quando os dedos dele assumiram um rumo diferente no meu corpo, indo em direção aos meus seios, passando pela minha barriga até chegar onde queria.

— Nathan...

— Shhh... Calma, estamos apenas começando — disse ele quando se aproximou mais, sussurrando em meu ouvido, chupando o lóbulo da minha orelha e a contornando com a língua molhada, fazendo todo o meu corpo se arrepiar de desejo e querer mais do seu corpo quente. — vamos fazer amor na mesa, ou melhor, vamos foder nela, fazendo desse momento a nossa primeira vez. Depois, vamos foder na banheira. Depois, no chão... na poltrona... na cama, na escada... — quando Nathan enfiou a ponta da língua no meu ouvido, eu já estava me contorcendo e quase o rasgando em

dez pedaços — hoje você não irá dormir; vai gozar tão alto que precisará de um mês para se recuperar.

Ele estava me punindo por não o deixar ir atrás de Matt. E por mais que eu estivesse querendo me vingar, não queria perder o Nathan que eu tinha na minha frente. Não queria ter que presenciar ou sentir aquele Nathan raivoso, pronto para atirar na cabeça de alguém sem o menor remorso. Na verdade, eu o queria daquele jeito, e se todas as vezes que ele estivesse frustrado daquela forma quisesse me punir com sexo... Eu não reclamaria. Eu não era submissa a ele, porém, tinha que dar o braço a torcer: quando um homem gostoso e de pau duro está querendo trepar comigo em todos os cômodos da casa, eu me tornava a senhora Putinha Fox.

Eu não tinha muita força para pensar. Na verdade, eu não tinha nem força para respirar quando ele me ergueu e me colocou sentada na mesa. Não tinha notado que eu estava apenas de calcinha e sutiã. Onde minhas roupas tinham ido parar, eu não sabia, mas eu não estava ligando a mínima para mais nada. Apenas para ele.

— Aconselho que se segure firme — murmurou na minha orelha — quando terminar eu prometo que passo um gelinho nessa boceta deliciosa — Nathan começou a acariciar minhas pernas, fazendo-as se abrirem para receber seu corpo — olhe para mim — quando olhei seus olhos pareciam duas bolas azuis de fogo, prontas para me queimar — agora você é minha. Entendeu?

— S-sim — eu não tinha condições nem de abrir a boca para responder qualquer pergunta dele, então, gaguejei, sentindo

suas mãos quentes e firmes nas minhas coxas, indo na direção do meu quadril, passando por baixo, segurando firme a minha bunda e puxando para sentir o quanto ele estava duro.

Eu estava apoiando meus cotovelos na mesa enquanto ele me castigava com o calor do seu corpo. Com uma das mãos ainda no meu quadril, ele levou a outra até a minha nuca, enterrando os dedos no meu cabelo e segurando com força, puxando minha cabeça para perto da dele, encostando sua testa na minha, respirando fundo e ainda olhando nos meus olhos.

— Eu... — senti seus dedos afastando minha calcinha para o lado — Nathan Gregory Fox — ele não estava fazendo aquilo... — recebo você, Lizzie Radzimierski — ele estava fazendo, e ainda por cima acariciando minha boceta e o meu clitóris enquanto falava — prometo ser fiel, amar e respeitar...

— Nathan, esper... — gritei quando ele introduziu dois dedos em mim — droga!

— Ainda não terminei — eu mal conseguia ficar de olhos abertos quando ele começou a movimentar os dedos, me levando à loucura — na alegria e na tristeza, na saúde e na doença... — quando dei por mim, não eram mais os dedos dele que estavam me invadindo e me preenchendo. Era Nathan, ou melhor, o pau dele.

Ele mantinha um ritmo lento. Entrando e saindo devagar, me matando por dentro e fazendo com que eu pedisse mais.

— Por todos os dias de nossas vidas. — sussurrou, olhando para mim. A forma como ele me olhava, enquanto falava e me penetrava, era profundo e parecia que aquele era o nosso

último momento juntos — sua vez, meu doce — incentivou com aquela voz rouca e sedutora.

— Eu... — não deu tempo de abrir a boca para falar o resto, pois assim que saiu a primeira palavra, Nathan estocou com força, se movimentando mais rápido e me penetrando fundo.

Meu corpo inteiro tremia, mas não era por medo do seu toque, era exatamente o contrário. Eu o queria, e muito. A cada investida, um gemido acompanhado do nome dele. A sua mão que estava no meu traseiro foi parar na minha nuca. Agora Nathan a segurava firme com as duas mãos, os dedos enterrados no meu cabelo, me fitando com aqueles olhos azuis penetrantes e irresistíveis.

— Termine, meu doce — como eu terminaria de falar qualquer coisa com aquele homem me possuindo por completo? — fale, ou não vamos sair daqui hoje.

— Eu, Lizzie... — eu sentia os músculos do corpo dele, eu sentia o calor do corpo dele, eu sentia o cheiro gostoso que tinha e isso não fazia meus neurônios funcionarem como deveriam funcionar — Amar... Ser fiel... Respeitar — que fosse para o inferno a ordem daqueles votos, eu não conseguiria dizer eles da maneira certa com ele me fodendo daquele jeito — Alegria... Tristeza... Doença... Droga Nathan! Até na porra da saúde eu vou te amar — não consegui ficar de olhos abertos.

Quando os fechei, senti a boca de Nathan sobre a minha, com a sua língua invadindo e explorando a minha boca com sofreguidão. Eu já não conseguia me apoiar na mesa com os cotovelos devido aos movimentos intensos e firmes de Nathan. Me agarrei a ele, arranhando suas costas por cima do tecido da

camisa, deslizando uma das mãos para o seu quadril e puxando-o para mais perto. Como se isso fosse possível.

E naquele momento, nós nos entregamos um ao outro por completo.

Quando acordei naquela manhã eu mal sentia as minhas pernas. Ele não tinha brincado, quando disse que íamos fazer sexo na escada... Na poltrona... No chão... Na cama... Na mesa do escritório dele... Bem devagar, fui saindo da cama e seguindo para o banheiro, parando apenas por um motivo. Eu. Eu estava pelada, com os cabelos desgrenhados e a cara amassada. Uma imagem digna de filme de terror.

— Meu Deus... — gemi, passando as mãos no meu rosto — eu estou horrível...

— Não, não está. — eis que surge a perfeição de homem na porta do banheiro, segurando duas xícaras de café fresco e fumegante — está linda — sorriu, andando na minha direção, deixando os cafés na mesinha ao lado da porta.

Ele estava sem camisa, vestindo apenas uma calça de moletom preta, com o cabelo molhado e despenteado. Uma visão dos deuses, com alto teor de pecado. Eu não senti vergonha por estar pelada e muito menos parecendo uma das bruxas de Salem. O jeito que ele me olhava fazia com que me sentisse dele.

— Bom dia, Sra. Fox... — droga! Eu ia ter que aturar ele me chamar de Sra. Fox pelo resto do dia, ou das nossas vidas. Não que isso me incomodasse, porque não me incomodava. O que me deixava furiosa era o sorriso presunçoso dele.

— Nathan... — respirei fundo, antes que minha boca fosse dominada pela minha mente e eu falasse o que não deveria falar. — eu preciso de uns minutos, se é que isso eu posso ter.

— Quando você me chamar de marido... ou esposo, eu saio — cruzou os braços e alargou ainda mais aquele sorriso.

Ele não ia me tirar do sério. Não quando eu tinha um milhão de coisas para resolver, incluindo ir até a delegacia para saber mais sobre Matt. Porém, eu tinha uma suspeita de que a polícia não chegaria até ele a tempo. Nathan tinha acionado Gretha para rastrear Matt, ou seja, seria impossível que a polícia o encontrasse, ou que nas mãos de Nathan ele permanecesse vivo. Sem falar que eu tinha que estar no jornal às...

— Merda! A hora Nathan! — falei correndo para dentro do box, ligando o chuveiro e tomando meu banho na velocidade da luz. Peguei a toalha e me enrolei, mas quando eu ia saindo do banheiro, ele segurou meus braços, me fazendo parar.

— Estou esperando — ele não ia me soltar. Isso estava escrito na testa dele.

— Bom dia... — fiz uma pausa antes de erguer a cabeça e ficar nas pontas dos pés — marido. Meu marido. — e dei um beijo em sua boca com carinho.

Capítulo 16



Nathan retribuiu o beijo segurando meu rosto entre suas mãos, fazendo com que eu me esquecesse de que o mundo existia.

— Assim é que eu gosto — sorriu me dando espaço para que eu passasse, mas quando eu comecei a andar me puxou, me beijando novamente — quero almoçar com você hoje e pode convidar Elijah e Tati, se quiser é claro...

— Seria maravilhoso. Vou falar com eles e envio uma mensagem para você.

— Eu tenho que resolver o problema com o Brown e quando achá-lo... — o jeito que ele me olhou demonstrava exatamente o que ele faria com Matt.

Tudo que eu conseguia pensar era em como resolver todos os problemas sem perder o Nathan que eu tanto amava. Eu queria saber o que a agente Lackin tinha e como estavam indo as buscas para prender Matt, mesmo sabendo que no dia seguinte ele estaria morto, pois eu tinha certeza que Nathan faria isso.

— Prometa que vai voltar para mim, Nathan — olhei no fundo de seus olhos — prometa que vai se cuidar. Não quero perder você... — minha voz falhou e eu comecei a sentir os meus olhos arderem por causa das lágrimas que queriam cair. Eu não entendia o porquê de sentir o coração apertar, mas eu sabia que tinha de fazê-lo prometer que iria voltar para mim.

— Eu já era seu, agora sou ainda mais. — disse com ternura.

Nathan se aproximou de mim, diminuindo a distância entre nossos corpos e me envolvendo em seus braços. O melhor lugar no mundo era aquele, no calor dos seus braços fortes e sua pele cheirosa. Nathan sempre teve cheiro de homem e isso fazia com que eu me sentisse ainda mais segura. Nada poderia tirar aquilo de mim. Nada.

— Prometo voltar sem nenhum arranhão no corpo e até duvido que vá estragar meu cabelo... — disse ele fazendo charme e um pouco autoconfiante. Mas era assim que ele era... O todo poderoso Nathan G. Fox. Meu marido e dono do meu corpo, assim como o dele era meu.

Naquela manhã tudo estava diferente. O jornal estava em silêncio e ninguém olhava para mim. A única coisa que me surpreendeu foi Elijah segurando dois copos de café, já que café era meu segundo vício e quanto mais forte, melhor. Não era porque minha vida fosse amarga, eu simplesmente apreciava o gosto do café forte. Ele me olhava preocupado e mesmo com seus 1,88 cm de altura, parecia pequeno. Eu sabia que ele se preocupava comigo, o que me fazia amá-lo como a um pai, coisa que nunca tive de verdade, já que não se pode considerar pai um reles doador de espermatozoide.

Como sempre, o grande lenhador estava vestido de modo casual, com sua camisa de flanela xadrez azul de mangas dobradas até a altura do cotovelo, calças jeans preta, um all star e aquele sorriso carismático, que mesmo diante da situação, era de derreter o coração.

— Oi, chefe. — forcei um sorriso. Quando me aproximei ele me estendeu o café e eu sabia que tínhamos que conversar. Sobre Matt.

— Vamos até a minha sala — disse ele já se afastando. Senti todos os olhares me seguindo enquanto andava. Eles tinham pena de mim e eu tinha raiva de Matt; e uma raiva maior ainda por ter confiado nele como um amigo.

Elijah abriu a porta, deu espaço para que eu passasse e a fechou atrás dele, seguindo para sua mesa.

— Sente-se. — ofereceu uma das cadeiras, eu sentei e permaneci calada.

— Eu gostaria de saber o que, exatamente, aconteceu entre você e Matt... — disse segurando o copo de café, como se a sua vida dependesse daquele gesto — sei que existia algo de errado, mas estou preocupado...

— Foi ele quem me estuprou no beco, Elijah. — como em câmera lenta, vi o café escorregar de suas mãos e cair, se espalhando para todos os lados. De repente, ele parecia mais velho. Suas linhas de expressão apareceram de uma forma que nunca tinha visto na minha vida.

— E-e-u... — por alguns segundos eu achei que ele não conseguiria falar, mas por fim abriu a boca e disse — se eu soubesse...

— Não tinha como adivinhar, Elijah. — ele olhava para o café derramado no chão sem mover um músculo. — acho que nem mesmo ele poderia imaginar que faria uma coisa dessas...

— Eu sinto muito. — senti que ele realmente estava sentindo a minha dor e quando ele fez menção de se aproximar eu me

afastei. Graças a Deus ele não aparentou ficar magoado com o meu gesto brusco.

Eu sabia que ele era amigo e que estava namorando a minha melhor amiga, mas, ainda assim, eu não me sentia confortável e o meu corpo ainda demonstrava sinais claros que não aceitaria ser tocado por outro homem que não fosse Nathan, mesmo Elijah sendo amigo.

— Olha — comecei a falar, alisando o tecido da saia riscade-giz preta que ia até acima dos joelhos e dando uma olhada nas mangas da minha blusa branca sem decote — eu gostaria muito que você e Tati aceitassem almoçar comigo e com Nathan... Na verdade, ele os convidou — enquanto eu esperava que ele desse a resposta, senti que os meus pés pareciam chumbo quando eu tentava passar o peso do meu corpo de um para o outro. Queria que ele se entendesse com Nathan, fazendo com que a paz reinasse entre nós — eu não tenho muita coisa para fazer hoje e vou precisar ir até a delegacia saber mais sobre o andamento do caso e depois poderíamos nos reunir...

— Tudo bem. — se pôs de pé, passando a mão nos cabelos grisalhos — eu só não sei como você consegue.

— Como assim? — perguntei sem entender.

— Não sei como consegue, depois de tudo, ser forte. — o tom de voz dele mostrava o quanto aquilo era verdadeiro. Eu tinha que ser forte.

— Eu tenho que seguir em frente, Elijah. Não posso deixar que a tristeza e a mágoa tomem conta da minha alma. Se eu permitir, sei que não vou conseguir suportar. — dei um sorriso

fraco para ele antes de seguir para porta — obrigada por se preocupar comigo, é bom saber que existem amigos como você. É quase como se fosse um pai para mim... — eu sabia que Elijah sempre ficava mexido quando lhe dizia o quanto o considerava.

— Você vai sozinha?

— Não. Depois do que aconteceu, Nathan não me deixar andar sem segurança...

— Espero que ele cuide bem de você.

— Ele está cuidando. Obrigada e até daqui a pouco — saí da sala, mas quando olhei para a recepção Tati não estava lá. O que era estranho, já que todas as vezes que chegava ela já estava pronta para me falar sobre os acontecimentos da redação.

Eu olhava todos aqueles policiais enquanto a agente Lackin estava ao telefone, praticamente aos berros. Eu nunca a tinha visto tão alterada, e pensando bem eu nunca a tinha visto alterada de qualquer forma. Ao lado estava seu parceiro, que mais parecia uma montanha de puro músculo. Quando ela desligou o telefone, com muita força, vi quando olhou para mim e sussurrou algo para ele, que o fez virar a cabeça para me olhar também.

— Senhorita Radzimierski, me desculpe pela demora — estava claro que não tinha sido a ligação que ela esperava — vou direto ao assunto, encontramos o corpo de um homem com as mesmas características do senhor Brown... — meu coração queria saltar pela boca. Eu podia ouvir o quanto a minha respiração estava ruidosa e meus olhos arregalados — o carro

encontrado perto da baía é de uma mulher chamada Tatiane...
— não consegui ouvir o resto. Eu sabia no meu íntimo a quem a agente Lackin se referia, mesmo sem saber o sobrenome.

— Oh! Meu Deus! — comecei a chorar.

— Lizzie... — quando me virei vi Tati, com seu rosto de anjo e suas bochechas adoráveis, assim como seu cabelo loiro formando cascatas de cachos nas pontas. Em segundos, senti meus pulmões voltarem a funcionar. Graças a Deus ela estava bem. Corri e a abracei com força — Opa! Assédio é crime, hein... — brincou retribuindo o abraço — o que houve...?

— Bom, resumindo tudo, Matt é o culpado pelo que me aconteceu... e possivelmente está morto e o seu carro está próximo de onde ele foi encontrado...

— Babaca! — resmungou Tati, ficando vermelha. — aquele idiota estuprou você! E ainda teve a ousadia de roubar o meu carro para fugir?

— Eu fiquei tão preocupada com você — funguei, tentando não chorar. A ideia de perder Tati foi horrível e completamente traumatizante.

— Meu amor, quando ele conseguisse fazer algo eu já estaria segurando as bolas dele, fazendo malabarismo com elas. — aquilo me fez rir e diminuir um pouco toda tensão que estava no meu corpo.

— Senhorita — pigarreou a agente, chamando minha atenção — como eu estava dizendo, o carro dela — apontou para Tati, me olhando logo em seguida — está próximo de onde o corpo foi achado. Agora precisamos dos resultados dos exames para saber se é realmente ele, já que o corpo que

encontramos teve o rosto desfigurado por completo. — merda! Certo, eu não poderia entrar em pânico e demonstrar que já sabia que algo ruim havia acontecido com Matt. O mundo tinha se livrado de mais um estuprador e eu estava começando a me sentir mais aliviada...

— O laudo pericial vai indicar o que causou a morte e se é mesmo o senhor Brown, já que vamos fazer a comparação com o DNA que temos dele em nosso banco de dados. — em parte, ela parecia chateada com alguma coisa, mas resolvi não perguntar. Vi quando respirou profundamente antes de continuar: — ainda não sei quem poderia fazer algo do tipo com ele... — Murdok se prontificou ao lado dela, fazendo que calasse a boca, já que estava falando mais do que deveria.

— Algo do tipo? — e era claro que eu não ficaria calada. Eu tinha que perguntar, mesmo sentindo os olhos do grandão pairar sobre mim.

— Como eu disse, o rosto do homem encontrado está desfigurado. Segundo as imagens que recebi, ele talvez tenha sido espancado até a morte... Possivelmente com uma barra de ferro ou um taco de golfe...

— Meu Deus! — exclamou Tati, levando a mão até sua boca, em choque.

Eu não conseguia sentir nada com aquela revelação. Na verdade, até me senti bem. Esse sentimento era por causa da possibilidade de Matt não pisar mais no chão dos vivos, e tomara que tenha ganhado um ingresso direto para se tornar a vadia particular do diabo.

— Em dois dias entraremos em contato; pedimos que não se ausente da cidade...

— Não vou me ausentar, eu quero saber o final dessa investigação tanto quanto vocês — minha voz soou um pouco ríspida. Era claro que eu não ia sair da cidade. Eu tinha que ver para crer.

Capítulo 17



Tudo que eu queria era que as coisas se resolvessem. Mas, com a minha taxa de azar em alta, o máximo que poderia acontecer era tudo voltar à estaca zero. Depois da conversa esclarecedora com a agente Lackin, tive que juntar minha bunda branca com a da Tati e seguir para o restaurante perto do parque. Se não fosse por ela, acho que nem tinha chegado até lá.

— Liz... — ela suspirou, colocando o copo com suco de laranja de volta à mesa — estou há horas querendo que você volte para o mundo dos vivos e deixe essa cara de zumbi de lado... — vi quando os olhos dela se arregalaram para mim; pensando melhor não era para mim, e sim para o que estava atrás de mim — Deus está sendo mais que generoso com os meus olhos...

— Do que vo... — não precisava nem perguntar o motivo.

Até mesmo eu fiquei sem palavras. Na entrada do restaurante elegante estavam os dois homens que chamavam a atenção de todos. Elijah com seu porte estilo lenhador, rude, mas ao mesmo tempo charmoso, e meu Nathan... de terno cinza, sapatos pretos brilhosos e a sua autoconfiança no jeito de agir e até mesmo de falar. Eu fiquei com pena da moça da recepção, que nem conseguiu abrir a boca para falar com aqueles homens perfeitos.

— Acho que estou tendo um pouco de dó da moça...

— Eu não — rebateu Tati com firmeza — se ela olhar mais um pouco para o “meu homem”, juro que arranco os olhos dela. — quando me virei, Tati tinha assumido uma expressão soturna, fixada no rosto da moça que não sabia para qual dos dois homens perfeitos devia olhar.

— Tati com ciúmes? — abri um sorriso escancarado. — essa é nova — comecei a rir — olha, eu já disse a você que se ele te escolheu é com você que vai ficar.

— Fica de boca fechada e depois eu converso com você. Acho que tem algo errado com ele, só não quero falar sobre isso agora — o tom da voz dela era triste e eu já estava começando a ficar preocupada com isso.

Não tinha ideia sobre o que estava acontecendo com eles, até porque eu estava passando por uma turbulência na minha vida e mal tinha tempo para conversar com ela. Isso fez com que me sentisse culpada. O que será que Elijah estava fazendo de errado? Se fosse algo ruim eu teria que arrancar as bolas dele e servir em uma bandeja de ouro para ela. Não queria ver a minha amiga sofrer. Não quando ela parecia começar a ter uma vida feliz e mais aberta.

— Tati...

— Shhh — ela disse se endireitando na cadeira, assumindo uma postura mais tensa — eles estão vindo. Depois falo com você — apenas assenti e voltei a prestar atenção.

O ambiente era calmo, cheio de pessoas sentadas em suas mesas cuidando de suas vidas. O restaurante era do tipo que se via em filmes dos anos 60. Cada mesa ficava posicionada em um quadrado desenhado no chão e existiam lustres

triangulares em cada uma, dando um ar moderno e ao mesmo tempo sofisticado. As grandes janelas ofereciam uma visão ampla do parque, assim nos proporcionando mais luminosidade, mesmo com os lustres.

— Oi, meu doce. — disse Nathan no meu ouvido e dando um beijo na orelha, me deixando vermelha.

— Oi. — respondi sem jeito, sentindo os olhos de Tati e de Elijah nos observando. Nathan desabotoou os dois botões do terno e elegantemente se sentou à mesa; com um leve aceno chamou a garçonete, que por sinal, usava um vestido preto lindo. Ela tinha aparência muito bonita, com seus cabelos pretos e pele branca. Simpática, até.

— O que desejam?



Horas antes...

Matt se preparava para ir embora. Tinha cometido um crime. Mas para ele, tinha sido um crime por amar demais Lizzie. Na verdade, ele passara boa parte do seu tempo pensando nela e em como seria o dia em que ela lhe revelasse o seu amor por ele. Porém isso não tinha acontecido. Na noite em que ele a beijou teve que se afastar dela. Ela tinha socado o seu olho e brigado com ele. Desde esse dia ele passou a ter uma obsessão por Lizzie. Naquela mesma noite em que ela socou seu rosto, ele foi atrás de alguém para saciar o seu desejo. O desejo que vinha guardando e nutrindo por ela assim que a viu pela primeira vez no jornal. Fez de tudo para ficar perto dela. Naquela noite, ele procurou o calor dos braços de uma puta,

colocando uma peruca de mechas avermelhadas, assim como os cabelos de Lizzie. Ele sabia que aquela mulher não chegava nem perto da perfeição que era o corpo de Lizzie, mesmo que ela usasse aquelas roupas pavorosas.

O seu mundo virou de cabeça para baixo quando ficou sabendo que ela, que tinha lhe dito que não era namorável, começara um relacionamento com certo senador, de quem ela dizia querer colocar toda a merda da vida no ventilador. No começo ele achou que era um jogo para se aproximar do grande Senador Nathan G. Fox, mas depois viu que não era isso. Ela estava ficando apaixonada por quem deveria investigar. E isso ele não aceitava. Dias antes, enquanto trepava com a sua colega de trabalho, Zoey, ele se viu maquinando um plano diabólico. Na verdade, esse plano o consumiu e tudo em que ele conseguia pensar era no momento em que estivesse dentro dela. Da mulher que deveria ser sua.

Ele não conseguiu pensar em mais nada.

Certa noite ele se viu seguindo Lizzie até uma das boates de Nathan. Ele ia entrar lá, fingir que estava bêbado e ela o levaria para casa. Não era um plano muito brilhante, diga-se de passagem, mas era o que ele tinha naquele momento. Porém, parecia que a sorte sorriu para ele, que viu a sua chance ali mesmo, com ela correndo pela rua, e a seguiu. Quando ela entrou em um dos becos escuros e sem iluminação, teve a chance de colocar seu plano em prática.

— Ei, delícia? — ele tinha a voz abafada pela touca do capuz que usava naquela noite. Não iria desistir de segui-la. Pelo

contrário, iria até o fim. Até que enfim ele saciaria o desejo de possuir o seu corpo. Ah sim, isso era o que ele mais queria na vida. Sonhava noites e noites com o calor da pele dela sobre o seu corpo, beijando e acariciando seu pau enquanto lhe dizia que o amava. Ele já a tinha convidado para morar com ele, porém ela se recusava e preferia morar naquilo que chamava de apartamento.

Quando ela retirou os saltos, apressada, ele teria que agir mais rápido, e foi quando a sorte lhe sorriu de novo.

Ela caíra e se machucara.

Aquela era a sua chance.

— Puta! — ele esbravejou, não com ódio, era mais que isso. Sentia-se traído por não ter merecido a chance de ter o seu amor, mas mal sabia ele que ela não poderia amá-lo, pois seu coração já tinha dono: Nathan. — vou ensinar que não se deve andar sozinha... — disse ele com uma risada fria cheia de rancor.

À medida que ele agia, sentia mais raiva. Raiva de si mesmo, dela e do homem que tinha lhe tirado a oportunidade de ser feliz ao lado do seu amor. E tudo isso, toda essa raiva, foi descontada em Lizzie.

Ele não pensou duas vezes antes de começar a chutar e socá-la. Quando viu que ela não tinha mais forças para lutar, fez o que tanto queria. Abriu as pernas dela e se saciou. Ele não queria que a polícia o descobrisse, então usou camisinha. Quando terminou, se sentia eufórico e incrivelmente satisfeito. Olhando para o corpo dela, mole e ensanguentado, tinha que se certificar que ninguém o veria sair daquele beco. Ele sabia

que se saísse da cidade seria um suspeito, mas não poderia olhar para ela. Sabia que o desejo voltaria, mais forte do que nunca. Vários metros depois, descartou a camisinha e seguiu para casa, onde pegou as roupas que tinha usado e as queimou no terraço, fingindo ser uma fogueira que aquecia seu corpo, lembrando-se de como tinha sido bom entrar no corpo de Lizzie. Ele não se arrependera do que fez, na verdade se sentia até feliz. Ele era um monstro.

Depois disso, o tempo passou, mas ele sentia que a qualquer momento o seu mundo ruiria. Então, em uma manhã, depois de falar com Lizzie e se certificar que ela não sabia de nada, pegou tudo que tinha, ou o que podia colocar em sua mochila, roubou o carro de uma de suas colegas do trabalho, deixando em um lugar qualquer e seguiu para o metrô, comprando uma passagem de modo aleatório, porém para bem longe dali. Mal sabia ele que ela sabia de tudo e a polícia estava atrás dele.

Não tinha deixado nada importante para trás, a não ser o desejo que ainda sentia por Lizzie. Já era noite quando se sentou em um banco próximo ao embarque. Pegou a sua mochila e deitou no banco, fazendo-a de travesseiro e fechou os olhos, lembrando-se do sabor do beijo dela. Tudo que ele queria era ficar sozinho, mas o destino não estava sorrindo para ele naquela noite. Não quando uma morena muito atraente sentou ao seu lado e ele foi obrigado a abrir os olhos. Ele teve uma visão de contemplação. Era linda, lógico que não tão linda quanto a sua Lizzie, mas era estonteante. Pele escura, cabelos trançados, um corpo de curvas perfeitas, e, o que mais lhe

chamou a atenção foram os lindos olhos azuis da morena. O que era muito raro, por assim dizer.

Ele se pegou imaginando como seria trepar com ela, de quatro, com sua bunda empinando enquanto a comia com força. De repente percebeu que estava sorrindo e flertando com a moça, que, sem que soubesse, seria sua perdição. O brilho do olhar dela era diferente de tudo, parecido com fogo ardendo sobre ele. Quando desviou os olhos de seu rosto prestou atenção no vestido, curto demais e que deixava à mostra uma pele incrivelmente macia e excelente para lamber.

— Vai ficar apenas me olhando? — perguntou a morena de maneira atrevida. A sua voz era como seda em seu ouvido e isso respondeu em mais algum canto do seu corpo.

— Direta, hein? — sorriu descaradamente para ela, passando o dedo em seu braço, acariciando sua pele. — estou perto do meu horário e não tenho como dar uma atenção generosa para você, morena...

— Pode ser aqui mesmo. — ele sentiu uma adrenalina percorrer o seu corpo e o seu sorriso se ampliar ainda mais.

— Gosta do perigo. — disse ele se sentando no banco; ela montou em seu colo, prendendo-o com força.

— Você não faz ideia — ela sorriu, mas em seu sorriso tinha algo estranho e quando percebeu isso, já estava sendo espetado no pescoço. Em questão de segundos, sentiu suas pálpebras pesarem e o seu mundo escurecer.

O azar dele foi ter pensado com a cabeça de baixo e ter se deixado levar pela bela morena de pele escura, pernas grossas e olhos azuis.

Quando acordou, sentiu uma forte dor se espalhar sobre o seu corpo. E quando finalmente abriu os olhos, sentiu o peso da mão da morena do metrô. E lá estava aquele brilho que ele tinha visto. Ela segurava um bastão de beisebol e usava luvas em suas mãos.

— Sabe, nunca pensei que seria tão fácil encontrar um filho da puta como você — com muita satisfação, ela desferiu o primeiro golpe bem nas pernas dele, que estavam amarradas à cadeira, assim como suas mãos; sua boca estava amordaçada.

O grito dele satisfazia os ouvidos de Gretha; a cada golpe, mais raiva ela sentia por aquele homem ter feito mal à sua cunhada. Gretha amava Lizzie desde a primeira vez em que a viu. Nathan tinha escolhido Lizzie para ser a sua mulher e Gretha faria tudo por seu irmão. Nathan merecia sua total lealdade e nunca pensaria duas vezes antes de ajudar o seu irmão, e agora, a sua cunhada.

— Sabe o que eu gostaria de fazer com você de verdade? — perguntou ela, depois de descansar os braços — queria meter uma bala na sua cabeça e apagar qualquer registro ou pista de que um dia você existiu. — escarrou puxando todo o catarro do peito e cuspiu no rosto dele.

Matt não sabia onde estava, ou o que estava acontecendo, até que uma porta se abriu e ele se deu conta que estava em um contêiner, e já era de manhã. Mas, o que mais o assustou foi a imagem de um homem alto e forte seguindo em sua direção. Por alguns segundos, ele não acreditou que aquilo estava acontecendo. Nathan, o senador Nathan, estava parado bem na sua frente e parecia ter se agigantado ainda mais. Ele

estava usando terno cinza e sapatos pretos brilhosos, e seu rosto estava inexpressivo. Ele parou a alguns metros de Matt e olhou para ele. O encarou por minutos e depois seguiu para perto da morena, em quem agora conseguiu perceber os olhos azuis idênticos. Ele prestou bastante atenção nesse detalhe, pois a comunicação visual entre os dois era incrível. Sem pressa, Nathan pegou o taco da mão da irmã, que fuzilava Matt com os olhos, e tornou a encará-lo. Ele balançava o bastão de uma mão para outro, voltando a ficar perto de Matt.

— Sabe o que é mais incrível? — perguntou o senador, visivelmente irritado. Mas Matt ficou em silêncio. Não tinha como falar, já que sua boca estava amordaçada — eu fiz uma pergunta, seu merda! Responda! — gritou Nathan, com os olhos arregalados. Naquele momento, Matt sentiu algo escorrer entre suas pernas e percebeu que tinha urinado nas calças, de medo.

— Além de filho da puta, você é um mijão? — debochou o homem alto e imponente, olhando para o líquido que escorria entre as pernas de Matt — quando você abusou da minha mulher eu fiquei puto da vida, aliás, não sei se existe no mundo algo parecido com o que sinto agora — Nathan continuou a balançar o bastão na mão — a verdade, e o que é incrível nisso tudo, é que não posso matar você — soltou uma risadinha desconfortável aos ouvidos de Matt — minha esposa, sim, minha esposa Lizzie não gostaria de saber que matei você.

Matt não tinha mais saída.

Além do choque de saber que Lizzie estava casada com Nathan, ele soube que a tinha perdido definitivamente.

— Então, ao invés de matar você, eu vou apenas amassar a sua cara com esse bastão — sorriu, terminando de dar a volta ao redor da cadeira onde Matt estava preso — mesmo que a minha vontade seja torturar você pelo resto da sua vida. Antes que seja morto, você vai receber a mesma cortesia à qual submeteu a minha mulher, mas não se preocupe, quem fará isso não vai ser tão gentil. Não tão gentil quanto você foi com ela — Matt de repente entrou em pânico, e, mesmo naquela situação, sua virilidade já estava jogada no lixo no momento em que mijou nas calças de tanto medo ao ouvir a voz de Nathan.

Ainda olhando para Nathan, ele viu os raios de sol penetrarem o contêiner novamente e nele outro homem entrou, segurando uma barra de ferro roliça e grossa nas mãos; tinha um sorriso travesso nos olhos de cor amarelada diferente de tudo que já vira na vida. Ele tinha um jeito sofisticado e Matt tinha certeza que já o tinha visto antes, em algum jornal.

Matt não se lembrava de Ian, e mesmo que lembrasse, já estava perdido.

Distraído, não viu quando Nathan desferiu outro golpe em sua cabeça. Isso virou uma sequência de golpes para aliviar a dor que Nathan sentia por aquele monte de merda ter abusado da sua linda e adorada esposa, Lizzie.

Horas depois, Nathan estava no almoço agradável com a sua linda esposa e seus amigos. Enquanto Matt estava na sala de necropsia, com a causa de sua morte sendo estudada e sem qualquer pista do agressor, já que quem o tinha matado não era qualquer pessoa, e sim a agente mais treinada e habilitada para realizar esse tipo de serviço, Gretha.

Capítulo 18



Naquele almoço, fiquei preocupada com Tati, pois ela parecia triste e distante, diferente da que eu estava acostumada. Seu rosto, que sempre corava quando Elijah estava por perto, parecia pálido e abatido. Eu tinha que saber o motivo daquela tristeza, meu mundo não eram apenas os meus problemas e tinha que me preocupar com a minha amiga também. O almoço foi um total fracasso, pois Nathan estava de bom humor e muito atencioso aos assuntos relacionados ao jornal, já que ele tinha parte das ações.

Quando voltamos para o trabalho, parei para pensar no quanto eu estava negligenciando minha amizade com ela. Em parte, eu realmente tinha problemas e um deles era tirar minha irmã de perto do Theodor e fazer dela e de Nathan a minha família. Coisa que nunca tive, quando tentava sobreviver com eles. Olhei para os papéis na minha mesa e já que estávamos próximo do final do expediente, fui procurá-la. Aqueles malditos olhos me seguindo no jornal era o que mais me incomodava, no entanto, preferi não dar mais gasolina ao fogo e segui andando até a mesa dela.

Acho que a cena mais melancólica da minha vida foi vê-la com o cotovelo apoiado na mesa, a cabeça sustentada pela mão e o olhar perdido.

— Certo... — respirei fundo, colocando as mãos na cintura e olhando para ela seriamente — você vai ou não me contar o que está acontecendo? E nem vem com essa de que não pode

falar, porque Elijah saiu para uma reunião com o contador e agora não existe mais a merda de qualquer desculpa...

— Acho que ele não me quer mais. — Tati levantou a cabeça, olhou para mim e tive a sensação de que meu coração se despedaçaria. Eu mataria Elijah, arrancaria as bolas cabeludas dele e jogaria o corpo em um lugar onde ninguém o encontrasse se ele estivesse brincando com Tati. Deus! Eu estava furiosa com ele.

— Por que você acha isso? — me sentei na cadeira para conversar melhor. A última coisa que eu queria era que algum dos fofoqueiros daquela empresa escutasse algo sobre eles e depois fizessem insinuações maldosas.

— Sei lá... — deu de ombros, tirando uma barra de cereal da gaveta, abrindo e começando a comer.

— Ai! Tati, você nunca diz “*Sei lá*” quando acha que tem algo errado com o seu namorado... — revirei os olhos para ela, mostrando que tinha que ser mais específica.

— Eu sou feia? — pronto... ela deveria ser internada com urgência no hospital das pessoas com os parafusos soltos. Tati era linda, parecia uma boneca, olhos verdes, cabelos loiros, rostinho de anjo e o caralho todo. Louco seria o homem que não se apaixonasse por ela. E se Elijah fosse louco, eu faria com que aprendesse uma lição.

— Ai, cristinho... — respirei fundo novamente antes de começar a falar, ou teria que bater na cara dela — preste bem atenção, certo? — ela concordou com a cabeça — você é linda, e... — fiz uma pausa, apontando o dedo indicador para ela —

eu acho que o homem que não a acha bonita é um louco. Um completo filho da puta. Entendeu?

— Olhe bem para mim... — gesticulou para o corpo dela — eu sou...

— Pelo amor de Deus, não diga o que eu estou pensando que você vai falar. — problemas com a autoestima é um pesadelo na vida de qualquer mulher, e eu sabia por experiência que isso não faz bem algum — é por isso que você acha que ele está estranho?

— Sabe... — começou, me chamando para ficar mais próximo a ela — ontem, nós tipo... Ah! Você sabe. — finalmente o rosto dela tinha voltado a ficar vermelho.

— Treparam... — bufei de forma dramática. — e o que tem isso a ver com o fato dele não querer mais você?

— Ele meio que ficou estranho quando terminamos... — Tati franziu o cenho, formando ruguinhas fofas entre as sobrancelhas enquanto terminava de comer a barra de cereal.

— Olha, ele pode estar passando por algum problema aqui...

— Se ele estivesse passando por algo aqui eu saberia, Lizzie. — a sua voz ficou triste — só pode ser comigo...

— Quem sabe ele está escondendo algo bom de você? — nesse exato momento lembrei-me de Nathan. Será que ele poderia esconder algo de mim, mas que não fosse de todo mau? Não sabia o que pensar, já que eu tinha colocado isso em pauta.

— Não sei. Mas espero que seja mesmo algo bom — deu para notar os seus olhos ficarem vermelhos e marejados. —

não posso viver sem ele, Lizzie. Demorei tanto para me abrir e contar que gosto dele...

— Chega — falei um pouco ríspida, mas não era o que eu queria fazer — desculpa... — pedi mordendo o lábio, me autoflagelando por dentro por falar com ela daquela forma. Estava claro que ela estava sofrendo e eu tinha que ser ponderada no quealaria — ele ama você, e que eu saiba, ele só tem dois amores na vida. O primeiro é você e o segundo é o jornal. Não vejo motivo para...

— O que você tem, Tati? — estávamos tão concentradas na conversa que não notamos a presença de Elijah. Quando me virei, ainda sentada na cadeira, ele estava visivelmente preocupado com ela — Tati, meu... — ele fez uma pausa, já que ele também sentia os olhares dos abutres — venha na minha sala, por favor. — se virou e olhou para mim. Coloquei uma expressão interrogativa com uma pitada de “*vou te matar*” — você também vem... — apontou para mim com um leve aceno. Bom, se ele a tratasse diferente da forma como merecia, eu pegaria a primeira cadeira e quebraria na cara dele.

— Certo... — disse ela ao se levantar da cadeira, com a voz baixa e triste.

Ela seguiu na frente e eu fiquei esperando-a entrar para fazer contato visual com ele, gesticulando os dedos da minha mão de forma ameaçadora.

— Tô de olho em você, senhor Elijah. — a coisa mais improvável aconteceu naquele momento tenso: ele sorriu. Aquilo me desarmou por completo. Então, não era uma coisa ruim. Talvez fosse mesmo algo bom e estivéssemos fazendo

tempestade em copo d'água. Eu pedi com todas as minhas forças que fosse realmente algo bom.

Quando finalmente entrei, ele me seguiu fechando a porta atrás de si. Andou até a sua mesa e abriu a gaveta, tirando algo de dentro que não deu para enxergar.

— O que você estava falando com a Radzimierski? — perguntou Elijah, colocando as mãos para trás e assumindo uma postura mais rígida, fazendo Tati se encolher. Aquele não era ele.

Não o Elijah que a tratava como a sua *Cupcake*!

— Olha, você não pode tratar... — comecei, mas logo senti o peso da situação quando ele olhou para mim e abriu a boca para falar:

— Calada Radzimierski, meu papo não é com você. — onde é mesmo que a minha voz tinha ido parar, hein? — eu fiz uma pergunta, Tati. — Deus, ela não tinha nem forças para levantar a cabeça. Eu olhava para Elijah e depois para Tati, buscando o que tinha de errado ali.

Tati tinha as mãos junto ao corpo e ficava alisando o tecido nervosamente, cabisbaixa.

— É que... — a voz dela era quase um sussurro — você está diferente e eu fiquei preocupada... fiquei com medo de que você não me quisesse mais...

— Não quero mais você, Tatiane... — se o meu mundo tinha parado, o dela desabou naquele momento.

Ela levantou imediatamente a cabeça e arregalou os olhos para ele. Ele tinha um misto de dor e vergonha no rosto, que eu

não sei o porquê de eu não ter aberto a boca e falado algo nas fuças dele.

— Entendo — o que ele estava fazendo? Estava deixando o amor da sua vida ir embora e tinha me chamado para assistir o sofrimento dela? — realmente, você não deveria me querer. Como um cara como você desejaria algo com uma pessoa como eu? — ela tinha uma amargura tão profunda na sua voz e ele parecia tão... espera, aquilo era um sorriso? O filho da mãe estava sorrindo? — eu sou gorda, flácida e ainda tenho mais celulite que a casca da laranja...

— Você é perfeita, Tati. — Oi? Minha cabeça parecia uma bola de pingue-pongue. Hora eu olhava para ela, que estava com o rosto contorcido e com a expressão de que não estava entendendo porra nenhuma, hora eu olhava para ele, que tinha um sorriso cada vez maior do que o normal.

— Gosto do seu corpo do jeito que é e adoro o jeito quando você fica vermelha de vergonha... E eu não quero mais você, Tati. Não como apenas namorada... Quero você para a vida toda.

Estava acontecendo? Sim, estava sim.

Não era para eu estar naquele lugar, não mesmo. Aquilo deveria ser algo particular e tinha uma intrusa no “*momento*” deles. Eu não sabia se continuava olhando ou se me escondia atrás dos stands boards. Talvez um vórtex no chão já ajudaria.

— Você é quem faz os meus dias mais completos. Não tenho outra razão para querer amar outra mulher que não seja você... — a ficha estava começando a cair feito uma bomba na frente dela. Ela não sabia se sorria ou se ia até ele e lhe batia. Eu

teria batido nele, mas ela era romântica demais para cogitar fazer isso no lenhador dela.

Elijah era romântico? Sim, ele era. E dos bons.

Ele levou as mãos até a frente e abriu uma delas, onde tinha uma caixinha quadrada pequena verde como os olhos dela. Ele não se ajoelhou, apenas seguiu até ela, que estava congelada, segurou uma de suas mãos, olhou em seus olhos já marejados de emoção.

— Meu Cupcake, quer casar comigo? — a voz dele era grave e carregada de sentimento. Um sentimento que transbordava de alegria naquele pedido.

Em *slow motion*, Tati abriu um sorriso deixando as lágrimas caírem. Na verdade, parecia mais uma represa se rompendo. A única coisa que ela sabia fazer era assentir freneticamente a cabeça enquanto ele retirava o anel com um diamante... Porra! Aquilo era um diamante grande e bonito.

Emocionada, Tati enxugou as lágrimas e sem medo de ser feliz, beijou-o na minha frente. Tá, eu realmente não queria estar ali.

— Oi? Podem me dar uma licencinha? Desculpa atrapalhar vocês, mas eu acho que vou sair. Assim, vocês têm um minutinho “a sós”... Se é que me entendem...

— Você fica... — ralhou Elijah, colocando Tati de lado. A mulher estava mais feliz que pinto no lixo.

— Sério, eu não curto essa de...

— Você vai ser a madrinha. — disse ele com categoria. Ele nem a consultou, mas, ela não estava na terra mesmo. Não sabia o que fazer. Eu tinha sido chamada para ser madrinha

dos meus dois melhores amigos e não tinha como dizer não. Eu os amava e queria a felicidade deles.

— Você está me pedindo para ser a madrinha de vocês? — eu realmente estava me sentindo emocionada.

— Não. Estou afirmando que você será. — Chefes, nunca mudam! Mandões até mesmo na hora do glitter do momento.

— Certo. — brinquei, abrindo um sorriso para os dois — pedindo assim com jeitinho, quem se atreve a dizer não?

Capítulo 19



Sim, eu estava muito feliz por minha amiga e feliz também por Elijah. Nunca tinha visto algo tão inocente e ao mesmo tempo tão cheio de paixão. Depois de passada toda aquela euforia de sentimentos eu voltei para minha sala para pegar minha bolsa e tive uma grande surpresa. Lucius estava parado ao lado da porta, mas não era ele a surpresa já que eu estava tão habituada com sua presença que muitas vezes esquecia que ele me seguia dentro da empresa.

A surpresa era o homem alto e de ombros largos que estava de costas para mim e admirava a cidade através da janela da minha sala. Tinha uma postura dominadora e o queixo erguido mostrava o quanto ele era imponente, mesmo que absorto das coisas ao seu lado. Uma visão incrível para meus olhos, perfeita para ficar horas e horas admirando.

— Ele não precisa trabalhar, não é Lucius? — perguntei abrindo um sorriso. Eu sentia a presença de Nathan no ambiente e não era apenas a energia dele, era também o cheiro de homem que tomava conta do departamento.

— Não, senhora. — ele deu um leve aceno com a cabeça e esboçou um sorriso. Ele nunca sorria e quando o fazia, parecia que tinha que fazer muito esforço, devido à careta.

— Obrigada, Lucius. — devolvi o sorriso, e ele abriu a porta para eu entrar, fechando assim que entrei.

— Oi — disse a ele ao me aproximar — que surpresa boa.

— Eu queria passar aqui e levar você para jantar — tinha algo de errado na voz dele. Estava um pouco irritada e ao mesmo tempo triste — mas antes preciso te contar algo...

— Que você matou Matt — soltei simplesmente, sem me preocupar. Na verdade eu estava mais aliviada, já que o mundo tinha se livrado de mais um panaca — Tudo bem. — eu não queria que ele fosse o assassino, no entanto se já tivesse matado, o que eu poderia fazer? Nada. O jeito era me conformar e seguir em frente, já que tudo que eu queria era o homem que estava parado ao meu lado, admirando a cidade.

— Eu não o matei. — revelou, e instantaneamente meus olhos se arregalaram em choque. Se ele não tinha matado, quem foi? Ele virou a cabeça para olhar para mim e tinha uma expressão muito séria no rosto. Suas sobrancelhas estavam unidas em um franzido preocupado e seus lábios formavam uma linha rígida.

— Q-quem o matou? — gaguejei incapaz de perguntar qualquer outra coisa. Nathan tinha as mãos guardadas nos bolsos da calça e estava com seu terno cinza aberto, mostrando a camisa de um branco impecável.

— Gretha — eu não sabia se falava, respirava ou piscava os olhos, já que nenhuma dessas funções parecia funcionar no meu corpo ao mesmo tempo. De início, o choque foi imediato, mas depois foi passando. Era estranho me sentir bem? Era estranho ter gostado da notícia? — Lizzie, meu doce... Tudo bem?

— Na verdade... — comecei a falar e me afastei dele para pegar a minha bolsa — fico aliviada que não tenha sido você,

mesmo que eu já tivesse me conformado no momento em que o vi parado olhando a cidade. Não sei explicar, mas... Posso resumir que gostei. Isso parece estranho para você?

— Então, você não teria se importado se eu o tivesse matado? — arqueou as sobrancelhas num misto de questionamento e surpresa.

— Não. Depois de tudo, não.

— Você está falando sério?

O que mais ele queria que eu falasse? Que eu teria levado até pipoca para assistir a maneira como Matt tinha sido morto?

Peguei minha bolsa, colocando a alça sobre o ombro e voltei a andar na direção dele.

— Nunca falei tão sério em toda a minha vida, Nathan — olhei no fundo dos olhos dele para mostrar o quanto eu estava sendo sincera. — Eu o amo acima de tudo. Nunca se esqueça disso.

Era a pura verdade. Mesmo que ainda estivéssemos guardando muitos segredos um do outro, era ele o homem da minha vida.

Meu marido.

Meu amante.

Meu cúmplice.

Tudo.

— Ian pediu para avisar que você tem consulta amanhã, às 6 horas — Nathan retirou as mãos dos bolsos e as levou até o meu rosto, segurando-o entre elas e olhou no fundo dos meus olhos. — estou preocupado com você, meu doce.

— Estou bem. — menti da maneira mais convincente que pude.

— Eu quero que você seja sincera comigo, caso tenha algo de errado acontecendo com você — sua voz estava mais calma e mais carinhosa. Ele acariciava meu rosto com os polegares e isso me causava arrepios deliciosos, me fazendo fechar os olhos — você é minha esposa.

— Eu estou bem — sorri para ele. Mesmo que mentir cortasse meu coração, era o que eu faria.

Nathan mentia...

Eu mentia...

E estávamos em uma teia de mentiras.

— Hoje o Elijah pediu a Tati em casamento — falei no intuito de desviar da conversa — o que acha de chamarmos eles, quer dizer, se você quiser, é claro...

— Ótima ideia. Assim coloco os assuntos da empresa...

— Não. — sorri para ele — nada de conversar sobre o jornal ou sobre política — me aproximei dele e passei a mão sobre seu peito — hoje vamos apenas nos divertir...

— Tenho uma ótima ideia de onde podemos ir depois do jantar.

— Aonde?

— Heated Fox... — falou com calma, observando se eu teria algum tipo de reação ruim — tudo bem? — o nome da boate me fez lembrar a visita da sua amiga Harper. Seria um ótimo motivo para mostrar àquela vadia que ele era meu. Apenas meu.

— Perfeitamente bem — não me importei que os recentes acontecimentos que me atingiram tão duramente tivessem ocorrido a poucas quadras dali. Era estranho, mas eu estava começando a sentir que as coisas estavam começando a se ajustar.

Isso era o que eu pensava.

— Acho que eles ainda não foram embora, eu faço questão de dar um presente ao casal — e abriu um lindo sorriso que fez o meu corpo todo derreter.

Nathan estava mais relaxado e alegre.

— Depois, vai ser a sua vez de ganhar presentes. — Deus! Lá estava aquele sorriso safado e aquele olhar cheio de promessas.

— Hmmm... — mordi o lábio inferior e olhei para ele, segurando sua gravata. O desejo entre nós dois nunca acabaria. Era uma chama que a cada dia parecia crescer mais e mais — presente...

— Deixe de ser pervertida, senhora Fox — gargalhou, me deixando vermelha. Ele ficava lindo sorrindo e mais jovem até. Perfeito.

Lentamente, ele se inclinou e me beijou com força, puxando meu corpo para ficar mais próximo ao dele. Envolveu minha cintura com uma das mãos e levou a outra até minha nuca, segurando-me a cabeça para intensificar o beijo. Sua língua invadia a minha boca com ferocidade ao mesmo tempo em que intercalava mordidinhas deliciosas nos meus lábios, me deixando completamente sem fôlego. Nathan começou a esfregar o seu quadril contra o meu, deslizando a mão que

estava na minha cintura até chegar a minha bunda, me segurando firme e fazendo com que entrasse no ritmo provocante dele. Intenso. Assim eu poderia definir o meu marido. Eu nunca iria me cansar da forma como ele me pegava ou como me beijava.

Com a boca ainda colada na minha, Nathan me conduziu até me deixar presa com o seu corpo, de costas para o vidro da imensa janela e começou a passar as mãos no meio das minhas pernas, subindo e descendo, mas nunca passando a mão onde eu queria. Mal tinha fôlego e nem raciocinar nem respirar estavam incluídos nas minhas funções. As mãos de Nathan eram pesadas, porém, ao mesmo tempo carinhosas; ele sabia exatamente onde me tocar, na verdade sabia tudo sobre o meu corpo. Quando finalmente tocou onde queria, apenas passou um dos dedos por cima do tecido molhado da minha calcinha e simplesmente se afastou.

Filho de uma puta! Ele estava sorrindo descaradamente para mim e ainda teve a ousadia de colocar a mão na barriga enquanto ria. Ria não, Nathan gargalhava! E eu, como uma idiota que era, fiquei ali parada, apenas tentando encontrar meu cérebro frito. Ou melhor, esmagado por ele.

— Você é um babaca... — rosnei, ajeitando a alça da bolsa e passando por ele de cara fechada. No entanto, fui puxada pelo braço e tive que me segurar para não cair de novo nos seus joguinhos.

— Um babaca que você ama, que deseja e que vai passar o resto da vida ao lado — Porra... Como ele conseguia me fazer ficar extremamente molhada em menos de um minuto? —

Vamos lá, meu doce... A noite só está começando e ainda quero dar o meu presente. Ao contrário do que essa sua cabecinha pervertida pensa, não vai envolver sexo. Não na hora da entrega, mas depois... Vou chupar você até que não tenha mais forças para andar... Depois, vou beijar você enquanto fazemos amor, venerando cada pedaço da sua pele, dizendo sempre o quanto a amo.

— Você ainda vai para o inferno, sabia? — resmunguei sem ar.

— Antes eu queimo você com o meu fogo — ele dizer aquilo com sua voz rouca, o pau duro contra meu quadril e aquele olhar penetrante... Não tinha me feito bem. Eu já estava em chamas. Ensandecida para rasgá-lo em cinco e trepar com ele ali mesmo — Porém, temos compromissos — e lá vinha ele com outro balde de gelo...

— Você quer mesmo é me matar — falei tentando me afastar dos braços dele.

— Pelo menos, vai morrer gozando — sorriu, me dando um beijo leve nos lábios.

Tati aceitou de cara quando a convidamos para ir com Elijah à Heated Fox. De alguma forma, ela o convenceu. Eu não sabia como, mas tinha. Da última vez que Elijah tinha posto os pés lá, Tati estava bêbada e queria transar com ele, enquanto o chamava de “Meu Cupcake” ou alguma coisa do tipo. O começo da noite tinha sido engraçado, já que ela ficara tão bêbada que queria ser a garota que ficava pendurada nos tecidos fazendo malabarismo. No entanto, depois daquela agitação e de tentar saber lidar com o que tinha visto, a minha vida se tornou um

inferno. Era melhor não ficar pensando naquilo. Matt já estava morto e eu tinha que seguir em frente.

Heated Fox ficava no Brooklin e era uma boate muito movimentada. Seus frequentadores estavam sempre buscando aventura por uma noite e também se divertir. Ninguém poderia se enganar pela pintura desgastada e por ficar em um galpão. Heated Fox era uma boate luxuosa por dentro, com o estilo e a estrutura de um teatro e uma pista de dança centralizada, de onde se via a mulher que fazia acrobacias no tecido ao ritmo da música. Quase todas as paredes daquele lugar eram cinza chumbo, o que deixava o ambiente mais parecido com o habitat de um caçador.

Aos poucos, Elijah foi relaxando e começou a se divertir com Tati, que por sinal, estava proibida de beber. Ela ficou puta da vida por ter que tomar suco de morango com o copo decorado com guarda-chuvinhas coloridos. Eles formavam um belo casal, isso não se poderia negar. Ela toda fofinha, com o seu jeito meigo, e ele com aquele aspecto de macho das montanhas, alto, forte e que cuidava da família. Dava gosto ficar observando e rindo quando ele conseguia deixá-la vermelha, sem ao menos abrir a boca.

Uma música gostosa começou a tocar. Eu não saberia dizer quem era a cantora, mas que era completamente sensual, isso era. Olhei para Nathan, que estava me encarando com aquele olhar profundo, cheio de uma luxúria avassaladora, me queimando por dentro.

— Aceita dançar... Senhora Fox? — Nathan perguntou quando se aproximou de mim, para que apenas eu pudesse

escutar o que ele tinha para falar. Sem hesitar, estendi a mão. E daí que eu não soubesse dançar? Ele estaria no comando mesmo. E em suas mãos eu era o que ele bem quisesse.

Já no meio da pista de dança, ele apoiou uma das mãos na base na minha cintura e segurou a minha mão com a outra. O ritmo começou lento, com ele dando apenas alguns passos de um lado para o outro. Porém, nossos corpos foram ficando cada vez mais colados, e quando percebi, já estávamos chamando a atenção de todos. Nathan remexia o quadril contra o meu no ritmo da música que tinha uma pegada de blues e jazz totalmente sensual, movendo os pés bem devagar. Sua mão que estava na base da minha cintura, tinha começado a se mover pelo meu corpo, traçando um caminho lento pela minha espinha até chegar a minha nuca. Nathan soltou a minha mão e segurou minha cintura com ela, enquanto a outra permanecia na minha nuca, ele então jogou o meu corpo para trás de forma graciosa e tornou a me colocar na posição inicial, sempre mantendo o ritmo sensual e lento.

Em um giro rápido, eu estava de costas para ele, sentindo o seu peito rígido e a minha bunda se encaixando perfeitamente em seu quadril, me fazendo sentir o volume dentro da sua calça. Era impossível ficar de olhos abertos, enquanto ele se esfregava em mim de uma forma tão sensual.

Nathan começou a passar as mãos nos meus ombros, mantendo o ritmo da música no quadril e teve a feliz ideia de colocar a boca na minha orelha. Sentir a sua respiração quente, seu corpo rígido e toda a sua força estava acabando comigo. Era ele, apenas ele, que tocaria no meu corpo daquela forma.

Ele deslizou suas mãos pelos meus braços até chegar as minhas mãos, as segurou colocando-as junto ao seu quadril, me fazendo rebolar descaradamente contra seu quadril e pousando as dele na minha barriga. Sem tirar a boca da minha orelha, traçou a linha do meu lóbulo com a ponta da sua língua, enfiando-a logo em seguida. Eu poderia morrer naquele momento, mas morreria feliz. Eu já tinha ficado frustrada mais cedo no meu escritório e agora o mesmo acontecia, com ele se afastando de mim em um dos melhores momentos da música. Foi então que abri os olhos, percebendo que tínhamos realmente chamado a atenção de todos. Nathan, de repente, apareceu na minha frente, segurando minha mão novamente, inclinando meu corpo para o lado, enquanto me segurava pelas costas com a outra, voltando logo em seguida, rodopiando duas vezes, e colocando meu corpo no dele, me beijando na frente da nossa enorme plateia.

“Porque você é minha” — ele cantarolou acompanhando a cantora.

Para os outros, aquela tinha sido apenas uma dança apaixonada. Para mim, ele tinha testado os meus limites. Tinha testado os limites do meu autocontrole e ainda terminou de fritar meu cérebro, que já não era saudável.

Capítulo 20



Nathan ficou parado ao meu lado enquanto as pessoas nos aplaudiam e ovacionavam por causa da nossa dança, que tinha sido o máximo, além do fato de ter sido altamente erótica. Senti meu rosto pegar fogo e a culpa disso era dele.

Eu conhecia aquele olhar penetrante. Sabia o que aquela postura firme significava, e mais ainda, eu também sabia o que meu corpo queria. Aos poucos, ele foi se aproximando, me envolvendo em seus braços e me beijando com delicadeza. Seus lábios eram macios e ao mesmo tempo firmes. Sua língua procurava a minha sem pressa e pude sentir os braços dele me apertando mais contra o seu corpo.

Tudo ficaria perfeito com os dois ao meu lado: Nathan e Chloe. Ian me treinaria e eu conseguiria controlar aquele desejo que tinha de sair matando qualquer coisa que respirasse pedofilia ou abuso sexual.

— Você consegue perceber como é forte o que sinto por você? — sua voz era rouca e sedutora quando afastou a sua boca da minha e olhou em meus olhos.

— Deve ser o mesmo que sinto por você — sorri para ele, vendo o quanto seus olhos brilhavam de puro êxtase — consegui até mesmo que me casasse com você — brinquei — o que mais você quer de mim? Que eu rasgue você na frente de todos?

— Sabe que não é uma má ideia... — mordeu o lábio inferior quando se aproximou para me dar outro beijo, como só ele

conseguia fazer.

Sexy, predominante e arrebatador.

— Pai eterno... — resmunguei ainda em seus braços, sentindo os olhos das pessoas a nossa volta querendo mais um pouco do nosso show. Que mulher em sã consciência não gostaria de ter um homem passando a mão pelo seu corpo em uma dança quente, sensual e ainda por cima sedutora? — Tati e Elijah... Lembra? Ainda estão na mesa nos esperando — eu não queria me libertar dos braços quentes e fortes do meu marido, mas era necessário.

— Vamos falar com eles, deixar o melhor champanhe na mesa como presente... — fez uma pausa, inclinando a cabeça, aproximando a boca da minha orelha — e depois vou mostrar o seu present...

— Nate! — eu conhecia aquela voz: Harper.

Bem que poderia, tipo do nada, aparecer um buraco no chão, sugá-la e ainda por cima quebrar seu pescoço. Uma vantagem que eu tinha, e que ninguém me tiraria, era que eu era a Sra. Fox e sentia meu peito inflar de orgulho. Ao mesmo tempo, fiquei me perguntando por que não tinha aceitado o pedido antes? Não tinha mudado nada entre nós dois. Eu continuava no apartamento dele e tinha praticamente abandonado o meu. Eu ainda teria que resolver meus problemas, mas agora o teria ao meu lado. Só existia uma resposta para a minha pergunta: eu era burra. Ela, Harper, achava que eu estava com ele para enganá-lo e divulgar informações. Ela não acreditava no que tínhamos e nem que o amava. Pobre Harper, eu sabia e tinha mais informações do que ela jamais poderia imaginar.

Eu, por alguns segundos, senti o corpo de Nathan retrair. Não era normal ele fazer aquilo, mas quando prestei atenção, vi que o brilho dos olhos dele tinha assumido um sentimento completamente diferente, era algo feroz e rígido.

— Harper... — disse ele de maneira fria, ao se virar e encará-la.

Sua pele morena aparentava ser sedosa e macia. Seu cabelo estava liso e com cachos nas pontas. Seu rosto estava com uma maquiagem mais escura, com os olhos marcados com delineador e lápis preto e um batom cor de vinho na boca. Usava um vestido preto, com um decote chamativo e sem mangas, que era tão colado no corpo que estava me causando claustrofobia só de olhar.

— Algum problema? — Nathan nem sequer se abalou pela escultura perfeita da morena parada na sua frente. Pelo contrário, me envolveu apenas com um de seus braços, apertando minha cintura e me puxando para mais perto dele.

— Na verdade, não — sorriu ela da maneira mais descarada, piscando o olho direito para ele enquanto mordia o lábio inferior. Aquela vadia estava flertando com meu marido, na minha cara? — não vai apresentar a... — o meu instinto assassino apitou com força quando ela deliberadamente me olhou de cima a baixo. Cadela — sua amiga? — aquela cínica, filha de uma puta. Não esperei ele me apresentar, eu já estava em ponto de atacar o pescoço da vagabunda mesmo.

— Lizzie F... — sorri maliciosamente para ela, dando uma piscadela atrevida — Radzimierski, mas creio que não precisemos de apresentações... — senti meu sorriso se ampliar

ainda mais — já que ela foi ao meu escritório discutir sobre negócios, ou melhor, sobre quem deveria ficar com você — olhei para ele, que tinha um misto de perplexidade e orgulho ao mesmo tempo. — mas é claro que chegamos a um denominador comum... Não estou certa, Harper?

Harper ficou congelada no mesmo canto. Acho que ela não sabia se arrancava a minha cabeça ou se me fritava com os olhos. Até parece que eu tinha medo daquela vaca. Ninguém diz como devo tratar meu homem e nem me diz para me afastar dele. Nathan era meu e ai da vadia que chegasse perto dele. Ela achava que eu ficaria calada, e se pensou isso não sabia com quem estava se metendo. Não mesmo.

Ciúmes? Não. Era apenas um modo de cuidar do que era meu.

Meu.

— Nate... — ela começou a falar, na tentativa de querer se explicar, mas ele a interrompeu.

— Depois conversamos sobre isso... — a voz de Nathan tinha mudado de fria para ameaçadoramente sedosa — hoje você não me viu aqui. Até porque você é muito bem paga para cuidar de tudo. E ainda não sei o que veio fazer aqui, já que deveria estar no escritório...

— Então você vai escolher essa... — aquela vadia estava pedindo uma surra. Ah! Se estava — daí. — terminou a frase com um tom de desdém, me olhando com desprezo.

— Charlotte — Nathan respirou fundo, esfregando os olhos com a mão livre e voltando a encarar a vadia — volte ao seu trabalho, e, por favor, devolva o computador da minha noiva —

Pelo modo como os olhos dela se arregalaram, ela ficou verdadeiramente surpresa com ele. Segundos se passaram e ainda estávamos no meio da pista de dança. As pessoas já tinham esquecido que estávamos lá e voltaram a dançar loucamente.

— Nate... E-eu... N-não... — gaguejou encarando ele, que já estava olhando para a cara daquela vadia de saltos caros e vestido de marca como quem queria esganar o pescoço dela.

— Shhhh... — interrompeu ele, pedindo para ela se calar — está vendo aquela mesa perto do bar? — inclinou a cabeça de leve na direção de onde Tati e Elijah sorriam um para o outro de maneira apaixonada — pegue o champanhe mais caro que tivermos e deixe na mesa deles. Com os cumprimentos meu e da minha noiva, Lizzie. Aproveite e diga que tivemos um assunto urgente para tratar fora da boate. Entendeu ou eu preciso enfiar nessa sua cabeça vazia? — Nathan estava sendo não apenas ignorante, como também, autoritário. E eu? Eu estava amando. Claro que eu sentia uma ponta de... Pena? Não. Não era pena, com toda certeza.

— Certo, Fox — rangeu ela entre os dentes, com uma postura mais firme — como você quiser. — dava para sentir a ironia tomar conta na última frase que ela pronunciou.

— Sem gracinhas, Charlotte. — disse ele em tom ameaçador — e quero o computador dela pela manhã no meu apartamento. Não abuse, pois não estou com muita paciência para suas piadas. Tenha uma boa noite — Nathan me puxou pelo braço e deixou Charlotte Harper para trás, que não sabia onde enfiar aquela cara de vaca vadia. Pela forma como ela me olhou,

enquanto saíamos de lá sem nem ao menos nos despedirmos de Tati e Elijah, vinha chumbo grosso por aí.

Cara feia para mim era falta de uma trepada bem dada.

E tinha certeza que ela não tinha uma boa trepada na vida há muito tempo.

— Precisava de tudo aquilo? — perguntou ele irritado, segurando meu braço de maneira firme, mas não machucando.

— Nathan, por favor... — revirei os olhos, achando aquilo um absurdo — vamos colocar na balança. O que era mais importante? O arrombamento do meu apartamento ou essa vadia comendo você com os olhos? — bufei sem paciência e ele parou. Encostou-me à parede do corredor e segurou meu rosto entre suas mãos.

— Ciúmes? — debochou enquanto passava o nariz pelo meu pescoço, de maneira lenta e torturante — porque é disso que eu sinto o cheiro nesse exato momento... — deu para sentir o seu sorriso presunçoso na forma de falar.

— É mais do que natural que eu sinta ciúmes de você. — falei com dificuldade.

— Natural? — perguntou mordiscando o meu pescoço. — estou gostando disso...

— Nathan...

— Gosto bastante da Lizzie ciumenta. Porém, gosto ainda mais quando estou dentro dela... — mordiscou outra vez a pele que já estava começando a ficar sensível — Sentindo... Amando... Saboreando... — terminou de falar passando a língua do meu pescoço até o lóbulo da orelha, chupando e me deixando arrepiada.

— Nathan... — eu estava completamente sem ar — alguém pode aparecer... — minha voz era quase um gemido e meus olhos estavam fechados, absorvendo aquele momento.

— Hummm... — gemeu passando os dentes na minha garganta — plateia...

— Senador... Controle-se — reuni todas as minhas forças para poder falar aquilo. Nathan podia ser um agente do governo, mas ainda era uma pessoa pública. Se algum paparazzo nos pegasse ali, daquela forma, no mesmo dia estaríamos estampando a primeira página dos jornais de Nova Iorque.

— Normalmente, não deixaria essa chance de comer você em um corredor deserto passar em branco. No entanto, tenho o seu presente esperando. — se afastou e me deu o melhor sorriso no estilo Nathan de ser.

Ele tinha mudado sua postura novamente. Parecia mais calmo e menos tenso. Harper não tinha tirado o seu bom humor, mas o havia provocado. Era visível como os ombros dele estavam relaxados e a sua respiração tinha voltado a um ritmo tranquilo. O que era muito frustrante era o fato de ele ter me deixado em frangalhos e ainda se manter calmo.

Meu corpo estava pegando fogo.

Quando saímos, parei de repente. Gretha estava esperando por nós na lateral do prédio. Eu queria correr e abraçá-la. Dizer o quanto sentia sua falta, mas parecia que Nathan sabia que eu queria fazer isso. Ele me segurou junto a si enquanto andávamos e aproximou a boca da minha orelha.

— Depois você conversa com ela — sussurrou, beijando o canto da minha orelha — ela também quer muito conversar como você — afastou a cabeça e continuou a me conduzir. Eu adorava a irmã dele e era uma tortura para eu ficar tanto tempo sem nem ao menos dar um “oi”. Fazia muito tempo que não conseguia nem sentir o cheiro da sombra dela e, depois do que fez por mim, meu amor por ela apenas aumentou.

— Senhor Fox. — ela sorriu para mim — Senhora Fox. — balançou a cabeça como se estivesse feliz em falar aquilo — boa noite.

— Boa noite, Gretha — disse Nathan entendendo o sorriso da irmã e devolvendo o gesto.

— Gretha... — eu tive que me controlar muito para não abraçá-la ali mesmo — boa noite.

— É sempre um prazer revê-la, senhora — ela, elegantemente, foi até porta do Jaguar e a abriu para que eu e Nathan entrássemos no carro. Eu particularmente não gostava que ela fizesse isso, porém, se era necessário para manter o disfarce deles, eu teria que aturar.

— Para onde vamos? — perguntei me acomodando melhor no carro, dando espaço para ele e me aconchegando no braço que tinha me estendido, ouvindo Gretha dar partida no carro.

— Queens.

Capítulo 21



Será que eu escutei direito? Ele disse que íamos para o antigo bairro onde eu morei?

Olhei para o homem sentado ao meu lado e ele não demonstrava qualquer expressão sobre o que tinha acabado de falar. Estava confortável, com o seu terno cinza aberto e as pernas cruzadas. Parecia satisfeito com a minha cara de espanto, esboçando um sorrisinho no canto da boca enquanto olhava para a movimentação das ruas. Eu tinha que perguntar...

— Por que vamos ao Queens? — tentei não transparecer meu nervosismo, mas era muito difícil naquela situação. Se fosse realmente o que eu estava pensando.

— Buscar seu presente — sorriu ao virar o rosto e olhar para mim — já estamos perto, Gretha?

— Em cinco minutos chegaremos lá — ela disse um pouco animada demais.

— Relaxe, meu doce. — Nathan pegou minha mão direita e a levou até seus lábios, beijando logo em seguida — digamos que isso é o meu presente de casamento...

— Nathan... É o que eu estou pensando? — eu estava quase chorando. Meus olhos ardiam e eu ficava cada vez mais emocionada.

Ele não me respondeu e eu não conseguia falar nada. Apenas olhava para o homem que amava. Sabia que era especial na minha vida, porém, não sabia o quanto ele fazia da minha vida algo além do especial. Concentrei-me em sorrir para

ele, que me olhava com carinho enquanto segurava minha mão de maneira firme.

Olhando as ruas com pouca iluminação, fiquei pensando no dia em que saí de casa para poder conseguir algo melhor na minha vida e poder tirar a minha irmã de perto daqueles dois. Tudo que eu queria era que ela fosse feliz. Lembrei-me das vezes que cuidei dela. Mesmo depois de tanto tempo, Chloe era a minha princesa. Eu não era apenas irmã dela, me sentia como uma mãe, mesmo a tendo deixado com aqueles dois montes de bosta.

Para minha surpresa, não paramos na frente do apartamento e sim na esquina.

— Fique aqui mesmo, Lizzie — antes de sair, me puxou dando um beijo leve na minha boca. Foi então que vi algo na sua cintura, quando seu terno afastou do seu corpo: ele estava armado. Por instinto, arregalei os olhos e voltei a olhar para ele um pouco assustada. — não se preocupe — sorriu de maneira tranquila — é apenas por prevenção. Nunca se sabe o que vamos enfrentar. Fique aqui e seja uma boa menina. — falou acariciando meu rosto, beijando minha boca novamente.

— Nathan, mas se você precisar de ajuda...?

— Gretha vai ficar aqui e não fique esquentando essa sua cabecinha linda — levou a mão até o meu cabelo, acariciando — minha Jessi Rabbit.

Fiquei no carro vendo-o seguir até o prédio. Ele abotoou o terno e caminhou com passos firmes e determinados. Para mim, nenhum homem tinha aquela confiança, apenas ele.

— Não precisa ficar preocupada — Gretha tentou me tranquilizar, mas, mesmo sendo a irmã dele e agente também, não tinha como não me preocupar. Ele era meu marido e o amor da minha vida. Seja lá qual fosse a situação, eu sempre iria me preocupar com ele — já o vi cuidar de dez homens ao mesmo tempo — brincou com malícia e tive que rir do duplo sentido da frase. — não diga a ele que brinquei com isso, ele arrancaria meu fígado e o comeria ainda quentinho. Vai por mim.

— É bom poder conversar com você — vi quando ela me olhou pelo retrovisor e me deu uma piscadela — e eu queria agradecer por ter cuidado daquele assunto... — minha voz sumiu no exato momento.

— Não precisa agradecer — ela se virou para me encarar — você faz parte da minha família. Eu arrancaria o coração de qualquer um que tentasse machucar você ou meu irmão. Família serve para isso, para proteger uns aos outros e dar amor incondicional...

— Gretha... — aquilo tinha sido a coisa mais linda que eu já tinha ouvido dela — você é a minha família também — sorri tentando não ficar mais emocionada do que já estava.

De repente, as luzes do apartamento ao lado do que Theodor e minha mãe moravam se acenderam. Ouviu-se algo quebrando e uma mulher gritando. Não pensei duas vezes. Abri a porta do carro e corri. Gretha correu atrás e quando estava prestes a abrir o portão, um homem negro, alto e muito forte estava lá. Lucius.

Parei.

— Garota — disse Gretha quando se aproximou — como você corre! Agora vamos voltar para o carro...

Outro grito.

— Me deixe passar! — pedi desesperada.

— Não vou poder fazer isso, senhora Fox — Lucius não moveu um músculo do lugar e nem os músculos do rosto dele, quando falou, se moveram.

— Lizzie — pediu Gretha com paciência — vamos voltar para o carro. Nathan vai saber cuidar das coisas...

— Me deixe passar, porra! — gritei. Aquela autoconfiança dos dois estava me irritando. Eu sabia que Nathan era treinado, mas se algo tivesse dado errado... Sei lá...

Lucius permaneceu parado. O defeito dos homens é achar que mulher gosta de obedecer a ordens. Avaliando a situação, Gretha estava a poucos metros de mim; Lucius bem na minha frente... de pernas abertas, com aquela postura de segurança e superioridade de que sabia que era maior que eu.

Chutei.

Chutei com gosto e tive o prazer de o ver cair no chão. Nada mau para uma mulher que não era treinada.

— Desculpa... — pedi com educação e passei por cima dele, que estava se contorcendo no chão. Gretha ficou me olhando boquiaberta, em estado de choque. Não tinha tempo para ficar olhando para trás e dar tempo dela me pegar. E tinha certeza que iria me pegar se eu não corresse. Larguei o salto no meio do caminho e segui pelas escadas agradecendo a Deus pelo ferimento do meu pé já ter sarado. Corri o mais rápido que pude até chegar ao conhecido corredor.

Autoconfiança é uma desgraça na vida de um homem do tamanho de uma montanha.

A porta do apartamento estava aberta e dava para ouvir o barulho que vinha dele. Quando cheguei à porta, só deu tempo de eu me abaixar para o abajur não acertar a minha cabeça.

— Ninguém vai tirar minha filha de mim! — gritou a mulher magra com um lenço amarrado na cabeça. Sua pele era pálida, com olheiras de panda.

— Mãe, não. Eu quero ir... — disse a moça, olhando para ele e segurando suas mãos — me deixe ir. Eu quero a Izzi!

Nathan estava parado, com as mãos nos bolsos da calça e parecia ter uma paciência infinita, mas dava para ver o desprezo que ele sentia pela mulher magra. Aquela mulher... Aquela mulher era a minha mãe.

Salomé Dickson Radzimierski.

Ela conservava o nome de casada do meu pai, Marcus Karzus Radzimierski. Na época, ele tinha fugido e deixado nós duas para trás. Ela não tinha emprego e a única solução que encontrou foi se prostituir. Se fosse apenas ela se sacrificando para cuidar de mim, tudo bem. Porém, ela conheceu o maior pesadelo da minha vida: Theodor O'Connell. O homem que deu início aos meus traumas e que a única coisa boa que fez no mundo foi a minha irmã Chloe.

A loira de cabelos cacheados e corpo singelo segurava o braço da nossa mãe com firmeza. Dava para ver as lágrimas que começavam a escorrer. Ela era parecida comigo, mas era ainda mais semelhante à nossa mãe. Não tinha olhos verdes,

eram castanhos na verdade. Era alta e parecia forte. Muito forte.

Eu precisei de alguns segundos para me lembrar de que eu precisava me movimentar.

— Chloe... — sussurrei.

Ao ouvir minha voz, Nathan se virou e veio na minha direção. Entretanto, foi muito rápido. Minha mãe largou o que tinha na mão e Chloe soltou o braço dela. As duas me olharam como se eu fosse um fantasma e ficaram imediatamente pálidas, se é que a minha mãe pudesse ficar mais pálida do que já estava.

— Izzi... — Chloe veio andando na minha direção e quando olhei Nathan já estava ao meu lado, me olhando com preocupação.

— Eu consigo — murmurei para ele, que apenas assentiu e sussurrou de volta:

— Estou ao seu lado. — era sincero. Aquelas palavras me transmitiram a confiança que precisava. Dei o primeiro passo, seguindo na direção dela.

— Meu Deus... Izzi — foi emocionante. Nós nos abraçamos com tanta força que podíamos escutar os ossos estralando — você voltou... — Chloe começou a chorar, e eu também.

— Eu prometi, não foi? — perguntei a ela, segurando seu rosto entre as minhas mãos quando nos afastamos — vamos. Você não fica aqui nem mais um minuto...

— Lizzie... — a voz de Salomé era fraca naquele momento. O que antes eram gritos desesperados, para que não tirasse Chloe dali, agora era apenas um fio de voz. Um sussurro que me doía os ouvidos.

— Izzie... A nossa mãe está... — Chloe tentou falar, mas eu logo a interrompi.

— Não vim aqui fazer as pazes com ela. Vim para buscar você. Apenas isso — eu sentia os olhos de Nathan sobre mim. Sabia que a qualquer sinal de algo errado ele entraria em ação, me tirando daquele lugar — você consegue entender isso?

— Eu vou com você, mas você vai ter que fazer uma coisa... — ela olhou angustiada na direção da nossa mãe e depois tornou a me encarar — me ajude a cuidar dela e eu vou com você. Era isso que eu estava falando para o seu marido... — olhou na direção de Nathan.

— Não é com ela que eu me preocupo — falei passando as mãos no cabelo cacheado dela — é com você. Sempre foi com você que eu me preocupei. Foi para conseguir uma vida melhor e fazer você ter uma que fugi, trabalhei e comprei um apartamento para nós duas...

— Mas você se casou... E sei que vou ser feliz ao seu lado — ela me encarou — eu sei que você teve que fazer sacrifícios. Eu sempre soube que você viria me buscar. Sempre. Nunca duvidei por um segundo da sua promessa, mas quero que faça mais esse sacrifício por mim.

— Meu doce... — a voz de Nathan soou atrás de mim, chegando aos meus ouvidos como um carinho — escute o que sua irmã tem a falar. É algo muito importante sobre a sua mãe...

— Nada que venha dela — olhei com desprezo para a mulher parada a poucos metros de mim — é importante...

— Eu estou com AIDS — revelou cabisbaixa — há três anos venho lutando contra a doença... — eu fiquei congelada como

uma estátua — sinto que fui castigada por tudo que deixei você passar...

— Izzi... Ela precisa da nossa ajuda... — Chloe segurou minhas mãos, no entanto eu não conseguia sentir nada. Quando eu digo nada, era absolutamente nada. Nem um pouco de pena ou qualquer coisa que chegasse perto daquele sentimento.

— Ela já tem a ajuda que precisa — rebati com sarcasmo — se precisa de ajuda, chame o seu Theodor. Deixe-me em paz...

— Meu amor... — Nathan começou a falar, mas eu explodi.

— Não! — berrei com toda a minha raiva — Não me peçam para ter algum tipo de piedade dela. Por mim, ela pode ir para o inferno... e virar churrasquinho por lá mesmo. Ela e aquele monstro — tornei a olhar para Chloe — se você quiser vir comigo, venha. Mas não peça nada em favor dela. Nada.

— Eu mereço. — nossa mãe levantou a cabeça e olhou para mim — eu sei que estou colhendo todo o mal que plantei.

— Isso mesmo. — ralhei com amargura — agora, vá atrás do seu marido e me deixe em paz...

— Izzi — choramingou Chloe.

— É com você... É por você... que eu voltei — falei firme — e eu vou levar você daqui. Hoje. Estou esperando do lado de fora — dei meia volta e segui para a porta, onde Nathan estava. Ele me olhou com amor e apesar da minha irritação, não tinha saído de perto de mim.

Não olhei para trás. Aquela seria a última vez que pisaria ali. Nunca mais sentiria o cheiro daquele lugar. Nunca.

Capítulo 22



— Desculpa, Lucius. — baixei a cabeça para o lado dele, me sentindo envergonhada por ter feito aquilo no calor do momento. Gretha me olhava sem acreditar que eu tinha chutado o saco do grandão.

— Você merece o meu respeito — Gretha assentiu me dando um dos seus belos sorrisos — chutar as bolas desse aí... Não é fácil não hein! Sei não Lucius, mas acho que você está perdendo o jeito. Ou é isso, ou é confiante demais.

— Não foi nada, senhora Fox — Lucius assumiu uma postura mais rígida. Ele estava sério e não tinha gostado muito da brincadeira de Gretha, mas ainda assim não rebateu o comentário dela.

— Então? — perguntou Gretha, mudando de assunto — como estão indo as coisas lá em cima?

— Complicadas... — suspirei irritada, me lembrando do pedido de Chloe. Eu a amava, porém aquele pedido tinha sido demais.

— Ele vai resolver tudo — Gretha falou convicta, com o tom de irmã orgulhosa. Um dia, eu escutaria como tinha sido a vida dela. Um dia, me sentaria com ela e falaríamos sobre como a sua vida teria sido difícil. Sobre como ela conheceu Ian, o especialista em comportamento e treinado para agir em combate, assim como ela.

Ficamos parados na frente do prédio esperando que Chloe e Nathan descessem.

Para mim, pareceram séculos.

A visão de Nathan saindo do elevador fez meu coração disparar. Aqueles milésimos de segundos foram os piores para mim. Mil coisas se passaram na minha cabeça. Será que ela tinha resolvido ficar com Salomé e desistido de mim? Sentia minha respiração ficar cada vez mais pesada. Meus olhos estavam tão arregalados que não existia a mínima possibilidade de eles piscarem. Primeiro foi o pé dele que eu vi, depois o resto do corpo e bem atrás dele estava ela, com uma única mochila nas costas.

Algo molhado e morno escorreu pelas minhas bochechas e foi aí que me dei conta de que já estava chorando. Meu choro era de alegria. Queria há muito tempo ter a minha irmã ao meu lado, e naquele momento, com a ajuda do meu marido, tinha conseguindo. Minha vida estava completa, Nathan como meu marido, minha irmã ao meu lado. Achava que mais nada poderia estragar aquela felicidade que brotava dentro de mim. Na verdade, era uma doce ilusão...

Porque eu sonhava muito sobre um final feliz.

E eu estava tendo o meu.

Mas isso... era o que eu achava.

— Izzi — ela correu na minha direção — finalmente juntas.

— Para sempre — segurei o seu rosto entre as mãos e beijei sua bochecha — sempre unidas — beijei novamente o rosto de Chloe e virei a cabeça para olhar o homem imponente que nos olhava fascinado. Ele sorriu para mim e olhou com carinho para a maneira como eu e Chloe estávamos nos tratando. Não tinha como não amar aquele homem. Ele era tudo para mim. O

homem que me ensinou a amar. Que me ensinou que eu poderia ser amada... Como não agradecer a Deus por tudo que eu estava recebendo?

— Gretha — olhei para minha cunhada, que estava com os olhos brilhando e eu achava que já estava quase chorando — você pode acompanhá-la até o carro? — sorri para ela, achando lindo como estava emocionada.

— Mas é claro que acompanho — deu uma leve fungada — e só para vocês ficarem sabendo, estou com um olho no meu cisco. — falou, passando a ponta dos dedos nos olhos para enxugar as lágrimas — apenas isso...

— Como foi que você conseguiu passar? — perguntou Nathan desabotoando o terno e colocando as mãos nos bolsos da calça, enquanto olhava de soslaio para Lucius, que esboçou um leve, quase imperceptível sorriso no canto da boca — Lucius?

— A senhora Fox... — fez uma pausa, pensando em como falar para o seu chefe, que eu, uma mulher de estatura baixa, tinha chutado as suas bolas — me abateu com um movimento muito eficaz na região íntima senhor — Nathan, que já estava olhando diretamente para ele, virou a cabeça para mim, um tanto surpreso.

— Ela chutou... — o silêncio pairou por alguns segundos — e você não conseguiu prever isso?

— Bom, vamos Chloe... — Gretha estendeu o braço, indicando que minha irmã fosse caminhando na frente.

— Minha irmã chutou as bolas do grandão? — perguntou Chloe em choque — mas... mas... ele tem o triplo da altura

dela...

— Vamos querida, não quero problemas com ela agora — gargalhou Gretha e Chloe a acompanhou até o carro.

— Amor, é que eu escutei os gritos... Aí depois outro — tentei me explicar — depois eu corri... Ele não queria me deixar passar... Então... — dei de ombros, como se aquela fosse uma explicação lógica por ter agido daquela maneira.

— Deus... — resmungou Nathan balançando a cabeça — o que eu faço com você, Lizzie? — me olhou sério — eu tinha tudo sob controle.

— Mas se tivesse acontecido algo com você... — minha voz saiu fraca — e se Theodor...

— Eu tinha tudo sob controle. Tiraria a sua irmã de lá, nem que eu precisasse colocar ela sobre os ombros à força — disse ele de maneira firme — e se aquele monte de bosta estivesse em casa, eu mesmo teria me encarregado de fazê-lo sofrer um pouco... — sua voz saiu ameaçadora.

— Me desculpe... — pedi cabisbaixa, olhando para os meus pés.

— Doeu? — perguntou Nathan a Lucius, e eu tive que olhar para o meu marido, que sorria debochado para o lado do seu segurança.

— Muito senhor — assentiu Lucius, tentando manter a postura e não rir — a sua esposa tem um chute muito potente.

— Obrigado por me avisar — Nathan tornou a olhar para mim — vou me lembrar disso quando ela estiver com raiva — sorriu, mostrando o quanto ele era encantador — agora vamos

— falou entendendo a mão para pegar a minha — sei que você quer ter um momento com a sua irmã.

— Espere — puxei a mão dele para que parasse — eu tenho uma coisa para você... — Lucius percebeu que era algo íntimo e andou um pouco mais, parando de costas para nós dois e de frente para a rua como se estivesse sempre alerta — eu ainda não agradei por tudo...

— Não precisa me agradecer, meu doce — seus olhos ganharam um brilho mais bonito e ele abriu novamente seu sorriso encantador, destruindo minha respiração — você é tudo na minha vida. Tudo.

— Não. Eu tenho que agradecer sim — fui mais firme ao falar, porém com todo carinho que tinha dentro de mim — além de ser perdidamente apaixonada por você, sou eternamente grata por tudo. Eu o amo com todas as minhas forças Nathan, e independente de tudo que aconteceu, e mesmo com segredos, sempre vou amar você. Sempre.

— Lizzie eu... — não deixei que ele terminasse de falar. Segurei o rosto dele entre as mãos e beijei. Beije com tanto amor que achei que explodiria.

Explorei cada espaço saboroso da sua boca com a minha língua. Acaricie seu rosto enquanto o beijava e ele me correspondeu, segurando minha cintura e me puxando para ficar mais junto ao seu corpo. Nathan me envolveu em seus braços enquanto nos beijávamos de maneira apaixonada. Eu me sentia amada e protegida quando estava em seus braços. Ele era a melhor coisa que tinha acontecido na minha vida e sem ele não me sentia completa.

— Eu te amo mais que tudo na vida, senhora Fox — Nathan declarou quando paramos de nos beijar, encostando sua testa na minha, fechando os olhos e me beijando novamente. — tudo na minha vida. Tudo — se afastou um pouco para poder falar. Olhei para aqueles olhos azuis perfeitos e vi o que nunca encontraria em outra pessoa: o amor, a admiração e aquela devoção.

Enquanto andávamos, fiquei pensando onde estaria o verme que Chloe chamava de pai.

— Nathan, antes de irmos embora... — ele me interrompeu, colocando o dedo indicador sobre os meus lábios para que eu não fizesse a pergunta. Ele já sabia o que perguntaria.

— Quando estávamos vindo para cá, tomei o cuidado para que você não o encontrasse em casa — sorriu com uma malícia diabólica.

— O que você fez?

— Digamos que ele vai chegar um pouco quebrado em casa — deu de ombros, abrindo a porta do carro para que eu entrasse, e sorriu. Chloe ainda olhava para mim um pouco assustada pelo fato de eu ter chutado as bolas do homem que tinha três vezes o meu tamanho e cem vezes a minha força.

— Fiz um acordo com a mãe de vocês — anunciou para mim e senti Chloe se encolher um pouco.

— Você fez o quê?! — perguntei em choque.

— Isso mesmo que você escutou, meu doce... — meu jovem marido tinha assumido a capa da inexpressividade enquanto falava — fiz um acordo com ela — enfatizou, olhando para mim.

— Ela não merece que se tenha nem um pouco de misericórdia... — reclamei, olhando para ele com raiva. Não que eu não o amasse, e era claro que eu o amava muito, mas ele não devia ter sentido dó daquela mulher.

— Ela vai morrer mesmo, Lizzie — me olhou de maneira fria e eu quase estremeci — nada mais justo que dar a ela um pouco do que não deu a você.

Aquilo tinha sido um tapa com luva de pelica no meu rosto.

Nathan era um agente treinado, e eu já o tinha visto em ação. Implacável e sem remorso algum. Ao ouvir aquilo, vi que ele era muito mais do que apenas aquele agente impiedoso, que tinha um olhar mortal e uma postura digna de um assassino sem alma. Nathan tinha tudo sob controle. Ele sempre sabia o que fazia.

Em minha raiva, não conseguia enxergar que ajudar era uma forma de vingança por tudo que ela tinha me feito. Porém, era muito difícil estender a mão para uma pessoa que tinha visto todo o meu sofrimento e não feito nada. Ela sabia que Theodor abusava do meu corpo e que tinha me estuprado. Salomé não tinha feito nada para detê-lo, pelo contrário, ficou calada e aceitou.

Mães deveriam ter permanentemente em sua genética o instinto de proteção em relação a seus filhos. Entretanto, existem algumas que não nascem para gerar um filho e nem para amar. No meu caso, a minha tinha vindo com esse defeito de fábrica e ainda era uma filha da puta de uma mãe perversa.

Com o argumento de Nathan, eu fiquei calada, porém, não concordava que tínhamos que ser bonzinhos com ela. Eu

estava no meio dos meus dois amores e naquele momento tinha que viver para eles. Cuidar do meu marido, da minha irmã e recuperar o tempo perdido.

Naquele ano completaria oito anos que não via minha irmã. Chloe tinha dezesseis anos e eu faria vinte e sete. Meu aniversário... Faltava apenas uma semana para o meu aniversário. Tinha me esquecido, já que nunca comemorava aquela data.

Quando estávamos chegando perto do prédio, Chloe olhou através do vidro do carro um tanto quanto impressionada com o tamanho da estrutura do edifício onde Nathan morava. Era grandioso e demonstrava a força que Nathan possuía. Eu achava que Nathan era tudo e mais pouco.

— Tudo bem? — perguntei olhando para o rosto envergonhado da minha irmã.

— Tudo... Eu acho — respondeu ela sem jeito — você é casada com o senador Fox e só agora que me dei conta disso...

— Não se preocupe com isso — Nathan sorriu para ela, enquanto Gretha estacionava o carro ao lado do meu — isso não vai influenciar na sua vida, caso não goste de atenção. Prometo proteger você e sua irmã com a minha vida se for o caso — tinha a mais pura verdade em sua voz. Eu sentia isso em cada palavra firme que ele falava — nunca vai faltar nada para você e nem para minha amada esposa.

— Nossa... — murmurou Chloe quase chorando, olhando para mim e para Nathan — é muito bom ter uma família de verdade agora — sorriu e seu rosto começou a ficar vermelho — me desculpem por isso... É que... — respirou fundo e se

calou, começando a chorar. Naquele momento, Gretha já tinha estacionado e aberto a porta do lado de Nathan, esperando com paciência.

— Eu sei, Chloe. Eu sei exatamente o que está sentindo — falei emocionada, abraçando minha irmã. — agora somos uma família — me afastei dela, enxugando as lágrimas — vamos...

— Já foi reservado um dos quartos para a senhorita Dickson — informou Gretha de maneira carinhosa. Eu tinha a melhor cunhada do mundo. Reconhecia o seu valor e tinha verdadeira adoração pela mulher que ela era. Gretha não era apenas a irmã de Nathan, era quem fazia com que as coisas funcionassem do jeito que era para ser.

Ela tinha tomado cuidado em não pronunciar o sobrenome de Theodor.

O'Connell.

Tudo estava indo do jeito que eu imaginava.

Chloe ficou boquiaberta com o quarto dela. Era amplo e tinha uma cama box king-size, coberta com uma colcha branca e detalhes dourados nas bordas. Nathan tinha tomado cuidado para que tudo fosse delicado e aconchegante para ela.

— Obrigada por tudo — ela nos olhou realmente agradecida. Nunca tinha visto um brilho tão alegre nos olhos de Chloe.

— Vou deixar você descansar um pouco — caminhei em sua direção — amanhã conversamos sobre tudo. Sobre o que você quer para o futuro e sobre... sei lá — sorri e abracei minha irmã com força — sobre qualquer coisa que você queira conversar. Eu te amo, Chloe. — me afastei apenas para olhar em seus olhos.

— Também te amo, Izzie — seus olhos ainda tinham aquele brilho incrível — você nunca desistiu de mim...

— Nunca.

Capítulo 23



O dia ainda não tinha começado exatamente. Eu tinha consulta com Ian às seis horas da manhã e isso incluía acordar bem cedo e seguir para o consultório dele, sem ao menos ter acordado direito. Olhei para as costas espetaculares do homem que estava ao meu lado e fiquei admirando por um bom tempo. Era muito difícil olhar para o corpo dele e não querer tocar. Traçar cada pedaço dele com os dedos e depois deixá-lo tomar conta do meu corpo.

Ele era quente, intenso e muito carinhoso comigo.

Eu não poderia me atrasar e com muito esforço levantei para tomar meu banho. A água era uma bênção escorrendo quentinha pelo meu corpo. Eu estava mais feliz. E toda minha felicidade tinha sido proporcionada pelo meu incrível! Super! Mega! E extraordinário marido, vulgo agente mais foda que o mundo não conhecia.

Terminei meu banho, escovei os dentes e sequei o cabelo. Quando dei por mim, estava cantarolando alegre indo na direção do closet, separando a minha roupa para o dia. Desde que comecei meu relacionamento com ele, tinha começado a melhorar um pouco meu guarda-roupa. Teria que me vestir melhor, já que eu era a “namorada/noiva/esposa” do senador Fox. Escolhi uma calça social marrom com a cintura marcada e uma blusa de seda branca com mangas até os cotovelos.

Durante o tempo em que me arrumava, pensei que não faria sentido eu casada (mesmo que o mundo não soubesse disso), ficar longe dele.

Quando terminei de me arrumar, me olhei no grande espelho que tinha ao lado do closet e gostei bastante do resultado. Antigamente, eu não me preocuparia com isso, com o fato de estar ou não bem-arrumada. Mas, eu me sentia tão bem que queria me arrumar. Eu estava feliz e desejava que isso transparecesse em tudo.

Andei com cuidado na direção da cama e vi que ele tinha mudado de posição. Estava com o peitoral descoberto, assim como seu abdômen definido e magnífico. Tinha a respiração calma e ritmada. Ao me sentar na lateral da cama, onde ele estava, tomei cuidado para não o acordar. Mas... Nathan era Nathan.

— Me avise quando for para eu mudar de posição... — sorriu da maneira mais safada que existe no mundo, ainda de olhos fechados — aí você pode admirar mais um pouco do meu corpo... Só que do outro lado também, para não ficar com ciúmes... — falou abrindo os olhos lentamente, ainda com o sorriso estampado no rosto. Ele ficava lindo com aquela cara de sono. Na realidade, ele ficava lindo de qualquer maneira. Ele era perfeito.

— Isso é o que dá... — resmunguei de maneira divertida ao me aproximar dele — dar muita confiança. Você está muito convencido...

— Eu sei — deu de ombros e logo em seguida se esticou na cama, se espreguiçando. Seu cabelo estava lindamente

bagunçado, e parecia que tínhamos feito algo. Não foi por falta de desejo, mas ele achou melhor não fazer. Ele queria me dar apenas carinho — sou gostoso mesmo... — falou ao terminar de se esticar todo e me puxou para um beijo leve nos lábios — e tenho a mulher mais gostosa do mundo. — disse em tom de orgulho.

— A sua mulher... gostosa aqui — comecei a falar e tentar me levantar, mas ele não deixou — Nathan! — soltei um gritinho, quando ele me puxou completamente, me fazendo deitar na cama — tenho consulta...

— Não sou tão rápido quanto um coelho, mas posso fazer você gozar em trinta segundos... — brincou, roçando a ponta do nariz na minha orelha, fazendo todo o meu corpo ficar aceso por ele.

— Fico imaginando se fosse... — rebati, adorando a atenção que ele estava dando naquela região tão erógena do meu corpo.

Se bem que, com ele, todas as partes do meu corpo eram erógenas. O homem não tinha nem mau hálito pela manhã. Era todo cheiroso, carinhoso e forte, tudo isso ao mesmo tempo. Uma tentação, e ainda por cima mais quente que o verão do deserto do Texas.

— Você nunca facilita... — gemi quando ele soprou levemente dentro do meu ouvido, fazendo com que os pelos do meu corpo se arrepiassem.

— Você me ama... Eu te amo — sussurrou com a voz macia — e olha o que está te esperando — roçou o quadril contra o meu, me fazendo sentir o volume do seu pau. E que volume! —

mas... — se afastou subitamente — você tem consulta e eu vou para uma reunião daqui a pouco.

Ele atiçava, esquentava e depois me deixava na mão. E era assim que a minha vida ficava insuportável pelo resto do dia.

— Seu... Seu... — me levantei depressa, fingindo estar indignada com ele — argh! Não posso nem ficar com raiva de você...

— Eu sei — falou novamente com aquela ironia safada dele — eu sou gostoso — deu de ombros e foi se levantando. Ele se sentou na beira da cama e olhou para mim com uma das sobrancelhas arqueadas — ainda está parada na minha frente? Eu devo ser muito gostoso mesmo — gargalhou charmosamente — vem cá. Me dá um beijo e vá para sua consulta...

— Fazer o quê? — fui até ele, me inclinei e aproximei meu rosto do dele — você é gostoso mesmo — ele abriu outro sorriso, do tipo que destrói qualquer mulher e segurou a ponta do meu queixo com as pontas dos dedos da mão direita.

— Um gostoso apaixonado pela sua linda esposa — disse isso e me beijou. Quando nos afastamos, fiquei admirando mais um pouco os olhos dele. Eram tão sinceros e apaixonados. Eu tinha sido agraciada por Deus.

— E Chloe? — perguntei por que eu tinha que me preocupar com ela. Ela estava, tecnicamente, na casa de uma pessoa estranha. Mesmo que eu fosse casada com Nathan — acho que vou ligar para Ian e remarcar a consulta... — eu já estava indo na direção do telefone que estava no criado-mudo quando ele me segurou pelo braço e me puxou para junto dele.

— Vai ficar tudo bem — Nathan tinha um timbre tão macio e calmo que me deixava tranquila — e não. Você não vai remarcar a consulta. Gretha pode ficar aqui com ela e eu coloco outra pessoa para substituí-la durante minha reunião. — beijou o topo da minha cabeça, me fazendo suspirar.

— Não sei o que seria da minha vida sem você... — fechei os olhos e o abracei. Estava ficando cada vez mais fácil ter aquele tipo de intimidade com ele. Mesmo depois de tudo que aconteceu. Era nos braços dele que eu encontrava a paz que precisava.

— Eu não sei o que vai ser da minha vida sem você... — senti quando ele respirou mais profundamente e liberou o ar lentamente. O que ele queria dizer com aquilo? Eu estava ao lado dele... Tudo, mesmo nas mentiras, era por nós dois. Podíamos esconder verdades, mas não escondíamos o que sentíamos um pelo outro — ande, ou você vai se atrasar — Nathan afastou seu corpo do meu e parou um pouco apenas para ficar me olhando — saiba que não existe homem mais apaixonado no mundo do que eu. Sou louco por você, senhora Fox.

— Nathan... — murmurei emocionada — isso foi lindo... — nossos olhares se encontraram e eu vi o brilho incrível que existia nele com mais paixão — eu também sou louca por você...

— Eu sei — sorriu convencido — eu já disse hoje que sou gostoso? — perguntou se afastando e gargalhando, seguindo para o banheiro... e retirando a cueca no meio do caminho, mostrando aquela bunda perfeita que tinha.

— Ah... Isso é covardia senhor Fox! — gritei quando ele sumiu do meu campo de visão — Covarde!

— Você me ama — berrou ele, ligando o chuveiro.

— Amo mesmo — sorri, pegando minha bolsa e balançando a cabeça.

Quando saí do quarto, segui para o de Chloe. A porta estava destrancada e então resolvi dar um beijo de bom dia nela antes de sair. Já estava atrasada mesmo e alguns minutos não matariam Ian.

— Izzi? — perguntou ela com a voz um pouco rouca e abrindo os olhos para mim.

— Vou ter que sair por algumas horas, mas quando eu voltar conversaremos sobre tudo — falei beijando seu rosto — vamos passar o resto do dia tentando atualizar as coisas. Nossas vidas. Está bem?

— Tudo bem. — respondeu ela, ainda sonolenta e bocejando.

— Gretha vai ficar aqui com você — sorri passando a mão nos cachos do cabelo dela — o que você precisar pode pedir a ela.

— É bom ter você cuidando de mim — aquilo foi de cortar meu coração. Mesmo tendo passado tantos anos, eu sabia que ela sentia falta do meu colo. Ela era a minha família antes de Nathan entrar nela e fazer o estrago que tinha feito.

Agora eu tinha a minha família.

Saí do quarto ainda emocionada por ter a minha irmã junto a mim. O meu carro estava lá, estacionado. Eu tinha um destino

melhor para ele. E mesmo sendo presente de Nathan, eu sabia que ele gostaria do que eu estava prestes a fazer.

Entretanto, era divertido ver Lucius se espremendo no meu New Beetle e ainda manter a pose de profissionalismo que ele tinha.

Quando chegamos ao consultório de Ian fiz o pedido a Lucius. Pedi que nada do que acontecesse ali fosse dito a Nathan. Ele me olhou torto e por um instante achei que fosse pegar o celular e ligar para Nathan avisando do meu pedido.

— Senhora Fox... — o tom de voz de Lucius era como se fosse um pai repreendendo a uma filha pela sua travessura.

— Lucius... — comecei a falar com calma. — olha, eu sei que você não está aprovando, mas é para uma boa causa... no final de tudo, quero fazer uma linda surpresa ao meu marido. Entende?

— Sim, senhora.

— Obrigada, Lucius.

— Sempre às ordens, senhora Fox.

— Não se esqueça de fazer o que pedi, aquela outra coisa...

— Não esquecerei, senhora.

Ótimo, já tinha passado das sete e meia. Ian tinha que ser bonzinho comigo...

Isso era o que eu queria.

Na verdade, queria não ter levantado da cama naquele dia. Teria sido mais fácil ficar lá, apenas deitada ou olhando para o teto.

A consulta se tornou treino. E dos pesados.

Capítulo 24



Eu tinha certeza que nada do que já sabia chegaria perto do que Ian ia me ensinar. Só tinha um fator preocupante: ele era homem, e apesar de confiar nele, não queria arriscar. Queria saber como faríamos aquele treino dar certo, já que eu não queria que ele tocasse em mim.

Ian era treinado, assim como Nathan tinha sido. Ele era inteligente e perspicaz no que fazia, sabia os meus pontos fortes e os fracos também, e tudo que eu queria era camuflar os fracos. Eu queria controlar aquela raiva que tinha dentro de mim e fazer com que ela abrandasse apenas para que eu pudesse ter uma vida digna ao lado das pessoas que amava.

Ele me explicou que o que me ensinaria não era apenas autodefesa, era o controle sobre o meu corpo. Corpo e mente, conectados de maneira tal para que a mente controle o corpo por completo. Não estava falando das coisas básicas e sim do controle da dor. Se a mente consegue controlar o nível de dor, no momento de um golpe, o seu corpo estará protegido.

Tudo que ele sabia, em parte, me ensinou. Na verdade, ele ficou completamente surpreso por eu correr e saber saltar. Eu era uma atleta muito boa nos tempos de escola e faculdade, então os esportes que não precisavam de contato físico direto eram os meus favoritos.

Eu aprenderia rápido e assim foi. No primeiro dia, ele me explicou os tipos de artes marciais e algumas técnicas, e

apesar de aprender rápido, era muita informação para assimilar de uma única vez, mas prestei atenção em tudo.

No giro de sua perna, quando ele a ergueu e chutou o saco de areia.

No giro e no chute que deu, quando pulou, girou e caiu no chão já de joelhos.

No movimento calculado do seu punho, quando me demonstrou que tinha que dar um leve giro na mão, antes de socar, para não me machucar.

No poder da mente e seus benefícios quando se medita.

Ele era o senhor Miyagi e eu Daniel San, do Karate Kid dos anos 80, a única diferença era que ele não era japonês e eu tinha peitos maiores do que o do Daniel. Ian estava se arriscando para me ajudar, já que de qualquer maneira, eu estava escondendo de Nathan que tinha começado a treinar. Só tinha medo dele não conseguir entender, mas ainda assim, eu não contaria nada a ele. Não quando ele estava escondendo coisas de mim, mesmo depois do casamento.

Eu o amava mais que tudo no mundo, mas não ficaria parada. Se ele tinha os segredos dele, eu teria os meus. Eu já tinha tudo o que queria mesmo, só me restava continuar treinando e me consultando com Ian para seguir a minha vida.

Chloe era uma boa menina. Nathan e eu estávamos casados. Nada mais de ruim poderia acontecer.

Isso... Era o que eu pensava.

O treino me trouxe uma sensação de bem-estar muito grande e o cansaço me deixou quase nocauteada.

— Você me surpreendeu como sempre, Fox — sorriu satisfeito enquanto enxugava a testa com uma toalha branca — Lizzie, você sabe que Nathan precisa saber disso, não sabe? — eu sabia que sim, só não queria contar naquele momento.

— Eu sei — falei pegando a squeeze e bebendo toda água que tinha — só preciso de um tempo. Quero que ele sinta orgulho de mim...

— Lizzie — o seu tom de censura me chamou atenção — não é por isso que você está guardando segredo. Você sabe os motivos, e eu também.

— Sabe, às vezes é um saco conversar com uma pessoa que tem uma bola de cristal bem no meio da testa — resmunguei enquanto pegava a toalha para enxugar meu rosto também. Não era fácil esconder as coisas de Ian, e não seria daquela vez que eu conseguiria. Pelo amor de Deus! O cara tinha sido treinado para extrair informações dos terroristas mais temidos do mundo, e eu pateticamente tentando esconder os motivos pelos quais estava treinando. Era burrice minha.

— Lizzie — respirou Ian pesadamente — você me pediu para te treinar, mas sei que isso não é o certo a ser feito. Mas, se vamos fazer isso... eu quero que você entenda o conceito do treinamento. Isso não é para tornar você uma pessoa agressiva, e sim uma pessoa que estará preparada para enfrentar os perigos sem perder o controle. — ele veio andando na minha direção e apontou para a área de tiro — quero que você pegue aquela arma e mire no alvo. Antes do disparo, prenda a respiração. Entendeu?

— Entendi — assenti e segui para a área de tiro. O alvo tinha o formato do corpo de um homem e estava a quase cem metros de distância. Tinha uma nove milímetros do lado da bancada junto com um pente carregado de balas — o que eu faço agora?

— Coloque os óculos de proteção, encaixe o pente e destrave a arma — ele segurou a própria arma, demonstrando como eu deveria fazer.

Assim que encaixei o carregador ele me mostrou como destravar. Antes, me explicou o sistema de mira, de segurança com o registro de trava e por onde os cartuchos saiam: da câmara, que ficava entre a massa de mira e a alça de mira.

— Pegue a sua arma e faça da mesma forma que a ensinei... — falou ao me entregar — agora você vai mirar. Cuidado... — Ian advertiu quando deixei a arma próxima ao meu corpo — não a deixe muito próxima. No momento do recuo, você pode se machucar. Mantenha as mãos firmes no cabo e olhe através daqui. — ele me mostrou a linha da mira — é por ela que você vai se orientar. Entendeu?

— Ian... — bufei olhando de cara feia para ele — acho que consigo assimilar novas informações...

— Eu sei que você é inteligente, Lizzie — debochou olhando para mim — mas gosto de irritar você e Nathan.

— Isso vai acabar com a minha audição? — no momento que virei para perguntar ele se esquivou. Foi então que percebi que tinha virado o corpo todo.

— Eu não sou o alvo, Lizzie — gargalhou — agora, mire no alvo e não em mim. E não. Não vai acabar com a sua audição.

Concentre-se.

— Você sabe que foi o meu subconsciente que queria acertar a sua cabeça. — provoquei.

— Prefiro que o seu subconsciente... mire no alvo bem ali — brincou — se posicione assim — explicou ele colocando o pé esquerdo um pouco para frente e o outro para trás, se apoiando melhor e mantendo uma postura impecável — agora, estique os braços para frente e mire.

— Certo... E agora?

— Atire o mais próximo do alvo central — assim como ele me orientou, eu fiz. Me posicionei e mirei, mantendo uma postura quase parecida com a dele, já que igual seria impossível.

— Se eu acertar de primeira... — comecei, já com a arma apontada para o alvo.

— E não vai acontecer... — cantarolou ele com ar de superioridade.

— Se — enfatizei — se eu acertar vou raspar a sua cabeça, Ian — eu sabia que não existia a possibilidade de eu acertar de primeira, mas, ainda assim, brinquei.

— Se você não acertar — a voz de Ian ficou mais dura e rígida — vai contar tudo para o Nathan e rezar para ele não me matar depois. Entendeu? — por que eu tinha apostado mesmo? Seria uma desgraça. Eu erraria e ainda por cima, enfrentaria Nathan. Seria o fim do mundo.

O apocalipse. A terceira guerra mundial. Eu estava muito fodida.

Prendi a respiração, me posicionei melhor, mirei e atirei.

Não fechei os olhos, não tive medo e não fiquei surda com o barulho.

Ian ficou do meu lado, parado como uma estátua sem acreditar no que tinha acabado de acontecer. Eu tinha acertado bem na cabeça do alvo, ou melhor, bem no meio. Ele apertou um botão e o alvo veio em nossa direção. Eu não tinha nem piscado no momento que disparei. Não respirei e nem pensei em fazer isso.

— Droga! — resmungou ele, passando a mão no cabelo — não vou raspar a minha cabeça. Melhor de três. Se você acertar os três, eu corto o meu cabelo mais baixo, agora raspar, nunca.

— Gretha vai gostar. — debochei — um visual novo vai apimentar o relacionamento dos dois...

— No mínimo ela vai pegar pimenta e passar nos meus olhos, isso sim — sorriu, ligando novamente a esteira, fazendo o painel de tiro voltar para o lugar dele — dispare mais três...

Não o deixei terminar. Disparei já posicionada.

Três disparos certos.

— Acho que você é boa nisso — disse com o tom de voz impressionado.

— Tenho quase certeza que sim — eu estava espantada comigo. Com certeza era sorte de principiante...

— Amanhã, você vai treinar os saltos e alguns golpes com uma agente iniciante — sorriu, como sempre, parecendo que estava escondendo algo.

— Odeio quando você sorri assim — reclamei, travando a arma e a colocando de lado na bancada — sei que vai aprontar, ou sabe de algo que mais ninguém sabe.

— Não se preocupe com isso, Fox — balançou a cabeça, achando aquilo tudo engraçado — se tudo acabar na merda, eu vou ser morto e não você. Então relaxe e volte para sua rotina.

Já estava quase no meio do dia quando segui para o jornal. Para todos os efeitos, estava em uma consulta e não haveria suspeita sobre o que eu andava aprontando. No The Poster estava tudo voltando ao normal. Depois da morte de Matt poucas pessoas sentiram falta dele, afinal, quem sentiria falta de um homem como aquele? Ainda não tinha saído o laudo exato da autópsia, mas eu já tinha tido a confirmação e justo quando estava pensando nesse assunto meu telefone tocou.

— Senhorita Radzimierski. — eu já conhecia aquela voz feminina, que tinha um tom de superioridade e autoridade quando abria a boca.

— Senhorita Lackin. — eu sabia o motivo da ligação, mas não poderia falar para ela que já tinha conhecimento — alguma novidade?

— Sim — ela pareceu um pouco desconfortável — os resultados deram positivo para os exames das amostras que extraímos do senhor Brown. Agora temos outra investigação que vai se iniciar. Sei que você vai compreender que precisamos encontrar o assassino dele...

— Eu não tenho mais nada relacionado ao senhor Brown — rebati rispidamente — o que ele era para mim não interessa mais. Ele morreu, assim como a lembrança dele na minha vida, assim como a minha amizade e meu respeito.

— Eu entendo, senhorita — ouvi quando ela respirou fundo, fez uma pausa e tornou a falar: — a família dele pediu por isso.

Sei que pode ser doloroso para a senhorita saber disso...

— Doloroso foi o que ele fez comigo — falei secamente. Não me importava com ele. Matt tinha sido morto, e por mim iria para o inferno com uma passagem na primeira classe, com direito à mesma tortura que me fez passar — isso é tudo?

— Me desculpe — ela parecia sincera no pedido, mas não amoleceu meu coração — a ligação foi para avisar mesmo. Tenha um ótimo dia.

— Desejo o mesmo para você, agente.

O que Matt fez comigo não tinha perdão. A família dele tinha todo o direito de querer saber quem foi seu assassino, mas eu sabia que nunca o encontrariam. Quem tinha feito o serviço fez muito bem. Gretha não era qualquer agente. Era treinada e tinha o mesmo gosto pela adrenalina que o irmão, por isso formavam uma equipe. Uma equipe eficiente e preparada para o perigo.

Minha amiga Tati estava flutuando pelos corredores e exibindo seu anel de diamantes. Nunca tinha visto ela tão feliz. Nem quando ficou bêbada na boate e queria subir no tecido, ou quando queria que ele a chamasse de cupcake na hora que estivesse fazendo amor com ela. Elijah não conseguia esconder a felicidade também. No fim das contas, eu estava feliz pelos dois e por mim.

Tudo estava indo bem.

Não me faltava mais nada.

— Vai ficar aí com essa sua bunda sentada o dia todo, ou vai tomar um café rapidinho comigo? — Tati era um acontecimento da natureza, mas eu a amava cada dia mais pelo jeito meigo

que tinha. Aquele sorriso e aquelas bochechas rosadas me diziam que ela tinha acabado de sair de um amasso bem-feito ou de uma trepada bem dada.

— Você trepou? — perguntei de repente. Ninguém poderia me culpar por aquilo, eu não tinha filtro mesmo.

— Lizzie... — me repreendeu ficando ainda mais vermelha.

— Meu Deus! — brinquei levantando da cadeira e seguindo na direção dela — onde foi? — perguntei colocando as mãos na cintura.

— Eu não vou dizer... — ela ia explodir. Já estava ficando completamente vermelha de vergonha.

— Na mesa! — quase gritei — Deus! Foi na mesa!

— Lizzie! — ela olhou para os lados, preocupada com os curiosos, entrou e fechou a porta logo atrás dela — merda! Poxa... Foi o nosso momento... Você sabe...

— Não... Não sei — gargalhei alto. — mas, isso é uma coisa de vocês apenas. Só não vou mais colocar minha mão naquela mesa... — vi quando ela me olhou de lado e baixou a cabeça — sério... não quero ter o suor dos dois em minhas mãos. Você me traumatizou pelo resto da vida — brinquei.

— Foi um sexo selvagem, gata — falou ela soltando uma piscadela para mim — e... Ele me chama de cupcake — o tom convencido dela me fez rir no exato momento.

— Eu estou feliz por você... — fui sincera. Eu a amava muito e queria que ela tivesse toda a felicidade do mundo.

— E você? — ela estava preocupada comigo, e eu sabia o motivo.

— Eu e Nathan estamos bem, mesmo depois de tudo — fiz uma pausa e comecei a falar novamente: — a agente ligou...

— Era mesmo aquele safado? — Tati raramente tinha ódio em sua voz, mas quando o assunto era o que tinha me acontecido, ela era possuída pelo instinto protetor.

— Sim — assenti olhando para ela — mas a família quer investigar quem o matou...

— Eles não poderiam apenas deixar aquele vírus morto e pronto?

— Eu também queria, mas...

— Eu sei — disse ela pesadamente — eles não sabiam o monstro que era o filho...

— Eu sei que é errado, Tati... — respirei fundo, soltando o ar logo em seguida — mas eu quero que ele queime no inferno.

— Ruiva — sorriu ela — eu quero que ele vire torresmo...

Tudo que eu queria era chegar em casa, tomar um banho e conversar com a minha irmã. Esquecer tudo o que eu tinha passado por algumas horas e depois deitar no calor dos braços do meu marido.

Lucius tinha ido me buscar no trabalho em um dos carros de Nathan, que também era um Jaguar luxury preto. Não poderia ser diferente, já que tudo que ele possuía tinha um toque da sua personalidade refinada e imponente. Lucius tinha feito exatamente o que eu tinha pedido pela manhã, quando me deixou no consultório de Ian, e assim que chegamos ao jornal fez questão de me avisar. Eu sei que eu não deveria ter feito o que fiz, mas eu não ligava. Era para um bem maior e ajudaria muitas pessoas, assim como eu.

Eu queria fazer a diferença, e fazia essa diferença.
Dizem que querer é poder. Então eu fazia valer esse ditado.

Capítulo 25



A noite tinha chegado finalmente. Minha vida estava toda resolvida. Eu tinha o casamento quase perfeito, exceto pelo fato de ser e não ser casada com Nathan. Mas aquela questão burocrática não me preocupava. Se o meu medo era que eu não conseguisse forças para continuar, ele estava bem ao meu lado passando a segurança que eu precisava. E sempre nos momentos mais difíceis, Nathan era o meu porto seguro.

Entrando no apartamento, pude sentir o cheiro gostoso que vinha da cozinha. Aquilo me fez sorrir, já que ele sempre gostava de cozinhar. Na minha mente, a primeira lembrança que veio foi a do dia em que ele estava preparando molho de tomate e resolveu lamber aquela colher dos infernos, me fazendo perder completamente a cabeça. Aquele era Nathan: o homem provocante da minha vida.

O cheiro estava divino e pude escutar os risos de Chloe. Quando fui entrando mais um pouco, vi quando ela começou a colocar os pratos na mesa. Nathan contava algum tipo de piada, que não deu para escutar. E nem tinha como escutar. Eu não prestava atenção em mais nada, enquanto observava os dois interagindo. Por um instante, aquela pareceu ser a imagem de uma família perfeita para mim.

Nathan estava informal, usando uma calça jeans preta, camiseta mais larga no corpo, descalço e com um pano de prato no ombro. Mesmo simples, ele era avassaladoramente perfeito, com aquele cabelo bagunçado e um sorriso delicioso...

Olhando para mim? Droga! Eu tinha ficado tão distraída, que não tinha percebido que ele já estava olhando para mim e que Chloe estava com um sorriso enorme no rosto.

— Se quiser, pode ficar aí... — sorriu ele, andando na minha direção — ou pode subir, tomar um banho e aproveitar a noite com um jantar feito especialmente para a ocasião — quando ele já estava próximo a mim, segurou em minha cintura e me puxou para ficar mais junto do seu corpo — adoro quando você fica me olhando assim! — cochichou, aproximando a boca da minha orelha e depois beijando minha boca de leve.

— Cof-Cof... — tossiu Chloe, brincando — eu estou aqui. — dei outro beijo nele e desviei para ir abraçar a minha irmã.

— Vou tomar banho e volto já, já. — informei ao passar por Nathan, que me presenteou com um dos seus sorrisos maravilhosos.

Subi as escadas quase correndo. Não tive tempo de olhar para onde eu tinha arremessado minhas roupas, mas entrei no chuveiro e saí praticamente na velocidade da luz. Não queria perder um minuto sequer daquele momento. Coloquei o primeiro vestido que tinha na minha frente quando entrei no closet. Olhei-me no espelho, arrumei meu cabelo de qualquer jeito e descii. Nathan estava em pé, ao lado da cadeira em que eu normalmente me sentava. Ele estava me esperando com um brilho nos olhos que me fazia ficar ainda mais apaixonada por ele. Era um presente de Deus ele existir na minha vida. Chloe estava do outro lado da mesa ao lado de uma cadeira, em pé, me olhando com um sorriso lindo no rosto.

Eu parei.

— Espere... — ergui o dedo indicador em modo de questionamento — o que está acontecendo aqui?

— Do que você está falando? — eu conhecia aquela cara de sonso de Nathan. Sabia que ele estava aprontando alguma coisa e fiquei ainda mais alerta.

— Chloe...? — arqueei a sobrancelha para ela.

— Não sei de nada — deixei minha irmã algumas horas ao lado dele e ela já estava unindo forças para aprontar? Puta que pariu! Nathan era foda! Ela permaneceu sorrindo, deu de ombros e ficou me encarando.

— Nathan... — respirei fundo — o que você aprontou?

— Eu? — aquela cara de inocência fingida que ele fazia quando levava a mão até o peito, simulando não ter culpa de nada, não me enganava. — Nada — disse ele simplesmente.

— Te conheço, Fox — tentei parecer ameaçadora, mas não estava funcionando nem um pouco.

— Está bem... — suspirou ele de maneira dramática. Achava lindo quando ele fazia aquilo — vai ser muito duro ouvir o que tenho para dizer e você tem que entender que é um sacrifício enorme para eu fazer isso...

— Desembucha logo — falei ansiosa, colocando as mãos na cintura.

— Anunciei nosso casamento hoje — Nathan sorriu e Chloe quase entra em convulsão de tanto pular. Fiquei lá, parada, olhando para ele. Não que eu não tivesse gostado da notícia, mas é que as coisas estavam indo tão bem que eu não consegui me segurar e comecei a chorar.

Finalmente.

Finalmente eu iria ser feliz. Feliz ao lado do homem que eu amava loucamente. Sim, ele tinha segredos? Tinha. Mas ele era um agente do governo infiltrado no próprio governo para investigar o envolvimento de Markov com outros ligados ao poder e seus aliados. Eu estava começando a pensar na situação dele com outros olhos. Se ele era um agente, era óbvio que tinha segredos que não poderia me contar, e não que eu gostasse disso, mas aquela era a sua vida. No final de tudo, ele se tornaria presidente dos Estados Unidos e ficaríamos bem. Era isso o que acontecia com os agentes de alta patente.

Tornavam-se presidentes.

Se Nathan conseguisse capturar Isaäk Markov, tudo que ele precisaria fazer era entregar todas as provas ao governo, e se aposentar, ou melhor, recomeçar. Eu ali, parada e chorando, o imaginei comandando uma das maiores potências mundiais com toda sua desenvoltura e imponência.

Ele não deixaria de ser o meu Nathan. Ele não deixaria de ser o amor da minha vida.

Ele não deixaria que nada, e nem ninguém, me machucasse. Pelo simples fato dele ser forte.

— Liz... Meu doce... — o semblante dele era de preocupação por causa do meu choro.

Aquele rosto de traços fortes e bem desenhados era tudo o que eu queria ver ao acordar pela manhã. Era aquela boca perfeita que eu queria beijar e eram aqueles braços quentes que eu queria que me abraçassem todas as noites, quando eu chegasse de um dia cansativo.

— Tudo bem? — Nathan já estava do meu lado, segurando meu rosto entre as mãos e me avaliando com aquelas duas safiras maravilhosas.

— Sim — assenti quase freneticamente para ele, tentando enxugar as lágrimas — tudo está perfeito — abri um sorriso para ele e vi o quanto relaxou quando percebeu que o meu choro não era de tristeza, mas de alegria — se eu não digo que o amo todos os dias, farei isso. Se eu não sou carinhosa como você merece, farei isso. Você é o homem mais maravilhoso do mundo, e não vejo a hora de poder dizer sim na frente de todos, com Deus abençoando a nossa união...

— Com direito a vestido... bolo... E uma lua de mel digna de uma rainha — me beijou, ainda segurando meu rosto entre as mãos — sem contar que, — se aproximou da minha orelha para sussurrar — vai ter um cara bem gostoso te esperando no altar...

— Te amo — ele não escutava muito um “te amo” da minha boca, e a forma como eu falei desarmou-o por completo — sempre vou te amar...

— Ei!!! — Chloe resmungou de onde estava — tem algo de errado com a minha barriga, está fazendo um barulho estranho... — ainda bem que ela chamou a nossa atenção, eu quase tinha esquecido que ela estava ali. Se ela não tivesse feito aquilo, eu teria arrancado as roupas dele e trepado com ele ali mesmo no chão — existem aliens na minha barriga, Izzi... — ela ficava linda resmungando.

— Eu sei o que essa sua mente pervertida estava imaginando, senhora Fox — ele sussurrou antes de nos

separarmos e seguirmos para a mesa.

Depois do jantar, onde Nathan fez questão de servir a mim e a Chloe, sentamos no sofá da sala e apreciamos a vista incrível que tínhamos da cidade. Depois de um tempo em um silêncio confortável, Chloe foi até a janela, enquanto eu e Nathan permanecemos sentados. Ele me envolvia em seus braços fortes e eu podia sentir o seu inigualável cheiro de homem. Chloe tinha uma expressão pensativa, enquanto admirava a cidade dali de cima.

— Eu estou feliz de estar aqui... — disse ela por fim, e tinha uma dor em sua voz.

— Mas? — eu sabia que existia algo a mais ali.

— Acho que só estou preocupada com ela — ela... Mesmo depois de tudo, Chloe ainda se preocupava com a nossa mãe. Eu não conseguia entender isso, mas não queria discutir com ela sobre o assunto.

— Venha aqui — chamei-a — sente-se e me fale do seu futuro. Não tivemos muito tempo para conversar...

— Bom, eu vou ser dançarina — Chloe tinha aquele mesmo brilho nos olhos de quando eu falava do jornalismo. Era nítido o seu amor pela dança — vou me formar em artes cênicas e depois vou conseguir meu primeiro papel em algum filme de Hollywood.

— Fico muito feliz em saber que você deseja algo com tanta paixão — eu sentia orgulho naquele momento — e... — fiz uma pausa, pois não sabia ao certo se fazer aquela pergunta tão pessoal seria correto. Porém, a fiz mesmo assim — você tem

algun namorado? — ela ficou vermelha por um tempo. Nathan parecia se divertir com as minhas perguntas.

— Tenho — confirmou ela, de cabeça baixa — ele e eu estudamos dança. Ele também quer tentar a carreira de ator ou de dançarino em algum musical. Henry é muito dedicado e acho que um dia vai me pedir em casamento...

— Chloe — não queria que a minha voz tivesse saído em tom de censura, mas saiu — você ainda é muito jovem para pensar em se casar...

— Izzi — falou ela com o tom firme e decidido — ele é quem eu quero. Quando eu tinha problemas, era ele que enxugava as minhas lágrimas — aquilo me pegou em cheio, como um soco na boca do estômago — nos conhecemos há cinco anos, e sempre foi meu amigo. Eu sei que vou ter algo parecido com isso — gesticulou na direção onde eu e Nathan estávamos abraçados — entende o que eu quero dizer?

— Entendo sim — abri um sorriso para ela. Eu tinha que entender que ela não era mais aquela garotinha que eu tinha deixado há quase oito anos. Agora era uma mulher que estava tomando suas próprias decisões, mesmo tendo a idade que tinha — que tal ir amanhã conhecer onde eu trabalho? — perguntei mudando de assunto — sei que deve ser chato ficar trancada em uma masmorra o dia todo e por isso faço questão de vir lhe buscar depois do almoço para conhecer meus amigos também. Tudo bem?

— Vai ser ótimo — respondeu ela, contente.

Eu estava feliz.

A única coisa que faltava era eu terminar a minha investigação. Eu a tinha deixado de lado, devido a tudo o que me aconteceu, mas não abria mão de pisar no calo de Markov. Nathan ficaria puto da vida e eu sabia que teria um grande problema enfrentando aquela investigação sozinha.

— Lizzie? — ouvi a voz de Nathan bem ao fundo, me distraindo dos meus pensamentos — tudo bem? — nós já tínhamos subido e dado boa noite a Chloe.

— Tudo — menti, com um sorriso fraco — acho que estou cansada. Só isso.

Nathan já tinha tirado a camisa, escovado os dentes e deitado na cama.

— O que acha de uma massagem? — perguntou com aquela voz maliciosamente sedutora enquanto abria um sorriso perfeito.

— Massagem...? — fingi não ter percebido aquelas segundas intenções na voz dele e nem no olhar.

Ele não estava apenas apetitosamente convidativo, estava perigosamente delicioso. Aquele corpo perfeito, com os músculos todos à mostra, era uma visão e tanto para os meus olhos mortais. Nathan tinha um dos braços atrás da cabeça, apoiando-a, e a outra mão alisava seu abdômen contraído, com um sorriso travesso nos lábios.

— Que tal você tirar esse vestido... — disse ele com a voz rouca — bem devagar e depois subir aqui na cama para receber a sua massagem?

— Você tem certeza que é uma massagem que vou receber? — arqueei uma das sobrancelhas brincando com ele — acho

que você está me enganando e quer usar esse truque para conseguir sexo.

— Sexo não. — abriu ainda mais o sorriso — apenas a sua boceta molhadinha, com a cabeça do meu pau entrando nela. Essa é a massagem, senhora Fox. Só que do meu jeito...

O sol do meio dia no deserto do Texas não chegava nem perto do calor que aquele homem provocava em mim.

— Você é um filho da puta mesmo, senhor Fox — franzi as sobrancelhas, fingindo estar constrangida.

— Não diga isso — falou ele mordendo o lábio inferior e fechando os olhos por alguns instantes — Olha só o estado que você me deixa quando fala assim... — sem cerimônia, ele abriu a calça e colocou aquele pau majestoso para fora. Se existia um pau mais bonito que aquele eu não queria saber. Ele era perfeito demais. Gostoso demais.

Era meu.

— Então para que eu receba a massagem tenho que tirar o meu vestido? — falei com malícia, andando na direção dele — e se eu não quiser mais essa massagem?

— Ah! Você quer sim. — afirmou ele sorrindo para mim, segurando seu pau, alisando para cima e para baixo e de vez em quando passando as pontas dos dedos na cabeça — vamos lá meu doce... facilite minha vida...

Eu era fascinada pela forma como ele sabia me atrair, e não era apenas algo sexual, era mais... era algo magnético, que me fazia esquecer que o mundo existia.

Que tudo mais existia.

— Vamos fazer assim... — Nathan começou a falar ao mesmo tempo em que tirava o resto de suas roupas — você massageia ele por mim e eu faço o mesmo com essa maravilha que você tem entre as pernas... — tudo aquilo era demais para um ser humano normal.

— Você está falando disso aqui? — perguntei sentando na beira da cama, me virando para o seu lado e abrindo as pernas, afastando a calcinha e alisando minha boceta para ele. Os olhos de Nathan brilharam de excitação, puro fogo e luxúria.

— Agora sim... — disse ele com satisfação — estamos falando a minha língua... ou melhor, minha língua vai fazer outra coisa e não é me ajudar a falar...

Eu me tocava sem um pinga de vergonha na cara. Se bem que, com ele, eu não tinha isso de vergonha. Para ficar juntos tinha que ser o que ele precisava e ao mesmo tempo o que eu precisava ser para mim. Ser safada era um requisito muito importante para conviver com ele, e isso eu aprendi muito rápido.

— Você está gostando do que vê? — sem pressa, fui introduzindo dois dedos e mexendo, fazendo movimentos de vai e vem bem devagar, enquanto olhava para ele com a cara mais descarada que eu tinha.

— Quando eu digo que você é minha Jessi Rabbit, existe um motivo claro... — sorriu quando se sentou na cama e engatinhou até estar no meio das minhas pernas.

Nathan passou a língua por cima dos meus dedos e permaneceu olhando para mim. Eu tinha uma bela visão das

suas costas e da sua bunda perfeita, assim como das suas pernas musculosas.

— Continue, meu doce... você está linda — segurando por trás dos meus joelhos, ele abriu mais as minhas pernas e afastou ainda mais a calcinha, olhando fascinado para os movimentos dos meus dedos.

Eu gemia quase desesperada pelo toque dele. Ele pareceu entender os meus gemidos cheios de súplica. Minha respiração estava pesada, assim como as minhas pálpebras, que teimavam em querer se fechar para apreciar os meus movimentos.

— Não... — ele me repreendeu, tomando o controle da minha mão e lambendo os meus dedos.

Nathan segurou com força meus joelhos para que as minhas pernas não se fechassem para o que vinha adiante. Foi como sofrer um ataque cardíaco, só que era a melhor coisa que eu já tinha sentido. Ele não lambia minha boceta, ele a venerava, chupando e enfiando a língua, voltando a chupar logo em seguida, dando uma atenção especial ao meu clitóris.

Sua boca era quente e habilidosa.

No calor do momento, me agarrei ao seu cabelo, puxando com força e isso o fez gemer alto. Um gemido rouco e profundo. Eu não mandava no meu corpo mesmo. Ele poderia fazer o que bem entendesse que eu não me importaria.

Senti quando ele se afastou, pois me senti abandonada. Mas durou pouco tempo. Nathan segurou minha cintura e me moveu para ficar mais no centro da cama com um único movimento. Ele não rasgou minha calcinha, apenas a manteve afastada,

subindo o restante do vestido. E me invadiu com todo o amor que tinha. Era delicioso ter ele daquela forma, tão plena e tão apaixonada.

Eu me sentia segura no calor do seu corpo. Me sentia única quando estava em seus braços.

Os movimentos que ele fazia eram de tirar o fôlego. Nathan não se contentava em apenas fazer vai e vem, ele tinha que rebolar e meter ao mesmo tempo, intensificando ainda mais os movimentos e o contato com o meu clitóris. Aquilo era de revirar os olhos e mais um pouco. A união do conjunto da obra com a eficiência era mais que espetacular...

Ainda mexendo daquela maneira tão gostosa, ele segurou minha nuca, apoiando os cotovelos no colchão e me beijou logo depois. Sua língua estava em sincronia com o seu quadril. Era alucinante e viciante ter aquele homem me possuindo daquela forma.

Não tínhamos pressa. O mundo não acabaria em segundos, e se fosse acabar, estaríamos unidos em completo êxtase.

Ele era meu. Somente meu.

— Você me faz o homem mais feliz do mundo — disse ele com a voz rouca e a respiração pesada.

Tinha tanta intensidade naquelas palavras que eu não me segurei. Gozei o nome dele com a sua boca grudada na minha, abafando um grito maior. Senti quando suas mãos seguraram minha nuca com um pouco mais de força e seus movimentos ficaram mais rápidos. Aquele era o momento dele e ergui meu quadril, ajudando-o a chegar mais rápido ao seu orgasmo.

— Só para você saber... — falei ofegante e segurando o seu rosto entre as mãos — você me faz feliz também... — camisinha... camisinha... camisinha...

— O que foi? — ele parecia muito preocupado, e por que não estaria? Com certeza eu estava pálida.

— Nathan... — eu comecei a falar, mas já era tarde demais para pensar em algo. Para pensar em me prevenir de ter um filho. O jeito era consultar um médico e depois... Se tudo estivesse bem, começaria a tomar remédio — não é nada... — dei um beijo de leve nos seus lábios e ele arqueou uma das sobrancelhas. Ele ainda estava dentro de mim e a julgar pelo que eu sentia, estava pronto para outra rodada de sexo bem feito. Era eu quem deveria tomar a iniciativa de não querer ter filho naquele momento. Mesmo que nossas vidas finalmente tivessem tomado o rumo certo — quer tomar um banho...? — parecia que eu tinha conseguido me esquivar, já que ele sorriu sedutoramente para mim, movimentando o quadril.

— Banho? — perguntou com aquele sorriso maroto nos lábios — apenas daqui a... — balançou a cabeça de leve, como se estivesse calculando algo — duas horas...

Ele não tinha brincado quando falou que eu só estaria livre dele depois de duas horas. Naquela noite, tive o melhor sono de toda a minha vida, sentindo o calor dos braços e o cheiro delicioso dele; depois que tomamos banho juntos, adormecemos.

Eu me sentia realizada.

— Para onde você vai? Está muito cedo... — resmungou ele pela primeira vez desde que começamos a ficar juntos.

— Tenho consulta marcada hoje — informei colocando o salto nos pés, um pouco apressada.

— Duas consultas seguidas? — perguntou ele, ao se sentar na cama e se espreguiçar, bagunçando o cabelo.

— Se Ian falou e se eu não for... — me aproximei dele, beijando seus lábios de leve — você arranca o meu fígado, Nathan. E está tudo indo tão bem, que eu não ligo em ter que acordar cedo e olhar para a cara do seu cunhado. — sorri. Ótimo. Eu estava conseguindo mentir como ninguém. Acho que até melhor que um agente do governo.

— Tudo bem — disse ele se espreguiçando novamente, me dando uma bela demonstração de como era ser perfeito ao extremo. — vou tomar banho e seguir para uma reunião. Pego você às sete horas para irmos jantar, já que estou devendo uma noite para minha esposa gostosa — Nathan se levantou da cama e seguiu para o banheiro. Completamente nu — aprecie a vista, senhora Fox — realmente, não era todo dia que se via algo tão magnífico.

Se eu fosse catalogar Nathan, iria colocá-lo na lista das espécies em extinção. O que teria de mulheres caçando e enjaulando aquele homem... era melhor nem pensar em outra mulher tocando o corpo do meu marido. Só em pensar, já ficava possuída pelo ódio.

Harper... Aquela puta de beira de estrada.

Nem para ficar na beira da estrada do deserto do Texas ela prestava.

Ian fez um treino diferente. Ele queria eu saltasse e girasse várias vezes e depois corresse para chutar o saco de areia.

Segundo ele, era para liberar todo o meu potencial e explorar as habilidades adquiridas no tempo de escola e universidade. Eu tinha agilidade, força e elasticidade, mas tinha que saber como utilizar isso a meu favor. Ele me deixou quase esgotada, o problema era que eu não poderia aparentar estar cansada. Depois de uma introdução sobre como trabalhar corpo e mente, Ian fez questão de que treinasse com uma agente recém-contratada. Segundo ele, ninguém saberia que ela estaria treinando comigo, já que era ele quem a estava treinando para se infiltrar em uma gangue que distribuía drogas aos comerciantes das casas noturnas, o que me fez lembrar Nathan. Porém, Ian me garantiu que Nathan nunca tinha se envolvido diretamente com nenhum dos negócios ilícitos. Todos eram resolvidos através da Harper, para que descobrisse quem eram os chefões. Aquela vaca.

Meu treino foi: Chute. Soco. Saltos. Mais chutes. Mais socos. Mais saltos.

A moça, que era quase do meu tamanho, tinha um corpo mais cheio que o meu, era mais forte, mais ágil e bem treinada. Mas isso não diminuiu o seu espanto ao saber que fazia apenas dois dias que eu estava treinando. Era claro que eu não tinha a técnica certa ainda e que eu tinha gostado bastante do Krav Maga, mas isso não me deixava envaidecida... Mentira. Deixava sim.

A concepção do Krav Maga revela um caminho que permite qualquer um exercer o direito à vida, mesmo no cenário violento que nos rodeia. Mesmo sendo uma luta de autodefesa, e não

uma arte marcial, eu gostei da intensidade que ela trazia aos meus movimentos.

Sua técnica visa impedir que o ataque atinja o alvo e ao mesmo tempo simplifica e aumenta a força dos movimentos do contra-ataque. Racionaliza matematicamente os movimentos de ataque e defesa, utilizando a transferência de peso e a força de explosão, potencializando a ação livre da força física.

O movimento do golpe funciona como uma mola contida que é liberada: a velocidade não vai aumentando durante o percurso, ela já sai com velocidade máxima. É a força de explosão. Os golpes visam atingir pontos sensíveis do corpo, o que iguala qualquer adversário, independentemente de sua força física.

Todos os movimentos do Krav Maga são montados sobre a motricidade natural do corpo humano e é muito simples, o que facilita a ativação de uma reação em situação de perigo e surpresa. Os movimentos são curtos e, por consequência, rápidos.

Eu queria me tornar a Xena, a princesa guerreira, em menos de três segundos, mas algo deu errado.

Eu fiquei tonta, sentindo o meu mundo girar e caí com todo o meu peso no chão. Ainda era cedo, e por mais que eu quisesse continuar, Ian não permitiu. Segundo ele, eu tive uma queda de pressão. Ian verificou meus sinais vitais e insistiu para me levar ao médico, mas eu não quis. Apenas tomei um banho e troquei de roupa, guardando a roupa do treino dentro de uma sacola preta para entregar a Ian, e depois segui para o meu trabalho. Às onze horas liguei para Chloe, avisando que a buscaria e que

ela se preparasse. Lucius estava ao lado da minha porta, com aquela postura impecável e com o olhar atento de um gavião quando saí da minha sala.

— Deseja alguma coisa, senhora? — antes que eu pudesse falar alguma coisa, escutei o grito praticamente histérico da minha amiga Tati.

— Radzimierski! — droga! Ela estava pegando o hábito do Elijah. Tinha até a entonação parecida quando ele gritava meu nome — o que é isso? — perguntou ela com aqueles olhos verdes faiscando para o meu lado. Na sua mão esquerda estava um exemplar da famosa revista Times. Ela praticamente me fez engolir a revista quando chegou perto de mim, aí sim, deu para notar o motivo da sua indignação — e por que eu não fui a primeira a saber?

“Anúncio Bombástico! — Vou me casar — afirmou o senador Fox”.

Nathan estava totalmente poderoso na foto da capa, com aquele olhar de predador. Abaixo tinham os dizeres:

“Senador Nathan Fox vai se casar com a jornalista Lizzie Radzimierski, do The Poster”.

Um sorriso enorme se espalhou no meu rosto enquanto eu olhava para aquele par de olhos azuis perfeitos. Nathan era incrível.

— Quando eu ficaria sabendo? — adorava aquela mulher e quase todas as vezes que ela ficava com raiva e vermelha, dava vontade de apertar com força aquela bochecha fofinha.

— Agora — menti, mas mantendo o sorriso no rosto — mas já que você está aqui... quero que me acompanhe até a

farmácia.

— A senhorita está passando mal? — se prontificou Lucius, ficando ao meu lado. Ele tinha o cuidado de me chamar de senhora quando os outros não estavam por perto, e de senhorita quando estavam.

— Não Lucius — o acalmei — só preciso de uma daquelas pastilhas de hortelã... — nem de hortelã eu gostava, mas era necessário mentir.

— Eu vou... — antes que ele continuasse, eu o interrompi.

— Olha — falei com calma — não existe perigo, certo? E eu só vou até a esquina. É apenas uma pastilha de hortelã e nada mais. Estou cansada de ficar sentada... — joguei essa, já que ele achava que eu tinha passado boa parte do meu tempo sentada, enquanto falava dos meus problemas com Ian naquela manhã.

— A senhorita tem certeza que não quer que eu vá junto?

— A Tati está comigo — Tati parecia não entender o que estava acontecendo, mas permaneceu calada e se dignificou em apenas assentir com a cabeça. Como se ela fosse a minha segurança — e eu volto logo. Vinte minutos — falei com convicção — se em vinte minutos eu não aparecer, você poder ir atrás de mim.

Ele ficou calado e ponderou o que eu tinha dito, me liberando para sair com Tati.

Assim que deixamos o prédio eu corri até a farmácia.

— Calma... — pedia Tati quase sem ar — parece até que o mundo está desabando...

— Ainda não — eu disse abrindo a porta da farmácia. Aquela era a abençoada farmácia que me tiraria do sufoco.

— Por que você está escolhendo teste de gra... — ela se calou e arregalou os olhos — Você está grávida?!

— Que tal um alto-falante? — perguntei com sarcasmo, pegando o teste da caixa azul.

— O banheiro é logo ali... — apontou a atendente antipática de cabelos enebados para o banheiro no fundo da loja.

— Você está grávida? — Tati repetiu a pergunta, agora com o tom mais baixo. Mas ainda tinha os olhos arregalados.

— Vou saber agora — respondi seguindo para o banheiro — se eu não sair em dez minutos, chame a Swat... — não era hora de fazer gracinhas, entretanto, eu tinha que fingir que era apenas coisa da minha cabeça.

Eu não estava grávida!

Quando eu vi o resultado, depois de fazer xixi no potinho e esperar alguns minutos, eu quase desmaiei.

Eu estava grávida!

Como eu tinha deixado aquilo acontecer?

Aquela era a pergunta mais idiota que eu poderia me fazer. Depois de todo aquele sexo intenso e gostoso com Nathan, era óbvio que tinha que sair, ou melhor ainda, acontecer algo parecido.

Certo, eu só tinha que me concentrar e esperar até a noite. Eu não me sentia apavorada como tinha imaginado que ficaria. Sim. Eu estava feliz. Estava grávida do homem da minha vida e tudo estava indo às mil maravilhas.

Isso era o que eu pensava.

Quando saí do banheiro, Tati estava literalmente roendo as unhas.

— E aí? — ela estava muito ansiosa pela resposta — vou ter uma sobrinha?

— Segundo o teste... — respirei fundo — vai sim — vi os olhos de Tati brilhar e um sorriso lindo se abrir em sua boca. Sem hesitar, ela me abraçou com força. Sentia-me tão bem ao lado da minha amiga, que eu respirava aliviada por ser ela a pessoa que estava ali comigo naquele momento.

— Vai ligar pra Nathan agora?

— Não.

— Por quê?

— Quero fazer uma surpresa. E sabemos que esses testes não são totalmente confiáveis...

— Tipo — desdenhou ela de maneira sarcástica — 99% não é um bom motivo para você ter certeza — de repente ela deu um pulo — Ei! Que tal se você colocar o teste em uma caixinha e entregar para ele? — aquela era uma boa ideia, eu só tinha que passar um álcool, pois seria nojento ele segurar na parte onde o teste tinha mergulhado no meu xixi.

Quando voltamos, Lucius já estava preparado para irmos buscar Chloe. Eu tinha avisado a Elijah sobre a visita dela ao jornal, que pareceu feliz em saber que eu levaria a minha irmã para conhecer ele e Tati, as duas outras pessoas importantes na minha vida. Deixei Chloe e Lucius esperando na porta da sala e corri para quarto, seguindo até o closet para ver se encontrava uma caixinha de presente, e, por sorte, achei uma muito comprida. Quando abri tive um ataque de risos. O tal

vibrador estava nela, e apesar de aquela caixa não ser nem um pouco discreta, serviria para o que Tati havia proposto. Guardei o vibrador e levei a caixa comigo.

O almoço foi tranquilo. Tati e Chloe se entenderam logo de cara, mas quando foi para conhecer Elijah, Chloe tomou o maior susto. Elijah era bonito e simpático, mas brincou com ela, deixando a cara fechada, cheia de um mau-humor fingido. Logo passou, quando ela percebeu que ele era um amor, e que a todo custo tentava mostrar as maravilhas de ser um jornalista. Até Chloe se ofereceu para ajudar Tati nos preparativos do seu casamento.

Foi uma das tardes mais agradáveis que tive.

O dia tinha passado tão rápido, que nem tinha notado que já eram quase seis horas. Chloe voltou para casa com Lucius, enquanto eu arrumava o teste na caixa, que era muito extravagante para aquele pequeno teste. No máximo, o que poderia acontecer, era Nathan ter a mente tão suja, que pensaria que lá estaria o vibrador.

Naquela manhã, eu tinha optado por uma blusa de mangas que ia até o cotovelo, na cor branca. Uma calça preta risca-de-giz marcada na cintura e um salto preto. Meu cabelo estava impecável, solto e com cachos leves nas pontas e minhas bochechas estavam coradas. Eu não estava nada mal. Elegante, coisa que eu não era antes de conhecer Nathan, e ao mesmo tempo casual. Dava para frequentar qualquer ambiente que ele quisesse me levar. Mesmo que fosse para uma caverna escura.

Às sete horas em ponto meu celular tocou. A voz macia e rouca do meu amado esposo encheu meus ouvidos. Era incrível como ele conseguia fazer aquilo com tanta facilidade: me deixar arrepiada apenas com a sua voz.

— Estou esperando você, meu doce — ele só precisou falar essas cinco palavras. Eu já estava no elevador, apertando o botão com tanta força, que achava que se aplicasse um pouco mais ele desceria com mais velocidade.

Gretha estava ao lado dele, sorriu, acenou levemente com a cabeça e abriu a porta. Nunca me acostumaria com ela abrindo portas para mim. Nunca.

Nathan entrou logo em seguida, reparando na caixa que eu tinha em minha mão direita. Colocamos o cinto de segurança e nos demos as mãos. E como eu tinha imaginado, ele me olhou com aquela cara de safado que fazia as minhas pernas ficarem bambas e minha respiração acelerada.

— Então teremos festa depois do jantar? — sorriu, mordendo o lábio inferior e arqueando uma das sobrancelhas.

— Não é isso que você está pensando, seu pervertido — resmunguei, mas logo tive que sorrir. Ele não imaginava o que tinha lá dentro.

Gretha seguiu pela rua principal, pegou alguns atalhos e logo eu não sabia onde estávamos. As ruas estavam um pouco movimentadas, e quando paramos no sinal, fiquei inquieta demais e Nathan percebeu.

— Tem algo de errado? — peguei a caixa e coloquei em seu colo. Ele me olhou sem entender nada, já que na cabeça dele aquela era a caixa do vibrador.

— Abra — falei simplesmente.

— Mas... — ele tentou avisar que se tivesse o que ele estava pensando, não queria compartilhar aquele momento tão íntimo.

— Apenas abra — o encorajei — não se preocupe. Não ainda — sorri para ele, que pareceu relaxar.

A sequência dos fatos foi assim:

Nathan abriu a caixa, retirou o que tinha nela e abriu um sorriso. O sorriso mais lindo que eu já tinha visto ele me dar.

Ele gritar que ia ser pai me deixou emocionada, e a Gretha também.

— Eu vou ser pai!

O sinal abriu.

E tudo que antes era felicidade se tonou uma tragédia.

A única coisa de que me lembrava era de um carro ter se chocado bem do lado em que Gretha dirigia, enquanto outro batia na traseira do nosso carro, onde Nathan estava. Tinha sido um choque violento. Depois disso, tudo era vulto. Eu estava quase inconsciente, quando vi de relance alguém abrir a porta do lado de Nathan e o arrastar. Eu não tinha forças para gritar, e tinha quase certeza que Gretha estava inconsciente.

A última coisa que escutei foi Nathan gritar meu nome. Depois, tudo se tornou apenas uma nuvem negra bem na minha frente.

Nova Iorque – Junho de 2015

— Você entende que eu não posso tratar todos os nossos negócios com a senhorita Harper, não é? — Markov e eu tínhamos negócios importantes, e tudo era de suma importância para a operação que investigava seu grupo mafioso.

— Me desculpe por isso, Isaäk. Tive um pequeno imprevisto — informei estendendo a mão para indicar a cadeira e ele voltasse a se sentar.

O motivo pelo qual eu tinha atrasado a nossa reunião não era uma coisa ou uma pessoa qualquer. O motivo era Lizzie Radzimierski. Uma jornalista do The Poster, que me deixou completamente sem ação.

A primeira visão incrível que tive foi ela parada de costas, com aquele cabelo ruivo e curvas maravilhosas. Tinha sido o suficiente para tirar o pouco de concentração que me restava. Ela era a minha Jéssica Rabbit. Curvas deliciosamente na medida e uma pele cor de pêssego perfeita. Daria tudo para comê-la, sem direito a intervalos. Ela precisaria ir até ao hospital depois que eu a pegasse de jeito.

Mas, ela simplesmente tinha me rejeitado.

Nenhuma mulher havia me rejeitado ou o que eu podia oferecer. Eu sabia o poder que exercia sobre as mulheres, mas nunca imaginei que uma mulher teria poderes sobre mim.

— Não me diga que é algum rabo de saia? — perguntou Markov com malícia — você sabe que eu tenho as melhores garotas da cidade e não tenho ressalvas em oferecer uma delas para que você possa se divertir...

— Não. Não quero as suas garotas. Eu quero a mulher perfeita que eu tive o prazer de conhecer — peguei o telefone e pedi para que uma das garçonetes trouxesse nossas bebidas.

— Bom, deixando essa mulher de lado... — começou mostrando estar preocupado — soube que o FBI anda querendo fazer uma operação surpresa...

— Mas é óbvio que você e os seus contatos já resolveram isso — eu tinha que colher o máximo de informações possíveis. A CIA não seria tão descuidada quanto o FBI tinha sido. Principalmente eu, que desperdicei dez anos da minha vida perseguindo esse bosta do Isaäk. Não quando eu havia matado pessoas inocentes para chegar até ele. Não deixaria que a incompetência dos outros fosse o meu fracasso.

— Digamos que estou com alguns homens vigiando a família de quem vai comandar a operação — falou ele como se não fosse nada demais.

Isaäk nunca teve coração ou alma. Ele cultivava a fama de homem impiedoso e todos o temiam. Menos eu. Eu não tinha medo dele e queria que fosse para o inferno, passar o resto da sua vida na cadeia. O problema era que ele sempre se safava de alguma acusação com a ajuda de amigos influentes que estavam no governo.

Minha missão: conseguir provas e prender o safado do Markov.

— E o carregamento de drogas? Chega a que horas no porto? — me levantei assim que a garçonete chegou com as bebidas, dispensando-a com um aceno e um belo sorriso.

— Max está cuidando disso — sorriu com ironia. Ele era um belo de um bosta mesmo, colocando o seu cão de guarda para rastrear o

carregamento e se encarregar da distribuição — algum problema? — eu sabia que há algum tempo ele andava estranho com relação aos negócios, o que me deixou em alerta.

— Não — respondi de maneira convincente, tomando minha bebida. Um rum delicioso — Max é o cara certo para fazer isso. Na verdade — levantei o copo — isso merece um brinde. Por mais um negócio bem-sucedido.

— Por mais um negócio bem-sucedido. — disse ele alegre demais para o meu gosto.

Eu sabia que tinha algo errado, só precisava saber o quê. Então brindamos.

Nova Iorque – Julho de 2015

Eu tinha que pedir a mulher da minha vida em casamento. Eu sabia que era cedo, e que ela ainda precisava resolver os seus problemas, mas o desejo era maior que tudo. Todas as vezes que eu fechava meus olhos podia imaginar o gosto do seu beijo, o seu cheiro incrível e o seu gênio difícil.

Um dos motivos que me fez amá-la ainda mais era a forma como encarava a vida. Mesmo depois de tanto sofrimento, devido ao abuso que tinha sofrido, ela não perdia aquele fogo. Não perdia aquele brilho nos olhos. Eu tinha que ter calma com ela. Sabia que o meu jeito direto muitas vezes a deixava constrangida, porém eu sabia que ali, por trás daquele constrangimento, existia a mulher que eu tanto tinha esperado. Uma mulher sedutora e apaixonada.

Tudo nela estava se tornando minhas partes preferidas. Ela era tão doce, e ao mesmo tempo tão forte. Nunca tinha sentido algo parecido. Nunca tinha olhado para uma mulher como eu olhava para ela.

Lizzie tinha algo magnético e eu sabia que ela era minha. Desde a primeira vez que coloquei os olhos nela, sabia que era com aquela mulher de boca suja e voz macia que eu passaria o resto da minha vida.

Só de pensar em trepar com aquela mulher, a cabeça do meu pau já detectava a localização exata da sua boceta.

Eu nunca enviei rosas ou chocolates, como os homens normais fazem. Eu era diferente. O meu jeito de conquistá-la

era usando o que eu tinha de melhor, e eu não estava falando do Thor – sim, o nome que eu dei ao meu pau foi Thor, mas isso ela nunca saberia –, estava falando da verdadeira arte da conquista: a sedução.

Meu coração estava em suas mãos, assim como a minha alma.

— Hmm... — eu já sabia quem era que estava bem ao meu lado. Gretha não precisava ser anunciada, simplesmente entrava na minha sala quando não tinha ninguém. — alguém anda sonhando acordado... — sorriu ao se aproximar de mim, me dando um abraço caloroso — a ruiva anda mesmo mexendo com você, não é mesmo?

— Se eu dissesse que não, estaria mentindo — suspirei sem perceber.

— Droga... — ela gargalhou — você realmente está apaixonado. Acho isso maravilhoso — Gretha e eu tínhamos uma relação tão unida que era difícil ficar sem ela por perto. E era ela quem segurava as pontas quando tudo estava próximo de dar errado.

Um protegia o outro, não importava o que acontecesse.

— Acho que é bem mais que isso... — falei afrouxando o nó da gravata e olhando para ela. Sua opinião era a mais valiosa para mim.

— Espero que ela não se torne uma vaca, como a última. Eu gosto dela. Ela anda fazendo bem ao meu irmão — aquele comentário me fez sorrir. Era verdade que Harper e eu tínhamos tido uma aventura, mas não tinha passado disso.

Naquele momento eu podia ver que não era nada além de sexo mal feito.

— Essa é diferente... E sim, ela tem me feito muito bem. Estou amando — fomos interrompidos por batidas na porta, e logo em seguida Gretha foi averiguar quem era. Como era de se esperar, Harper entrou na minha sala sem ao menos saber se poderia. Ela olhou com aquele arzinho de superioridade para minha irmã, e quando tornou a olhar e andar na minha direção, Gretha revirou os olhos. Eu sempre tinha que me controlar para não rir quando ela fazia isso pelas costas de Harper.

— Você pode me... — ela virou a cabeça para olhar, novamente, para Gretha e arqueou a sobrancelha — dar licença... — Gretha olhou para mim completamente séria e eu assenti, pedindo a ela que saísse — ótimo — resmungou Harper, com tom autoritário, quando Gretha saiu fechando a porta — você pode me explicar o que é isso? — perguntou jogando o jornal na minha mesa, com força.

— Um jornal — odiava ter que me explicar para as pessoas, principalmente para Harper, que não era nada além da pessoa que gerenciava minhas casas noturnas, sobre o que acontecia na minha vida.

— O que tem escrito nele, Nathan? — perguntou irritada. Harper era uma mulher muito bonita, ou melhor, muito atraente. Morena, não muito alta e tinha aquela personalidade que colocava qualquer dúvida sobre a sua autoridade no lixo. Menos comigo. Eu não aceitaria piti de uma mulher que achava que era minha dona.

— Que eu estou namorando. E daí? — dei de ombros, me levantando e indo até a janela, ficando de costas para ela.

— Era para você estar comigo, Nathan. Comigo — murmurou chorosa, com aquela voz doce demais. Tão doce que me causava enjoo.

— Harper — não me virei para falar com ela — faz muito tempo desde que tudo entre nós acabou.

— Nate...

— Chega! — gritei com raiva, me virando para encará-la — você está ganhando muito bem e não é para ficar no meu pé choramingando. Trate de fazer o seu trabalho, e faça bem feito — os olhos dela estavam marejados e vermelhos, e uma linha fina e rígida apareceu em seus lábios, mas eu pouco me importava se ela estava com raiva de mim. No caso dela, raiva era melhor do que aquela obsessão.

— Muito bem — rebateu com amargura, enquanto as lágrimas escorriam pelo seu rosto — depois não se arrependa por ter me dispensando.

— Isso não vai acontecer — falei friamente, sem demonstrar qualquer emoção — nunca. Nem nos seus sonhos.

— Veremos — disse ela me dando as costas de maneira teatral e saiu da minha sala.

Capítulo 26



Eu não sabia como conseguiria abrir os meus olhos. Minha cabeça doía. Meu corpo doía. Tudo se resumia a dor. Eu podia sentir o cheiro daquele lugar, mas não sabia onde estava. Estava complicado até para tentar me mexer. Eu sabia que tinha algo de errado. As imagens bombardearam minha cabeça como flashes. Em um momento, eu via o sorriso do meu marido segurando o teste de gravidez, em outro, o carro sendo atingido, os vidros das janelas explodindo e Nathan sendo levado.

Quando finalmente abri os olhos, me dei conta que estava no quarto de um hospital. Aparelhos estavam monitorando minha frequência cardíaca e eu estava sendo hidratada com soro. Aos poucos, fui me mexendo até ficar sentada na cama. Minhas mãos, assim como boa parte dos meus braços, tinham leves arranhões. O que tinha me deixado preocupada não eram os arranhões, e sim o bebê na minha barriga. O presente que Nathan me deu estava crescendo ali, no meu ventre, e tudo que eu precisava saber, antes de tudo, era se estava bem. Assim que apertei o dispositivo ao lado da minha cama uma enfermeira apareceu, com Ian ao lado dela. Ele estava com o olhar cansado, assim como a sua postura. E logo me lembrei de que Gretha deveria estar muito mal. Não queria que nada de ruim acontecesse a ela. Eu a amava como uma irmã, e ela era a irmã do homem que eu amava incondicionalmente.

— Ian, o que aconteceu? — perguntei, ainda sentindo os efeitos dos medicamentos. — O meu bebê? Nathan? Gretha? — eu já começava a pensar o pior. E isso fez com que as lágrimas comessem a sair sem que eu permitisse.

— Seu bebê está bem. — informou a enfermeira negra, de traços delicados. Quando ela falou que o meu bebê estava bem, uma tonelada de pedras saiu das minhas costas e o alívio pelo meu pequeno anjinho estar bem veio de imediato. — você só precisa de repouso — sorriu — muito repouso. O médico virá orientar você sobre os cuidados durante o período gestacional.

— Cyntia... — Ian olhou para ela — você poderia me deixar sozinho com a senhora Fox? — pediu tirando os óculos e esfregando as pálpebras, deixando ainda mais evidente o seu cansaço.

— Sim senhor — respondeu ela prontamente e saiu.

— Ian... — eu não consegui me segurar. Já estava chorando muito antes deles entrarem no quarto, e naquele momento eu estava desabando por completo. A represa tinha rompido e eu não parava de chorar. — Nathan... — eu soluçava — Gretha...

— Lizzie — disse ele com calma — Gretha está bem — me tranquilizou um pouco saber que a minha cunhada estava bem, mas ainda tinha uma angústia que não saía do meu coração: Nathan. — Nathan vai voltar... — como assim? Ele tinha sido levado. Tinham armado para Nathan?

— Eu vi Ian — eu falava soluçando — alguém o levou.

— A CIA sabe onde Nathan está, mas não podemos fazer nada para ajudar — como eles não podiam fazer nada para resgatar Nathan? Aquilo era um absurdo.

— Merda! Ian, do que você está falando? — gritei histérica. Eu queria comer o fígado de alguém, e iria ser do responsável pelo que estava acontecendo. — que ele não pode ser resgatado? Sabe de uma coisa, quero que todos da CIA tomem no orifi... Ah! Que todos tomem no cu com essas regras. Por que não podem resgatar o meu marido?! Nathan precisa de ajuda, seus merdas! — não sabia de onde tinha surgido aquela força, mas eu me levantei e quase esfreguei o dedo na cara de Ian. Ele apenas me olhava, sem falar nada.

— Vai com calma garota... — eu conhecia aquela voz. Eu sabia que nela eu poderia confiar a minha vida. Gretha, mesmo com aquela roupa de hospital, parecia estar pronta para uma batalha. — se estirar o dedo na cara do meu marido, eu juro que... Droga! Nem bater em você eu posso, porque está carregando meu sobrinho aí, nessa barriga branca — sorriu — então... vá em frente. Eu deixo, mas só por isso.

Eu realmente amava aquela mulher.

Foi impossível me segurar. Eu fui até ela e a abracei com força, ou melhor, com o pouco de força que me restava. Ela estava bem melhor que eu. Sem nenhum arranhão que parecesse mais grave.

— Gretha... — comecei a falar — eles não querem ajudar Nathan...

— Eu sei — ela sussurrou, me tranquilizando. — mas vamos dar um jeito nisso. Prometo.

— Preciso saber se ele está bem de verdade. Preciso saber... — eu não conseguia terminar de falar.

— Ele está bem, mas não podemos estragar o disfarce dele... — então era aquilo? Ele não tinha sido resgatado ainda por se tratar de estragar ou não o seu disfarce?

— Mas... — eu não conseguia entender. Quem faria... Droga!

Era óbvio que um dia alguém, ou alguma facção criminosa, faria mal a ele. Ele era famoso por saber esconder seus podres do meio jornalístico, e se eu conhecia bem esse meio naquele exato momento tinham vários jornalistas atrás dele. Eu tinha certeza que existiam testemunhas do que tinha acontecido.

— O que saiu nos jornais? — perguntei preocupada.

— Nada. — disse Ian, me fazendo virar para encará-lo sem entender.

— Como assim nada? — franzi o cenho para ele.

— Somos da CIA, Lizzie — respondeu ele, com o ar de cansado, mas tinha um pouco de irritação em sua voz. — compramos e matamos as pessoas. Apagamos evidências. É óbvio que ninguém viu nada.

— Então, quem o levou? — olhei para Gretha, que já estava sentada na poltrona branca ao lado da minha cama.

— Tudo indica que tenha sido a mando de Markov. Na noite que você fugiu e aconteceu aquele trágico acidente com você, Nathan tinha acabado de matar um informante de Isaäk. — disse Ian e eu respirei fundo à medida que sentia os meus olhos se arregalarem.

— Nathan vinha recebendo ameaças de morte, e ultimamente estavam constantes — falou Gretha — sabíamos dos riscos. O presidente já sabe do que aconteceu e vai tomar

as devidas providências, já que é Nathan quem assumirá o seu cargo.

— O serviço de informações já sabe a localização exata dele. Mas não podemos mandar uma equipe tática para resgatar Nathan porque ele não é prisioneiro.

Oi? Ele tinha sido levado contra a vontade dele. Ele era prisioneiro sim.

— Isso é uma...

— Merda...? — Gretha concluiu o que eu ia falar. — eu sei.

— Tudo o que você vai fazer agora é ir para casa e repousar — Ian disse, olhando para Gretha. Uma merda que eu ficaria parada sem fazer nada. — eu tenho que levar minha esposa para casa, cuidar dela, e depois passamos no apartamento. Quero ter certeza que você vai se cuidar, ou Nathan pode achar que não tomo conta das joias dele quando ele não pode fazer isso. Vamos, meu amor... — falou com carinho para Gretha. Era a primeira vez que eu os via de modo tão íntimo. Gretha abriu um sorriso perfeito para ele e piscou o olho para mim, quando ele se virou para abrir a porta.

— Vejo você mais tarde — tinha algo mais na voz dela quando me falou aquilo. Eu sabia que tinha. Gretha não ia permitir que Nathan ficasse nas mãos daqueles bandidos, e muito menos eu.

Lucius tinha ido me buscar no hospital, que mais parecia um prédio comum, quando saímos de lá. Era evidente que o hospital tinha que ser tão discreto quanto os agentes. A pior parte foi entrar no apartamento e não encontrar Nathan e nem a minha irmã, Chloe. Liguei para ela, mas o telefone caiu na caixa

postal, então deixei um recado e enviei uma mensagem de texto.

“Estou preocupada com você. Me ligue”.

Subi para o quarto e tudo tinha o cheiro dele. Cada pedaço daquele quarto me lembrava dos momentos felizes que tínhamos passado juntos. Não era o sentimento de que ele estivesse morto, era apenas o desejo de que voltasse são e salvo para mim, e que pudéssemos continuar nossas vidas.

— Seu papai já, já vai voltar bebê — falei passando a mão na barriga com carinho. — e ninguém mais vai nos separar. Eu prometo.

Meu celular tinha mensagens preocupadas de Tati e algumas ligações de Elijah. Eu sabia que tinha que ligar para eles, mas a única coisa que eu consegui fazer foi ir até o closet e pegar uma das camisetas de Nathan. Tirei a minha roupa e a vesti, para poder sentir o cheiro dele. Daquela forma, me senti mais próxima a ele. Tudo que eu queria era vê-lo saindo do banheiro, fazendo alguma gracinha, ou falando do quão sexy era, andando pelado pelo quarto. Eu queria o meu homem de volta. Eu teria o meu homem de volta, mesmo que eu ariscasse a minha vida...

— Desculpa bebê, mas vamos ter que encontrar o papai.

Só existia uma maneira de conseguir isso, e eu iria até o inferno se fosse necessário. Eu mataria se fosse necessário.

Eu não precisava mais ficar pensando em nada.



Gretha estava sentada na sala, e já tinha anoitecido. Ian estava ao telefone, falando com tanta autoridade para alguém, que comecei até a ter dó da forma grosseira como ele falava. Ela, Gretha, por outro lado, estava sentada rabiscando uma revista velha, que depois colocou de lado.

— Como se sente? — perguntou ele, se aproximando mais um pouco de mim. Ian fixou o olhar em nós duas, enquanto falava ao telefone. Ele parecia preocupado que Gretha me falasse, ou fizesse algo perto de mim. Eu não comia capim. Tinha algo de errado com aquele comportamento de Ian.

— Agora? Como se tivessem tirado um pedaço do meu corpo — respondi com um pouco de sarcasmo, e ela sorriu.

— Eu sei como você deve estar se sentindo — tinha um pouco de dor em sua voz — só quero que saiba que eu estou do seu lado — Eu sabia que poderia contar com ela.

— Eu sei que sim — devolvi o sorriso.

— Como estava indo o treinamento? — meu Deus! Porque ela estava me perguntando sobre uma coisa que não deveria saber? Fiquei assustada. — Ora... — disse ela dando de ombros — Nathan adora a parte em que você dá uma surra na agente treinada — Nathan sabia? Como assim ele sabia? — pelo amor de Deus Lizzie, respire mulher. É claro que ele sabia.

— Seu marido é um mentiroso. — fuzilei Ian apenas com os olhos, mas ele não estava se importando com o que tinha feito. Na verdade, parecia bem confortável. Traidor. Eu fiz um pedido simples. Eu apenas pedi que ele não contasse nada para Nathan, mas era óbvio que ele não conseguiria manter aquela boca fechada.

— Não fique com raiva de Ian, Lizzie — disse ela de maneira carinhosa — mas ele foi encurralado pelo meu irmão depois de perceber suas mudanças de comportamento. Então obrigou Ian a instalar câmeras para acompanhar o seu desenvolvimento.

— Precisamos ir. Lucius e mais cinco agentes estão na segurança agora — Ian mantinha o mesmo comportamento distante, mesmo que em parte eu tivesse tido a ousadia de querer esfregar o dedo na cara dele.

— Você deveria ler aquela revista — disse Gretha antes de acompanhar Ian — tem uma matéria incrível sobre gravidez. Acho que deve ser interessante — piscou o olho e me abraçou. Ela queria que eu lesse uma matéria na revista? Isso fazia algum sentido?

— Prometo que vou — respondi sorrindo, porém, sentindo o meu coração a cada minuto apertar mais e mais. Quanto mais tempo se passava, mas eu sentia falta de Nathan. Tudo que eu queria era ter o meu marido de volta.

— Durma um pouco — sugeriu Ian — isso vai fazer bem para o seu bebê — terminou de falar olhando para Gretha — boa noite, Lizzie.

— Boa noite, Ian e Gretha.

A única coisa que eu conseguia pensar era: se Nathan não era prisioneiro, porque ainda não tinha entrado em contato comigo?

Essa era a pergunta que não saía da minha cabeça.

Capítulo 27



Eu me sentia impaciente, e em hipótese alguma, conseguiria dormir. Não quando precisava fazer alguma coisa. Saí da cama procurando alguma solução, enquanto andava de um lado para o outro. Nathan deveria ter entrado em contato. Ele não poderia me deixar no escuro, e ainda grávida. Deus... Como eu queria aquele homem ao meu lado. Abri as cortinas do nosso quarto, e olhando para o céu e o brilho das estrelas, pedi a Deus uma luz...

“Você deveria ler aquela revista”.

Gretha! Sim! Sim! Sim! Ela devia ter deixado algo para mim. Eu sabia que ela não concordava com o fato de Nathan “ser e não ser” prisioneiro de Markov. Desci as escadas correndo e já localizando a revista, que ainda estava no mesmo local que ela deixara. Tudo que eu tinha que fazer era respirar fundo e prestar atenção na pista que ela, possivelmente, tinha deixado.

Eu conseguiria tirar meu marido das mãos de Markov, mesmo ele sendo o agente pica das galáxias que era. Folheei as páginas com cuidado, na verdade, com tanto cuidado, que eu tinha medo de deixar alguma parte despercebida. Eu era jornalista, mas de nada adiantavam todos os anos de atenção a matérias e revisão de textos quando se tratava de algo tão grandioso quanto a informação contida naquele exemplar.

Se existia algum motivo para amar menos a minha cunhada, ele desapareceu. O meu amor por ela continuava aumentando. O que me fez lembrar que Chloe não tinha voltado para casa.

Peguei o telefone e liguei para Lucius. Eu sabia que já era um pouco tarde, mas precisava contar com ele naquele momento. Além do mais, quem iria tentar algo contra mim, quando eu estava protegida ali, onde um grande agente do governo morava... Algo desagradável se passou pela minha mente. E se ele tivesse se deixado levar?

— Sim, senhora Fox — atendeu Lucius, pronto para ação.

— Lucius, preciso que você localize Chloe. Ela não voltou para casa, e nem atendeu ao telefone — fiz uma pausa, tentando organizar mais um problema na minha cabeça. Chloe deveria estar em casa. A não ser que... Deus! Não. Eu não pensaria o pior. Não quando tinha tantos enigmas tirando o resto da minha paz — tente tudo que estiver ao seu alcance. Não meça esforços para localizá-la — eu me peguei falando igual à Nathan. A convivência fazia isso. E eu estava gostando de tudo, até que o filho da puta do Markov estragou a minha felicidade. Mas aquele merda não sabia com quem estava se metendo. Eu, agora, era a senhora Fox. Já me sentia tão confiante que nada iria me tirar a satisfação de sentir orgulho em poder dizer:

Eu sou Lizzie Fox.

— Vamos tentar localizá-la pelo GPS do telefone e pelas câmeras de segurança da cidade. Qualquer novidade entrarei em contato com a senhora — disse ele visivelmente preocupado. Tínhamos negligenciado a segurança de Chloe. Eu sabia disso e já começava a me sentir culpada. Não tínhamos pensado que poderia acontecer algo com ela, já que

tudo parecia estar calmo e se normalizando até acontecer aquele desastre em nossas vidas.

— Obrigada Lucius, é sempre gratificante contar com você.

— Eu que agradeço senhora Fox.

Não era que eu não estivesse tão preocupada com minha irmã, mas eu tinha o meu marido também para me preocupar. Parecia um sentimento egoísta, mas, ainda assim, eu tinha uma missão: achar a pista que Gretha tinha deixado na revista. Quando cheguei à página onde tinha a matéria sobre os exercícios que uma grávida deveria fazer, eu soube que estava ali. E não foi apenas pelo fato da dica, ela também tinha deixado vários riscos nas palavras, destacando algumas letras...

*“s...e...n... h... a... p... a... i... n... e... l...
r...a...d...z...i...m...i...e...r...s...k...i”.*

Segurei a revista por alguns segundos, sintetizando a informação, até cair na real. Ela tinha deixado a senha do painel de armas de Nathan.

— Bebê, mamãe vai chutar umas bundas. Papai vai voltar.

Segui para o escritório de Nathan, já digitando a senha no painel, em seguida vendo-o se abrir. O arsenal dele dava para devastar Nova Iorque inteira. De bombas até fuzil de uso restrito do exército americano. E quando meus olhos bateram nela, eu sabia que deveria ser minha. A arma que tanto me fascinou. Uma linda Glock onze milímetros. Eu já tinha uma ideia do estrago que ela poderia fazer, eu apenas precisava usá-la da maneira certa... Metendo uma bala bem no meio da cabeça daquele desgraçado. Eu tinha deixado a Lizzie frágil

para trás. Nunca mais a veria novamente, e se dependesse de mim, apenas a Lizzie forte e determinada permaneceria para sempre. Caminhei até o painel e peguei a arma, sentindo o peso dela e gostando de como encaixava perfeitamente na minha mão. Com toda certeza tinha sido feita para mim, mesmo que Nathan não soubesse... Deveria ter mais alguma coisa que eu precisava saber, e se tinha, estava no computador de Nathan.

Digitei a mesma senha do painel e consegui acessar o computador. Verifiquei todos os documentos existentes, mas nada que fosse aproveitável. Me sentindo um pouco cansada, desabei na cadeira e comecei a observar melhor o escritório de Nathan. Cada pedaço daquele lugar tinha o cheiro maravilhoso dele. Tudo, naquele apartamento, tinha o jeito perfeito de Nathan. Quando tornei a olhar a tela do computador, vi que não tinha nada além da lixeira e algumas pastas nomeadas como assuntos de sua campanha; ele como bom agente, não deixaria informações tão valiosas em casa, e se deixasse, não seria fácil de achar. A pessoa teria que pensar e agir como um agente, ou melhor, ser tão bem treinado quanto Nathan era. De certa forma, eu pressentia que ele sabia de tudo, ou quase tudo. O que ele não sabia, dava um jeito de ficar por dentro do assunto em menos de dez segundos. Tinha sido assim, quando achei que estava escondendo dele o meu treinamento com Ian. Era óbvio que ele saberia...

De repente uma janela se abriu na tela e eu me assustei.

— Gretha?!

— Droga garota! Sabe o quanto é difícil invadir esse sistema que o próprio Nathan programou? — Mas como? Não estava entendendo nada — Feche essa boca. Isso eu explico melhor depois. Vi a sua evolução no treinamento, e de acordo com a atual localização de Nathan, ele se encontra em um hotel cinco estrelas no centro, onde haverá um grande evento beneficente, e sei que você pode entrar no hotel sem ser barrada. Eu não posso deixar que você vá sozinha, mas não posso aparecer. Por isso, eu vou ser seu apoio. Pegue a arma e deixe o resto comigo. Espero você no estacionamento do prédio... Agora... — ela fez uma pausa, olhando sério na direção da câmera — levante essa bunda branca da cadeira! E... Lizzie, vista algo provocante.

Ela estava me esperando no estacionamento?

Eu ainda não conseguia acreditar no que tinha acabado de acontecer.

Se ela tinha entrado em contato por uma chamada de vídeo, era bem possível que o meu celular estivesse grampeado. Ian devia monitorar tudo enquanto Nathan não voltava. Ele só não conseguia monitorar sua própria mulher, que por sinal, era muito inteligente.

Eu precisava agir. Já era tarde da noite e a cidade ainda assim estava um formigueiro, com as pessoas procurando aventuras para se divertir ao máximo. Se Gretha tinha dito para eu me vestir de maneira provocante, era porque tinha deixado algo para mim. Ela, assim como Nathan, sempre pensava em tudo. Minha preocupação agora era como sair daquele

apartamento sem ser notada pelos cinco seguranças e pelas câmeras no corredor. Algo super fácil.

Peguei a minha Glock e segui para o meu quarto, jogando a arma na cama e entrando no closet. Ela só poderia estar de brincadeira com a minha cara... Aquele vestido era mais que provocante. Era chamativo, vermelho e brilhoso. Meia-taça, sem alças e com uma fenda que, pelos meus cálculos, ia de um pouco acima do meio da coxa até embaixo. Ainda era marcado na cintura, com pedras pretas e brilhosas dando o contorno na parte de cima. Além de ser chamativo, e quase não poder respirar nele, era simplesmente divino, sem contar os sapatos de salto alto, de cor preta, que deixava o visual ainda mais charmoso. Claro que eu tinha gostado, apesar de não ter sido escolha minha. Quando peguei o vestido, um pedaço de papel caiu no chão e me agachei para pegar.

“Vamos. Tic-tac-tic-tac... Olhe o tempo. As câmeras não vão ficar repetindo a sequência para sempre. Saia pela saída de emergência”.

Ela, como sempre, tinha razão. Eu não poderia mais perder tempo. Tirei a roupa que eu usava e coloquei o vestido. Soltei meu cabelo, deixando as pontas cacheadas, e preendi no alto com um lindo broche de brilhantes, combinando com o vestido. No meu pescoço não coloquei nada, e arrematei o visual com um par de brincos simples.

Quando terminei e me olhei no espelho, fiquei admirada do quanto eu estava bem-arrumada. Elegante e sofisticada. O único problema era... Onde eu colocaria aquela onze milímetros? O meu vestido era tão justo, que eu mal conseguia

respirar, e com certeza, eu não ia tentar arrumar um canto para ela ali... Naquela roupa apertada.

Pensa... Pensa... Pensa...

Não podia esperar mais, o tempo estava passando. Com certeza, Gretha tinha pensado num lugar para eu colocar a minha preciosa.

Assim como Gretha instruiu, eu fiz. Desci pelo elevador e segui pelo estacionamento, à espreita. Eu já tinha feito algo parecido quando tentava descobrir o que o prefeito de Nova Iorque estava fazendo com a sua secretária, até altas horas da noite, enquanto a sua mulher cuidava do seu filho deles, que estava com câncer. Homem desprezível, que não tinha coração. Mas, eu o coloquei no seu canto, mesmo que indiretamente. Ou ele parava com aquilo, ou no dia seguinte a notícia estaria estampada na primeira página do The Poster, entre outros. Tomei bastante cuidado ao me aproximar do carro, que eu sabia que era onde Gretha estaria.— Pronto — eu disse sussurrando ao abrir a porta e entrar no carro.

— O que você pensa que está fazendo, sentada na frente?
— ela arqueou uma das sobrancelhas bem desenhadas, me questionando.

— Eu pensei... que...

— De qualquer forma continuo sendo a motorista. Vamos continuar com o plano. Para todos os efeitos, eu trabalho para você e vai permanecer assim essa noite.

— Não vejo a hora de isso tudo acabar — resmunguei saindo do carro e indo sentar no banco de trás.

— Pegue isso.

— O que é?

— Um coldre tático para tornozelos— disse ela — coloque na perna que vai ficar coberta pelo vestido.

— Já estava preocupada onde eu colocaria isso — falei mostrando a arma para ela.

— Eu até daria uma, mas vejo que já tem a sua. As câmeras estão repetindo as cenas onde você parece que está no quarto como uma boa menina. Pegue isso também. E antes que você me pergunte, isso é um comunicador. Você vai colocá-lo dentro do seu ouvido, e é por ele que eu vou falar. Se algo der errado, você avise por ele. A microcâmara está no meio dessas pedras, no seu vestido, então... alguma dúvida?

— Já posso dizer que você está falando demais?

— Garota... — ela suspirou de maneira teatral, e sorriu logo em seguida para mim — você tem muita sorte. Primeiro, porque gosto de você. Segundo, porque gosto de você... Desgraçada. Você me estragou. Vai roubar a cena hoje à noite, senhora Fox.

— É... eu sei — brinquei colocando o comunicador, arrumando o cabelo e dando um último retoque na maquiagem.

— Haja o que houver, prometa que vai tomar cuidado — Gretha tinha um tom de preocupação na voz — que vai tomar conta da minha sobrinha, ou sobrinho, se algo der errado.

— Não se preocupe. Prometo que vou me cuidar. O que poderia acontecer de ruim no covil dos mafiosos? — zombei querendo mudar o clima.

— Tenho medo que você descubra. — aquelas palavras ecoariam na minha mente pelo resto do trajeto até onde Nathan estava.

Capítulo 28



O hotel ficava em um dos bairros mais caros de Nova Iorque, e era de se esperar que tivesse um monte de fotógrafos e jornalistas esperando os famosos e políticos que estariam ali. O mais estranho era que eu não me sentia nervosa. Na verdade, eu me sentia preparada para a ação. O prédio, com mais de vinte andares, era chamativo devido ao aço e ao concreto que se misturavam com o estilo das construções do século XIX, fazendo a junção do clássico com o moderno. Um tapete vermelho destacava a entrada do hotel, que tinha uma porta enorme de vidro com películas escuras e adornos florais, destacando as bordas em dourado.

Quando finalmente paramos, senti o frio percorrer minha espinha, chegar até as minhas costelas e se dissolver nos meus ossos trêmulos. Não era medo: era a adrenalina percorrendo o meu corpo. Em poucos minutos, eu estaria dentro do hotel onde havia grandes nomes da política e famosos, mas não era isso que deixava o meu coração mais acelerado. O que me deixava ainda mais ansiosa, era o fato de que, em alguns minutos, eu poderia finalmente olhar para o meu marido e respirar aliviada, quando constatasse que ele estava inteiro, sem nenhum arranhão.

— Lizzie, se você não se sentir preparada para fazer isso — começou Gretha com a voz baixa, e isso me preocupou. —

ainda dá tempo de voltar atrás...

— Eu consigo — falei firme. — estou grávida... Sem meu marido e irritada por causa de tudo que nos aconteceu. Então, eu consigo. Caso aconteça algo, o que não vai acontecer, eu peço ajuda. Tudo bem?

— Só quero que você tome cuidado. Não suportaria perder uma irmã... — ela não precisava olhar para mim, eu sabia que tudo que tinha acabado de sair de sua boca era verdadeiro. Gretha não era apenas a irmã de Nathan tinha se tornado a minha também, e tudo o que ela queria era proteger sua família.

— Prometo que vou me cuidar. Tenho você para me ajudar — sorri olhando para o espelho retrovisor, e vi os cantos dos seus olhos lacrimejarem. Mas Gretha era durona demais para admitir.

— Que foi? Não estou chorando... — disse ela tirando uma das mãos do volante, pegando um lenço de dentro do terno e enxugando os cantos dos olhos — é culpa da camada de ozônio... poluição... essas coisas.

— Eu também te amo — sorri balançando a cabeça.

— O convite está dentro da sua bolsa. Mostre assim que chegar na recepção — a partir daquele momento, ela voltava a ser a motorista de Nathan e eu a namorada dele. Nada poderia sair errado. Nada.

— Boa noite, senhorita — disse o rapaz que tinha aberto a porta do carro com elegância — seja bem-vinda ao Hotel Vermont Palace — quando ele fez menção de estender a mão para pegar a minha, me apressei para sair do carro, tentando disfarçar o acontecido. Ao sair, uma chuva de flashes se voltou

na minha direção, quase me cegando. Era um emaranhado de perguntas:

“Senhorita Radzimierski, por que o senhor Fox não está com a senhorita?”

“Radzimierski, é verdade que vocês estão planejando o noivado em Veneza?”

“É verdade que você está com ele para alavancar sua carreira?”

Certo... essa última pergunta tinha sido a faísca de fogo no meu barril de pólvora. Eu, que já estava na metade dos degraus, parei, me virei e olhei para a jornalista. Zoey. Meu sensor de vadias era para ter apitado, então, para alegria de todos, eu respondi as três perguntas com calma.

— Respondendo a primeira pergunta: O senhor Fox é um homem muito ocupado e não tem um cordão umbilical grudado no meu umbigo. — falei abrindo o sorriso mais irônico possível. — Respondendo a segunda pergunta: Não estamos planejando o nosso noivado em Veneza, pois já estamos noivos. Não precisamos viajar para tão longe para poder consolidar o nosso amor. E respondendo a última pergunta — olhei diretamente para Zoey, arqueando uma das sobrancelhas. — não preciso de um homem para alavancar minha carreira, pois eu já sou bem-sucedida no que faço. Basta pesquisar direitinho e vocês verão que uma mulher sabe sobreviver sem testosterona. Só não posso dizer o mesmo de certas jornalistas... — pisquei o olho de maneira bem sugestiva para ela — agora, me deem licença, tenho assuntos mais importantes a serem tratados. Virei e continuei subindo os degraus, me desligando das perguntas

que se sucederam, enquanto eu seguia para encontrar o homem que me completava.

As portas foram abertas e eu fui conduzida até o grande salão do hotel. Tudo estava divinamente organizado. Um lustre central tinha tiras de cristais ligando-o a outros lustres menores formando um círculo, e as mesas foram colocadas de modo que deixasse um espaço no centro para que as pessoas pudessem dançar. Pequenos jarros de orquídeas brancas combinavam com as toalhas, e cada mesa estava marcada com o nome dos convidados, de modo que fiquei ao lado dele. Do meu Nathan. Gretha sabia preparar tudo para que saísse de acordo com o planejado. Mas, antes que eu pudesse admirar mais um pouco o salão, fui interrompida. A jovem recepcionista de terninho cinza, cabelos presos em um rabo-de-cavalo e lindos olhos castanhos, a quem tinha entregado meu convite na entrada, veio na minha direção.

— Senhorita Radzimierski — sorriu ela.

— Sim?

— A senhorita foi convidada pelo senhor Markov para jantar com seus convidados, separados dos demais do evento — não gostava da ideia de ficar no mesmo ambiente que Markov. Isso me provocava calafrios, apesar de saber que era lá que o meu marido estava. — o senador Fox insiste que se junte a eles. — sorriu novamente e me conduziu até um quarto, no décimo andar.

A cada passo que ela dava meu coração ficava mais acelerado. Até o barulho do salto dela me deixava em suspense.

Finalmente a porta do quarto foi aberta.

Respirei fundo e disse a mim mesma que tudo era apenas uma questão de controle.

Então, eu o vi.

Minha única vontade era correr para os seus braços e dizer o quanto o amava, mas não podia fazer isso. Ele estava de costas, olhando a cidade pela janela e segurando um copo de uísque. Não tinha como confundir-lo. Bastava procurar o homem mais bonito, mesmo de costas, e logo ele se destacava. Nathan estava vestindo um terno preto e tinha uma das mãos dentro do bolso da calça. Ele balançava o copo lentamente, ainda olhando para a cidade. Eu tinha que sair daquele lugar com ele ao meu lado, ou não sairia dali. Não o deixaria nem se me pedisse.

Quando ele se virou, parecia que tinham ligado o slow motion. O mundo parecia que tinha congelado, é só existiam nós dois em movimento. Por um segundo, achei que tudo não passava de outro sonho ruim e que, a qualquer momento, eu acordaria e teria o homem da minha vida ao meu lado, me beijando e falando que me amava. Mas não foi isso que aconteceu. Eu estava bem acordada e aquilo era a vida real. Não era um sonho, e nem um pesadelo do qual eu pudesse acordar. Mas foi no momento em que meus olhos cruzaram os de Nathan, que eu percebi que era o começo de um pesadelo. Nunca tinha visto ele me olhar daquela forma tão fria.

Sem emoção.

Sem amor...

Voltei para o mundo real, quando um homem alto e ruivo veio na minha direção. Não era velho, na verdade, era bem novo. Tinha traços fortes e o rosto levemente retangular. Era forte e tinha os cabelos cor de fogo, com lindos olhos verdes. Por alguma razão, meu corpo sentiu que ele era perigoso, que dele eu não deveria me aproximar. O problema era que eu não podia dar indícios de estar apavorada com tudo que estava acontecendo.

— Vejam — exclamou ele contente. — a garota do nosso amigo Fox. Prazer em conhecê-la senhorita...

— Radzimierski. — apenas assenti com a cabeça, o cumprimentado e ignorando sua mão, que ficou suspensa no ar.

— É uma honra. Meu nome é Max. — disse ele abotoando um dos botões do terno marrom. Quando ele fez isso, pude ver a tatuagem em forma de cruz que ia do meio do polegar, até o pulso. Nathan apenas me olhava com atenção, enquanto Max se aproximava ainda mais de mim.

— Se você se aproximar mais um pouco, vou ser obrigada a arrancar seus olhos — sussurrei sorrindo e olhando para os demais convidados, quando ele estava a menos de quarenta centímetros de mim.

— Seria incrível ver você tentar fazer isso. — rebateu de maneira ameaçadora.

— Meu querido, sou noiva do senhor Fox por algum motivo. E não estou falando da minha beleza. — arqueei a sobrancelha para ele, que esboçou um sorriso sarcástico. Ele não ia me amedrontar. Não quando eu tinha uma missão: sair de lá com o meu marido ao meu lado.

Max pegou uma bebida da bandeja de um dos garçons que passavam e permaneceu parado, me observando. Eu estava desconfortável, mas aquilo não tiraria o meu foco. O quarto seguia o mesmo padrão mesclado do moderno com o clássico do século XIX. Para ser mais sincera, o quarto mais parecia um apartamento. Na primeira sala, tinha dois sofás vermelhos cor de sangue, algumas pessoas sentadas conversando animadamente. Os estilos dos lustres seguiam o mesmo modelo do salão principal e tinha outra sala, que mais parecia uma sala de jantar aconchegante e muito convidativa. O papel de parede era um bege claríssimo, que contrastava com a decoração vermelha.— Sempre gostei daqui. — comentou Max, foi quando senti a mão quente e firme segurar minha cintura. A respiração, que antes estava presa, aliviou em um suspiro de reconhecimento. Todos os pelos do meu corpo se arrepiaram com a familiaridade do toque. Bastou aquele simples toque para que eu soubesse que ele estava ao meu lado.

— Max. — podia jurar que tinha ouvido Nathan rosnar o nome do ruivo alto. — nos dê licença. Preciso conversar com a minha garota — seus olhos azuis queimavam o ruivo com intensidade.

— Foi um prazer conhecer você, Radzimierski. — eu tinha me tornado um desafio para Max. Eu senti no momento que ele pronunciou meu sobrenome e me encarou.

Eu era o osso e os dois eram os cachorros brigando para ver quem ia ficar com ele. No caso, comigo. O que Max não sabia era que eu já pertencia a Nathan, e nenhum homem, além dele, tocaria meu corpo.

Ele era meu.

Eu era dele.

Sem pressa, Nathan me conduziu até a ampla sacada do quarto, sem pronunciar uma palavra, até que estivéssemos longe dos ouvidos e olhares dos curiosos. Tudo que eu queria era beijar sua boca e dizer que eu o amava ainda mais.

Quando ele parou, me guiou até que eu ficasse parada e olhando para ele.

— O que você está fazendo aqui? — no momento em que ele me fez aquela pergunta, senti o meu chão se abrir. A sua voz era rígida e seus olhos não tinham aquele brilho incrível de quando me olhava. Aquele era o Nathan agente, e não o meu Nathan. Senti o meu coração quebrar em vários pedacinhos, mas não demonstrei isso a ele.

Não ia chorar.

Não ia fazer cena.

Eu tinha uma missão e precisava me concentrar no mantra.

— Eu vim tirar você daqui. — falei murmurando e o encarando.

— Não era para você estar aqui. Isso pode ser muito perigoso, tanto para você, quanto para o nosso bebê — disse ele de maneira inexpressiva.

— Não saio daqui sem você — sorri de forma irônica — não sou burra Nathan. Sei muito bem o que estou fazendo.

— Não. Não sabe. Se soubesse, não estaria aqui. — seus olhos eram dois icebergs azuis na minha direção.

— Vejam só... — disse uma voz masculina, que era forte e rouca — me apresente a sua... noiva Fox. — quando me virei

para ver quem era, um sentimento diferente correu por meu corpo. Não era um calafrio igual ao que experimentei quando Max se apresentou a mim. Era algo completamente diferente. Era algo completamente diferente.

Soube naquele exato momento que aquele era o homem responsável pelo acidente e por tirar Nathan de mim.

Aquele era Isaäk Markov.

Capítulo 29



Isaäk Markov era um russo de altura mediana que já tinha em seu currículo várias mortes e atividades ilícitas. Com o seu cabelo ruivo e sua pele cor de ferrugem, ele tinha os olhos negros, que só naquele momento percebi que estavam dilatados. Na verdade, os olhos dele eram verdes. Um verde impressionante, que estava escondido pelas sombras. Quem não o conhecesse de verdade, acreditaria naquele sorriso elegante e convidativo que me ofereceu, e que na realidade, não passava de uma máscara para enganar as pessoas. Ele já estava beirando a meia idade, mas tinha uma boa forma, que se destacava pelo seu terno branco de corte sob medida.

Nathan, que estava ao meu lado, logo ficou mais tenso do que já estava. Ele tinha me tratado de um jeito que nunca fizera antes. Mas eu não estava me importando. Não quando era a minha vez de protegê-lo.

— Lizzie, esse é o senhor Markov. Isaäk Markov, Lizzie... Radzimierski, minha noiva — eu sentia a força que Nathan fazia para falar, e ao mesmo tempo, escutava o estalar dos ossos de sua mão se fechando com força.

— Ora minha jovem, é deselegante deixar um cavalheiro com a mão estendida — disse ele com a mão estendida na minha direção. Eu ainda estava me recuperando do choque que foi não ter medo dele.

— Concordo plenamente. — sorri de maneira educada e apertei a mão dele. Uma sensação estranha percorreu o meu

corpo, mas não de alerta. Era algo diferente. — não é todo o dia que eu tenho o prazer de conhecer alguém tão... famoso. — Isaäk arqueou a sobancelha com o meu comentário sarcástico e sorriu.

— Muito espirituosa a sua noiva, Fox. — direcionou o olhar para Nathan, que parecia que iria explodir a qualquer momento. Odiava vê-lo tão rígido e alerta como estava naquele momento. — um homem de sorte.

— Na verdade, ele tem muita sorte. — brinquei e olhei para Nathan da maneira mais apaixonada que podia.

— Sou o homem mais sortudo do mundo. — disse Nathan tentando respirar e aliviar a rigidez que o seu corpo transmitia.

— Tenho certeza que sim. — falou Markov sorrindo para mim. — terei o prazer de conversar mais um pouco com você depois. Sabe, tenho tido muitos problemas ultimamente nos negócios... — quando ele voltou a encarar Nathan, eu sabia que tinha algo de errado. — mas, como você é uma jornalista, não poderei soltar nenhum tipo de comentário sobre isso ou terei que te matar. — a forma como ele disse aquelas palavras, deixou um frio terrível na minha barriga. De alguma maneira, consegui reunir forças para rir daquelas palavras, que não tinham um pinga de graça.

— Seria um prazer ver o senhor tentar algo do tipo. — continuei sorrindo. — já pensou em mudar de negócios... quem sabe... comédia?

— Fox, case com ela amanhã. — Isaäk colocou as mãos no bolso da calça e foi se virando para ir embora, mas antes disse: — mulheres assim não deixamos andando livres por aí.

— Vou tomar o seu conselho, Isaäk. — e ficamos parados, vendo Markov partir e nos deixar sozinhos. — Você está completamente louca... — murmurou Nathan, esfregando as têmporas com força.

— Não acho. — dei de ombros e peguei suas mãos, fazendo com que ele olhasse para mim. — acho que me saí muito bem.

— Você não entende...

— Claro que não. — rebati magoada. — você não explica porra nenhuma, e quer que eu dê uma de vidente. Adivinha, eu não sou vidente. Preciso que você me explique o que está acontecendo, Nathan. Preciso saber o motivo daquele acidente... E sempre estou no escuro quando se trata de saber as coisas através de você.

— Tudo bem. — suspirou ele pesadamente. — eu sei que não conto muita coisa...

— Quase nada, para ser mais exata.

— Lizzie, estou tentando falar agora. — ele segurou minhas mãos com mais força, o que me deixou ainda mais preocupada. — um dos carregamentos dele foi interceptado pelo FBI, e era o que estava sob a minha responsabilidade.

— Então foi por isso que ele provocou aquele acidente? — perguntei a ele, que me puxou para ficar mais junto do seu corpo.

— Foi. — respondeu ele, passando os braços fortes pela minha cintura. — e agora tenho que esperar para saber o que mais ele quer de mim...

Por um momento, esqueci tudo. Esqueci que o mundo existia e apenas me concentrei no calor dos seus braços envolvendo meu corpo.

— Fiquei com tanto medo de te perder... — sussurrei encostando a minha cabeça no seu peito e sentindo o perfume que em tão pouco tempo tomou conta da minha mente... da minha vida.

— Eu também fiquei. — o meu coração quase saiu pela boca quando escutei a forma carinhosa com que ele falou. Era tudo o que eu precisava. Tudo. Eu não precisava de mais nada, apenas dele me segurando firme em seus braços e voltando a ser carinhoso comigo. — não sei o que seria de mim se algo ruim acontecesse com você e com o nosso bebê...

— Nathan, ele ou ela, está bem. — levantei a cabeça e fiquei nas pontas dos pés para beijar o seu rosto. — e agora estamos juntos. — Nathan segurou na ponta do meu queixo e me beijou delicadamente nos lábios, me fazendo suspirar.

De repente, notamos uma movimentação estranha no quarto e nos afastamos. Os convidados estavam indo embora... um a um. De tudo que estava acontecendo, a ideia de ir junto com os outros convidados não estava em cogitação. A maioria das pessoas nos olhava de maneira esquisita, e outras apenas balançavam a cabeça em negativo. Se Isaäk estava planejando algo, colocaria em prática naquela noite. Eu só precisava saber o que ele queria com Nathan, depois de ter tido uma de suas cargas interceptadas pelo FBI. Nathan não estava ali apenas por um castigo de Markov, tinha algo mais. Eu conseguia sentir o clima pesado.

— Merda! — murmurou Nathan, me passando para trás dele, de uma maneira protetora.

— O que está havendo? — perguntei já pressentindo que a minha noite estava apenas começando.

— Fox. — Max apareceu sorrindo. — e sua querida e adorada noiva, Markov os aguarda para uma conversa íntima entre... velhos amigos. — dava para sentir o sarcasmo escorrendo pelas laterais da boca daquele homem. — Primeiro as damas... — falou abrindo espaço em um floreio desnecessário com as mãos.

Por um segundo achei que Nathan fosse tentar algo, mas permaneceu parado enquanto eu saía detrás das suas costas e segui andando até a sala, onde Isaäk estava sentado em uma poltrona, bebendo seu uísque de maneira despreocupada. Nathan apareceu logo depois, e de maneira protetora passou uma das mãos em volta da minha cintura e me puxou para ficar mais próxima ao seu corpo. Quando olhei para ele, Nathan tinha assumido a postura do agente que faria de tudo para matar Markov. Aquele olhar sanguinário e impetuoso que eu tinha visto na noite em que ele matou um dos informantes de Isaäk.

— Eu convidaria vocês para tomar um drinque, mas creio que o que vou falar agora não vai ser algo bom. — falou levantando o copo do líquido âmbar. — se você está com o Fox, é porque sabe o que ele faz, e isso a torna cúmplice nos

negócios. Correto? — eu podia ouvir a respiração de Nathan ficar cada vez mais pesada.

— Correto. — meneei com a cabeça, concordando.

— Bom. — sorriu satisfeito. — já que concordamos com isso, vamos ao que interessa. Um dos meus carregamentos foi... roubado pelo FBI. O problema é que não é qualquer tipo de carregamento. Asiáticas com qualidade não se encontra em qualquer lugar, se é que você me entende... — minha barriga estava começando a borbulhar, me fazendo ficar enjoada, mas eu fiquei firme e não demonstrei.

— E o que eu tenho a ver com isso? — perguntei desafiadoramente. — que eu saiba, não tenho nenhuma ligação com a sua organização.

— Max... — bastou Markov chamar o grandão, que ele logo sacou a arma na minha direção... Isso era o que eu pensava. Na verdade, ele apontava a arma para Nathan. Max tinha um brilho de completa satisfação em fazer aquilo, e até deu para escutar a arma sendo destravada. — Você? Nada. Mas agora vai ter tudo a ver. Preste bem atenção, minha jovem, preciso de alguém para reaver meus diamantes asiáticos e alguém tem que fazer isso.

— Eu já disse que você deveria tentar outra profissão, tipo... a de comediante. — sorri para ele.

— Isaäk, você não pode fazer isso... — disse Nathan entre os dentes, quase espumando de raiva.

— Claro que posso. — falou Markov dando de ombros e se divertindo com tudo que estava acontecendo. — eu posso tudo, senador Fox.

— E se eu me recusar? — perguntei arqueando uma das sobrancelhas.

— Caso você recuse, serei obrigado a matar ele... — falou calmamente, apontando para Nathan e bebendo um pouco mais do seu uísque. — mato a sua família, e por último... Mato você. — sorriu. Eu já estava farta daquele sorriso.

— Apenas isso? — desafiei. — você me chantageia apenas com essas ameaças?

— Lizzie... — Nathan tinha um tom de advertência na voz, mas eu ignorei. Queria terminar logo com aquilo e tirar meu marido daquele lugar.

— Deus! — gargalhou Markov extasiado com o que tinha acabado de acontecer. — ela é perfeita Fox. P.e.r.f.e.i.t.a! — falou batendo palmas. — incrível. Incrível. Bom, já que ela acha pouco as ameaças à sua família, ao futuro marido e a ela mesma... Que tal

isso? — ele tirou de dentro do terno um pequeno detonador remoto e me mostrou. — isso é um detonador...

— Isso eu estou vendo. — rebati.

— Minha jovem, preste atenção. — quando ele falou, eu prestei mais atenção, mas continuava sem entender. — esse aqui é o responsável pela cabeça do seu querido noivo ainda não ter ido pelos ares. Sabe, fizemos uma pequena incisão no crânio do seu amado e sabe o que implantamos? Um pequenino chip! Espera, o melhor ainda está por vir... — disse se levantando e indo em direção ao bar que ficava no canto, próximo da grande porta da sacada. — o chip tem um explosivo! Superei não foi? Agora você ficou impressionada?

Agora sim ele tinha conseguido me deixar amedrontada. Só consegui prestar atenção no barulho dos ossos da minha mandíbula, enquanto me controlava para não pegar a minha arma e descarregar toda na cara daquele merda.

— Eu quero meu carregamento, e se por algum motivo, eu ficar sabendo que houve interferência do FBI, da CIA, ou até mesmo do homem da banca de jornal, eu estouro a cabeça do Fox. — Markov se serviu e, com apenas um movimento, bebeu todo o líquido do copo. — Max, acompanhe a senhorita Radzimierski até a saída.

— Espere... — falei analisando a situação. — se... eu disse “se”, eu fizer isso, que garantia você vai me dar de que o meu noivo ficará bem?

— Nenhuma. — disse ele simplesmente dando de ombros e sorrindo. A minha vontade era de quebrar cada dente branco que tinha naquela boca.

— Ela não vai fazer nada. — disse Nathan assumindo o controle. — isso é entre você e eu.

— Mas é óbvio que tem a ver com ela. — desdenhou Isaäk. — você a ama, isso é evidente. E, como eu sou um ótimo vilão, vou usar isso contra você.

— Nathan... — tentei falar, mas ele logo começou a falar novamente.

— Não foi minha culpa se o pessoal do FBI interceptou seu carregamento.

— Eu ia deixar nas mãos do Max esse serviço. Mas sou muito afeiçoado a você Fox, por saber exatamente como se faz os negócios. Você nasceu para isso, entende? — Max permanecia com a arma apontada para Nathan, enquanto Isaäk caminhava em nossa direção. — Lizzie...

— Não vou embora sem ele. — falei friamente. — não sei se você se faz de maluco ou se você é maluco. Mas, não saio daqui sem ele.

— Jovem, não teste minha recente admiração por você... — rosnou Isaäk.

— Lizzie... — Nathan começou a falar, mas aquela era a minha vez de assumir o controle.

— Se ele não for comigo, você pode explodir a cabeça dele... matar a mim e a minha família. — dei de ombros. — não vou ceder às suas chantagens, mas a única coisa que quero, em troca de recuperar a sua carga, é que tire o chip da cabeça do meu noivo.

— Max... — vi em câmera lenta a arma ser direcionada na minha direção. — tire a senhorita Radzimierski daqui. — Max guardou a arma e veio na minha direção. Eu rapidamente levantei a perna e

tirei a minha arma do coldre que estava no meu tornozelo, apontando na direção do cão de guarda do russo.

— Não tenho problema algum em matar um dos seus se você matar o meu noivo.

— sorri da expressão confusa de Max, enquanto ele olhava para minha arma. — ou fechamos um trato, ou mato ele... e você. Mesmo que eu não me case depois.

— podia jurar que Nathan estava sorrindo também. Um misto de euforia com adrenalina tomou conta de mim. Eu sabia que ele sentia orgulho da mulher que eu tinha me tornado.

— Acho que fiz um ótimo negócio pedindo ela em casamento. — disse Nathan, olhando para Markov. — como ela propôs, podemos fazer assim: recuperamos as suas garotas e você tira o chip. Continuamos a nossa maravilhosa amizade, e quem sabe convido você para ser meu padrinho... — quando Max achou que eu estava distraída, seguiu lentamente na minha direção, mas eu o fiz parar. Atirei de modo que a bala passasse raspando em um grande e considerável pedaço da sua orelha, o fazendo gritar de dor, caindo no chão com a mão ensanguentada.

— A próxima vai ser na cabeça dele. — olhei séria para Markov. — e depois no meio da sua cabeça.

— Mesmo sem ter a mínima possibilidade de vocês saírem vivos daqui, ainda mantém a postura! Vocês sabem que não existe apenas o Max aqui... Do lado de fora tenho mais de vinte seguranças.

— Sabemos. — falou Nathan.

— Vou aceitar o trato. — sorriu. — Não é por medo, mas sim pelo fato de ter gostado da sua garota, Fox. Vocês têm uma semana para me trazer as moças e, depois desse prazo, mato você e mato Lizzie, mesmo gostando muito de vocês.

Sete dias para planejar a recuperação da carga de Isaäk, e ao mesmo tempo, prendê-lo. Nathan e eu tínhamos o mesmo objetivo e não iríamos descansar até que ele estivesse atrás das grades, ou morto.

— Nathan... — chamou Isaäk antes de sermos liberados e Nathan se virou para olhar para ele. — não existe segunda chance comigo.

— Digo o mesmo. — rebateu Nathan e antes de sairmos, pude sentir os olhos de Max sobre mim. Dava para sentir o ódio dele por mim, mas eu não estava me importando. Não quando eu iria embora daquele lugar com o meu marido sem sofrer um arranhão.

Capítulo 30



Finalmente eu tinha conseguido salvar alguém que amava. Nathan estava do meu lado quando pegamos o elevador, e quando saímos, todos os homens de Markov nos observavam, seguindo-nos pelo saguão do hotel em um silêncio ameaçador. Parecia que a qualquer momento um dos seguranças do mafioso russo sacaria a arma e descarregaria todas as balas em nós dois.

O medo de perdê-lo tinha sumido apenas por alguns instantes, já que ainda tínhamos de recuperar o carregamento de Isaäk e retirar o chip da cabeça do meu marido. O bandido tinha deixado bem claro que não haveria uma segunda chance com ele, mas isso não fez Nathan recuar. Eu sabia que meu marido estava há anos perseguindo e investigando os passos de Markov, e que para isso matou pessoas inocentes.

O que eu tinha certeza era que Nathan não o deixaria sair ileso dessa. Não quando várias meninas tinham suas vidas e seus sonhos roubados por um bandido como ele. No momento que saímos por aquela porta, eu sabia que Nathan estava formulando um plano para que, dessa vez, Isaäk se desse muito mal e a justiça fosse feita. No final de tudo, eu teria o meu marido, ou melhor, minha família e a minha paz, podendo voltar à vida normal.

Isso era o que eu pensava.

Gretha estava do lado de fora, já com o carro pronto para dar partida no motor e voltarmos para casa. Meu coração estava acelerado devido à alta dose de adrenalina que se espalhava pelo

meu corpo. Nunca tinha me imaginado fazendo algo do tipo, na verdade, se eu não tivesse encontrado Nathan pelo caminho, eu jamais saberia que o meu destino era ao lado dele, e nem que eu tinha a habilidade de uma agente treinada. Não saberia o que era o amor verdadeiro, e nem me permitiria deixar algo do tipo acontecer na minha vida. Não teria uma família. Não teria amor.

— Já disse que te amo hoje? — perguntou Gretha, mantendo a postura quando entramos no carro. Dava para notar o tom de felicidade que a voz dela transmitia.

— Não sei... — brinquei, e esperei Nathan entrar no carro. — mas, nunca é demais falar que amamos as pessoas mais importantes de nossas vidas...

— Chutou quantas bundas lá em cima? — Gretha sorriu, antes de olhar para mim pelo retrovisor.

— Não chutei, mas quase deixei um cretino sem orelha...

— O que vocês tinham na cabeça? — perguntou Nathan visivelmente irritado, entrando e batendo a porta do carro com força. E Gretha arrancou com o carro, deixando a fumaça dos pneus queimados no asfalto.

— Você queria deixar sua viúva e seu filho entregues à própria sorte, Nathan? — percebi que Gretha tinha ficado magoada com a pergunta dele. — eu te amo Nathan, e assim como a sua esposa, eu não poderia ficar parada.

— Você imaginou que ela poderia ter morrido lá? E como você conseguiu essa arma? Ela estava guardada em um cofre! — Nathan estava furioso. As veias do seu pescoço pulsavam com tanta força, que mais um pouco, explodiria.

— Mas eu não morri. Mude a senha. Agora a Glock é minha. — tentei em vão entrar na conversa. Ela estava em alta velocidade, quando entrou em uma rua escura.

— Ela está grávida! — gritou ele, ficando com o rosto vermelho.

— Tá brincando com a minha cara? — de repente, Gretha freou o carro e a minha cabeça bateu no assento da frente. Maldita hora para me esquecer de colocar o cinto. Ela tinha parado o carro próximo a um armazém velho, que estava caindo aos pedaços. Ela desceu e abriu a porta do lado do motorista, na traseira do carro, onde eu estava. — desça. — ela estava furiosa. — vamos, desça desse maldito carro.

— O quê? — eu não conseguia entender nada do que estava acontecendo. A rua tinha pouca iluminação, ou melhor, quase nenhuma, se não fossem os faróis do carro dando uma ajuda. — para quê você quer que eu desça do carro?

— Gretha... — alertou Nathan, que semicerrou os olhos para ela.

— Desça dessa merda de carro, Lizzie. — olhei para Nathan, que segurou no meu braço, me impedindo de sair.

— Você não vai fazer isso... — dava para sentir o quanto a raiva de Nathan estava aumentando naquele momento.

— Fazer o quê? — não adiantava fazer perguntas. Ele não me responderia, a menos que eu descesse do carro e buscasse a resposta. — certo, você não me responde as merdas das perguntas, eu desço e descubro sozinha. — com um solavanco, libertei o meu braço da mão dele e desci do carro. Gretha foi andando até o capô do carro, tirou o terno, e logo depois se posicionou a cerca de três metros de distância de mim.

— Sabe, seu marido, o qual é meu irmão e amo mais que a minha própria vida, não acredita que você seja tão forte porque está grávida. Então, que tal mostrarmos a ele que você é forte? — perguntou sorrindo e arqueando a sobrancelha para mim.

— Eu não disse isso. — rebateu ele, saindo do carro e se apoiando na lateral, cruzando os braços. — eu acho que ela seja forte sim, mas...

— O que eu tenho que fazer para mostrar que não sou fraca? — na mesma hora entendi o que tinha que fazer. — você, contra mim? — olhei para ela, que estava em uma missão para mostrar ao meu marido que eu era muito mais do que uma mulher grávida. Eu era forte. — certo. — sorri, me abaixei e retirei o coldre do meu tornozelo, guardando no banco do carro.

— Lizzie, meu doce... — não adiantaria em nada ele me chamar daquela forma tão carinhosa; eu não tinha intenção de sair dali sem dar uma boa surra em Gretha, mesmo que fosse preciso me carregar para algum hospital com várias fraturas no corpo. Eu estava grávida e não inválida.

— Nathan meu amor, cale essa sua boca. — Gretha esboçou um sorriso no canto da boca, com puro divertimento quando falei. Eu não tinha mais nada para guardar, então me posicionei na mesma linha que ela. — me dê licença, tenho que dar uma surra na sua irmã.

— Você tem certeza que quer fazer isso? — perguntou ele.

— Nathan, eu estou sem sexo... grávida e acabei de acertar a orelha de um cara. É, acho que tenho certeza. — olhei para ele, que tinha aquelas duas safiras perfeitas olhando para mim. Como eu tinha sentido falta daquele homem... Daquele jeito que ele tinha ao

pronunciar meu nome, como um ímã, e que fazia o meu corpo todo derreter. Daquela boca macia e desenhada, que eu estava louca para beijar. Mas antes, tinha que provar para ele que eu conseguia... Droga, eu tinha acabado de tirar ele das mãos de Markov e quase deixado um cara sem a orelha.

— Gretha, tem pipoca no carro? — perguntou ele com sarcasmo.

— Vai à merda. — respondeu ela rindo. — mesmo se tivesse, eu tenho certeza que não vai dar tempo de você mastigar nem a primeira.

— Ei! — Gretha olhou para mim, mas não dei tempo para ela pensar em muita coisa. O primeiro golpe foi no estômago, e ela caiu ajoelhada no chão. — muito papo, pouco trabalho. — quando fui chutar, ela se levantou e saltou para trás, tornando a ficar de frente para mim. A sequência de socos foi algo que eu já tinha pensado que ela iria fazer. Bloqueei boa parte deles, exceto o que foi direto no meu maxilar. Nós nos afastamos e ficamos andando em círculos, analisando quem iria dar o primeiro golpe.

— Bom soco, para uma iniciante. — com certeza aquela era a genética da família falando. O mesmo fogo que Nathan tinha nos olhos, Gretha também trazia. Seus lindos olhos azuis tinham aquele desejo por algo mais. Até o sarcasmo era parecido.

— Eu nem comecei. — corri em sua direção e ela veio na minha, mas quando ela achou que seria um ataque frontal, eu dei um salto, passando por cima de sua cabeça e pousando graciosamente no chão. Gretha não previu que eu faria aquilo, então aproveitei a oportunidade que ela estava de costas para mim e dei uma chave de braço no seu pescoço. Estávamos caídas no chão, e eu tinha uma das minhas panturrilhas pressionando o seu pescoço enquanto

eu agarrava seu braço, unindo um pé ao outro, formando a chave por completo.

— Calma garota, preciso do meu braço para pegar o meu sobrinho... — disse ela rindo e dando leves tapinhas na minha perna.

— Ou sobrinha. — corriji.

— Certo, ou sobrinha. Agora você pode me soltar? — olhei para Nathan, que aplaudia elegantemente a nós duas. — está vendo como a sua mulher consegue derrotar uma agente treinada? Ela não é fraca Nathan, e se eu fosse você, tomava bastante cuidado com as bolas, quando fosse dormir depois de uma discussão.

— Foi a luta mais rápida que já assisti na minha vida. E não se preocupe Gretha, eu vou cuidar das minhas bolas. — disse ele se aproximando, enquanto eu libertava o braço de Gretha e ela levantou, limpando a calça feita sob medida para o seu corpo. — como eu disse, eu nunca duvidei do seu potencial, minha Jessi Rabbit — Nathan segurou a minha mão e me puxou para ficar mais próxima ao seu corpo. — eu apenas me preocupo com o seu bem-estar, e agora, tenho que pensar por vocês dois... em nós... e na nossa família. — ele levou a outra mão para o meu ventre e fez carinho, olhando de uma forma tão sincera e profunda, que fez com que as lágrimas escorressem, tamanha tinha sido a emoção.

— Droga, Nathan... — resmunguei chorosa, limpando as lágrimas. — você me fez chorar, de novo. Meus hormônios estão gritando, e você me vem com essa...

— Te amo, Lizzie. E tudo que eu quero é a sua segurança, meu doce. — soltando meu braço e a mão do meu ventre, Nathan segurou meu rosto entre as suas mãos e me beijou. Me segurei

firme nos seus braços para não cair. A sua língua entrando na minha boca, foi um encontro bem-vindo e que o meu corpo tanto queria. O calor da sua boca na minha era o que eu esperava naquela noite. Poder segurar, tocar e sentir o meu homem, era maravilhoso.

— Oi... Não é querendo atrapalhar, mas não temos muito tempo. — falou Gretha, fazendo com que lembrássemos que ela ainda estava ali. — e pelo amor de Deus, nada de sexo na minha frente. Ainda estou me recuperando da visão da ereção que o meu irmão teve, quando apresentou você a mim... Argh!

— Eu não... — antes que Nathan pudesse rebater aquela acusação, ele se calou e esboçou aquele maldito sorriso safado, no canto da boca. — bom, temos que ir para casa e planejar como vou me livrar desse explosivo que está na minha cabeça e prender aquele monte de bosta. — disse ele, desviando do assunto. Gretha pegou seu terno, vestiu logo em seguida e entrou no carro, ligando o motor.

— Vamos embora. — gritou ela para nós dois.

— Vamos. — falou Nathan sussurrando no meu ouvido. — tenho um presente bem grande para você.

— Presente? — perguntei tentando entender o que ele tinha acabado de falar.

— Sim, um presente. — debochou ele, segurando a porta do carro para que eu entrasse. — ele é grande... grosso e faz você gritar como uma louca.

— Nathan... — quase morri, quando antes de entrar no carro, ele me imprensou com o seu corpo na lateral do carro, afastou o vestido e passou a mão entre o meio das minhas pernas, passando o dedo por cima do tecido da minha calcinha. De onde estávamos, e do

jeito que estávamos, Gretha não viu o que acontecia, pois tanto a porta do carro quanto o corpo dele bloqueavam a sua visão pelo retrovisor lateral.

— Saudade de ouvir você gemer meu nome, meu doce. — sussurrou novamente, mas bem próximo ao meu ouvido, me deixando arrepiada, dando mordidas no lóbulo da minha orelha. — agora vamos, entre no carro antes que eu coma você na frente da minha irmã, e acho que ela ainda está armada até os dentes.

— Você não presta. — balancei a cabeça, achando engraçado.

— Onde foi parar o “você é um filho da puta mesmo Fox”? — perguntou com aquele sorriso malicioso na boca. Pai eterno do céu, lá estava ele, sendo o Nathan descontraído que eu conhecia. Totalmente diferente do homem que eu tinha encontrado naquela noite. E independente do humor dele, eu o amaria por toda a vida.

— Não seja por isso. — retruquei bem-humorada. — você é um filho da puta mesmo, Fox.

E ninguém explodiria a cabeça do meu marido, a não ser eu. Não seria com explosivos e nem ia ser a cabeça de cima...

Capítulo 31



Quando cheguei em casa senti que o mundo tinha começado a girar e eu simplesmente desmaiei nos braços de Nathan. A última coisa que escutei, antes de apagar, foi um monte de ruídos e nada mais. Eu estava cansada, ou melhor, esgotada. E não tinha recebido nenhuma notícia de Chloe.

Quando acordei já era dia. Minha barriga pedia por comida como nunca tinha pedido antes. Eu tinha que levantar, tomar um banho, comer e saber notícias de Chloe. Não entendia como tinha dormindo tanto, com tantas coisas acontecendo naquele momento. Quando terminei o banho vesti minha roupa, uma blusa simples de botões amarela e um short de algodão curto, mas confortável, e sem calcinha. Logo senti o cheiro da comida quando me aproximei da porta. Bacon e ovos. E eu só conhecia uma pessoa capaz de deixar meu faro tão aguçado por comida, e essa pessoa era o meu marido, Nathan.

Eu não tinha do que reclamar, já que quando ele estava na cozinha era um evento colossal. Não apenas por ele ser lindo, mas pelo simples fato de ele ser perfeito com os seus defeitos. Apesar daquela bunda durinha perfeita e aquelas omoplatas musculosas, em conjunto com aqueles ombros largos que definiam o restante da perfeição do seu corpo, é claro que ele tinha imperfeições. A visão da bunda dele naquela cueca boxer branca, fritando bacon e sem camisa, era de deixar qualquer mulher louca, lógico que eu não era desse tipo... Mentira, eu

era. A cada movimento que ele fazia, mais vontade eu sentia de correr para perto dele e comê-lo no café da manhã.

— Não me canso de ver você assim, sabia? — falei me sentando à mesa, para esperar ele servir o café. Se ele de costas estava bom, fiquei imaginando como estava de frente.

— Meu doce, mais um pouco e terei que pegar um babador para você. — debochou ainda terminando de cozinhar.

— Estou apostando nisso... vai usar a língua?

— Não é má ideia, sabia?

Enquanto o bacon fritava, ele seguiu para geladeira, pegando uma garrafa de suco de morango e servindo em dois copos grandes. Voltou até o fogão, desligando o bacon, e servindo com torradas e ovos, nos pratos. Eu sabia o que ele estava fazendo. Já tinha visto muitas exhibições dele para saber que aquela era uma. Ele sabia que eu ficaria observando-o de um lado para o outro na cozinha, com expectativa de que ele saísse de lá arrancando a minha roupa e me comendo sobre a mesa, deixando o café para o segundo plano. Mas, para minha infelicidade, não foi isso que ele fez. Ele não saiu correndo da cozinha e arrancou minha roupa, ele apenas se virou, segurando os dois pratos, e a visão que tive foi uma das mais dolorosas de se ver. O abdômen de Nathan estava completamente roxo, com manchas avermelhadas espalhadas pelos braços; essa visão fez a ficha cair e, assim, reparei que estava tão concentrada no meu desejo que não havia percebido seus machucados.

Foi automático.

Levei as mãos até a boca em estado de choque.

— Meu amor... — foi a única coisa que conseguir falar, quando caí em prantos.

Não queria ninguém machucando meu marido, mesmo que fosse sua profissão. Eu estava soluçando, quando senti o calor de suas mãos sobre o meu corpo, me abraçando e tentando me acalmar. Não era fácil, e nunca seria fácil vê-lo naquele estado.

— Ei... — disse ele com carinho, chamando minha atenção, enquanto segurava meu rosto entre suas mãos. — tudo bem. Eu estou bem... — o choro saiu com mais força quando olhei direto nos olhos dele.

— Nã-o-o. — gaguejei, ainda chorando. — você não está nada bem. Olhe o que fizeram com você...

— Onde está a mulher forte que vi ontem? — brincou, e sorrindo me puxou para ficar mais perto enquanto se ajoelhava.

— Sumiu no momento em que viu o objeto sexual dela machucado. — brinquei, mas, ainda assim, meu coração estava apertado.

— Eu sabia! — exclamou ele, com ar de ofendido. — eu sempre soube que você só queria meu corpo..., corrigindo, apenas o meu aparelho de reprodução. — elevou a mão até a cabeça de modo teatral, me fazendo rir.

— É obvio, é um ótimo aparelho. — tudo por um segundo parou, quando ele de repente me beijou de maneira apaixonada e completamente ardente.

Sua língua não acariciava a minha, ela a aprisionava, me obrigando a seguir o seu ritmo. Quando dei por mim, minhas mãos já estavam em seu cabelo, puxando e pedindo por mais dele.

— Nathan... espere... — tentei alertar sobre os machucados, mas nada adiantou. Ele nem sequer se afastou quando me pegou pela cintura, me tirando da cadeira e me colocando no chão da sala de jantar. Meu medo era que os machucados que ele tinha piorassem, caso eu fizesse algum movimento. Mas da forma como ele me pegou, todo esse medo foi embora.

— Pare de pensar, meu doce. — sussurrou ao se afastar da minha boca. — quero comer você desde o momento em que entrou no quarto daquele hotel...

— Meu amor, você está machucado... — o próximo som que escutei foi do meu gemido, quando ele, por pura maldade, chupou e mordiscou meu pescoço.

— Sabe, ontem, você naquele vestido... e aquela arma... — eu quase morri mil vezes, quando ele foi descendo mais, até chegar aos botões da minha blusa, desabotoando boa parte deles, me deixando exposta e lambendo o bico dos meus seios com a língua. — se eu já tinha a certeza que você era a mulher perfeita para mim, naquele momento eu soube que nunca existiria dúvidas sobre isso... — a parti desse ponto, eu não escutei mais nada.

A sua boca já estava no meu seio enquanto a sua mão castigava o outro bico com as pontas dos dedos. Eu não sabia se puxava o cabelo dele ou se gemia o seu nome... ou fazia as duas coisas ao mesmo tempo. Era evidente que sentia muito desejo por ele, mas não daquela forma. Não com tanta intensidade, como naquele momento.

Me descontrolei quando as mãos quentes e fortes de Nathan ergueram meu corpo, e o choque foi ainda maior, quando não

senti ele tirar o meu short. Nathan virou o corpo, ficando de costas para o chão e me fez montar nele. Ele não tirou a cueca... e acho que nem precisaria tirar, já que se demorasse mais um pouco ela seria destruída. Segurando minha cintura com uma das mãos, ele levou a outra até o meu clitóris, massageando aquele ponto tão sensível do meu corpo, me deixando ainda mais louca do que eu já estava.

Nathan escorregou a mão que estava na minha cintura para o meu quadril, me incentivando a rebolar em cima do seu pau, sobre o tecido da sua cueca. Eu estava muito excitada e maluca para ter ele dentro de mim. Quando parou de massagear meu clitóris, levou a mão até a sua boca e chupou seus dedos. Era uma visão dos infernos aquele homem. A forma como ele chupou, me fez lembrar aquela maldita colher de pau. Sem cerimônia tirei minha blusa, eu ainda estava com ela, e joguei sabe Deus onde. Segurei na barra da cueca e baixei-a, libertando aquele pau perfeito e delicioso. Eu queria chupar, lamber e fazê-lo gozar na minha boca, mas não fiz, já que o meu desejo de tê-lo dentro de mim era bem maior. Ergui um pouco meu corpo para me posicionar melhor, e fiz o que eu tanto desejava. Montei nele por completo. De início, eram movimentos lentos, para que eu pudesse aproveitar cada arrepio de puro desejo que ele me proporcionava, depois os movimentos começaram a ficar mais rápidos e mais intensos, e quando Nathan segurou em cada lado da minha bunda, me ajudando nos movimentos, me fazendo sentir toda a sua força... eu não aguentei, desabei em cima dele, procurando a sua boca e encontrando o que tanto queria: apenas estar com ele. Estar

em seus braços e poder dizer que ele era meu, e o que eu sentia naquele momento, ele também sentiu. Gozamos juntos, deitados no chão e com as nossas respirações aceleradas.

— Por que estou sentindo que essa não vai ser a única foda do dia? — perguntou ele, quando me endireitei ainda montada nele, mas com ele dentro de mim... era tão gostoso senti-lo pulsar e ainda permanecer duro depois de um orgasmo.

— Eu estou grávida, acho que o desejo fica mais acentuado...

— Você é uma safada, isso sim. — gargalhou, se apoiando nos cotovelos, me dando aquele sorriso perfeito de canto de boca.

— Eu? Safada? — perguntei com falsa indignação.

— Mas é minha safada. — Merda... ele me fazia ficar ainda mais derretida por ele, quando falava daquela forma e ainda me olhava daquele jeito apaixonado. — Que está esperando um bebê perfeito, nosso. Não posso pedir mais nada nesse mundo. Tenho a mulher que amo, o que mais eu preciso?

— Eu também tenho tudo que preciso em você, meu amor. — me curvei para beijar de leve a sua boca. — Tenho você, nosso bebê... a nossa família. E... o que me faz lembrar que estou com fome, e agora como por dois. — Como era possível ser tão apaixonada por um homem? Como era possível ter tanta felicidade, em um só lugar, mesmo com todos os problemas querendo nos puxar para a escuridão?

Nathan era tudo na minha vida. Na verdade, eu tinha as duas pessoas mais importantes perto de mim e uma estava dentro da minha barriga, e eu sabia que era importante para ele também.

Eu tinha medo de que Nathan não fosse gostar depois de tudo que tinha acontecido, mas foi exatamente o contrário do que eu tinha pensado. Eu estava grávida, e era porque ele queria também, então, não tinha para quê sentir medo. Nunca me esqueceria do sorriso dele quando soube que seria pai, mesmo que, depois, aquele acidente tenha estragado o momento. Não vou me esquecer dos olhos brilhando de alegria e nem do seu sorriso largo, que por pouco tempo, me contagiou.

Depois de limpos com um banho bem tomado, onde fizemos amor novamente, ele fez algo que também ficaria marcado para sempre na minha lembrança. Eu ainda estava em pé, quando ele se abaixou e beijou minha barriga.

— É uma menina. — disse ele ao se endireitar, e saiu para a cozinha preparar outro prato com bacon... mas dessa vez o aroma não foi o mesmo.

Quando senti o cheiro logo veio a ânsia do vômito e eu tive que correr para o banheiro o mais rápido que pude. A última pessoa que eu queria no banheiro, me vendo vomitar Deus sabe o quê, era ele. Mas ele estava lá, do meu lado, segurando meu cabelo, e cheirando a bacon, o que não facilitava a minha vida nem um pouco.

— O que houve meu doce? — ele estava muito preocupado.

— Urgh! Meu amor, tome um banho e tire esse cheiro de bacon, que está impregnado no seu corpo. — a vontade veio mais forte, quando lembrei que comeria o bacon. — aproveite... — Urgh! — e extermine tudo que tiver bacon nessa casa...

Nathan estava preocupado e feliz ao mesmo tempo, preocupado com a minha pressa em sair de perto da cozinha, e

feliz porque o ser que ele tinha plantado em mim estava aprontando comigo.

— Melhorou? — perguntou ao se afastar de mim, tirando a roupa que ele tinha vestido depois do banho que tomamos juntos, jogando no cesto de roupa suja.

— Ah! Disso eu não vou enjoar. — respondi com pura admiração, apenas em olhar o corpo dele.

— Ouh! Olha, não sou de negar fogo, mas até a máquina de sexo aqui. — disse de maneira convencida. — precisa de descanso, nem que seja por uma hora.

— E eu achando que você era potente. — era nojento tentar beijá-lo depois de vomitar até o que eu não tinha dentro da minha barriga.

— Lizzie, não me provoque. — ameaçou, entrando no chuveiro enquanto eu me levantava para ir escovar os dentes, para tirar aquele gosto horrível da boca.

De uma coisa eu tinha certeza: aquela bunda era a perfeição! Mas, do que eu tinha ainda mais certeza era que o conjunto da obra era mais quente que o Saara no verão! Enquanto escovava os dentes, fiquei observando ele passar o sabonete no corpo... aquilo não era normal. Não mesmo. Como é que eu tinha acabado de trepar no chão da sala de jantar, no chuveiro e ainda continuar com uma vontade louca de rasgar ele em cinco?

— É bem assim que eu me sinto, quando estou olhando você, meu doce? — Ah! Qual é? Ele andava lendo mentes por acaso?

— Não seja ridículo, Nathan. — falei cuspiendo e enxaguando o creme dental. — não sei do que você está falando.

— Sei. — podia sentir o tom de deboche, e mesmo que eu não conseguisse vê-lo sorrindo daquela maneira convencida, sabia que era assim que ele estava.

Nathan sendo Nathan.

Do cheiro dele, eu não enjoaria. Nunca.

Quando ele me abraçou por trás, senti o calor do seu corpo molhado. Nós nos encaramos pelo espelho, e eu tive que sorrir para ele. O mundo poderia virar de cabeça para baixo, que ainda assim continuaríamos juntos.

— Temos outra coisa para resolver. — eu disse suspirando.

Eu queria acreditar que Chloe não tinha desaparecido, porque era isso que uma adolescente normal faria. Daria muita dor de cabeça para sua irmã mais velha, e depois apareceria misteriosamente, como se nada tivesse acontecido.

— Vamos encontrá-la e você vai perceber que não passou de um mal-entendido. — falou Nathan, beijando meu pescoço.

— Tomara. — era isso que eu queria acreditar. Porém, depois de tudo que vinha acontecendo, o medo cresceu dentro de mim. — alguma notícia?

— Ontem Lucius conseguiu rastrear a última ligação que ela fez. — de repente, Nathan ficou tenso e me olhou com cautela.

— E para quem foi a ligação que ela fez?

— Para o pai dela.

Já tinha uma noção de onde eu deveria procurar a minha irmã.

Se Chloe estivesse com Theodor por vontade própria eu não iria mais atrás dela, mas, se ele tivesse feito algo contra ela, aquele porco saberia quem era Lizzie Fox.

Capítulo 32



— Onde você pensa que vai? — perguntou Nathan quando me viu saindo do closet.

— Eu? — perguntei pegando minha bolsa e a arma. Eu já tinha me vestido para sair antes mesmo que ele tivesse percebido. Uma calça jeans azul, uma blusa larga branca e apenas uma sapatilha com enfeites muito discretos. — vou ao jornal e depois vou ao Queens. Quero saber o motivo de ela ter ido parar lá, mesmo depois de tudo.

— Então eu vou com você...

— Não. — falei firme. — você tem outro problema muito mais sério para resolver do que ir comigo buscar a minha irmã. Ou você quer que a sua cabeça exploda e me deixe no mundo com um filho seu para criar sozinha?

— Mas eu quero estar sempre ao seu lado, meu doce. — ele mais parecia um gato ronronando e sabia que aquilo amoleceria meu coração.

Porém, eu não poderia me deixar levar pelo sorriso fácil, voz macia e rouca, olhos azuis penetrantes e nem por tudo mais que existia nele, e me fazia tremer só de pensar em ter o seu corpo junto ao meu.

— Nos grandes e pequenos acontecimentos da sua vida... Quero estar ao seu lado. — eu tinha que resistir àquele charme. Eu tinha que lembrar que tínhamos uma missão e que eu poderia dar conta de ir buscar a minha irmã.

— Eu prometo que vou me cuidar, meu amor. — disse a ele com carinho, me aproximando e ficando nas pontas dos pés para poder beijá-lo na boca. — prometo que vou cuidar de nós dois. — olhei para ele, que passou a mão na minha barriga.

— Promete?

— Prometo. — sorri. Era tão bom ter ele cuidando e se preocupando comigo, que nada mais seria capaz de estragar a felicidade de tê-lo ao meu lado.

— Lucius vai com você então. — olhei seriamente para ele, para provar que não tinha gostado da ideia; apesar de gostar muito de Lucius, eu não queria que ele fosse comigo e deixasse Nathan... Mesmo depois de tudo eu me preocupava com ele, afinal ele era o meu marido. O meu marido. — Certo, eu entendi. Você não pode andar sem segurança, mesmo que seja apenas um apoio no caso de algo sair errado. — ele tinha razão. E se algo desse errado? E se os homens de Markov tivessem pegado Chloe para pressionar e apressar a missão? Deus! Eu não podia nem pensar nessa hipótese sem perder a calma.

— Desculpa. — pedi suspirando. Ele tinha razão. — Eu vou com Lucius.

— Lizzie, dentre todas as coisas deste mundo, você e o nosso bebê são as mais importantes para mim. Em tudo o universo. — falou ele segurando meu rosto e me olhando com intensidade. — você se preocupa comigo, que aconteça algo ruim. No entanto o que você não consegue entender, é que se perder vocês eu vou morrer. Não posso viver em um mundo onde você não exista. Onde nós três não existamos. — suas

palavras me deixaram completamente emocionadas. Sim, eu pensava que se o que tinha em sua cabeça explodisse eu ficaria sozinha no mundo. O que eu não tinha pensado era que se acontecesse algo comigo ele também não suportaria.

— Eu também não posso viver em mundo onde você não exista. — foi então que ele me beijou e eu pude sentir toda a força daquelas palavras. — não poderia sobreviver sem você, meu amor. Meu único e verdadeiro amor...

— Sempre. Sempre serei, assim como você é o meu único e verdadeiro amor. — disse ele ao se afastar, mas logo voltando a me beijar de maneira apaixonada. Eu pude sentir... Medo, amor, dor, esperança e desejo. Tudo em um único beijo.

Era como se eu pressentisse que algo ruim estivesse prestes a acontecer logo após aquele beijo. Parecia que ele tinha me dado forças através de todo aquele calor de seus lábios e de suas mãos segurando o meu rosto. Eu poderia ter ficado em casa e pedido a Lucius para verificar o que tinha acontecido de verdade, mas eu sentia que tinha que ir. Eu sabia que tinha que ir. No fundo, eu tentei bloquear o que estava por vir, porém, não era assim que as coisas funcionavam. Se existia mesmo o tal do sexto sentido, eu tinha o centésimo sentido, e ele estava gritando.

— Preciso ir. — eu disse ainda de olhos fechados, sentindo suas mãos segurando meu rosto.

— Merda, por que está tão difícil deixar você ir?

— Por que você é um filho da puta que me ama demais. — quando abri os olhos, lá estava ele me olhando daquela

maneira contemplativa e apaixonada. — acho que tenho sorte de ter encontrado você.

— Posso dizer o mesmo, senhora Fox. — falou me dando mais um beijo e me deixando partir para o que eu pensava que seria fácil de resolver.

Entrar no The Poster era algo que parecia esquecido na minha memória. Já fazia muito tempo que não entrava pelo saguão do prédio, e de repente, me senti em casa. Quando comecei a trabalhar no jornal, minha meta era fuçar o lixo dos grandes figurões da política, jogar a merda no ventilador e esperar o fedor se espalhar. Meu alvo principal era o homem que há pouco tempo havia se tornado o meu marido. Ele acabou por se tornar a minha bússola quando eu estava perdida.

Passando pelos corredores podia ver o quanto sentia falta do meu trabalho. Da minha rotina. Não tinham sido fáceis esses últimos dias, na verdade, tinham sido quase um pesadelo. O acidente que nós sofremos, a descoberta de um chip explosivo implantado na cabeça do meu marido e o sumiço da minha irmã, contudo, a parte boa dessa história toda era que eu estava grávida do homem que amava. Aquela era uma das melhores partes, eu tinha que reconhecer. Carregar dentro do meu ventre a genética perfeita de Nathan não era nada fácil. Já ficava sonhando, enquanto eu caminhava pelos corredores em direção à sala de Elijah, como seria ter uma menina com aqueles olhos azuis doces, e a dor de cabeça que seria se fosse menino... Deus! Pai eterno! Aí sim, eu teria que andar armada e, nas duas hipóteses, vinte e quatro horas.

A primeira pessoa que eu vejo, sentada em sua mesa, é Tati. Com aquele cabelo loiro... bagunçado demais para uma secretária.

— Era só o que me faltava, ter que apertar a mão da mulher que estava pegando no pau do meu chefe... — instantaneamente, vi aqueles olhos verdes e perfeitos de Tati olhando para mim. Foi instantâneo, também, suas bochechas ficarem vermelhas, mas ela me deu o melhor sorriso e um belo foda-se com aquele olhar.

— Senti sua falta. — ela falou, se levantando e me abraçando forte. — todos nós sentimos a sua falta, falando palavrões ou querendo enfiar a mão na cara de alguém.

— Eu também senti falta. A sua é que sinto mais. — era tão bom falar com a minha amiga. No entanto, eu tinha que ser rápida. Não poderia demorar ali, pois tinha que resolver outro problema. — como está o humor dele...

— Precisa perguntar? — sorriu ela ao me responder. Era óbvio que ele estava feliz, tinha acabado de trepar com a minha melhor amiga... no horário do expediente!

— Você se tornou uma bela safada, hein?

— Você não faz ideia... — cantarolou ela, mas fomos interrompidas pelo som de alguém tossindo. Era Elijah, parado na porta. Que vergonha, Deus lindo do céu... Era embaraçoso saber que o meu chefe tinha nos ouvido falando da sua vida sexual.

— Radzimierski... — odiava a forma como ele falava meu nome daquela forma. Melodicamente pronunciado. — bom,

estava querendo mesmo falar como você. Entre. — disse ele, abrindo espaço para que eu passasse.

— Tati, se eu não sair desta sala em cinco minutos, chame a polícia. — brinquei.

— Ela estará enterrada até lá. — realmente, ele estava de bom humor.

— Não sei de nada. — Tati de ombros, como se não estivesse ali. Traidora.

— Como você está? — perguntou ele, quando fechou a porta e andou até a sua mesa, sentando logo em seguida.

— É sobre isso que eu estou aqui. — falei com calma, me sentando em uma das duas cadeiras que ficavam de frente para a sua mesa. — eu vou me casar... — beleza, eu ia conseguir terminar de falar, porque até aquele momento, ele não pareceu nem um pouco surpreso. — e... — fiz uma pausa, respirando fundo. — eu estou grávida e quero que você e Tati sejam os padrinhos. — Ah! Eu consegui chocá-lo. Os olhos de Elijah se arregalaram de uma maneira que até me assustou. — tanto do meu casamento quanto do nosso bebê.

— Uau! — foi o que ele conseguiu pronunciar. — claro, quer dizer, eu nem sei se mereço tal presente...

— Você é como um pai que nunca tive, mesmo que seja meu chefe chato, Elijah. — podia jurar que tinha visto os olhos dele marejarem.

— Eu não sou velho, Radzimierski. — fingiu parecer ofendido, mas eu sabia que não estava. — minha noiva tem quase a sua idade.

— Tati é mais velha que eu, Elijah. E você é velho. Pare de reclamar. — sorri. — o que me diz?

— Claro. — concordou muito entusiasmando com a notícia. — Tati já sabe?

— Não, mas espero que você dê a notícia. — esperei alguns segundos para poder continuar. — tem outra coisa...

— Já sei. — disse ele já esboçando um sorriso no canto da boca. — vai precisar de mais tempo para voltar a trabalhar. Acertei?

— Isso. Você acertou...

— Não se preocupe. — falou ele respirando fundo. — eu já tinha dito que você poderia tirar o tempo que quisesse, e eu não volto atrás com a minha palavra.

— Obrigada, Elijah. — eu já estava quase chorando. Era ótimo ter bons amigos, que mesmo eu estando em falta com eles, sempre pensavam em mim.

— Não precisa agradecer. Só faço isso porque agora sou padrinho do seu bebê, então, agradeça a ele.

— Vou me lembrar disso. — falei já me levantando para partir. — obrigada por tudo.

— Você ainda está na minha frente. Por quê?

— Certo. Sumindo. — deixando a sala de Elijah, Tati me acompanhou até o saguão, lá nós nos despedimos e eu segui para o Queens.

Eu não preciso descrever o que era ter que refazer aquele caminho. E nos últimos tempos eu estava visitando muito aquele local. O lugar onde eu tinha passado boa parte da minha infância e que tinha se tornado um completo pesadelo. Há

muito tempo eu queria ter voltado ali. Queria ter tirado a minha irmã das mãos daquele monte de merda. Mas eu não tinha como. O dinheiro era suficiente e quando eu finalmente tinha conseguido juntar a quantia para comprar um apartamento novo, eis que surge na minha vida Nathan Fox. Agora eu tinha bem mais do que um apartamento. Nathan não era podre de rico, porém vivia muito bem. Aliás, muito bem, já que ele iria se tornar o próximo presidente dos Estados Unidos. O presidente vinha como brinde por ser o melhor agente que o governo já teve. Tinha sido assim com os outros, que por algum motivo, se perderam no meio do caminho. Mas eu estaria ao seu lado, lutando para que ele permanecesse o mesmo Nathan por quem eu tinha me apaixonado. Seria assim até o último suspiro de nossas vidas.

— Chegamos, senhora Fox. — anunciou Lucius, parando bem de frente ao prédio. Minhas mãos estavam suadas. Eu sabia o motivo e pedia a Deus que me controlasse. Precisava manter a calma, caso contrário eu enfiaria a mão na cara daquele merda.

— Você espera aqui. — eu não tinha pedido, eu tinha mandado Lucius ficar no carro.

— Mas o senhor Fox...

— Eu sei o que o senhor Fox disse, Lucius. — respirei fundo para tentar controlar meus batimentos. — apenas fique aqui, e se por acaso eu gritar, ou alguma cadeira sair voado pela janela, você sobe e me ajuda. Entendido?

— Sim, senhora. — respondeu ele a contragosto.

Abri a porta.

Subi as escadas.
Andei pelo corredor.
Girei a maçaneta.
Abri a porta.
E o vi.

Capítulo 33



Eu sabia que deveria ter ficado em casa. O centésimo sentido havia me alertado para aquilo. Os flashes de todo o sofrimento que eu tinha passado naquele apartamento, de repente, pareciam navalhas cortando o meu corpo. Naquele momento eu tinha voltado ao passado e tudo que eu conseguia enxergar, era ele me perseguindo, tentando de todas as formas fazer com que me sentisse suja.

Tudo que tinha de podre no mundo estava naquele homem.

Não existia um pedaço dentro de mim que me fizesse pensar diferente.

E foi naquele momento que eu me lembrei do motivo de não querer ser tocada novamente por um homem, que não fosse meu marido. Se um dia as pessoas soubessem da minha história, sei que muitos chorariam. Sei, também, que muitos iriam me condenar. É que às vezes ficar de boca calada era melhor do que falar para minha mãe, que era igual, ou pior do que ele.

— Ora.. Ora... Putinha ruiva.— suspirou, e esse simples ato de suspirar fez com que os pelos do meu corpo se eriçassem, enquanto ele se acomodava em sua velha poltrona, aquela que ele costumava usar como desculpa para que eu sentasse em seu colo, apenas para ficar roçando o pau na minha bunda, fingindo ser bonzinho.

— Ficou ainda mais gostosa, se me lembro bem... ou melhor, se a cabeça do meu pau lembra bem. — disse ele, mostrando

aqueles dentes amarelados em um sorriso asqueroso, com a barba por fazer.

Ele não tinha mudado.

Continuava o mesmo porco de sempre.

Apenas o som da voz dele já me deixava enjoada. Com raiva. Uma raiva que me consumia. Uma raiva que me queimava por dentro.

—Theodor. — eu tinha pronunciado o nome dele com tanto desprezo, que se eu demorasse mais um pouco ali daria um jeito de mandá-lo para o inferno.

— Nossa... — falou ele mordendo o lábio inferior e arqueando a sobrancelha, pendendo a cabeça para o lado, me avaliando. — virou mulher de bacana, não foi? Sentiu saudades do meu pau, vadia?

— Onde está Chloe? — perguntei sem rodeios, olhando para aquele monte de merda.

— Tá falando da puta da sua irmã? — debochou ao perguntar e foi só então que eu vi. Ele tinha hematomas em suas mãos. — eu sabia que se ela não voltasse você viria buscar ela. Então eu garanti que isso acontecesse. Saudades de casa, vadia?

— O que você com fez ela, seu merda? — rosnei, me controlando para não fazer outra coisa pior.

— Humm... Valente agora, vadia ruiva?

— Se você encostou um dedo sequer nela, eu juro que mato você... agora mesmo. — dei um passo à frente, mas parei logo em seguida, por ter ouvido um murmúrio. — Chloe? — dei mais outro passo.

— Quem disse que você poderia entrar na minha casa, sua puta... — Theodor não sabia com quem estava se metendo. Ele não sabia que eu poderia quebrar os braços dele e atirar bem nas bolas preciosas que ele tinha grudadas naquilo que ele chamava de pau.

— Recomendo que o senhor fique bem onde está... — Nathan? Eu tinha dito para ele ficar em casa. Ele tinha o problema que envolvia Markov e ainda assim se preocupava comigo. Mesmo com tudo que estava acontecendo, eu parei quando ouvi a voz dele. Não por medo, mas por alívio de ele estar ali. — ou a próxima coisa que vai acontecer será eu mesmo dar um jeito nessa sua cara de merda. — eu não tive coragem de olhar para Nathan, ele sabia que eu já estava com a mão dentro da bolsa. Ele sabia o que eu ia fazer. E não deixou. — Liz, vá procurar a sua irmã.

— Se ela der mais um passo, eu quebro a sua cara e a dela também. — ameaçou Theodor, olhando diretamente para Nathan, que estava bem atrás de mim, e ficando de pé.

— Eu escutei direito? — perguntou Nathan, como se não tivesse entendido. No entanto eu conhecia aquele tom irônico. E como eu conhecia bem. — você acabou de ameaçar bater na minha mulher? — eu podia ouvir Nathan se movimentando, seguindo na direção de Theodor. Aquilo ia dar merda. Meu marido era bem mais forte, bem mais alto e bem mais civilizado, porém, apenas quando precisava ser mais agressivo se transformava em alguém irreconhecível; contudo, eu continuava o amando.

— Nathan... — eu não estava pedindo para ele parar, na verdade, eu estava meio que pedindo para passar. Seguir em frente. Ali, eu não era a mulher que segurava uma arma, mirando e acertando na orelha de um gangster. Eu era a Lizzie de anos atrás, só que com tanta raiva dentro do peito, que me fez paralisar.

— Espere. — pediu Nathan, e finalmente eu o vi.

Com toda a sua elegância de macho alfa. Com aquele olhar profundo e perigoso que eu já tinha visto. As veias do seu pescoço saltavam por causa dos batimentos acelerados do seu coração. E se Theodor deveria ter medo de alguém, esse alguém não era eu. Ele deveria ter medo de Nathan, ele sim, sabia o que fazer com homens daquele nível.

— Quero que a minha mulher tenha o prazer de ver isso... — Theodor observou Nathan enrolar as mangas da camisa branca e andar até ele, ficando cara a cara. Theodor parecia não se intimidar com o homem poderoso e imponente em sua frente, e se ele soubesse do que Nathan era capaz, não estaria com aquele olhar presunçoso e seboso.

— O que vai fazer agora? — perguntou Theodor com aquela boca imunda. Nathan apenas sorriu com puro desdém, olhou para mim novamente, e tornou a olhar para ele com o sorriso congelado no rosto.

— Isso. — o soco foi certo, assim como os outros quatro socos que se seguiram. Theodor não esperava pelo ataque. Ele não teria chance alguma contra a força que Nathan tinha nos punhos.

Theodor era do tipo de homem que abusava da fraqueza de uma mulher. Que tirava vantagem por meio da repressão e da opressão. Para ele, e eu não duvidava, não existiam limites. Ele poderia, em um momento de raiva, ter feito com Chloe o mesmo que fez comigo. Isso estava me matando por dentro, já que se ele tivesse feito isso com ela, Theodor subiria de nível no ranking dos monstros.

— Lizzie. — aquele era o sinal que eu precisava para sair daquele estado de congelamento.

Na minha mente, eu tinha imaginado várias formas de matar Theodor, mas não tinha imaginado que no momento que eu o encontrasse, eu congelaria por completo. E apenas algumas palavras de raiva saíam da minha boca.

Como, graças a Deus, meu corpo reagiu muito bem aos comandos de Nathan, eu pude andar, apenas não sentia que estava em movimento. Enquanto eu andava, Nathan tranquilamente colocou as mãos nos bolsos da calça, e ficou lá em pé, olhando para o homem que tinha me feito passar por anos de sofrimentos que quase não tiveram cura.

Passei perto do meu antigo quarto, ainda guardando na memória a noite em que Theodor me visitou, apenas para ficar me olhando. Homem asqueroso. Imundo. O segundo quarto era o da minha mãe, que tinha a porta entreaberta, e eu apenas a empurrei.

Meus olhos lacrimejaram no momento em que a porta se abriu.

Chloe deitada no chão, espancada e desgrenhada. E a nossa mãe, ao seu lado, apresentando os mesmos sinais de

violência.

Minha irmã parecia que não respirava mais, até que ouvi novamente o seu gemido.

Corri na direção das duas, mas era com Chloe que eu estava realmente preocupada. Parecia egoísta, mas eu não tinha carinho por aquela mulher caída no chão, próxima a minha irmã. Não sentia nada além de puro desprezo. Peguei meu celular e liguei para a emergência mesmo com as minhas mãos trêmulas, tentando me controlar ao máximo para não ficar ainda mais desesperada.

Eu sei, agi sem pensar. Deveria ter deixado Nathan resolver. Mas eu tinha dito. Eu tinha avisado que se ele tivesse encostado um dedo sequer na minha irmã, ele pagaria por isso. Para sorte dele, ele não tinha encostado um dedo apenas, ele tinha encostado a mão com o punho fechado. E ele veria que eu não era mais a mesma Lizzie. Ele poderia ter feito o que bem quisesse no mundo, menos aquilo.

Menos bater na minha irmã.

— Chloe...? — eu chamava baixinho. O olho esquerdo de Chloe já estava roxo, o que indicava que ele tinha batido nela ontem à noite, quando ela não tinha voltado para casa. Com dificuldade, Chloe olhou para mim e começou a chorar. — Tudo bem agora. Vai ficar tudo bem. — dei um beijo em seus cabelos e olhei para Salomé, que estava muito debilitada devido ao nível avançado da sua doença.

A culpa não era apenas dele, era dela também. Daquela que um dia chamei de mãe. Se Chloe não tivesse se preocupado

tanto com ela, não estaria naquele estado. Não estaria toda machucada.

— Izzi... — choramingou Chloe, e aquilo foi o meu limite. Ouvi dizer que se você mexe com uma leoa, tudo bem, mas se você mexe com os seus filhotes, aí o bicho pega. Chloe não era minha filha, mas era a minha irmã. O ser que me fez trabalhar, dia e noite, para conquistar o melhor para poder cuidar de nós duas. Os olhos de Chloe se arregalaram de medo quando me viu tirar a arma da bolsa.

— Izzi... — foi a única coisa que saiu de sua boca, enquanto continuava a chorar.

Não fiquei lá para saber o que mais ela iria falar. Segui pelo mesmo caminho que tinha feito, voltando para a sala. Nathan estava na mesma posição e Theodor tentava se levantar. O problema foi que eu não dei oportunidade de ele fazer isso. Destravei a arma e disparei contra os dois joelhos dele.

— Você encostou o dedo nela. — eu disse, ainda mirando nele, mas agora era para sua cabeça. — eu poderia te matar...

— Lizzie... — pediu Nathan com calma. — vamos resolver isso com a lei, meu amor. Abaixar essa arma.

— Você não viu o que ele fez com Chloe, se você visse não estaria me mandando abaixar a arma. — falei com amargura e com as lágrimas já escorrendo pelo meu rosto.

— Meu amor, isso não vai ajudar na sua dor. — desviei apenas para olhar para o meu marido, que me olhava muito preocupado. Mas ainda assim, eu não queria abaixar a arma. Não quando eu estava tão perto de matar aquele desgraçado. — você não pode fazer isso com você... — foi quando eu gritei,

disparando todas as balas na direção de Theodor. Quando acabei, fui até Nathan e entreguei a arma a ele.

— Vou fazer do jeito que você quer. — aquela não era a Lizzie apaixonada pelo Nathan. Aquela era uma mulher frustrada por não conseguir executar o homem que tinha abusado do seu corpo e violentado a sua irmã. — se ele sair da cadeia, eu vou atrás dele e o pico em mil pedacinhos. Entendido, senhor Fox? Eu o mato.

— Ele não vai sair. — falou Nathan, segurando a arma, enquanto assentia veementemente. — eu garanto isso a você. — depois de tudo, foi que notei os gritos de Theodor. Eu finalmente vi algo que me agradou nele.

Eu vi o medo em seus olhos, ainda mascarados por seu olhar atrevido.

O medo que ele tinha de mim. Não fiquei satisfeita por completo, no entanto, foi o suficiente para o início. Eu sabia que Nathan daria um jeito de que nada do que tivesse acontecido ali vazasse na imprensa.

— Agradeça a ele por eu não ter te matado, seu merda. — sussurrei quando cheguei mais perto dele, vendo seus olhos dilatarem. — pense bem antes de mexer comigo e com a minha irmã, que infelizmente tem os seus genes. — ele bufava de dor, mas ainda não era o suficiente. Não quando eu estava de pé, mesmo sem salto. O que eu não daria naquele momento para estar usando um, mas eu estava usando uma sapatilha e tinha que ser suficiente.

Eu tinha que pisar forte e provocar ainda mais dor.

Pisei.

Não pisei com medo, pisei com gosto, apenas para ter o prazer de ouvi-lo gritar. Gritar completamente impotente, assim como ele fazia comigo.

— E Theodor... — comecei, tirando o meu pé de cima do ferimento. — lembre-se disso quando tocar nessa merda que você chama de pau. — eu chutei, e chutei com muito gosto, mais até do que quando eu tinha chutado as bolas de Lucius, e ele gritou novamente. — Lembre bem da vadia ruiva aqui. — Nathan não falou nada, quando virei para olhá-lo. Nem sequer piscou o olho. Apenas me observou. No fundo, ele sabia que eu precisava fazer aquilo, já que eu não poderia matar aquela aberração da natureza.

— Haha... — debochou Theodor, mesmo depois de tudo. Mesmo sentindo dor aquele miserável ainda queria sair por cima. — não se preocupe. Vou me lembrar de você quando tiver pegando nele... — foi a vez de Nathan silenciá-lo dando um soco em seu rosto. O sangue já tinha começado a se espalhar no tapete da sala, porém, não sei como, Nathan conseguiu estancar até a chegada dos paramédicos, que tiveram que chamar a polícia logo em seguida, afinal, tinha um homem baleado na sala e duas mulheres espancadas no quarto.

— Lizzie... — chamou Nathan, só que naquele momento eu estava vendo a minha irmã sendo levada pelos paramédicos e a única coisa que eu conseguia pensar era que poderia ter evitado isso. De alguma forma, eu me culpava por tudo que estava acontecendo.

— Foi culpa minha. — eu disse, me envolvendo em meus braços. — tudo culpa minha. — Eu não tinha mais o que chorar. A fonte tinha secado. Só existia aquilo... O sentimento de pura culpa por não ter sido capaz de evitar o que tinha acontecido.

— Não meu amor. Não foi sua culpa. — Nathan se aproximou e me abraçou por trás, me confortando em seus braços. — nada do que aconteceu pode ser culpa sua. Nada.

— Promete que ele nunca mais vai sair da cadeia? — me virei, olhando diretamente nos olhos dele para que entendesse que aquilo que havia me pedido ia muito além do que eu poderia ter feito por ele.

— Prometo. — ele lentamente segurou meus braços, fazendo com que eu o envolvesse e deitasse a cabeça em seu peito. — prometo que nunca mais ele fará mal a você ou a sua irmã.

Capítulo 34



Eu olhava para minha irmã, deitada naquela cama de hospital. Ela estava tão fragilizada, que me deixou inteiramente de coração partido. Theodor ainda teria o dele, se a justiça fosse realmente feita e ele permanecesse preso pelo resto da vida.

Minha mãe era o caso mais sério. Ela não se cuidava como deveria a muito tempo, e não que eu me importasse, eu não ligava para o que acontecesse com ela, mas Chloe se importava. Eu sabia, em parte, que deveria me sentir um monstro por não ter nenhum sentimento em relação a ela. Porém, eu não sentia nada além de desprezo.

Quando saí do quarto onde Chloe estava internada fui fazer uma visita à Salomé em seu quarto. Se não fosse por Nathan, ela teria sido deixada em algum beco. Ele era incrível comigo; mesmo depois de tudo, ele ainda estava ali, ao meu lado. Não entrei no quarto, apenas fiquei olhando através da janela. Se eu entrasse ali não saberia exatamente o que faria com ela. Sim, eu tinha muito rancor dentro do meu coração, mas ela, assim como Theodor, merecia cada gota daquele ódio.

Que tipo de mãe não protege a sua filha? Que tipo de mãe fecha os olhos e finge que a filha não está passando por um abuso? Naquele momento, não se tratava apenas de mim, mas também da minha irmã.

Era dela a culpa por minha irmã estar em um leito hospitalar, respirando com dificuldade e com o rosto todo marcado pelos

socos que ele desferiu.

— Sua mãe? — perguntou uma enfermeira baixinha, com o olhar tão cheio de compaixão que me causou ânsia. Se ela soubesse o monstro que estava deitado naquela cama, não olharia para ela daquela forma, tão caridosa. Mas aquele era o trabalho dela, cuidar de um doente e fazer de tudo para que a família se sentisse confortada. Só que naquele caso eu não queria aquela compaixão. Não por aquela mulher.

— Não. — respondi firme, mesmo não querendo ser grossa com ela. — Apenas uma conhecida. — foi quando senti ele se aproximar, e de repente, eu sabia que estava segura novamente. Nathan me dava essa segurança de que nada me aconteceria se eu estivesse perto dele. Eu apenas tinha que dar mais ouvidos a essa sensação.

— Tudo bem? — ele perguntou, quando a enfermeira assentiu com a minha resposta e entrou para verificar os sinais dela.

— Desculpa por ter achado que poderia ter feito isso sozinha. — me virei olhando para ele, que me segurou pelos braços, me puxando para um abraço. Ali era o meu lugar, nos braços dele. Era ali que eu deveria ficar e nunca mais sair.

Isso era o que eu pensava.

— Eu não quero que você se torne uma mulher dependente de mim. — aquilo me pareceu estranho, saindo de sua boca. — quero que você seja, e permaneça, a mulher forte que é e por quem me apaixonei perdidamente.

— Tem algo errado? — me afastei para olhar em seus olhos. Por um momento, senti ele vacilar. Tinha algo errado, mas

conhecendo Nathan como eu conhecia, era mais um de seus inúmeros segredos que ele não me contaria.

— Não. — eu sentia que ele estava mentindo. Eu tinha esquecido, por um tempo, que estávamos em uma teia de mentiras, onde um escondia algo do outro. Porém, ele escondia as coisas mais sérias, me deixando em um escuro completo. — quer ficar?

— Não. — respondi, sentindo, de repente, meus ombros pesarem. — Só quero ir para casa agora, tomar um banho e tentar descansar um pouco. — ele apenas assentiu, segurando minha mão e envolvendo a minha cintura com a outra.

Depois de duas horas de sono, acordei me sentindo um pouco enjoada. Se era assim ficar grávida, eu estava ferrada. Tomei um banho demorado, lavando os cabelos e deixando a água escorrer pelo meu corpo, levando junto todo o meu cansaço. Eu tinha que sair rápido, pois precisava saber notícias de Chloe. Esse foi um dia cansativo, que sugou todas as minhas energias.

Assim que vesti a primeira roupa que peguei no closet, um vestido solto florido, desci para saber onde estava o meu marido. Não foi nenhuma surpresa encontrá-lo no escritório conversando com Gretha e Ian. Eles analisavam como seria possível, dessa vez, conseguir pegar Markov usando o seu ponto fraco. No entanto, assim que eu entrei eles ficaram em silêncio e me senti como uma estranha na minha própria casa, mas fingi que não tinha percebido. Eu fazia parte daquele plano também, e tinha o direito de saber o que estava acontecendo.

— Então... — olhei para eles, querendo entender o que estava acontecendo.

— Lizzie... — começou Gretha, e pelo seu tom de voz eu não ia gostar muito do que viria a seguir. Além do fato de ter algo errado com ela. — achamos melhor você ficar de repouso...

— Eu não quero que você se arrisque... — disse Nathan muito sério. Dava para ouvir as engrenagens girando em sua cabeça. Ele sabia que eu não aceitaria aquilo tão facilmente.

— Isso pode fazer mal para sua gestação... — falou Ian olhando para mim e depois para Gretha. Não tinha entendido aquele olhar, até perceber algo...

— Estou entendendo... — andei até a cadeira, me sentando enquanto fingia analisar o que eles estavam falando. — me expliquem como eu, depois de tudo, vou ficar de fora do plano?

— Gretha. Ian. Poderiam nos deixar a sós? — pediu Nathan, respirando fundo. Assim que eles saíram da sala, ele andou até a janela e ficou parado lá por alguns minutos. — conversamos sobre muitas coisas, mas essa vai ser a conversa mais séria que já tivemos. — meu alarme disparou. O medo tomou conta de mim. E se ele não me quisesse mais? E se ele tivesse cansado da minha teimosia? Eu não conseguiria seguir em frente sem ele. Tinha sido por esse motivo que eu tinha aceitado me casar com ele. Sermos um só. — você não vai participar de nada. E quando eu digo nada, é nada. — aquelas palavras me pegaram de surpresa e fiquei até magoada com o que ele estava falando. — eu sei que posso parecer duro agora, mas não quero que você ponha em risco a sua vida e a vida do nosso filho.

— Nathan eu... — quando eu tentei falar, ele ergueu a mão me interrompendo e continuou.

— Não me oponho, caso você queira participar de algum programa do governo para aprimorar suas técnicas depois de ter o nosso bebê, mas agora eu quero que você fique segura.

— E se acontecer algo com você... — eu não sabia de onde tirar argumentos para falar com ele. Era difícil para Nathan, mas era complicado para eu ficar em casa, apenas esperando uma notícia ruim. Tinha sido assim nos dias em que ficara longe dele.

— Já falei com a CIA e estamos com uma equipe para realizar esta operação. — disse ele esfregando as pontas dos dedos nas têmporas. — quando Isaäk aparecer, o prenderemos e finalmente vou me livrar desse pesadelo.

— Eu tenho medo que aconteça algo, e eu acabe te perdendo.

— Você não vai me perder, meu doce. — Nathan veio se aproximando de mim, me abraçando e beijando o topo da minha cabeça. — ainda temos um casamento para realizar, lembra?

— Lembro. — suspirei.

— Você pode ir adiantando isso, e assim que todo esse inferno acabar, nos casamos. — falou ele beijando meu cabelo.

— Isaäk acha que eu estou participando disso...

— Ele vai continuar achando, mas não vou colocar você em risco. Achei incrível a forma como você lidou com tudo, mas não posso aceitar que você faça mais isso. Não suportaria perder vocês... — quando ele se afastou, pude ver o quanto ele

sofria com isso. Não que eu já não soubesse, no entanto, era ainda mais impactante quando a verdade de suas palavras era transmitida pela sonoridade de sua voz e pela intensidade do seu olhar.

O que fazer quando o homem da sua vida fala dessa forma?

Será que eu seria capaz de deixar Nathan enfrentar tudo sozinho, enquanto ficava em casa?

— Vou ficar segura. — olhei para ele, segurando em seu rosto. — ficarei esperando por você. E quando tudo isso acabar, seremos uma família normal... — sorri ao pronunciar a palavra normal. Seríamos muitas coisas, mas normal não era uma delas.



Já era cedo, e Nathan estava na sala quando viu Lizzie descer as escadas. Ele pensou nunca ter visto algo tão belo e perfeito quanto a sua esposa. Ele a amava cada dia mais. Parecia que a cada segundo que se passava o segredo que ele guardava para si se transformava em um bolo na sua garganta. Seria mais um segredo, e ele não saberia dizer se ela iria perdoá-lo depois de revelado. Pensou em como seria um mundo onde ela não fizesse parte dele e sentiu o seu peito apertar. Uma dor que ele jamais tinha sentido, nem mesmo quando foi alvejado por vários tiros no Paquistão e achou que perderia a vida. Mas aquela era a sua dor. Aquela dor de que, se ele a perdesse, a sua vida não faria mais sentido.

Lizzie trazia o seu cabelo cor de cobre avermelhado solto e úmido. Tinha vestido uma das camisetas de Nathan, deixando

suas pernas com pequenas sardas à mostra. Do seu campo de visão, ele podia enxergar também os olhos cansados e as olheiras que já tinham se tornado parte dela. Porém, ele não queria que ela permanecesse abatida e nem que se preocupasse com algo que ele deveria resolver. Dentro do seu coração, ele trazia um orgulho enorme da mulher forte que um belo dia lhe deu a oportunidade de ser feliz. E se Lizzie um dia pensou que ele a tinha salvo, estava enganada. Ela mudou o homem que estava ali, sentado no sofá enquanto via a sua amada esposa se aproximar.

— Nada é tão perfeito quanto você. — ele disse, puxando-a para que se sentasse em seu colo. Ele sabia o efeito que causava nela e, mesmo em dias tão complicados, ainda conseguia fazer a sua pele ficar arrepiada e a respiração acelerada. — estive pensando, e se, depois de tudo, viajássemos para uma ilha deserta...

— Nathan... — Lizzie já estava respirando com dificuldade, pois ele fazia questão de passar os dedos entre suas pernas, massageando a pele morna e macia.

— Esse é meu nome, meu doce... — sorriu, enquanto segurava os cabelos dela e aproximava a boca da sua orelha. — eu... você... em uma ilha completamente nus. — Lizzie mal conseguia raciocinar com aquele homem e sua boca grudada em sua orelha. Ter aquela voz macia e rouca, totalmente sedutora em seu ouvido, era perturbador demais. Para ela, poderiam se passar anos e ainda assim não se acostumaria com todo aquele poder de sedução dele.

— O mundo pegando fogo e você me vem com essa... — murmurou ela.

Nas mãos habilidosas de Nathan ela se sentia protegida e também amada. Quando ele passou as pontas dos dedos por cima do tecido que cobria sua boceta, Lizzie gemeu arqueando seu corpo buscando por mais. Ela não sabia, mas estar grávida poderia ser bem vantajoso para os dois, pois o seu apetite sexual apenas aumentava. Era instantâneo. Nathan tocava nela, e ela já estava pronta para recebê-lo de braços abertos, ou melhor, de pernas abertas.

— O mundo não vai pegar fogo. — falou ele, antes de morder a ponta de sua orelha. — mas vou fazer você pegar fogo agora... — ele sentiu uma satisfação enorme quando constatou que ela não estava usando calcinha. E ficou ainda mais satisfeito ao perceber que ela estava molhada.

Com as pontas dos dedos ele circulou lentamente o clitóris dela, fazendo-a arfar e começar a rebolar em seu colo. Então, ele resolveu soltar seu cabelo e usar a mão para afastar mais suas pernas, enquanto a outra castigava aquele ponto rosado e perfeito. Nathan encostou seu corpo no sofá, puxando-a para ficar mais perto, com ela ainda sentada em suas pernas. Lizzie, que estava de costas para ele, apenas seguiu seus comandos e abriu as pernas esperando que ele a tocasse mais. Ele estava duro, louco para ter a oportunidade de fodê-la e chupar sua boceta, mas se controlou, pois em primeiro lugar estava o prazer de sua esposa. Com Lizzie rebolando em cima do seu pau, Nathan intensificou sua massagem e logo em seguida introduziu dois de seus dedos nela, torturando-a ainda mais.

Enquanto ela rebolava e ele trabalhava seus dedos nela, ainda pôde abrir os botões de sua camiseta com a mão livre para segurar firme o bico do seu seio. Em suas mãos, ela era o seu porto seguro. Aquela era a forma mais primitiva dele afirmar que a amava mais que tudo. Que não bastava apenas falar que amava, tinha que demonstrar o quanto esse amor era profundo, mesmo que depois que ela descobrisse tudo, acabasse com o que eles haviam construído juntos.

Em um movimento brusco, ele libertou seu seio e retirou seus dedos, segurando a sua cintura e virando-a. Era a coisa mais perfeita no mundo sim. Quando ele olhava para ela e via suas bochechas rosadas, sua respiração entrecortada e o sorriso em sua boca, que tinha os lábios mais macios que ele um dia beijou na vida.

Segurando seu rosto entre as mãos, ele a beijou. Um beijo firme, porém cheio de amor. Não eram os beijos que ele normalmente dava, era algo mais. E ela sentia toda aquela forma, enquanto abria o botão e o zíper de sua calça. Nathan gemeu, ainda em sua boca, quando ela segurou seu pau duro e começou a massageá-lo, para cima e para baixo. Ele não precisou pedir para ela se posicionar. Ela mesma se ergueu e deixou-se ser preenchida por ele. De início, eram movimentos lentos, até fora do ritmo que ambos estavam acostumados, mas depois ela se viu cavalcando nele, enquanto suas bocas estavam coladas e suas línguas acariciando uma a outra.

E quando Nathan segurou nos lados de suas pernas, subindo e seguindo para sua bunda, pegando firme nos dois lados e ajudando-a a ir mais rápido, eles se entregaram ao

gozo pleno. Um se enxergava nos olhos do outro, mas não de qualquer forma. Eles enxergavam suas almas.

Era tarde demais para ele abrir mão dela.

Seria impossível para Nathan, pois o seu coração já tinha dona.

Lizzie.

Capítulo 35



Faltava apenas mais um dia, e todo aquele pesadelo teria finalmente um final feliz. Quando abri meus olhos, pude ver o sol entrando no quarto e Nathan dormindo ao meu lado. Eu tinha que cumprir o que tinha prometido a ele e me manteria segura e longe de problemas até que tudo estivesse de volta ao normal. Voltaria ao trabalho, tentando não ficar pensando em Nathan, Gretha ou Ian, que estariam em uma missão para prender Markov e conseguir retirar o dispositivo da cabeça do meu amado marido.

Era estranho, depois de todo aquele tempo, finalmente retornar ao trabalho. Voltar a sentar na minha mesa, ler e selecionar os artigos que seriam publicados e os que ficariam arquivados para uma próxima edição. Seria mais estranho ainda não ter como fazer nada para ajudar Nathan.

Antes de levantar da cama, observei-o mais um pouco, gravando, de uma forma que mais parecia uma despedida, o seu rosto e cada linha que nele existia. Ele estava com a boca entreaberta, respirando lentamente de maneira confortável, quando me aproximei para dar um beijo leve em seus lábios macios e perfeitos.

— Você é meu mundo... — sussurrei em seu ouvido, quando ele abriu os olhos.

— E você é o meu. — disse ele com a voz um pouco rouca, sorrindo daquele jeito único. Eu tinha muitos motivos para

agradecer, mas ele, o nosso bebê e a saúde de Chloe eram os principais.

— Alguma novidade sobre a missão? — perguntei me levantando, seguindo em direção ao banheiro.

— Já temos alguns agentes para integrar a equipe da missão. — quando achei que ele estava na cama, senti seus braços tomarem a minha cintura em um abraço bem-vindo. Enquanto ele passava uma de suas mãos sobre o meu ventre, continuou: — tudo que vamos precisar é que ele morda a isca. Depois disso, as últimas coisas que ele verá na vida serão as paredes de concreto e as portas de aço de uma prisão de segurança máxima.

— Eu sei que você vai conseguir prendê-lo. — inclinei a cabeça para trás para ter uma visão melhor do homem que tinha mudado a minha vida e sorri. Sorri porque em breve tudo não passaria de uma lembrança ruim em nossas vidas, assim como o meu passado.

— Seremos felizes. — falou ele se aproximando mais de mim, me prendendo contra a parede, segurando meu rosto entre suas mãos e beijando mais forte.

— Nathan. — me afastei um pouco, pois com ele me beijando daquela forma eu não conseguiria fazer aquela pergunta: — existe algo que você queira me contar? — seria a última vez que eu perguntaria aquilo. Nunca mais faria de novo. Notei que as suas pupilas dilataram de uma maneira impressionante e os seus ombros ficaram tensos. Estava confirmado, Nathan não falaria o que tinha de errado.

— Não. — respondeu ele simplesmente. Não queria olhar para ele naquele momento. Queria apenas tomar banho sozinha e ir para o meu trabalho, fingir que o nosso mundo não estava de cabeça para baixo.

— Saia. — pedi virando o rosto e me afastando ainda mais dele.

— Lizzie... — não adiantava ele argumentar ou tentar inventar alguma desculpa. Eu não queria escutar nada.

— Nathan... — suspirei cansada. — apenas me deixe terminar meu banho. Saia. — eu não o deixaria por nada nesse mundo. Eu já tinha provado isso, mas parecia que ele ainda duvidava dos meus sentimentos, ou melhor, da minha capacidade de absorver as catástrofes que vinha no pacote chamado Nathan G. Fox.

Quando terminei meu banho ele não estava lá. Eu sentia que tinha sido dura com ele, mas estava cansada de apertar sempre a mesma tecla. Segredos e mais segredos. Chega uma hora, na vida de uma pessoa, que segredos demais acabam por desgastar a alma e o amor também. No meu caso, era a alma. O meu amor por ele, a cada dia, apenas aumentava.

Terminei de me vestir, optando por um vestido preto marcado na cintura, sem mangas, com comprimento na altura dos joelhos e saltos baixos. Deixei meus cabelos soltos e coloquei um par de brincos de ouro no formato de uma rosa com minúsculos brilhantes incrustados.

Nathan também não estava em nenhum cômodo do nosso apartamento, e fiquei de coração apertado. Será que eu tinha pegado pesado demais com ele?

Com esse pensamento, não consegui comer nada. Tudo fedia e nenhuma comida entraria na minha boca. Não enquanto não resolvesse tudo e tirasse aquele elefante branco que estava entre nós dois.

— Lucius, você sabe para onde o senhor Fox foi? — perguntei a ele antes de descer do carro.

— Não senhora. — respondeu Lucius olhando para frente, sem sequer vacilar.

— Se soubesse me contaria?

— Não senhora. — ele sabia. Nathan tinha dado ordens para ele não falar nada.

— Tudo bem. — respirei profundamente, tomando coragem para iniciar o meu dia. Seria uma válvula de escape me afogar no trabalho e tentar esquecer um pouco tudo que estava acontecendo. No horário do almoço eu iria ao hospital saber como minha irmã estava. Ela nunca mais passaria por aquilo na vida e eu cuidaria dela.

— Bem-vinda! — gritou uma voz bem conhecida. Tati estava na frente do prédio, segurando uma caixa de Donuts em uma das mãos enquanto a outra acenava freneticamente para mim, com um sorriso enorme no rosto. Era ali que eu ia me esconder por algumas horas e teria a ajuda da minha amiga para conseguir ter um dia maravilhoso.

— Coloque essa caixa para bem longe de mim. — alertei-a, já fazendo cara de nojo. — e obrigada por me receber hoje, mesmo não fazendo muito tempo que apareci aqui.

— Ah! Sabe como é... — ela começou a falar. — amigos são para isso mesmo, e hoje você não vai exatamente trabalhar. —

se o aroma dos Donuts continuasse próximo de mim, eu colocaria o que não tinha no estômago para fora.

— Você está usando os Donuts como uma forma de assegurar que eu não fuja, correto?

— E eu achando que você não descobriria... — debochou ela, dando de ombros da forma mais deslavada que existe.

— Não tinha como adivinhar que eu ficaria com nojo de Donuts, Tati. — revirei os olhos enquanto seguíamos para o elevador.

— Claro que tinha. — me olhou séria. — toda grávida fica enjoada. Li isso em algum canto...

— Nem todas. — gargalhei. — e você não precisa usar tortura para obter a minha ajuda. O que vamos... Não! Espere. Jogue isso fora, por favor. Não tem como entrar em um elevador com você segurando isso nas mãos...

— Liz... — choramingou ela, fazendo cara de cachorrinho pidão. — prende a respiração quando entrar no elevador. Pronto. Resolvido o nosso problema.

— Você bebeu? — arqueei a sobrancelha. — você vai de escada e eu vou de elevador, assim você pode andar com essa coisa...

— Droga... — resmungou ela cabisbaixa, já se dirigindo à porta que levava até as escadas. — deixa ele, ou ela, nascer... você que vai subir as escadas na próxima vez...

— Até lá, minha cara amiga, ainda terei oito meses para usufruir do conforto de um elevador. — soltei um beijinho no ar para ela, que estirou a língua para mim.

Era desse clima descontraído que eu estava precisando. Calmo e tranquilo.

Ao sair do elevador, respirei e suspirei lentamente, olhando para frente. Quase todos já estavam em suas mesas, atendendo ao telefone ou digitando freneticamente no teclado. Sonny, o rapaz novato que eu mal conhecia, já estava entregando as correspondências e Zoey, que antes enchia o meu saco, estava mais preocupada em superar a ideia de ter perdido o seu companheiro, Matt. Que eu esperava estar queimando no fogo do inferno. Todos em seus mundos e eu no meu, querendo que tudo ficasse exatamente como deveria ser... normal. Passei rapidamente pela sala de Elijah, mas ele ainda não havia chegado, então segui para a minha enquanto esperava Tati chegar.

— Você realmente subiu todos os lances da escada?

— Claro que não. — respondeu ela com um tom divertido e cheio de sarcasmo. — eu calculei o tempo que normalmente levo para subir de elevador e esperei mais um pouco...

— Muito esperto de sua parte, dona Tatiane. — brinquei, jogando meus sapatos para o canto da sala.

— É... — falou ela, puxando uma das cadeiras e sentando. — eu preciso que me ajude com uma coisa... — vi quando a sua voz mudou de descontraída para tímida.

— Ei... você sabe que pode contar comigo para o que precisar, não sabe?

— Esse é o problema, não sei por onde começar a falar... — disse Tati cobrindo o rosto com as mãos.

— Vamos lá... Comece. Eu ajudo você. — incentivei, tirando suas mãos do seu rosto.

— Marcamos a data do casamento... — bufou ela, mas não de maneira exasperada. Parecia que era mais preocupação.

— Isso é bom, não é? — perguntei, me sentando na cadeira que estava ao lado da sua.

— Maravilhoso. — tinha algo estranho com Tati. E eu tinha que ajudar a minha amiga.

— Então, o que está te incomodando?

— Chamei minha prima para ser madrinha de casamento... — ela faz uma pausa e logo percebi que o problema ainda estava por vir. E com o olhar, continuei incentivando-a a falar. — ela, Francine, acha que Elijah está comigo por caridade...

— Ora, que filha de uma puta! — berrei, já me levantando da cadeira. — não me diga que você deu ouvidos a essa vadia... desculpa, eu sei que é sua prima, mas que merda!

— Ando bem insegura com relação a ele...

— Ele pediu você em casamento, Tati. Eu estava lá, lembra? — perguntei irritada, não com ela, mas com a insegurança que estava sentindo. — Tati, vocês estão prestes a se casarem. Uma vez eu o ameacei, falando que se ele machucasse você eu mesma daria um jeito de cortar as bolas dele. Ele me prometeu que cuidaria do segundo amor da vida dele...

— Lizzie, você já me olhou com uma opinião crítica sobre boa forma?

— Não preciso fazer isso, Tati. — semicerrei os olhos para ela, voltando a sentar e continuei: — Você é linda...

— Ah! Então diz isso à estilista que minha mãe indicou... — disse ela a contragosto.

— Outra puta invejosa. — dei de ombros. — aposto que você mostrou uma foto dele...

— É...mostrei...

— Inveja. Simplesmente inveja, por você está trepando com um dos homens mais bem-sucedidos e influentes de Nova Iorque, e que ainda por cima é um tremendo gato.

— Gato... gostoso... grosso... grande... — começou ela, já ficando com as bochechas rosadas.

— Certos detalhes eu prefiro que guarde para você... — balancei a cabeça, já a repreendendo com o olhar. Ela era minha amiga, mas ele era o meu chefe. E eu não queria saber do nível de desenvoltura do meu chefe na cama. Seria o fim do mundo eu ter que saber daquilo.

— Desculpa... — resmungou ela, ficando ainda mais vermelha. — e o que eu vou fazer?

— Vamos encontrar um vestido de noiva que grite o quanto você é gostosa.

— Impossível...

— Sabe o que vai ser possível? — perguntei, olhando-a de maneira ameaçadora.

— Não. — respondeu ela um pouco desaminada.

— Vai ser possível olhar a felicidade nos olhos de Elijah, quando ele enxergar a mulher linda que escolheu para passar o resto da vida. — me inclinei e segurei em suas mãos. — consegue imaginar o quão perfeito vai ser?

— Sim. — disse ela sorrindo. — eu consigo.

Capítulo 36



Já estava escuro quando saímos do jornal. Lucius estava ao meu lado, enquanto eu e Tati conversávamos sobre onde seria o seu casamento, aproveitando para colocar alguns assuntos pendentes em dia. Conversando com ela nem parecia que o mundo estava de cabeça para baixo. Rimos e até brincamos sobre com qual dos dois, eu ou Nathan, meu bebê iria parecer. Tati fazia umas caretas, imitando o jeito sério de Nathan, e logo em seguida dizia um palavrão, falando que se o meu bebê saísse a mim Nathan estava perdido.

— Já imaginou se ele, ou ela, nascer com o gênio forte da mãe? — disse Tati, segurando o riso. Chegava até a ficar vermelha, devido à força que estava fazendo para não gargalhar. Minhas bochechas estavam completamente doloridas e o maxilar estava precisando de um descanso. — ou um mini Nathan, com um par de olhos azuis e mandão? Jesus! O mundo estará perdido!

— Obrigada Tati... — rebati, fingindo estar magoada. — me sinto muito melhor agora que você falou isso. Eu sou um amor de pessoa...

— Ora, não me venha com essa... Você se lembra do repórter do canal 11 que falou mal do The Poster e você arremessou uma pedra na cabeça dele e estirou o dedo do meio de uma maneira bem obscena? — Tati tinha uma memória de elefante. Nem eu mesma lembrava o ocorrido. —

você nem precisou chegar perto para ele pedir proteção policial pelo resto da vida...

— Tati, você falando dessa forma, fico parecendo uma louca...

— Mas você é uma louca — ela riu descaradamente. — eu tenho pena dos estagiários, nunca escutei tantos “Porras” “Putas que o pariu” e “Merda” quando algo não está de acordo com o que o artigo pede...

— Certo, talvez eu seja um pouco megera...

— Um pouco? — ela debochou, me olhando de lado.

— Foda-se... Eu sou mesmo.

— Mudando de assunto... — disse ela quando chegamos ao estacionamento. — quando será o seu casamento...? — eu me sentia um monte de merda por não contar a ela que, legalmente, eu já era esposa de Nathan. Os únicos que não sabiam ainda eram todos os outros, ou melhor, o mundo.

— Estão acontecendo algumas coisas, e por isso, achamos melhor não nos casarmos agora... — não deixava de ser uma verdade. Mas se tratando de Tati, uma meia verdade era pior que uma meia mentira. Ainda assim, se eu contasse a ela o que vinha ocorrendo sua vida poderia ficar em perigo. Eu me segurava a essa ideia para não ficar pensando que apenas o fato dela estar ali comigo ou de ser minha amiga, já poderia comprometer toda a sua vida.

— É pelo fato dos últimos acontecimentos?

— Isso. — respondi com um suspiro pesado. — muita coisa ruim acontecendo ao mesmo tempo, o que não está

colaborando para que tenhamos a nossa tão sonhada felicidade...

— A Lizzie que eu conheço não vai deixar qualquer coisa estragar a sua felicidade.

— É muito bom saber que você é minha amiga. Uma das poucas pessoas que me suporta...

— Claro... — debochou ela, me olhando com aquele lindo par de esmeraldas. — amigas servem pra isso mesmo, principalmente quando a sua amiga é uma megera... — Tati não esperava que eu a abraçasse, mas foi isso que eu fiz. Dei um abraço forte e agradei a Deus por ela ser minha amiga.

— Tenho que passar no hospital para ver a minha irmã, assim que eu puder ligo para você. — falei ao me afastar. — Francine precisa saber com quem se meteu...

— Obrigada. Mesmo com tudo que está acontecendo você ainda vai me ajudar...

— Ah... — sorri maliciosamente para ela. — isso não vai sair de graça.

— Do que você está falando? — perguntou ela com os olhos arregalados.

— Uma garrafa de Tequila lhe aguarda na festa de casamento...

— Você tem uma mente perversa, Radzimierski...

— Óbvio que tenho — gargalhei alto.

Assim que saímos do estacionamento do prédio, Lucius me levou até o hospital onde minha irmã e a mulher que um dia chamei de mãe estavam internadas. Não que fosse algo difícil de fazer, mas era muito incômodo que Chloe ainda se

preocupasse com ela, que não tinha nada de bom, e nem sua alma seria salva.

Olhando para minha irmã, que estava dormindo já fora de perigo, suspirei aliviada. O próximo passo era providenciar que ela não se tornasse um alvo fácil e isso incluía segurança armada até os dentes, pois eu poderia suportar mais alguns anos de tortura, porém não suportaria perder os amores da minha vida.

“Tudo bem com você, meu doce?” — assustei quando o celular vibrou na bolsa, mas logo fiquei tranquila em saber que era o meu Nathan.

“Não, estou morrendo de saudades do seu beijo Fox” — enquanto digitava, não conseguia tirar o sorriso que estava congelado no meu rosto.

Nathan tinha passado o dia inteiro sem falar comigo, depois que saí de casa. Eu sabia que era por causa do planejamento, e também porque ele tinha que se concentrar em cada detalhe para que nada saísse errado. O meu único medo era que Markov descobrisse tudo e resolvesse explodir a cabeça do meu marido. No fundo, eu pedia forças para suportar a ansiedade e o medo que se formavam dentro de mim. Mais uma vez eu teria que ser forte e cumprir a promessa de me manter segura, por Nathan, por nosso bebê e por Chloe, que só tinha a mim como família no mundo.

Nada iria me fazer quebrar a promessa que fiz. Nada.

Isso era o que eu pensava.

“Quando você chegar em casa, senhora Fox, faço você escutar a minha voz, enquanto comemos a sobremesa...” — umas das qualidades do meu digníssimo marido era que o mundo poderia explodir ou até mesmo o apocalipse acontecer que manteria aquele ar poderoso e delicioso que apenas ele tinha.

— Izzie... — murmurou Chloe já abrindo os olhos na minha direção. Guardei o celular dentro da bolsa e fui dar atenção a ela.

— Estou aqui, meu amor. — falei chegando mais próximo a ela. — como você está se sentindo?

— Como se um trator tivesse passado por cima de mim. — sorriu fazendo careta. — e a mamãe, como ela está?

— Não sei. — respondi um pouco fria. — e nem você deveria se importar com ela.

— Izzie, não é assim. Acho que todo ser humano merece uma segunda chance...

— Você tem certeza que quer mesmo falar sobre segunda chance comigo? Eu nunca vou entender o porquê de você ainda se importar com ela.

— Às vezes nem eu mesma sei, Izzie. — eu sabia que a minha irmã tinha um coração bom, mas não imaginava que poderia ser tão boa a ponto de perdoar tudo que ela nos fez passar. — eu sei que não deveria pedir isso, mas vou pedir mesmo assim. Apesar de tudo de ruim que aconteceu com você, perdoe ela...

— Isso jamais Chloe. — ela não poderia me pedir aquilo, ainda mais depois de tudo que passamos.

— Ela está a um passo da morte, Izzi. Ela precisa do seu perdão para poder morrer em paz...

— Chloe, não adianta. Ela pode ter tido o seu perdão, mas o meu nunca vai ter. Não me peça mais do que posso dar, pois isso é impossível acontecer. — não queria ficar irritada com Chloe, mas era isso que estava acontecendo. — o máximo que eu posso fazer é ir até lá e verificar para você se ela está bem. — ela apenas assentiu e não falou mais nada.

Andando pelo corredor vazio do hospital pensei no que minha irmã me disse. Tentei achar uma maneira de perdoar a minha mãe, mas não tinha um motivo para fazer isso. Já parada na porta do quarto, respirei fundo e tentei não pensar na situação estranha em que me encontrava.

Eu não a tinha perdoado, mas ali estava ela, recebendo cuidados graças a Chloe e a Nathan, que tinha se mostrado generoso e atencioso com aquela mulher. De uma coisa eu não poderia reclamar, pois tinha o marido mais maravilhoso do mundo, e embora não falasse isso muitas vezes para ele, no fundo ele sentia. Já que nunca fui muito boa com palavras e estava me habituando em demonstrar carinho e falar mais sobre isso.

Saindo do transe, observei que tudo estava em um silêncio. Silêncio até demais para o meu gosto. Um frio percorreu a minha espinha e logo em seguida os pelos do meu corpo se eriçaram. Tinha algo errado. Eu estava sozinha, já que Lucius tinha ficado na porta do quarto de Chloe.

A melhor parte de ser uma jornalista era que não importavam os alarmes soando na minha cabeça, sempre existia algo magnético no perigo. Ainda mais quando era algo parecido com presságio ruim. No momento em que segurei a maçaneta, soube que não poderia voltar e nem fugir do que estava prestes a acontecer.

O homem sentado na cadeira me olhava de forma alegre e tinha dois seguranças ao seu lado. Seus olhos brilhavam de puro contentamento, mas o que mais me chocou foi ver o aparelho que monitorava os batimentos cardíacos da minha mãe desligado. Seus olhos, que estavam abertos, eram lentes de vidro e a sua boca estava entreaberta.

Ele a tinha matado.

Ele.

Capítulo 37



Ele se acomodou melhor na cadeira enquanto mantinha contato visual, sorrindo. Eu, por outro lado, não conseguia mover o corpo. O meu sexto sentido estava ainda mais aguçado, e da mesma forma que ele, sustentava o olhar. Eu não tinha medo dele, mas sabia que se reagisse ali, onde Chloe estava, tudo poderia dar errado. Já tinha arriscado muito até aquele momento e não poderia me dar ao luxo de contar com a sorte.

— Max... O que você pensa que está fazendo aqui?

— Sério que você não vai chorar a morte da sua mãe...?

— Porque eu deveria? — semicerrei os olhos para ele. — apesar de não derramar uma gota sequer de lágrimas quero saber o porquê de você a ter matado...

— Criatura interessante você, Radzimierski... Mas isso eu não vou responder. — sorriu me olhando com uma admiração estranha. — entretanto, posso afirmar que reuniões em família sempre me deixam sentimental...

— De que merda você está falando? O pedaço de orelha que arranquei de você afetou a sua audição e o seu cérebro?

— Olhe para mim, Lizzie. Olhe bem para o meu rosto... Não vê nada que possa lembrar alguém?

— Eu vou chamar a polícia... — do que ele estava falando? Era óbvio que eu não reconhecia ele. Nunca o tinha visto na minha vida, a não ser na noite em que fui ao hotel.

— Isso, chame. — disse ele balançando a cabeça, ainda com aquele sorriso demoníaco nos lábios. — Sua irmã estará morta em menos de três segundos. Quer tentar a sorte? — não ia me arriscar. Eu tinha me feito essa promessa e a cumpriria. Eu iria proteger a minha família, mas tinha que encontrar uma forma de me proteger também. Não podia perder tudo o que tinha conquistado até aquele momento.

— Boa garota... — sou eu muito satisfeito. — agora, preste bem atenção no que eu vou lhe falar. Você vai voltar lá, dar uma desculpa qualquer para sua irmã, se livrar do segurança e seguir para o estacionamento do hospital. Esperarei você lá.

— E se eu não conseguir?

— Aí a sua mãe não será a única pessoa morta nessa história...

— Você é um monstro...

— Não tenho culpa, é a genética. — ele debochou ao se levantar. — seja rápida ou terei menos paciência com a sua irmã. Tenho algumas pessoas que vigiarão você de perto se tentar tirá-la daqui, e posso garantir que ninguém sairá vivo.

— Não se preocupe. — falei entredentes. — não vou fazer nada que possa machucar minha irmã ou qualquer pessoa inocente...

— Se apresse. Não tenho a noite toda e nem você terá. — ameaçou.

O que eu deveria fazer naquele momento? Submeter-me à chantagem e seguir com eles, sabe Deus para onde? Tentar avisar a Nathan que algo estava errado? Sim. Eu tinha

prometido a ele que não faria nada que pudesse atrapalhar ou até mesmo causar uma dor maior.

— Antes de ir... Dê-me o seu celular. — merda. Eu tinha que encontrar outra maneira de falar com Nathan e tinha que ser bem rápido. — apenas precaução, para o caso de você querer entrar em contato com alguém indesejado...

— Eu juro que se você encostar um dedo sequer na minha irmã, vou atrás de você no inferno se for preciso. — falei enquanto retirava o celular da minha bolsa e entregava para ele.

— Vou esperar esse dia chegar. — sorriu, o colocando no bolso da calça. — Ah! Quanto a sua mãe.... Não se preocupe. Vamos cuidar para que pareça de causa... Suicida. — por mais que eu não tivesse sentido nada ao ver o corpo dela naquela cama, eu pensava em Chloe e em como ela ficaria se soubesse de toda a verdade. Ela não suportaria saber que mesmo ela não merecendo piedade, nossa mãe tivesse morrido daquela forma.

— Obrigada. — eu disse da maneira mais desdenhosa que se pode falar. Não tinha agradecido por tê-la matado, mas pelo fato de que ele encobriria a sua morte.

Eu não conseguia entender. Ainda estávamos dentro do prazo estabelecido por Markov e ele resolveu enviar seu cão de guarda para fazer o trabalho sujo? O que eu também não conseguia entender era como eles haviam entrado ali e o porquê de eles terem matado a minha mãe.

Salomé estava morta e eu nada poderia fazer.

Eu não sentia nada por ela naquele momento.

Eu seria um monstro também por nada sentir nada?

Tinha algo errado acontecendo, e como diria Hamlet... “Há algo de podre no reino da Dinamarca”. Eu só precisava seguir o cheiro, mesmo que não quisesse sentir. Max não tinha aparecido ali por acaso, tinha algo que era necessário que eu soubesse.

O que seria?

— Lucius, você pode me emprestar o seu celular? — Lucius logo achou estranho o meu pedido, pois nunca havia pedido o seu celular emprestado. — o meu descarregou e quero falar com Nathan, e... Ora, vai me emprestar ou não? — até aquele momento eu não apresentava nenhum sinal de nervosismo.

— Tudo bem, senhora. Aqui está. — disse ele me entregando o aparelho.

— Lucius... Cuide dela como se fosse sua filha. — eu sabia que era um pedido estranho a se fazer, mas eu tinha que pedir. Lucius me olhou um pouco curioso, mas não me fez perguntas. Ele apenas assentiu e voltou para o canto do quarto ao lado da porta. — Nathan, vamos ter que cancelar o nosso...

— Algo errado, senhora?

— Caiu na caixa postal... Estranho... — não deveria ser nada sério. Ele poderia estar apenas sem sinal ou com o celular descarregado. — vou ao banheiro. Volto já, já...

— Está tudo bem mesmo, senhora?

— Tudo Lucius. — menti da melhor forma que pude. Não poderia expor todos e nem a minha irmã, e nem permitiria que nada acontecesse a ela. — volto em alguns minutos, essa coisa de gravidez anda me deixando como um hidrante ambulante...

ou vou no banheiro para vomitar ou para... — dei de ombros, finalmente o convencendo. Dei uma olhada em Chloe que dormia de maneira tranquila e pude ficar em paz. Lucius era apenas um, mas sabia que ele guardaria a vida da minha irmã com a sua própria vida.

Se Nathan não tinha atendido o celular, aquilo era um mau sinal de que, realmente, havia algo de errado. Eu não poderia ligar para Ian ou Gretha, levantaria muita suspeita, e isso eu não queria naquele momento. Max tinha no olhar uma maldade com a qual não se podia brincar, eu sentia isso. O problema é que eu tinha medo não só por mim, mas pela minha família, pelo meu bebê. Por todos. O problema da consciência é que às vezes ela não funciona como deve e você acaba pagando o preço por ser tão impulsiva.

Segui pelo corredor como se estivesse realmente indo para o banheiro, mas desviei o caminho assim que virei a esquina, entrando em um corredor que dava acesso para o elevador. Antes de as portas se fecharem, Lucius apareceu. Então eu não tinha sido tão convincente quanto achava.

— Senhora! — o vi correndo na minha direção. Mas já era tarde. Se ele descesse pela escada de emergência, não daria tempo de conseguir me alcançar. Isso se o elevador não fosse chamado para entrar outra pessoa, mas tudo estava a favor de Max. Saí correndo para o estacionamento, bem a tempo de o carro parar bem próximo do meu corpo, quase me atropelando e me assustando.

— Vamos! Entre! — gritou ele, já abrindo a porta. Eu praticamente me joguei dentro do carro, o sentindo acelerar e

ouvindo o cantar dos pneus, assim como o fedor de pneu queimado. — que merda! Eu disse para você se livrar dele!

— E você queria que eu fizesse isso como? Matando ele? Ele é meu segurança, seu babaca. Era evidente que ele perceberia algo estranho...

— Eu deveria matar você agora mesmo. — berrou ele sacando a arma e apontando para minha cabeça.

— Mas você não vai matar, seu bosta! Você, por algum motivo, precisa de mim. E precisa que eu esteja viva. Então, pode atirar, se você que é o correto.

— Eu ainda não entendo o porquê dele querer você viva. Você não passa de um monte de nada...

— Um nada muito valioso. Senão, não teriam tido todo esse trabalho para me chantagear, babaca!

— Cale essa boca, antes que eu me esqueça de que preciso de você viva. — Max recolheu a mão que estava com a arma, e a guardou. — isso não vai demorar muito. Eu sei que Isaäk vai tomar a decisão certa e matar você. — Lucius daria um jeito de avisar a Nathan que eu estava em perigo, mesmo que eu tenha me colocado, de certa maneira, naquela situação.

O carro seguia em alta velocidade, passando por alguns sinais vermelhos, causando pequenos acidentes. Era algo muito chamativo para alguém que não queria que eu avisasse a ninguém que estava saindo daquele hospital sem dar bandeira.

— A intenção é mesmo chamar atenção?

— É sempre bom ter uma plateia para o nosso show. — sorriu de maneira debochada. Os outros, que estavam com ele

no quarto, se entreolharam, mas não falaram nada. Tinha mesmo algo errado ali.

— Isso são sirenes? — perguntei assustada.

— Quanto mais, melhor. — gargalhou Max. — pé na tábua, Erik! — se fosse em um filme de ação eu não ligaria, mas não era o caso. O carro que me levava estava em uma perseguição policial, e tudo que eu pedia era para sair viva dali. E se houvesse troca de tiros? E se acontecesse algo? Era tarde demais para ficar pensando naquilo. Eu tinha que me concentrar em respirar e me controlar para não começar a gritar.

O carro ziguezagueava entre os outros, me sacolejando junto. Teve um momento em que achei que colidiria na traseira do carro que estava bem próximo do nosso, mas o motorista do carro onde eu estava, o Erik, desviou bem a tempo de maneira brusca. Não saberia dizer quantos carros da polícia estavam nos perseguindo, mas durou pouco tempo. O carro fez um desvio rápido, entrando em uma rua estreita, mas não antes de deixar todos os carros da polícia para trás.

— Saia do carro! — gritou Max, quando o carro parou. Eu mal conseguia respirar direito. E tinha certeza que toda aquela situação não tinha necessidade de ter acontecido. — Porra! Saia do carro! — antes que ele mesmo viesse me retirar de lá, eu saí às pressas. — entre no outro carro. — para minha surpresa, tinha outro carro já esperando por eles e por mim também.

— O que foi isso? — perguntei irritada.

— Um pouco de adrenalina apenas. Agora entre na merda do carro...

— Eu já escutei. Não sou surda.

Quando estávamos entrando no segundo carro pude ouvir o outro explodir. Também, quem não ouviria aquilo? Com o susto, gritei tapando a boca com a mão. Não sabia onde estava indo e nem o que Markov queria comigo, mas sabia que ele não estava de brincadeira.

E se ele descobriu que Nathan era, na verdade, um agente secreto infiltrado para prendê-lo? Ele mataria Nathan, se ele não soubesse que Markov já sabia do seu segredo. E se nesse tempo todo, tudo não passou de uma jogada dele para enganar e brincar com Nathan? Eu temia pela vida do meu marido. Eu temia o rumo que tudo aquilo estava nos levando.

Seria tudo uma mentira, e esse tempo todo, Markov tinha feito Nathan de bobo?

Isso, eu não saberia dizer.

O jogo tinha começado, restava saber quem seria o vencedor.

Capítulo 38



De longe eu podia identificar o navio, um grande porta-contentores. Eu sabia que aquele tipo de navio poderia carregar qualquer tipo de carga, e não seria difícil esconder um corpo ali, principalmente quando a tripulação de um navio daqueles chega apenas a 30 pessoas, e posso dizer que o navio era algo bem grande para apenas 30 pessoas darem conta. Era daquela forma que Markov burlava a lei e conseguia transportar mulheres nesses tipos de navios. Sem contar o fato de ele ter ajuda de alguns poderosos. Assim, era fácil para ele ganhar dinheiro com as lágrimas de inocentes.

Enquanto eu era conduzida pelo escuro até chegar ao navio, senti que ali seria o meu fim. Pedi a Deus que a última pessoa que eu visse fosse ele. Sabia que era algo triste de se pensar, mas era ele quem eu queria ao meu lado naquele momento. Não que eu não amasse a minha irmã, mas se era para alguém morrer, eu preferia que ela permanecesse viva. Aquilo não era o que tinha sonhado para mim. Eu não queria morrer ali.

Será que eu conseguiria entender o motivo de tudo aquilo estar me acontecendo?

— Vamos. Entre. — resmungou Max, falando para que os outros ficassem de guarda na entrada.

— Já pensou que você não poder fazer o que fez e ficar impune? — era óbvio que ele ria de mim porque eu mais parecia uma jovem sofredora dos filmes antigos, onde sempre esperava que o seu herói entrasse no momento das frases

feitas e a salvasse, beijando-a de forma calorosa, e então o filme acabava.

— Já ouviu falar em roleta-russa? — Max me olhou por um momento, e então retirou a arma calibre 38 do coldre, admirando o objeto cromado. — é fascinante quando estamos jogando. A adrenalina corre no sangue e ficamos loucos... Roleta Soviética...

— Eu sei o que é roleta-russa, seu babaca. — rebati, olhando para ele furiosamente.

— Então, vamos brincar. — sorriu ele com malícia. — cada vez que eu apertar o gatilho contra a sua cabeça, te conto algo interessante...

— Você sabe que não é assim que se joga isso... — o medo começou a percorrer o meu corpo mais uma vez. Estava claro para mim que ele era mais doente do que qualquer pessoa que já tinha visto na terra. Até mais louco que Matt, mas de uma forma que me deixava ainda mais temerosa.

— Inovação... — falou curvando o canto da boca em sorriso forçado. Ele abriu o tambor e retirou as balas, deixando apenas uma e girou antes de fechar, já apontando para minha cabeça. — vamos começar.

— Não! Espere! Espera! — eu gritei. — eu estou grávida! Pelo amor de Deus, pare com isso! Eu imploro! — eram súplicas de uma mãe desesperada. Eu queria que o meu pequeno brotinho ficasse seguro, mas naquele momento me dei conta que sempre arrumava uma forma de me colocar em perigo, mesmo que não quisesse. Max aparentou amolecer um pouco, mas apenas aparentemente.

— Por que eu deveria esperar pela diversão?

— Porque você não quer me matar. Não sou eu o seu alvo.

— aos poucos me dei conta de que estava envolvendo minha barriga com as mãos, de forma protetora.

— Você não lembra, não é? — disse ele com amargura. O que ele estava me perguntando não fazia nenhum sentido. Eu não conseguia encaixar as peças do quebra-cabeça que ele me jogava a cada segundo.

— O que eu deveria lembrar? — não sabia o que eu deveria lembrar. Não tinha ideia.

— Que você é irmã dele, sua vadia! — Uma mulher saiu da escuridão, ganhando curvas no pouco de luz que tinha ali. — Oi, meu amor. — Harper foi até ele e o beijou no canto do rosto, mas Max não se movia. Ele nem piscava o olho. Eu estava sem ação. Não poderia ser verdade. Aquela era uma brincadeira que estava durando muito tempo e eu não estava gostando. — o show vai ficar ainda melhor... — ela sorriu, quando outra silhueta apareceu.

Era Markov.

— Oi, minha criança. — ele sorriu para mim.

Não poderia ser verdade. Isaäk Markov não poderia ser meu pai.



— Nathan, você tem certeza que vai entrar em contato com o FBI? — Gretha estava incerta quanto a pedir ajuda ao pessoal do FBI. Sabia-se que existiam agentes passando informações para o grupo de Markov, mas Nathan tinha certeza que poderia

confiar em duas pessoas para ajudá-lo a encontrar os melhores agentes para aquela missão: agente Lackin e seu parceiro, agente Murdok. Tinha estudado suas fichas e, apesar de terem pouco tempo no FBI, já tinham conseguido fechar grandes casos. Ele tinha investigado a vida dos dois para ter certeza que poderia confiar neles para realizar uma operação conjunta entre as agências.

— Gretha, não temos tempo. Em alguns dias minha cabeça pode explodir. Temos que fazer tudo cronometrado. Não pode haver falhas... — a agente Lackin se mostrou competente e fez um ótimo trabalho com o caso de Lizzie. Descartar a eficiência dela seria burrice.

Gretha olhou para o seu irmão, que mesmo cansado ainda tinha aquele ar de comando que ninguém conseguiria tirar dele. Foi assim durante todos os anos que os dois passaram juntos. Gretha o seguiria onde quer que fosse por ele ser sua inspiração. E se Nathan estava precisando, ela estaria ao seu lado.

— O lado sul estará sem proteção, podemos aproveitar e usar a equipe de mergulho. — sugeriu Gretha, apontando no mapa. Precisando dela, ele a teria ao seu lado. — Estudamos o perímetro e mesmo com uma possível falha na segurança, temos que agir antes que ele resolva sumir novamente. Markov não pode sentir o seu cheiro...

— Nathan, não podemos esquecer que os agentes esperarão apenas o seu sinal. Nada pode dar errado. — disse Ian olhando para Nathan. Era um presságio. Tudo ia dar errado, mas Nathan não sabia disso. E como poderia?

— Vamos fazer isso, mas temos que verificar quantos homens Markov tem antes de autorizar a invasão. — disse Nathan um pouco pensativo, até que o seu celular tocou. Era Lizzie, porém, quando ouviu a voz percebeu que não era ela. — se ele perceber que existe algo de errado... não teremos mais chances... — Nathan olhou no visor do celular, e abriu um largo sorriso, achando que era a sua amada Lizzie. O seu doce, como ele a chamava.

— Olá, velho amigo... — ronronou a voz do outro lado da linha. — vamos nos divertir um pouco? Você sai de onde quer que vocês estejam e vem aqui para termos uma conversinha interessante...

— O que você pensa que está fazendo, Max? — por dentro, o sangue de Nathan estava congelado. Que diabos Max estava fazendo com o celular de Lizzie, e o mais importante, o que ele tinha feito com ela? Deus! Ele não queria pensar no pior, porque se pensasse nisso sua mulher estaria morta e o seu bebê também. — me deixe falar com a Lizzie...

— Esteja no porto em vinte minutos, ou eu mesmo mato ela. Seu merda! — berrou Max antes de desligar o telefone. Assim que ele desabou no sofá, colocando a cabeça entre as mãos, sentiu as lágrimas molharem sua bochecha. Ele entendeu. Estava tudo perdido. Nathan queria apenas mais um pouco de tempo para se organizar melhor, mas tempo era um luxo para ele.

Lizzie...

Ele repetiu o nome dela várias vezes em sua mente, esquecendo que existia uma equipe tática para liderar. A voz de

sua irmã era apenas um zumbido baixo, que ele se recusava a ouvir. Ele tinha que agir, mas não sabia como. Nathan estava perdido em pensamentos. Estava perdido no medo. No medo de perder a mulher da sua vida. O homem forte e alto, que tinha recebido inúmeras medalhas, ganhado reconhecimento entre sua equipe e também entre os demais agentes da CIA, não tinha medo da morte. Não naquele momento.

Dentro do seu coração ele se castigava, já sentindo a dor da perda. Era para ele ter revelado a verdade para ela. Era para ter dito que sabia quem era o seu pai e que não estava com ela por causa das investigações.

Antes ele tivesse revelado esse segredo e o que viria a seguir teria sido evitado.

Sem ela ao seu lado, ele morreria. Não importava mais o tempo que tinha gasto correndo atrás de Markov, ele tinha se apaixonado pela filha do seu maior inimigo.

— Que merda eu fiz... — murmurou ele passando as mãos na cabeça, já sentindo os olhos arderem.

Ele ia perdê-la. Para sempre.



Parecia que a minha noite acabaria bem, mas isso era o que eu tinha pensado.

Não bastasse o meu passado cheio de fantasmas do medo, ainda tinha aquela novidade: Markov. Anos me perguntando o porquê do meu pai ter sumido, e lá estava ele, isso se fosse mesmo o meu pai. Não seria uma ironia do destino? Um capricho de Deus, achando que eu tinha sofrido pouco? E ainda

tinha mais...? Respirei fundo. Respirei bem fundo. Era tarde da noite, eu estava cansada e um pouco enjoada até, mas tudo que eu queria era acordar daquele pesadelo. O homem ruivo, de traços marcantes, parado na minha frente, era alguém que eu conhecia apenas como sendo o homem da máfia russa. O homem cuja influência o deixava blindado contra certas acusações, incluindo a morte de várias mulheres traficadas para trabalhar no comércio do sexo. Sem contar as inúmeras vidas que foram destruídas pelo comércio de drogas. A lista era enorme.

Eu não poderia ser filha dele.

Era castigo demais para uma pessoa.

— Vamos, sente. — pediu ele estendendo a mão na direção da cadeira. Eu não ia me sentar. Não mesmo. — a conversar vai ser assim? — eu não respondi. E como conseguiria, a minha língua estava enrolada e parecia que existia uma tonelada segurando-a lá. — então, tudo bem. — pigarreou ele, arrumando o terno de cor bege. — há dez anos eu deixei a América, devido a alguns problemas técnicos. Sua mãe era a melhor vadia que existia, o problema é que ela engravidou. Então, nasceu Max.

— Mentira! — consegui gritar, já sentindo a cabeça latejar. Era uma mentira absurda. Não, não e não.

— Calma, ainda não chegamos à melhor parte. — debochou. — eu sempre quis ter um filho. Alguém que continuasse os meus negócios, quando um dia eu fosse morto. Até aí tudo bem, se sua mãe, aquela vadia, não tivesse engravidado novamente, mas agora era você. Tentei, juro que tentei sair do

mundo do crime, mas o meu pai, assim como eu, era dono de uma organização enorme... um rei, e eu era o príncipe. Não poderia sair tão facilmente do mundo do crime, então, um belo dia, o meu pai mandou escolher. Ela, sua mãe, Max, ou você. Se eu não fizesse essa escolha, no outro dia estariam todos mortos...

— Você não é meu pai!

— Alguém faz essa vadia se calar? — disse Harper com ar entediado, revirando os olhos.

— Sabe o que é isso? — disse ele pegando meu notebook. — pode não parecer, mas aqui existem informações valiosas. Informações sobre as quais tive que pedir alguns favores até chegar ao seu “marido”. E sabe do que mais, fiz uma grande descoberta... Sei que ele é um agente infiltrado. Que hoje ele vai tentar me enganar, porém, o que eu ainda não disse é que ele morre hoje. Nathan Fox assinou a sua sentença de morte e ainda te enganou, pois sempre soube que você era minha filha.

Por que eu ainda estava escutando aquele homem?

Por que, de repente, o meu chão se abriu?

Nathan tinha se aproximado de mim apenas para saber se eu tinha envolvimento com a máfia russa?

Ele sabia que eu era filha do Markov e por isso me seduziu? Usou o meu medo, me usou, para chegar até ele?

Não poderia ser verdade.

— Você precisa tomar mais cuidado com quem dorme! — debochou Harper. — foi tão fácil chegar até você. Mas o que mais me deixava intrigada era como um homem como Nathan

Fox, senador, bem-sucedido e com pedigree, tinha se interessado por uma mulher como você...

— Isso tudo é mentira. Nathan me ama e jamais faria algo assim. Jamais me trairia desta forma. — eu precisava sair dali ou desmaiaria. — não o meu Nathan... — murmurei, sentindo a derrota tomar conta da minha mente. Jesus Cristinho, o que eu tinha feito de tão errado para merecer esse castigo?

— O seu Nathan — Isaäk começou a falar. — enganou você esse tempo todo, achando que eu dava alguma atenção a você. Aceite a realidade e encare os fatos. Ele usou você.

— Não! Ele não me enganou! — o homem que eu tinha escolhido para tomar minha alma como sua tinha me enganado? — você não vai conseguir me envenenar contra ele. Nem sei que tipo de informações vocês estão falando.

— Ah! — gargalhou Max. — você sabe sim. Você sabe que ele é um agente especial da CIA. Temos certeza disso, porque sabemos que você andou investigando ele também. O problema é que você desconhecia estar tão perto da verdade e por isso ele se aproximou de você. — Max pronunciava cada palavra com gosto. Adorando ver o sofrimento estampado no meu rosto. — se aproximou não apenas para tentar rastrear Markov, mas também para fazê-la esquecer da investigação que você andava realizando para o jornal, que, por coincidência, ele também é dono. Agora, diante dos fatos, me diga se ele não usou você...

— Está vendo Lizzie, tudo está interligado. Não existe saída. — Isaäk suspirou dramaticamente. — não adianta ficar tentado se enganar... Nathan manipulou você esse tempo todo...

— Você achou mesmo, que ele iria se apaixonar por uma mulher como você? — perguntou Harper.

Não! Não! Não!

Não era verdade. Nathan... Não...

Capítulo 39



Se Nathan tinha me enganado todo aquele tempo eu precisava saber. Precisava colocar as cartas na mesa, mesmo que o meu coração gritasse que tudo aquilo não passava de uma grande mentira. Eu poderia ser usada por Markov, como isca. E se aquele papo todo de filha fosse, na verdade, uma farsa? Meu coração e minha cabeça estavam em conflito. O gosto amargo da possível verdade era a pior coisa que poderia me acontecer naquele momento. Eu queria que ele tivesse sido honesto, apenas isso.

As horas tinham passado rápidas e o dia estava prestes a amanhecer. Não tinha ideia de como sair dali e encontrar Nathan em segurança, para que pudesse entender o que estava acontecendo de fato. Fui deixada em uma sala com pouca iluminação, com somente uma cadeira para sentar e nada mais. O ambiente tinha um cheiro estranho, que misturava um leve odor de ferro com o de mofo. Quando escutei a trava da porta ranger fiquei alerta. Poderia ser Max, Harper ou até mesmo o próprio Markov, e a única arma que eu tinha para me defender era uma cadeira enferrujada, caso a história de ser filha de um dos grandes mafiosos não fosse verdade e ele resolvesse me matar.

Conforme a porta foi se abrindo, pude visualizar a silhueta de uma pessoa. Peguei a cadeira velha e corri para detrás da

porta, já preparada para acertar a cabeça seja de quem quer que fosse. Foram segundos tensos entre a porta abrindo e a cadeira sendo usada para me defender e sair correndo dali. Eu apenas não contava com o fator surpresa e ter o meu ataque bloqueado por ele. Meu coração não sabia se parava de bater ou se saltava pela boca de alegria. Porém, naquele momento, ele, o meu coração, estava querendo parar de bater. Tudo que eu escutava era a minha respiração pesada e sofrida, junto com as lágrimas da incerteza. Será mesmo que o homem parado na minha frente, me olhando de maneira intensa, não me amava?

— Lizzie... — sussurrou ele, antes de vir na minha direção e me abraçar. — temos que ir... Isso aqui vai se tornar um inferno. Não posso deixar você aqui. Vamos... — Nathan se afastou e tentou me puxar pelo braço, mas meu corpo havia congelado. — meu doce...

— Você sabia? — eu tinha consciência do que ia acontecer ali. Eu tinha consciência do que ia acontecer ali e por isso parecia tolice perguntar se Nathan sabia de algo que eu desconhecia, afinal ele tinha conhecimento de tudo. Sempre estava um passo à frente dos outros. — apenas me responda. Diga-me que não se aproximou de mim por causa dele. Por eu ser filha dele... — minha voz era praticamente um murmúrio. — eu não vou suportar saber que é tudo verdade...

— Não podemos ficar aqui, mas vou ser sincero com você sempre. O que você quiser saber eu vou te responder. Mas, agora, preciso tirar você e o nosso bebê em segurança desse lugar antes que a equipe o transforme em poeira. — Nathan soltou o meu braço e ficou parado na minha frente, segurando

meu rosto entre suas mãos. Apenas o calor daquele toque me fazia querer que tudo que haviam me falado fosse mentira. — eu te amo, independentemente de você ser filha dele, entendeu? Amo mais do que qualquer coisa no mundo. Só me resta saber se você me ama também.

— Nunca duvide do meu amor por você. O amo tanto que chega a doer.

— Vamos. Temos pouco tempo. — dessa vez, deixei meu corpo ser levado. Não fazia sentido ficar ali no meio do fogo cruzado, e eu não poderia pensar apenas nas respostas que queria dele. Tinha algo mais valioso em jogo. Saímos juntos, Nathan já com a arma em punho, sempre atento a qualquer barulho. — desculpa meu doce por não ter trazido uma para você, mas acho que você a usaria contra mim... — disse ele olhando rapidamente para mim, piscando o olho.

— Jamais mataria o pai do meu bebê. No máximo, deixaria você sem as bolas.

— Seu humor é a melhor parte.... Vamos, por aqui... — quando já estávamos no meio do corredor que ele indicou a voz de Harper o congelou. Não por medo, mas por não acreditar que ela realmente estivesse ali, apontando uma arma na minha direção com um leve sorriso na boca.

— A festa nem começou e os convidados de honra já querem ir embora? Não. Que falta de elegância e educação da parte de vocês. Acho que é de bom-tom irem cumprimentar o anfitrião, por aqui, antes que eu erre a mira sem querer na cabeça da sua namorada, Nathan.

— Harper, você não sabe o que está acontecendo aqui... — Nathan tentou alertá-la, mas dava para perceber que nada do que saísse da boca dele ajudaria muito. O brilho em seus olhos era de determinação. No fundo, eu senti pena dela. Senti compaixão por uma mulher apaixonada por um homem que nunca seria dela, mulher essa que se viu desesperada a ponto de se unir a uma máfia para atingir o homem que amava.

— Não preciso saber de mais nada... — sorriu, e logo em seguida Max apareceu, ficando ao seu lado. O inferno tinha aberto as portas e os demônios estavam soltos. Max, que me causava calafrios e Harper, que mesmo agindo por ciúmes, tinha a malícia nos olhos. — apenas preciso saber qual é o lado certo da história.

— Max, é a mim que vocês querem de verdade...

— Ah! Nathan... — debochou Max, em uma gargalhada rouca. — não me venha com essa de cavaleiro da armadura reluzente, pois isso não vai funcionar aqui. Agora vamos, Isaäk precisa falar com você e com ela também.

— Não! — berrou Nathan, se pondo na minha frente. — ela vai sair daqui em segurança. Eu fico. — meu coração, que estava prestes a parar por causa de tudo que eu tinha escutado antes, tinha acelerado da mesma forma e intensidade que meu amor por ele. Nathan se sacrificaria por mim, e se isso não era a prova do seu verdadeiro amor por mim, eu já não sabia o que pensar mais. Aquele pensamento me deu força e fez com que o meu cérebro voltasse a funcionar.

Eu tinha que pensar. Analisar tudo o que ele tinha me falado quando entrou na sala. Então, eu sabia que em pouco tempo

aquele navio iria se tornar oficialmente a casa de veraneio do diabo, com direito a fogos de artifícios. E se teriam fogos, era necessário esperar a cavalaria chegar. Sabia que a CIA e o FBI não se davam muito bem com relação a dividir casos, mas pelo que conhecia de Nathan, ele tinha reforços e era o FBI. A agente Lackin e o agente Murdok faziam parte das pessoas que eu tinha certeza que Nathan poderia confiar. Se eu fosse embora, talvez as chances de Nathan se reduzissem a menos zero. Markov teve várias oportunidades de eliminar Nathan e a mim também. Um sinal claro de que se ele ainda não havia me despachado para o núcleo da terra, era por que me queria viva, mesmo sendo ele um péssimo pai, o pior pai do mundo. Se eu saísse dali, talvez.... Não poderia pensar naquela hipótese.

— Não vou sair de perto de você. — falei segurando a sua mão. — não importa o que aconteça, se estivermos juntos tudo fica mais fácil de suportar...

— Você, mesmo depois de saber de tudo, ainda vai permanecer ao lado dele? — questionou Harper. — mesmo sabendo que você não serve para ele? — Nathan aproveitou o momento para bloqueá-la e a desarmar, fazendo com que se desequilibrasse e caísse no chão, batendo a cabeça e desmaiando. Os olhos de Max pegaram fogo no mesmo instante.

— Corra Lizzie! — pediu Nathan, já seguindo na direção de Max. Os dois começaram uma luta de socos e chutes, e quando Max fez menção de pegar a arma caída no chão, Nathan chutou o rosto dele, o deixando tonto. Mas eu sabia que não bastaria apenas um soco, Nathan tinha que o matar. — droga

Lizzie! Fuja daqui, agora! — Max fez uma investida brusca, agarrando ele pela cintura e jogando contra parede.

A expressão de dor que Nathan fez era angustiante. Não. Não ia fugir e deixá-lo ali. A arma não estava tão longe.... Eu conseguiria me mexer, pegaria a arma, mataria Max e correria o mais rápido possível. Imaginar Nathan morto foi o que precisei para correr, me jogar no chão e pegar a arma, já mirando na cabeça de Max, mas algo me impediu de matá-lo. O fato de ele ser meu irmão fez com que eu mirasse no braço. Eu teria coragem de matar Markov e até a minha própria mãe, se fosse preciso, porém eu não consegui apertar o gatilho em direção a sua cabeça.

— Atire! Atire e me mate logo de uma vez! — gritava Max com raiva, se contorcendo enquanto Nathan o mantinha imobilizado. O gatilho foi apertado e a bala passou de raspão, mas foi o suficiente para distrair Max e Nathan contra-atacar, imobilizando-o com uma chave-de-braço. Max se debatia e me olhava com tanto ódio, que tudo que eu queria era que aquilo acabasse.

— Não. — falei tranquilamente, olhando em seus olhos — não vou me tornar uma pessoa como você, Max, que mata apenas por matar. Se a raiva que você tem de mim está relacionada ao fato dela não ter ficado com você, ou dele ter te escolhido, acho que você não perdeu muita coisa. E com relação a ele, acho que eu não perdi muita coisa também. Você escolhe, ou continua do lado dele e morre, ou me ajuda a escapar com o meu marido e meu filho, entregando os negócios dele hoje...

— Você acha que tenho medo da morte? — perguntou Max, com ironia. — acha mesmo que depois de tantos anos vou me deixar levar por um discurso safado como esse? Eu sou o próximo na linha de sucessão, acha mesmo que eu vou estragar tudo?

— Acho que você é capaz de tudo para destronar o senhor Markov — eu tinha que mudar de tática e tentar inverter o jogo. — por isso, quero propor algo. Você nos ajuda a matar Isaäk e deixamos você sumir do mapa. Melhor do que a opção de ser morto, Max.

— Você não percebeu, mas é bem parecida com ele — sorriu com desgosto. — tem a mesma voz macia para convencer os outros do que quer.

— Não temos muito tempo, Max. Pense bem no que você vai escolher. — disse Nathan. — Lizzie não pode te matar, mas eu posso.

— O que me garante que depois de ajudar vocês eu não serei o próximo alvo? Que não serei caçado? — perguntou Max, com ironia.

— Se você souber se esconder, não será o próximo a ser morto. — arqueei a sobancelha. — você é ganancioso e isso é evidente. Vamos, responda. Aceita ou não?

— Nunca. — disse Max, se livrando dos braços de Nathan, chutando as costelas dele e chutar, quando ele estava caído no chão, a sua cabeça. Nathan não ficou no chão por muito tempo e contra-atacou com socos, desviando das investidas de Max, que por sua vez também desviava dos ataques de Nathan. Aquela luta não seria fácil, pois os dois eram grandes e

habilidosos. Eu tinha que parar de dar tiros superficiais e fazer algo substancial.

— Droga... — resmunguei, mirando em Max. Mas estava muito complicado atirar para acertá-lo, mesmo que estivesse a poucos metros de distância. Respirei fundo e a prendi. Olhei com mais cuidado para os movimentos de Nathan, tomei coragem e atirei logo em seguida.

— Vagabunda! — gritou Max, segurando sua coxa direita. — filha de uma puta desgraçada!

— Ei, mais respeito com a minha mulher, seu merda — e então, ao falar isso, Nathan deu o golpe de misericórdia. Ele veio na minha direção, tirou a arma da minha mão e deu uma coronhada na cabeça de Max, que ficou desacordado a uns dois metros de Harper. Ele rasgou um pedaço de tecido da roupa de Max e estancou o sangramento, algemando ele e Harper a um cano próximo à saída. — agora, precisamos sair mesmo daqui. Quero que você saia desse navio, pegue o carro e não olhe para trás. Vai, Lizzie!

— Não importa o que você fez — eu disse, mesmo com ele visivelmente apreensivo. — não me importo se você se aproximou apenas por eu ser filha dele. Eu só queria que você tivesse sido sincero comigo desde o começo.

— Eu não fazia ideia da mulher incrível que você é. — Nathan falou, segurando meu rosto entre as mãos e me beijando. — agora vá.

— Você não vem comigo?

— Não. Antes tenho que resolver algo com o meu sogro, se é que você me entende. — assim que se afastou, Nathan

entregou a chave do carro em minhas mãos e respirou fundo. — se eu não voltar, quero que saiba que valeu a pena tudo que passamos juntos...

— ‘Se’ não, Nathan. Você vai voltar, para mim e para o nosso bebê. — dei um último beijo nele, peguei as chaves e saí o mais rápido que pude. Na cabeça de Nathan eu tinha feito o que ele mandou, mas na realidade apenas fingi ir embora. Desci a escada principal e segui por outro corredor, tomando cuidado para não ser vista pelos caras que estavam fazendo a segurança de Markov. O ruim de estar em um navio daquele porte, é que você nunca sabe o que vai surgir à frente, devido aos inúmeros contêineres enfileirados e empilhados. Eu não tinha como pedir ajuda, e seria suicídio voltar a essa altura do campeonato.

— Desculpa, bebê. — alisei a barriga. — mamãe às vezes faz cada cagada... Mas não se preocupe que você vai ficar seguro aí. Prometo.

— Você! — merda! Era um dos lambedores de bolas do Markov.

Quando ele se aproximou e fez menção de chamar os outros pelo comunicador, que não ficou inteiro por muito tempo, o desarmeí com dificuldade, mas fiz algo digno quando tomei sua arma para mim e chutei entre as pernas dele. Assim como eu tinha visto Nathan fazer, eu fiz. Desferi uma coronhada contra sua cabeça, deixando ele desacordado. Armada eu já estava, só precisava sair daquele lugar e encontrar Nathan. Assim que encontrei a entrada para o convés, destravei a arma e me certifiquei que não havia ninguém no corredor. Então, antes de

eu entrar, escutei as portas do inferno serem abertas. Quando os tiros começaram, eu sabia que não tinha muito tempo. Não sabia onde Nathan estava, teria que contar com a sorte, sorte essa que não andava muito boa para o nosso lado. Olhei novamente para ver se não havia ninguém e como não tinha nenhum movimento, continuei. Saí do convés, segui para o lado de fora que dava acesso ao deck e vi corpos caídos no chão, ensanguentados: todos mortos. A única coisa que eu precisava era seguir a trilha.

E lá estavam os dois se confrontando. Nathan apontava para Markov, que por sua vez tinha meu marido na mira de sua arma. Ambos se olhavam com ódio. Percebi que Isaäk estava sangrando no ombro e que Nathan estava machucado no rosto, pois no canto da sua boca tinha sangue escorrendo. Em algum momento do confronto ele tinha ferido Markov, e em algum momento do confronto ele tinha ferido Markov, que, infelizmente para ele, tinha feito meu Nathan sangrar.

— Sabe garoto, — começou Isaäk. — acho que sei quando estou perdendo uma boa briga — sorriu, mostrando os dentes manchados de sangue. — admiro o seu trabalho. Você é obstinado, passou tanto tempo me investigando que não se preocupou com o fato de eu saber da sua existência. Sabe qual foi sua maior fraqueza? Ela. Ela é sua fraqueza. Sei bem como é se sentir fraco.

— Vamos logo terminar com isso, Markov. Eu mato você ou então você me mata. — rosnou Nathan, ainda com a arma direcionada para ele. — não adianta nada ficarmos trocando figurinhas aqui.

— Explodo sua cabeça ou atiro no meio do seu peito? — perguntou ele para Nathan. — acho que nenhuma das opções.

— Você sabe que o dispositivo que implantou na minha cabeça não vai explodir.

— Acho que eu estava muito emotivo quando resolvi desativá-lo. — deu de ombros. — então, agente Nathan Fox, cuide bem da minha filha. Já que eu fui incapaz de fazer tal coisa. — eu não estava acreditando no que tinha acabado de escutar. Ele tinha pedido para Nathan cuidar de mim? Isso eu não ia aceitar. Por muito tempo eu acalentei o sonho de chegar em casa e meu pai estar lá para me tirar das mãos daquele inferno. Mas se o meu pai era Markov, eu não o queria na minha vida.

— Você não tem o direito de pedir isso. — eu disse, saindo de onde estava, já mirando na direção da sua cabeça.

— Exatamente quem faltava. — meneou a cabeça para mim, baixando a arma.

— Isso mesmo. — ainda olhando para ele, escutei Nathan pedir algo, mas eu não o escutava. O filme da minha vida passou na minha mente. Era tudo culpa dos dois. Tudo que me aconteceu era culpa dos dois.

— A mesma arrogância e petulância. — disse Isaäk em deboche. — somos muito parecidos...

— Somos mesmo. Somos parecidos, mas não somos iguais. — rebati, apertando o gatilho. A bala atingiu o meio do seu peito. Nem ele e nem Nathan esperavam por isso. O corpo de Isaäk Markov, ou melhor, Marcus Karzus Radzimierski caiu

como um saco de batatas no chão. Antes de fechar os olhos, ele sorriu e deu o seu último suspiro.

— Merda! — gritou Nathan, sem acreditar no que tinha acontecido. — você está bem? — perguntou ele, se aproximando devagar, como se eu fosse um animal feroz que estivesse prestes a atacar. Ele me segurou e tirou a arma da minha mão. Não se preocupou com o fato de eu ter matado o cara que procurava há dez anos, e sim em como eu estava naquele momento.

— Me sinto... livre — respondi a ele, ainda olhando para o corpo caído no chão.

— Lizzie, está tudo bem mesmo? — Nathan estava me abraçando, mas eu não conseguia me mover. Eu tinha acabado de matar o homem que era meu pai e estava bem com isso.

— Nathan! — chamou Gretha. — Lizzie! O que houve?

— Lizzie atirou contra Markov. — ele respondeu.

— Ela está em choque. Vamos, infelizmente alguém vazou informações sobre o que ia acontecer hoje. Não foi o pessoal da CIA, mas tenho certeza que monitoraram as mensagens do FBI. O que é uma merda, já que existem seis helicópteros vindo em nossa direção, todos de canais de tevê. Ian está nesse exato momento invadindo o sistema do FBI. — disse ela. — para nossa sorte, eles acham que é apenas uma dessas operações de agências cinematográficas para vender na mídia.

— Precisamos sair daqui, Gretha. Ainda sou um agente secreto. Acho que do jeito que ela está, deve ter perdido as chaves que eu entreguei. — explicou Nathan.

— Pegue, esse é o meu carro. Não arranhe, por favor. Ele custa mais que a sua cabeça. — brincou ela, olhando e entregando as chaves com cuidado nas mãos de Nathan. — Lizzie, vai ficar tudo bem. Acabou. Finalmente você está livre. — me abraçou da mesma forma que Nathan tinha feito. Mas eu não conseguia. Não tinha como explicar aquele sentimento. Era uma mistura de sensações dentro de mim, de algo inacreditável, além do choque, e isso me deixava sem rumo.

— Vou levá-la ao médico. — ele segurou a minha mão firme, e começou a me conduzir. — antes, no convés inferior, quero que você cuide do Max e da Harper. Os dois estão algemados e ele está ferido. Pode fazer isso por mim?

— Você sabe que sim. Ligo quando terminar por aqui. Tudo bem?

— Sim. — disse ele já começando a andar na direção da saída, mas virou-se apenas para olhar para ela. Era uma mensagem subliminar nos olhos dos dois. — Finalize, Gretha. — pediu ele em um tom gélido, e ela apenas assentiu.

Já no carro, Nathan colocou o cinto em mim e depois deu partida no carro. No momento em que já estávamos entrando na rodovia, eu consegui respirar fundo, fechar os olhos e soltar lentamente a minha respiração. Sim, finalmente eu estava livre de tudo. Ela estava morta e ele também tinha partido. O único que eu não tinha conseguido matar era Max. Mesmo que eu não gostasse dele, ele também era uma vítima, pois foi criado por um mafioso, o que não incluía boas influências. Teve a cabeça completamente bagunçada durante anos e isso lhe trouxe uma personalidade comparada ao do nosso pai.

— Quando chegarmos em casa, faço questão de colocar você na cama e dormir de conchinha — falou Nathan com doçura.

— Você não é o tipo do homem que gosta de dormir de conchinha, Nathan. — rebati um pouco ácida.

— Que bom que está de volta. — ele respondeu sorrindo, olhando para o tráfego.

— Só precisei de alguns minutos para sintetizar tudo que acabou de acontecer.

— Eu entendo o que você quer dizer com isso. Quando matei pela primeira vez, a sensação foi estranha...

— Mas essa morte vai ficar marcada para sempre em mim, Nathan. Matei o meu pai, atirei no braço e na perna do meu irmão, que matou a minha mãe e ameaçou matar a irmã mais nova. No final de tudo, ele achava que tinha sido rejeitado pela mãe, quando na verdade tínhamos os piores pais do mundo, entende? Tenho, ou tinha uma família maluca. Agora só tenho a Chloe...

— A mim e ao nosso bebê, Lizzie. — Nathan segurou o volante apenas com a mão esquerda enquanto estendia a outra para que eu segurasse. Era tão bom ter o calor da mão dele na minha. Eu, apesar de tudo, tinha sorte.

— Você vai me explicar? Quero dizer, vai me explicar o motivo de não ter me dito que sabia que ele era o meu pai?

— Não tive coragem de falar para você. Consigo me infiltrar em organizações criminosas e extrair informações valiosas, matar sem remorso, mas quando se trata de você, não sei para onde correr. Perco todos os sentidos. Quando confirmei que era

de fato filha dele, já era tarde demais para abrir mão de você: eu já estava apaixonado pela filha do homem que eu queria prender. — no momento em que eu ia falar, o telefone começou a tocar. Nathan soltou a minha mão e deslizou o dedo sobre a tela, desbloqueando e já colocando no viva-voz.

— Nathan. — era Gretha, que tinha um tom preocupado. — temos um problema. Max fugiu e levou a Harper com ele.

— Merda! — berrou ele, socando o volante. — desgraçado, filho de uma puta!

— Já preparei uma equipe para rastreá-los, mas quero que você tome muito cuidado. Ele pode estar nesse exato momento seguindo vocês. Sabemos como Max é perturbado e não vai medir forças para atingi-los.

— Vou tomar... — assim que ele desligou o telefone, algo no retrovisor chamou sua atenção. Era muito castigo para um dia só. — aquele... aquele é o nosso carro, vindo em alta velocidade... Lizzie, eu quero que você fique calma, vamos ter que fazer algumas manobras um tanto quanto arriscadas. — eu, no mesmo instante, arregalei os olhos para ele.

— Max... ele está atrás de nós dois? — eu perguntei.

— Está e vamos ter que nos livrar dele de uma vez por todas. — falou Nathan com determinação. — hoje, ele morre!

Capítulo 40



Os carros buzonavam freneticamente quando ele fazia uma ultrapassagem. Estávamos em uma velocidade quase suicida. Bom, eu sabia que estava, porque dava para sentir e tentei não gritar. Afinal, querendo ou não, era uma adrenalina tudo aquilo. Nathan pegou a pista menos movimentada e Max o seguiu. A cada instante, o risco de colidir com algum carro era assustador.

— Temos que acelerar mais. — Nathan fez exatamente o que disse que ia fazer. Pisou fundo no acelerador.

— O que for preciso. — olhei para ele, dando a segurança que precisava para saber que estaria com ele em todos os momentos, mesmo que isso custasse as nossas vidas. Não demorou muito para que Max nos alcançasse outra vez. Porém, dessa vez ele estava praticamente colocado no nosso carro. Já se podiam ouvir as sirenes das viaturas da polícia. — se morrermos hoje, morreremos juntos.

— Não, meu doce. — rebateu Nathan, decidido. — não vamos morrer hoje, ainda temos uma vida inteira pela frente. — quando terminou de falar virou todo o volante, fazendo o carro girar e parar. Ele calculou a distância suficiente e esperou Max se aproximar. Íamos colidir, se ele, Max, não tivesse desviado e se chocado na lateral da proteção da via, capotando e batendo contra uma parede de concreto, próxima a um viaduto. Não tinha notado que já era dia e nem que tínhamos nos aproximado tanto da cidade. Por um segundo, eu achei que

tudo estava finalmente acabado, mas quando o carro explodiu, eu gritei. Tirei o cinto de segurança e abri a porta, correndo na direção do carro. Foi quando senti as mãos de Nathan envolverem a minha cintura e me segurar.

— Precisamos tirar ele de lá... — presenciar aquilo foi angustiante.

— Lizzie, não há mais nada que possamos fazer. O carro explodiu. Eles estão mortos. — ele imediatamente me segurou nos braços, me levou de volta para o carro, prendeu meu cinto e entrou no carro novamente. — sinto muito, meu doce, que você tenha conhecido o seu irmão nessas circunstâncias.

— Ele já se foi, Nathan. — eu disse, sentindo as lágrimas escorrerem. Não tinha sentimentos por Max, mas acho que, no fundo, queria que ele ficasse vivo, fosse preso e nos desse uma chance de sermos irmãos. — preciso saber como Chloe está, e preciso saber principalmente como o nosso bebê está.

— Certo, vamos para o hospital.



Recomeço. Essa era a parte mais fácil naquele momento. O casamento de Tati tinha ocorrido semana passada, e vi o quanto ela estava feliz por finalmente casar com o homem da sua vida. Hoje, depois de tudo, eu estava me casando com Nathan. Sim. Era o meu casamento. Eu não estava de branco. Resolvi me casar de rosa-bebê, em um vestido solto sem muitos detalhes, apenas com uma única exigência do noivo: um decote digno do tamanho dos meus seios. Não tínhamos organizado o casamento do ano, pois decidimos que seríamos

felizes com ou sem um casamento pomposo, e resolvemos casar em um pequeno salão com algumas flores e apenas quatro cadeiras para os nossos convidados.

Minha barriga saliente de quase nove meses era a coisa mais linda do mundo. Não poderia mentir dizendo que gravidez é algo fácil, porque não é. Grávida sente azia, ânsia de vômito, vomita muito, fica inchada e chega um período da gravidez que nem conseguimos enxergar mais a nossa própria vagina; às vezes nem conseguimos levar a mão até lá, sem que isso seja o acontecimento do ano.

De longe, eu podia observar meus amigos, todos sorridentes e Chloe. Ela tinha se mostrado tão forte quanto eu ao receber a notícia da morte de nossa mãe. O corpo dela foi enterrado ao lado do de Max, já que era evidente que ele queria ter ficado no meu lugar quando houve a divisão dos filhos. Não quis saber onde Markov tinha sido enterrado, mas tinha feito questão de saber que os seus negócios tinham ido por água abaixo quando a CIA e o FBI desmancharam a organização mafiosa dele. Com isso, muitas mulheres, vítimas de tráfico e prostituição, tiveram uma segunda chance para recomeçar.

Ao lado de Chloe estava o seu namorado, Henry, que tinha acabado de ser aceito na Universidade e juntos cursariam artes cênicas. Os dois formavam um belo casal, ele alto, forte, moreno e bem vestido no seu terno. Ela, loira, alta e sorridente. Meu marido considerava Chloe uma irmã, e por alguma razão o seu namorado morria de medo dele. Afinal, Nathan era um lindo coelhinho de pelos branquinhos, macios e muito meigo quando queria intimidar alguém. Nathan e eu, estávamos bem. Ele

ainda mantinha os negócios com as suas boates, que tinham uma nova gerente: Tati Tequila. Elijah não gostou muito da notícia, já era ela a responsável por contratar os garçons e os dançarinos. Elijah depois de algum tempo, começou a se habituar ao seu novo sócio. Não era fácil trabalhar com os dois, principalmente quando um dos donos é marido de sua melhor funcionária. Uma coisa que eles tinham em comum era a paixão pelo trabalho, fora a beleza é claro. Ambos me proibiram de trabalhar como repórter investigativa. Mesmo que eu fosse uma das melhores na área, fui promovida a editora-chefe e comecei a perder o resto de cérebro que ainda me restava.

Parada na porta, esperando o momento certo para sair, eu admirei as pessoas que estavam ali presentes e senti muito orgulho da família que eu tinha conseguido construir. É sempre bom ter por perto quem nos ama de verdade. Gretha estava ao lado de Ian, e percebi enquanto ainda estava parada ali, o quanto ela amava Nathan. Os seus olhos brilhavam de uma maneira única no mundo. A admiração estava estampada em seu rosto.

— Está pronta? — perguntou a moça de olhos verdes, sorrindo para mim.

— Ainda dá tempo de fugir? — perguntei a ela, fingindo sentir dor. — sabe, casamento é algo sério...

— Lizzie Radzimierski. — ralhou Tati — a essa altura do campeonato, você ainda quer desistir de casar com aquele deus grego dos olhos azuis...? Não acredito no que acabei de ouvir. — disse ela, revirando os olhos.

— Você sabe que sou apaixonada por ele. — me virei, ficando de frente para ela e segurei as suas mãos. — obrigada por estar comigo neste dia tão importante...

— Qual é? Vai me fazer borrar a maquiagem mesmo? — seus olhos já estavam lacrimejando e a ponta do seu nariz começou a ficar vermelha. — você sabe que pode contar comigo. Sou sua amiga ou não sou?

— Você se tornou mais que isso, Tati. — a abracei ao falar. — é minha irmã.

— Não tinha outra hora para você me fazer chorar? — Tati já estava fungando no meu ombro, enquanto eu ainda mantinha meus braços enroscados nela. — Vamos, ou o noivo vai achar mesmo que você desistiu de tudo. — quando ela se afastou, ganhei um lindo sorriso. — pronta para casar com o homem da sua vida? — eu não podia revelar que já tinha casado com ele, mas naquela situação tudo parecia ser diferente. Não tinha máfia. Não tinha Markov. Não tinha Max. Não tinha Salomé e nem Theodor, que amanheceu um belo dia com vontade de se enforcar na cela.

Respirei fundo, olhei para ela e assenti.

Assim que coloquei o pé no pequeno salão os olhos de Nathan pairaram sobre mim. Um sorriso se formou no canto da sua boca, e eu sabia para onde ele estava olhando. O filho da puta tinha me feito usar aquele maldito decote só para ficar me comendo com os olhos, mesmo com a minha barriga do tamanho de duas melancias. Mas naquele olhar eu tinha certeza que existia amor. E foi quando os olhos dele encontraram os meus que a emoção tomou conta de mim.

Vi o seu sorriso refletido no meu.

Vi o seu olhar refletido no meu.

E vi, naquele homem, a certeza de um amor eterno.

Quando a música começou a tocar ao som de violinos e a voz doce de Tati me acompanhou até o altar, quase me desmanchei em lágrimas. Não sabia que ela era dona de uma voz tão linda, e em meio à canção, ela sussurrou: esse é o meu presente de casamento. A música se encaixava perfeitamente naquele momento.

*...So I'm gonna love you
Like I'm gonna lose you
I'm gonna hold you
Like I'm saying goodbye
Wherever we're standing
I won't take you for granted 'cause we'll never know when
When we'll run out of time so I'm gonna love you
Like I'm gonna lose you
I'm gonna love you like I'm gonna lose you...*

Ela sabia que eu não entendia de música, mas aquela havia acertado em cheio. Finalmente fui entregue à Nathan. Chloe, assim como Henry, choravam abraçados, sorrindo para mim. Por que Chloe não tinha entrado comigo? Porque eu entrei com Tati em seu casamento, e nada mais justo do que eu tê-la ao meu lado naquele momento. O pastor começou a celebração, fez a tão temida pergunta se era nossa vontade nos unir pelo laço eterno do matrimônio, e então o ‘pode beijar a noiva’; nesse

momento Nathan me envolveu em seus braços e aproximou a boca do meu ouvido.

— Como na música, vou te amar como se fosse te perder. A cada dia de nossas vidas, porque no meu mundo não existe cor sem você. — ele não esperou a permissão para tomar o que era dele. Nathan segurou meu queixo com uma de suas mãos, enquanto a outra ainda estava envolta na minha cintura e me beijou novamente. Parecia que o mundo não existia mais quando eu estava em seus braços. Tudo parava e só existíamos nós dois, ou melhor, nós três. O nosso filho estava prestes a nascer e conhecer o pai maravilhoso que tinha, e eu não via a hora de poder pegá-lo em meus braços.

— Te amo, meu Nathan.



Ele me segurava por trás e metia com força. Deus sabe como estava gostoso. Nathan passava uma de suas mãos na minha bunda e escorregava o dedo, massageando o meu cu, enquanto a outra segurava firme a minha quase inexistente cintura. Eu me sentia tão preenchida por ele que não me importava por estar sendo comida há mais de dois meses de quatro.

— Meu doce, que delícia esse seu cuzinho... — ele estava tentando, há um bom tempo, treinar aquela região para receber seu pau. — ainda vou comer ele. Enfiar o meu pau e só sair quando eu gozar nele todo.

— Droga, Nathan... — gemi, sentindo suas estocadas fortes e firmes fazerem com que o meu corpo tremesse por completo. — vai, come... do jeito que você quiser. Porra! — gritei, quando

ele me segurou mais firme. Um pouco mais de força e o nosso filho sairia pela boca. Foi então que ele saiu da minha boceta, roçou a cabeça do pau na minha bunda, logo em seguida entrando, erguendo o meu corpo, deixando minhas costas grudadas no seu corpo e segurando o meu pescoço.

— Vamos gozar juntos, senhora Fox. — sussurrou na minha orelha, levando a sua mão até o meu clitóris e fazendo movimentos circulares, me deixando louca quando começou a mexer o quadril lentamente. — está sentindo?

— Isso é... — eu mal conseguia falar, de tão excitada que eu estava.

— Uma delícia... — terminou de falar por mim, chupando a minha orelha e intensificando os movimentos. — gostosa...

— Nathan, não consigo suportar mais... — falei para ele, me desmanchando por completo em seus braços. Gozando forte e levando ele comigo. Ele me segurava com força, mas ao mesmo tempo com carinho, e o seu corpo tremia ainda mais que o meu.

Deitados na cama macia do nosso quarto, Nathan acariciava minha barriga, depois de fazermos amor, e conversava baixinho com o nosso filho.

— O que você está falando?

— Nada demais. — deu de ombros. — papo de homem.

— Que tipo de papo de “*homem*” você está tendo com o nosso filho? — arqueei a sobrancelha, quando ele olhou para mim.

— Explicando como se faz para conquistar as gatinhas. — suspirou dramaticamente para mim. — mas eu sei que ele vai

nascer lindo como o pai, que no caso sou eu.

— Dimitri. — falei de repente e Nathan me olhou sem entender.

— Não me diga que você já tem um amante e ele se chama Dimitri? — debochou brincando com a situação.

— Dimitri é o nome do nosso filho. — assim que eu falei, os olhos de Nathan se arregalaram e ele se sentou na cama, ficando ao meu lado.

— É perfeito! — disse Nathan mal se contendo de tanta alegria. — o que mais eu posso pedir a você?

— Nathan...

— Sim?

— Preciso que você se levante, e me ajude a levantar. Acho que essa coisa úmida na minha bunda não é seu esperma. A menos que você seja um elefante e que tenha acabado de gozar. — certo, em alguns casos, os homens odeiam matar barata e ficam em pânico quando se trata de uma mulher prestes a dar à luz. O problema era que nenhum desses homens eram Nathan G. Fox. Até em choque ele era lindo. Outro problema era que, quando as contrações começam, tudo que é lindo, de repente, fica horrível para você. — Nathan... eu preciso que você levante, vista uma roupa e pegue as minhas. — descobri outra coisa, que quando uma criança quer vir ao mundo, ela não espera e pede licença para sair. Ela sai, assim como estava quase acontecendo comigo, que teria um parto normal.

Deixando-me deitada na cama, ele se levantou e correu até o closet, vestindo-se e me vestindo em seguida. Logo depois,

ele ligou para Gretha e ela se materializou no apartamento, de tão rápido que chegou.

— Vai nascer? — ela perguntou ao entrar. Eu sabia que tinha sido algo automático, mas o meu jeito de responder também tinha.

— Não, ele vai plantar maconha — ironizei, sentindo outra pontada forte.

— O carro já está preparado. — disse ela para Nathan, já que eu estava incapacitada de falar educadamente. Se normal eu já não tinha filtro com o que saía da minha boca, sentindo dores então, nem se fala.

— Merda!!! Andem logo com isso! — eu me contorcia de dor e respirava lentamente.



— Espere aí... — olhei para ela. — tem algo diferente em você! Você está grávida? — perguntei ignorando os olhares surpresos de Ian e Nathan. — merda! — soltei sem querer, levando a mão até a boca. — quer dizer... nossa... você está grávida...

— Não... — foi o não mais sem força que eu já tinha escutado na minha vida.

— Gretha... — aos poucos eu vi os olhos de Ian se arregalarem e Gretha começar a ficar pálida.

Epílogo

Washington – Janeiro de 2020

É claro que Nathan ganhou as eleições na maioria dos estados. Com isso, e depois de tudo que aconteceu, acho que o nosso relacionamento deixou de ser apenas Nathan e Lizzie, e passou a ser Nathan, Lizzie e a nossa família. Não sou a mesma de cinco anos atrás. Sou a primeira dama dos Estados Unidos e tenho ao meu lado o presidente mais gato que já passou pela presidência. Meu Nathan também não é mais o mesmo. Ele deixou a vida de agente secreto para assumir a grande responsabilidade de comandar um país que é uma das grandes potências mundiais. Hoje, ele tem que discursar para milhões de pessoas, tanto americanos quanto de outros países. É meu dever estar ao seu lado nessa nova missão. É ao lado dele que eu sempre vou ficar. Afinal, ele abriu mão de muitas coisas para ficar ao meu lado, e isso, isso é a maior prova de amor que se pode ter. Dar, sem pedir nada em troca.

— Nathan... — eu entrei na sala dele às pressas. Em pouco tempo, ele teria que realizar o seu primeiro pronunciamento como presidente dos Estados Unidos. — meu presidente... Ah! Ei! Nathan, não. Não faz isso! — era tarde demais para correr.

Ele já havia trancando a porta, me puxado para ficar mais colada com o seu corpo e começado a beijar meu pescoço. — meu amor, existe uma tonelada de repórteres lá fora, apenas esperando você sair dessa sala... Dimitri deve estar enlouquecendo a nova babá e você aqui, tentando fazer sabe-se lá o quê comigo...

— Ora senhora Fox, ou melhor, minha primeira-dama... estou tentando comer uma boceta na sala oval.

— A única com esse título. — enfatizei, arqueando a sobancelha.

— Não poderia ter outra melhor. — sorriu contra o meu pescoço, me deixando ainda mais arrepiada. — onde eu estava? Ah, lembrei. É nesse momento que eu jogo tudo que tem nesta mesa no chão, deito você nela, levanto a sua saia... abro suas pernas e caio de boca... — Jesus Cristinho... era muita tentação para uma mulher apenas. Quando o hálito quente dele chegou à minha orelha, não tive como me controlar. Eu mesma faria questão de jogar tudo no chão e que se fodesse o mundo, eu queria era o meu marido todo para mim, pois só Deus sabia o quanto eu o amava. E lá estávamos nós dois, completamente loucos um pelo outro, arrancando nossas roupas e jogando tudo que tinha em cima da mesa no chão. — você vai gostar da nossa primeira trepada na Casa Branca. Primeira de muitas. — brincou.

— Filho da puta pretensioso... faça o seu trabalho, no final, eu digo se foi bem executado. — minha mão já estava em seu cabelo, puxando a sua cabeça na direção da minha, louca para beijá-lo. Aquela chama, aquele ardor, a paixão, ou melhor, o

amor que existia em nossos olhares, era ainda mais forte. A prova disso era como nos amávamos loucamente e desse amor tinha surgido nosso lindo filho Dimitri. — Nathan, espera...

— A frase “esperar para trepar com você” não existe no meu dicionário... e em nenhum lugar da minha cabeça. Não que eu me lembre... — murmurou, enquanto abria minhas pernas, já posicionando os dedos para me tocar.

— Estou grávida. — a mão de Nathan congelou, meio dentro... meio fora. Não sabia que reação esperar dele, e por isso, o medo dele não achar que aquela era a hora certa me fez ficar apreensiva. — meu amor, desculpa... eu sei que não era um bom momento para falar isso, estávamos quase... ai meu Deus, Nathan, se mexe. Descongela. Grita, faz alguma coisa antes que eu ache que não gostou de escutar que vai ser pai novamente... Eu sei que... — nesse instante, Nathan olhou no fundo dos meus olhos, decidido, saiu de perto de mim tirando os dedos e me deixando com as pernas abertas, enquanto eu esperava ele falar algo. — droga... — resmunguei descendo da mesa.

— Quem disse que era para você sair do lugar onde a coloquei? — eu, sem entender, voltei a sentar na mesa e ele fez um sinal para que abrisse as pernas novamente. — ótimo...

— Nathan, você escutou a parte onde vai ser pai novamente?

— Ah! Escutei sim. Só estou me lembrando das posições que usamos quando você estava grávida do Dimitri. — sorriu, voltando a andar na minha direção, ficando entre as minhas pernas, segurando meu queixo entre suas mãos e se inclinando

para me dar um beijo suave nos lábios. — não existe missão mais importante do que ser pai de um filho seu, meu doce. Acho que se depender de mim, você engravida a cada onze meses... Hoje é um dos dias mais felizes da minha vida. O primeiro foi quando encontrei você, segundo o nosso filho e agora, mais esse presente. O que mais eu posso pedir?

— Por um momento, achei que você não...

— Shhh... olha a bobagem que você ia falar. Como eu não iria querer ter mais filhos com você, a mulher da minha vida? O centro do meu universo. A que me faz vivo e completo?

— Vai continuar me amando, mesmo que eu fique...

— Não importa como você vai ficar depois de ter vários filhos. Casamos não por beleza, mas por nos amarmos de verdade. Lembra? Na doença... pobreza... enquanto eu fodia você naquela cama?

— Até que a morte nos separe. — terminei a frase beijando ele.

Era verdade. Tudo que importava era o nosso amor. Estávamos felizes, longe do perigo. Longe de tudo que nos machucava. Eu ainda estava sendo acompanhada por Ian, mesmo que tivesse se passado tanto tempo e tudo tivesse se resolvido. No final de tudo, o que importa de verdade é o quanto de amor você dá, e não o que você colhe. Nathan me mostrou isso. Mostrou-me o quanto de amor ele poderia me dar sem pedir nada em troca, e com paciência atingiu o seu alvo: o meu coração.

Quem ama é paciente. Doa seu coração, mesmo com risco de se magoar e arrisca tudo. Enfim, o amor dele me curou e

finalmente tenho a família que sempre desejei.

“Ame mais, peça menos”.

Fim...

Será?